



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**UMA DESCRIÇÃO DA MORFOLOGIA E DE ASPECTOS
MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA AKWÊ-XERENTE (JÊ CENTRAL)**

Brasília
2016

RODRIGO GUIMARÃES PRUDENTE MARQUEZ COTRIM

**UMA DESCRIÇÃO DA MORFOLOGIA E DE ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS
DA LÍNGUA AKWÊ-XERENTE (JÊ CENTRAL)**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (PPGL-IL-UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

**Brasília
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C845d Cotrim, Rodrigo Guimarães Prudente Marquez
Uma descrição da morfologia e de aspectos
morfossintáticos da língua Akwe-Xerente (Jê Central)
/ Rodrigo Guimarães Prudente Marquez Cotrim;
orientador Ana Suelly Arruda Câmara Cabral . --
Brasília, 2016.
469 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Língua Xerente (Macro-Jê) . 2. Descrição
linguística . 3. Morfossintaxe. 4. Gramática Xerente.
5. Documentação linguística. I. Cabral , Ana Suelly
Arruda Câmara, orient. II. Título.

RODRIGO GUIMARÃES PRUDENTE MARQUEZ COTRIM

**UMA DESCRIÇÃO DA MORFOLOGIA E DE ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA AKWÊ-
XERENTE (JÊ CENTRAL)**

Tese defendida e aprovada em ____/____/____, pela banca examinadora
constituída pelos seguintes membros:

Professora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, PPGL-IL, UnB (Orientadora)

Professora Dra. Rozana Reigota Naves, PPGL-IL, UnB (Membro interno)

Professora Dra. Helena Guerra Vicente, PPGL-IL, UnB (Membro interno)

Professora Dra. Denise Silva, UNESP (Membro externo)

Professor Dr. Sanderson Soares Castro de Oliveira, UEA (Membro externo)

Professor Dr. Jorge Lopes, UFPA (Membro suplente)

“(...) não se cifra somente em entender as várias palavras em sua significação usual, mas na compreensão plena de toda a vida da comunidade, tal como ela se espalha nas palavras ou as palavras a sugerem em surdina”

(Sapir, 1961, p. 20)

“Na nossa língua há muita coisa escondida”

*Armando Sõpre Xerente
(Aldeia Kripre, 23/10/2015)*

Aos professores e professoras indígenas Xerente cujas vozes e conhecimentos foram e continuam sendo únicos para as minhas transformações, sobretudo de visão de e no mundo.

Aos meus pais, Rosimeiry e Roberto, e ao meu irmão Rogério, que com amor, carinho e compreensão me apoiaram em minhas transformações e no galgar de conhecimentos, tendo sempre em vista a humildade, o entusiasmo e o empenho contínuo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio absoluto de várias pessoas, a quem agradeço incondicionalmente:

Aos meus pais, pelo incentivo e pelo apoio irrestrito sempre. Por me mostrarem que com esforço e com simplicidade se alcança mundos e caminhos floridos.

Ao meu irmão, *Rogério*, pelo amor incondicional e por ter segurado a minha barra quando da minha ausência frente a responsabilidades compartilhadas, à Carla, amiga querida e esposa, e ao Rômulo, um ser de luz amado.

Ao Jorge, pelo companheirismo, pela paciência, pelas palavras de conforto e pelo compartilhamento de ideais de uma vida intensa, alegre e de sonhos realizados e realizáveis.

Às tias, tios, primas e primos pela alegria e apoio em todos os aspectos da vida.

À Maria Helena “Baixinha”, por cuidar tão bem das pessoas e por trazer vida e alegria ao cotidiano familiar.

Aos amigos e às amigas, de perto e de longe: *Paulo, Carlos, Ednelson, Rodrigo Manga, Marcelo, Leandro, Júlio, Paula, Sorais, Melina, Júlia, Belkis, Laura, Lisset, Bene, Fincenza* pelo presente inestimável de suas amizades.

À *Patrícia Tuxi*, pelo amor altruísta, por todo o suporte emocional e físico, por me fazer sorrir e por secar as minhas lágrimas, por compartilhar de um mundo acadêmico mais real e mais humano.

Aos amigos e professores da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis, *Patrícia, João e Sérgio*, por me apoiarem de perto e de longe, por fazerem o caminho da tese um pouco mais suportável.

Aos colegas e amigos do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LaLLI-UnB), *Ednéia, Suseile, Ana Maria, Iasmin, Gabriela, Makaulaka, Kaman, Joaquim Kaxinawá, Páltu, Wary, Jorge, Ariel, Lucivaldo, Maxwell, Matheus*, por toda a ajuda, trocas de conhecimento e pelo compartilhamento de um Brasil indígena mais justo.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradeço imensamente aos professores que tanto me ensinaram nesta caminhada:

Aos professores e professoras indígenas Xerente.

À professora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, pelo ensino sério, sistemático e pela orientação rígida e carinhosa.

Ao professor Dr. Aryon D'alligna Rodrigues (*in memoriam*).

À professora Dra. Rozana Reigota Naves pelas contribuições inestimáveis e abertura dialógica.

À professora Dra. Helena Vicente Guerra, por gentilmente e prontamente haver se disponibilizado a participar da banca desta tese.

À professora Dr. Denise Silva, pelas trocas de conhecimento regadas de gentileza.

Ao professor Dr. Jorge Lopes, pelo companheirismo no LALLI e pela prontidão em ajudar sempre.

Ao professor Dr. Sanderson Soares Castro de Oliveira, pelo incentivo e observações de extrema pertinência à tese; pela leitura cuidadosa.

Ao professor Dr. Henrique Huelva, pelas trocas infindáveis de conhecimento, sobretudo, *metafórico*.

À professora Dra. Mônica Veloso Borges pela participação na banca de qualificação desta tese e pelos conselhos inestimáveis.

À professora Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva por me abrir as portas do universo indígena no curso de Educação Intercultural de formação superior de professores indígenas, da Universidade Federal de Goiás, e por haver confiado no meu trabalho nas aulas de Inglês Intercultural, de Línguas Indígenas e de Produção de material didático.

E, novamente, aos docentes indígenas da UFG pelos ensinamentos de vida e de resistência.

Tênharêê!

RESUMO

A presente tese trata da documentação, descrição e análise de aspectos morfológicos e morfossintáticos da língua Xerente, pertencente ao tronco Macro-Jê, da família Jê Central (RODRIGUES, 1986; 1999). Procura-se ampliar aqui o conhecimento gramatical e lexical de uma língua indígena brasileira, contribuindo para análises linguísticas tipológicas futuras, bem como agregando conhecimento aos trabalhos prévios, destacando elementos não considerados nesses trabalhos. Inicialmente, apresento informações sociohistóricas do povo Xerente a partir da análise de documentos históricos originais, contextualizando a relação dos Xerente com os portugueses na então Província de Goiás, bem como com outros povos indígenas. Em seguida, apresento algumas notas sobre a fonologia segmental da língua, apresentando seus fonemas, o surgimento de novos sons no falar bilíngue, a relação fonema-grafema da língua, bem como seus pares mínimos e análogos e as suas estruturas silábicas. O capítulo sobre morfologia descreve as características da formação de palavras Xerente, apresentando a descrição de seus morfemas e reunindo as bases para classificá-la como uma língua que tende ao tipo isolante, com ocorrência mínima de morfemas flexionais e de um número reduzido de morfemas derivacionais. No capítulo sobre sintaxe (morfossintaxe) são apresentados os tipos de predicados identificados, levando em consideração a classe morfológica do núcleo do predicado, os argumentos obrigatórios, a distribuição dos marcadores de pessoa, a expressão de aspecto e de modalidade, e a possibilidade de o predicado ser modificado por expressões adverbiais. O capítulo seguinte trata da distribuição dos paradigmas de pronomes pessoais do Xerente, dividindo-os em cinco séries. Em seguida, são apresentadas os tipos de orações da língua, com destaque para as orações independentes e as orações dependentes. Os capítulos que seguem descrevem os tipos de expressões de negação encontradas na língua, os seus comandos, as orações interrogativas e as expressões de tempo, aspecto, modo e modalidade. Finalmente, apresento algumas considerações sobre as metáforas e os termos de classe em Xerente.

Palavras-chave: Morfologia; Morfossintaxe; Descrição gramatical; Xerente (Jê); Línguas indígenas brasileiras.

ABSTRACT

This thesis deals with the documentation, description and analysis of morphological and morphosyntactic aspects of the Xerente language, belonging to the Macro-Ge branch, and to the Central Ge family (RODRIGUES, 1986; 1999). It searches to expand the grammatical and lexical knowledge of a Brazilian indigenous language, contributing to future typological linguistic analysis, and adding knowledge to previous studies, highlighting elements not considered in these works. I initially present socio-historical information on the Xerente people from the analysis of historical documents, contextualizing the relationship of the Xerente with the Portuguese in the so-called Province of Goiás, as well as with other indigenous peoples. Then I present some notes on the segmental phonology of the language, with its phonemes, the emergence of new sounds in the bilingual speech, the phoneme-grapheme relationship, as well as the minimum and similar sound pairs and the syllabic structure of the language. The chapter on morphology describes the characteristics of the word formation of Xerente, with the description of its morphemes and gathering the bases to classify it as an isolated language, with a minimal occurrence of inflectional morphemes and a small number of derivational morphemes. The chapter on syntax (morphosyntax) lists the types of identified predicates, taking into account the morphological class of the predicate core, mandatory arguments, the distribution of person markers, the expression of aspect and modality, and the possibility of the predicate to be modified by adverbial expressions. The following chapter deals with the distribution of the paradigms of personal pronouns, dividing them into five series. Then it is presented the types of clauses, highlighting the independent clauses and the dependent clauses. The following sections describe the types of denial expressions found in the language, the commands, the interrogative sentences and expressions of tense, aspect, mood and modality. Finally, I present some considerations about the metaphors and the class terms of the Xerente.

Keywords: Morphology; Morphosyntax; Grammatical description; Xerente (Ge); Brazilian indigenous languages.

RESUMEN

Esta tesis trata sobre la documentación, descripción y análisis de aspectos morfológicos y morfosintácticos de la lengua Xerente: perteneciente al tronco Macro-Je, y a la familia Je-Central (RODRIGUES, 1986; 1999). Tiene como objetivo ampliar el conocimiento gramatical y el léxico de una lengua indígena de Brasil, contribuyendo además a un futuro análisis lingüístico tipológico. Inicialmente presento información socio-histórica de los Xerente a partir del análisis de documentos históricos, contextualizando la relación de los Xerente con los Portuguéses en la ex Provincia de Goiás, así como con otros pueblos indígenas. A continuación, presento algunas notas sobre la fonología segmental de la lengua, con sus fonemas, la aparición de nuevos sonidos en el habla bilingüe, la relación fonema-grafema, así como sus pares mínimos y análogos y la estructura silábica. El capítulo sobre la morfología describe las características de la formación de palabras Xerente, con la descripción de sus morfemas y la recolección de las bases para clasificarla como una lengua que tiende al tipo de aislante, con una incidencia mínima de morfemas flexivos y un pequeño número de morfemas derivativos. El capítulo de la sintaxis (morfosintaxis) enumera los tipos de predicados, teniendo en cuenta la clase morfológica del núcleo del predicado, los argumentos obligatorios, la distribución de las marcas de persona, la expresión de aspecto y de modalidad, y la posibilidad de que el predicado sea modificado por expresiones adverbiales. El capítulo siguiente trata de la distribución de los paradigmas de los pronombres personales Xerente, que se dividen en cinco series. A continuación se presentan los tipos de las oraciones, destacando las oraciones independientes y dependientes. Los siguientes capítulos describen los tipos de expresiones de negación que se encuentran en la lengua, las órdenes, las oraciones interrogativas y las expresiones de tiempo, aspecto, modo y modalidad. Por último, presento algunas consideraciones sobre las metáforas y los términos de clase Xerente.

Palabras clave: Morfología; Morfosintaxis; Descripción gramatical; Xerente (Ge); Lenguas indígenas brasileñas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fonemas consonantais do Xerente	59
Tabela 2: Relação fonema-grafema das consoantes do Akwê-Xerente	60
Tabela 3: Fones Consonantais do Português-Xerente	61
Tabela 4: Fonemas vocálicos Xerente	70
Tabela 5: Relação fonema-grafema das vogais orais do Akwê-Xerente	71
Tabela 6: Relação fonema-grafema das vogais nasais do Akwê-Xerente	71
Tabela 7: Relações de parentesco	86
Tabela 8: Verbos transitivos supletivos em Xerente	92
Tabela 9: Verbos intransitivos supletivos em Xerente	93
Tabela 10: Pronomes Pessoais do Xerente	96
Tabela 11: Pronomes Interrogativos.	98
Tabela 12: Prefixos de terceira pessoa	131
Tabela 13: Exemplos de nõi combinados com Pronomes	136
Tabela 14: Classificadores Xerente segundo Sousa Filho (2007, 2010) e Siqueira (2010; 2011)	170
Tabela 15: Termos de classe Xerente segundo Sousa Filho (2010) e Siqueira (2010)	179
Tabela 16: Nomes em função classificadora segundo Siqueira (2009; 2010)	181
Tabela 17: Pronomes Pessoais do Xerente	201
Tabela 18: Pronomes da Série 1	202
Tabela 19: Pronomes da Série 2	206
Tabela 20: Pronomes da Série 3	209
Tabela 20: Pronomes da Série 4	211
Tabela 21: Pronomes da Série 5	215

MAPAS E FIGURAS

Figura 1: Aldeamentos indígenas em Goiás (SILVA, 2006, p. 110)	33
Figura 2: Terras Indígenas Xerente e Funil (COTRIM, 2012)	44
Figura 3: Localização de Tocantínia e Miracema do Tocantins	45
Figura 4: ‘Aldeias Xerente’ <i>Dazakru</i>	46
Figura 5: Pinturas corporais Xerente que indicam as duas metades e os seis clãs (SINÃ XERENTE, 2014, p.18)	52
Figura 6: Sistema Daksu: sistema responsável pela organização dos nomes próprios femininos Xerente, formado por duas metades, Htəmhã (Jabutí) e Sterəmkwã (cobra), e que determina a organização das associações da corrida de tora, Krara, Akemhã, Krerekmõ, Anãrowa.	53

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

—	Entonação ascendente
=	Fronteira de temas (composição)
~	Variando em
*	Agramatical
1	Eu
2	Você
3	Ele, ela, esse, essa, aquele, aquela
3.FOC	3ª pessoa Focal
ABL	Ablativo
ACUS	Acusativo
ADV	Advérbio
ADVT	Advertência
AGNT	Agentivo
ALAT	Alativo
ALET	Alética
ASS	Associativo
ATN	Atenuativo
CAUS	Causativo
CENTRIF	Centrífuga (direção)
CENTRIP	Centrípeta (direção)
CIRC	Circunstância (nome de)
COL	Coletivo
COMPL	Completivo
CON	Conectivo
CONCL	Conclusivo
COND	Condicional
CONJ	Conjunção
CONT	Continuativo
CRF	Correferencial (terceira pessoa)
DAT	Dativo
DEM	Demonstrativo
DES	Desiderativo
DIR	Direcional
DISJ	Disjuntivo
DISTR	Distributivo
DL	Dual
DUB	Dubitativo
EI	Educação Intercultural
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENF	Enfático
EST	Estativo
EXIST	Existencial
EXIST.ANT	Existência anterior
EXIST.FUT	Existência futura
EXOR	Exortativo
FIN	Finalidade

FIN.NEG	Finalidade negativa
FOC	Foco
FRUST	Frustrativo
GEN	Genérico (não-humano)
GO	Goiás
HORT	Hortativo
HUM	Genérico (humano)
IGU	Igualdade (comparativo)
IMERS	Imersivo
IMIN	Iminente
IMP	Imperativo
IMPED	Impeditivo
IMPERF	Imperfectivo
INCOMPL	Incompletivo
INDEF	Indefinido
INES	Inessivo
INJ	Injuntivo
INST	Instrumentivo
INT	Interrogativo
INTENS	Intensivo
INTERJ	Interjeição
IRR	Irrealis (modo)
LALLI	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
LIT	Literal
LOC	Locativo
MAN	Maneira
MAND	Mandativo
MOD	Modo
MOD.AÇÃO	Modo de ação
MULT	Múltipla (ação)
NE	Nominalizador existencial
NEG	Negação
NF	
NML	Nominalização
OBJ	Objeto
PAUC	Paucal
PB	Português Brasileiro
PERF	Perfectivo
PERL	Perlatoivo
PERM	Permissivo
PL	Plural
PL.OBJ	Plural de objeto (morfema)
PLZ	Pluralizador
POSIC	Posicional
POSP	Posposição
POSS	Possessivo
PRIV	Privativo
PROB	Probabilidade
PROG	Progressivo
PRON.IND	Pronome indefinido

PROP	Propósito
REC	Recíproco
REDPL	Reduplicação
REFL	Reflexivo
REPOR	Reportativo
RETR	Retrospectivo
RLS	Realis (modo)
SEEDUC	Secretaria de Educação
SDL	Singular/Dual/Plural
SG	Singular
SN	Sintagma nominal
SO	Sonora (consoante)
SP	Sintagma posposicional
SU	Surda (consoante)
SUBJ	Subjuntivo
SUP	Superlativo (comparação)
SV	Sintagma verbal
TERM	Terminativo
T.I.	Terra indígena
TO	Tocantins
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
JUSTIFICATIVA.....	21
OBJETIVOS.....	22
METODOLOGIA	23
NOTAS SOBRE DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA.....	23
DESCRIÇÃO DOS PASSOS METODOLÓGICOS NA OBTENÇÃO DOS DADOS	24
BASE DE DADOS: ESTRUTURA DA BASE DE DADOS DA LÍNGUA XERENTE	25
REFERÊNCIAS TEÓRICAS	26
ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	27
CAPÍTULO 1: O POVO AKWÊ (JÊ CENTRAL) NA PROVÍNCIA DE GOIÁS	30
1.1 INTRODUÇÃO	30
1.2 A ORGANIZAÇÃO JÊ E A SUA INTERRELAÇÃO COM OUTROS POVOS	31
1.3 DADOS E FONTES HISTÓRICOS SOBRE OS AKWÊ NA PROVÍNCIA DE “GOYAS”	32
1.4 Os XERENTE	36
1.4.1 Tentativas de aldeamento dos Xerente	36
1.4.2 Tereza Cristina, futura Tocantínia: Terra Xerente e a posição comercial estratégica em relação ao Rio Tocantins	37
1.4.3 A história escrita e a resistência Xerente	38
1.4.4 Os documentos do IHG: da resistência e da relação geoespacial dos Xerente com outros Povos indígenas	39
1.4.5 Território Xerente hoje	43
1.4.6 Povo, cultura e sociedade Xerente na atualidade – breve esboço	49
1.4.6.1 Sistema de nomeação, pinturas, clãs e partidos	51
1.4.6.2 Medicina Xerente	53
1.4.6.3 Da situação sociolinguística dos Xerente hoje	56
CAPÍTULO 2: NOTAS SOBRE A FONOLOGIA XERENTE	58
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	58
2.2 SOBRE OS SONS DA LÍNGUA	58
2.3 FONEMAS DO XERENTE	59
2.3.1 As Consoantes	59
2.3.1.1 Pares mínimos e análogos das consoantes Xerente	62
2.3.2 As Vogais	70
2.3.2.1 Pares mínimos e análogos das vogais Xerente	72
2.4 PADRÕES SILÁBICOS	75
2.5 OBSERVAÇÕES PARCIAIS SOBRE A FONOLOGIA XERENTE	78
MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE - PARTE 1.....	83
CAPÍTULO 3: MORFOLOGIA	82
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	82
3.2 RAÍZES, TEMAS E AFIXOS	82
3.2.1 Raízes	83

3.2.2	Temas nominais	83
3.2.2.1	Exemplos de temas de referentes relativos	84
3.2.2.1.1	Notas sobre temas com referentes que designam relações de parentesco	85
3.2.2.2	Exemplos de temas absolutos	87
3.2.2.3	Notas sobre mediação de posse em Xerente	88
3.2.2.3.1	O nome nĩm ~ sĩm ‘pertence’	88
3.2.3	Temas verbais	91
3.2.3.1	Reduplicação verbal	93
3.2.4	Posposições	94
3.3	PRONOMES	95
3.3.1	Pronomes pessoais	95
3.3.2	Demonstrativos.....	96
3.3.3	Pronomes indefinidos	97
3.3.4	Pronomes interrogativos	97
3.4	ADVÉRBIOS	99
3.5	100
3.5.1	Morfemas derivacionais	101
3.5.1.1	Atenuativo	101
3.5.1.1.1	<i>O atenuativo em temas nominais</i>	101
3.5.1.1.2	<i>O atenuativo combinado com temas verbais nominalizados</i>	103
3.5.1.1.3	<i>O atenuativo combinado com temas adverbiais</i>	104
3.5.1.1.4	<i>Uma função adicional do morfema atenuativo</i>	105
3.5.1.2	O morfema intensificador	105
3.5.1.3	O morfema intensificador de referentes de nomes de qualidade e de sensações { -kta ~ -ktab }	106
3.5.1.4	A distinção do sexo: macho / fêmea ou masculino / feminino	106
3.5.1.5	Nominalizador existencial	109
3.5.1.6	Sufixos nominalizadores	113
3.5.1.6.1	Nomes de ação	113
3.5.1.6.2	Nominalizador de nomes de agente	117
3.5.1.6.3	Nominalizador de nomes de circunstância	118
3.5.1.6.4	Nominalizador de predicados existenciais	119
3.5.1.7	O morfema privativo	121
3.5.1.8	Prefixos flexionais	122
3.5.1.8.1	O prefixo {ka-}	123
3.5.1.8.2	O prefixo {ĩ-}	126
3.5.1.8.3	O prefixo {ti-}	130
3.5.1.9	O prefixo si- ‘reflexivo/recíproco’	132
3.5.1.10	Sufixo pluralizador {-nĩ}	133
3.6	PARTÍCULAS	135
3.6.1	O coletivo nor	135

3.6.2	A Partícula de foco hã	136
3.6.3	Partículas modais	137
3.6.4	Partículas conjuntivas	139
3.6.5	A partícula interrogativa p	140
3.6.6	Partículas que expressam modalidade	141
3.6.7	Partículas que expressam modo de ação	143
3.6.8	Partículas que expressam aspecto nominal	144
3.6.9	Partículas que expressam estado de existência	145
3.6.10	Partículas interjetivas	145
3.7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS	147
	CAPÍTULO 4:METÁFORAS XERENTE	149
4.1	CATEGORIZAÇÃO DAS METÁFORAS XERENTE	149
4.1.1	Metáforas de ‘partes (do corpo humano, de animais e de plantas)’	150
4.1.2	Metáforas com ‘cores’	153
4.1.3	Metáforas “posicionais”	155
4.1.4	Metáfora de forma e aparência	156
4.1.5	Metáfora de substância e função	157
4.1.6	Outras metáforas	158
4.2	CONCLUSÕES PARCIAIS SOBRE METÁFORAS	159
	CAPÍTULO 5:CATEGORIZAÇÃO NOMINAL NO XERENTE	160
5.1	INTRODUÇÃO	160
5.2	SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL	163
5.3	SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NO XERENTE	165
5.4	ANÁLISE DOS MORFEMAS “CLASSIFICADORES” XERENTE: TERMO DE CLASSE OU CLASSIFICADOR NOMINAL?	170
5.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	183
	MORFOLOGIA E MORFOSSINTAXE - PARTE 2.....	186
	CAPÍTULO 6:PREDICADOS	185
6.1	PREDICADOS VERBAIS COM NÚCLEO FINITO	185
6.1.1	Predicados verbais intransitivos com um complemento obrigatório	185
6.1.2	Predicados verbais intransitivos com dois complementos obrigatórios	186
6.1.3	Predicados verbais transitivos bivalentes	187
6.1.4	Predicados verbais transitivos trivalentes	188
6.2	PREDICADOS NOMINAIS	189
6.2.1	Predicados equativos	190
6.2.1.1	Predicados equativos cujo sujeito é marcado por {to} ‘foco’	191
6.2.2	Predicados inclusivos	191
6.2.3	Predicados possessivos	192
6.2.4	Predicados existenciais	194
6.3	NOMINALIZAÇÃO DE PREDICADOS VERBAIS	196
6.3.1	Modificação de predicado verbal por expressão adverbial	196
6.3.2	Predicados relativos	197

6.3.3	Predicados complementos	198
6.3.4	Predicados de orações adverbiais de finalidade	199
6.4	ALGUMAS CONCLUSÕES	200
CAPÍTULO 7: PRONOMES PESSOAIS E SUA DISTRIBUIÇÃO: REUNINDO FUNDAMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO ALINHAMENTO EM XERENTE.....		201
7.1	PRONOMES DA SÉRIE 1	201
7.2	PRONOMES DA SÉRIE 2	206
7.3	PRONOMES DA SÉRIE 3	209
7.4	PRONOMES DA SÉRIE 4	211
7.5	PRONOMES DA SÉRIE 5	215
7.6	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS	219
CAPÍTULO 8:ORAÇÕES EM XERENTE		221
8.1	ORAÇÕES COORDENADAS.....	221
8.1.1	Orações coordenadas por justaposição	221
8.1.2	Orações coordenadas por conectivo expesso	222
8.1.2.1	Coordenação aditiva	222
8.1.2.2	Coordenação disjuntiva	224
8.1.2.2.1	Coordenação disjuntiva marcada por <i>tanẽ=kõwa</i>	226
8.1.2.3	Orações coordenadas contrafactuais	226
8.2	ORAÇÕES SUBORDINADAS	229
8.2.1	O correspondente a orações completivas	229
8.2.1.1	Com verbos de manipulação	230
8.2.1.2	Com o verbo <i>kmãñãrĩ</i> ‘fazer’ e um verbo intransitivo	231
8.2.1.3	Com verbos de percepção, cognição e experiência	232
8.2.1.3.1	Complementos com o verbo <i>kmãdākə</i> ‘ver’	232
8.2.1.3.2	Complementos oracionais do verbo <i>waparn</i> ‘ouvir, escutar’	235
8.2.1.3.3	Complementos de orações com a expressão verbal <i>smĩ akse si kutõrĩ</i> ‘esquecer’ 236	
8.2.1.3.4	Orações correspondentes a completivas com o verbo <i>npokrpuku</i> ‘lembrar’	237
8.2.1.3.5	Complementos do verbo <i>waihuku</i> ‘saber’	237
8.2.1.4	Orações completivas com verbos de modalidade	240
8.2.1.4.1	Complementos do verbo <i>wẽ</i> ‘permitir’	240
8.2.1.4.2	Complementos do verbo <i>sapaka</i> ‘desejar, querer, intencionar, pretender’	241
8.2.1.4.3	Complementos de <i>zeĩ</i> ‘desiderativo’	243
8.3	ORAÇÕES ADVERBIAIS	243
8.3.1	Orações adverbiais temporais	244
8.3.1.1	Orações correspondentes a temporais de anterioridade	244
8.3.1.2	Construções correspondentes a orações subordinadas temporais de sucessividade ou sequenciais	245
8.3.1.3	Construções correspondentes a orações subordinadas temporais de simultaneidade 246	
8.3.2	Construções correspondentes a orações subordinadas adverbiais de propósito	247
8.3.2.1	Construções correspondentes a orações dependentes de finalidade negativas	250

8.3.3	Construções correspondentes a orações subordinadas condicionais	251
8.3.3.1	Construções correspondentes a orações subordinadas condicionais com {wa}	251
8.3.3.1.1	Condicionais com <i>kwaihka</i> ‘se’	252
8.3.3.2	Construções correspondentes a orações condicionais de irrealidade	253
8.3.4	Construções correspondentes a orações subordinadas explicativas	255
8.3.5	Construções correspondentes a orações relativas	257
8.3.5.1	O antecedente é um sujeito	257
8.3.5.2	O antecedente é um objeto direto	259
8.3.5.3	O antecedente é um objeto indireto	260
8.3.5.4	O antecedente é um oblíquo circunstancial	261
8.3.6	Construções comparativas em Xerente	262
8.3.6.1	Comparação de superioridade	262
8.3.6.2	Comparação de igualdade	264
8.3.6.3	Comparativo de inferioridade	266
8.4	CONSIDERAÇÕES GERAIS	267
CAPÍTULO 9: NEGAÇÃO XERENTE		270
9.1	SOBRE A MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO	270
9.2	EXPRESSÃO DE NEGAÇÃO EM XERENTE	271
9.2.1	Privativo	272
9.2.2	Negação de predicados	274
9.2.3	Negação existencial por meio de <i>hamba</i>	277
9.2.4	Negação no imperativo {knã}	277
9.2.5	Conjuntivo negativo	278
9.2.6	Negação de orações subordinadas	279
9.2.7	Outras expressões de Negação	281
9.2.7.1	<i>Niwã</i> ‘nunca’	281
9.2.7.2	Negação Interjeitiva	282
9.2.7.3	Morfema <i>wa</i> ‘advertência’	282
9.2.7.4	Interrogativas negativas	283
9.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A NEGAÇÃO EM XERENTE	284
CAPÍTULO 10: COMANDOS EM XERENTE		285
10.1	CARACTERÍSTICAS DAS CONSTRUÇÕES DE COMANDO NO XERENTE, SEGUNDO KRIEGER E KRIEGER (1997) E SEGUNDO SOUSA FILHO (2007)	285
10.2	COMANDOS AFIRMATIVOS	286
10.2.1	Comandos sem marcas específicas (tipo d)	286
10.2.2	Comandos com <i>nã</i> ‘mandativo’	287
10.2.3	Comandos marcados pelo morfema <i>wi</i> ‘injuntivo’	288
10.2.4	Comandos com <i>nwa</i> ‘permissivo’	289
10.2.5	Uma nota sobre a partícula de advertência <i>wa</i>	290
10.3	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS IMPERATIVAS XERENTE.....	291

CAPÍTULO 11: ORAÇÕES INTERROGATIVAS	293
11.1 UM POUCO SOBRE “CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS”	293
11.1.1 Sentenças interrogativas sim/não	293
11.2 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS SIM/NÃO EM XERENTE	294
11.2.1A ocorrência do morfema interrogativo em perguntas polares	298
11.3 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS INFORMACIONAIS NO XERENTE	301
11.3.1A palavra interrogativa <i>nōkwa</i> ‘quem’	302
11.3.1.1 A palavra interrogativa <i>nōkwa(i)</i> + posposição <i>mē</i> ‘associativo’	303
11.3.1.2 A palavra interrogativa <i>nōkwa(i)</i> + posposição <i>mā</i> ‘dativo’	304
11.3.2Palavra interrogativa <i>mārĩ</i> ~ <i>mār</i> [genérico -humano]	304
11.3.2.1 A palavra interrogativa <i>mār</i> + <i>nā</i> ‘instrumento’	305
11.3.2.2 A palavra interrogativa <i>mār</i> + <i>mā</i> ~ <i>m</i> ‘dativo’ + <i>hā</i> ‘enfático’	306
11.3.2.3 A palavra interrogativa <i>mārĩ</i> + posposição <i>da</i> ‘propósito’	307
11.3.2.4 A palavra interrogativa <i>mār</i> + posposição <i>pibumā</i> ‘finalidade’	307
11.3.2.5 Palavra genérica <i>mār</i> + <i>wa</i> ‘razão / explicativa’	308
11.3.2.6 Palavra interrogativa <i>mār</i> + <i>kre</i> ‘inessivo’	308
11.3.3Palavra interrogativa <i>nmā</i> ‘genérico humano’	308
11.3.3.1 Palavra interrogativa <i>nmā</i> + enfático <i>hā</i>	309
11.3.3.2 Palavra interrogativa <i>nmā</i> + <i>nā</i> ‘transativo’	309
11.3.3.3 Palavra interrogativa <i>nmā</i> + <i>hawi</i> ‘ablativo’	310
11.3.3.4 Palavra interrogativa <i>nmā</i> + <i>zi</i> ‘locativo’	310
11.3.3.5 Palavra interrogativa <i>nmā</i> + <i>nnĩ</i> ‘locativo perlativo’	310
11.3.3.6 Palavra interrogativa <i>nmā</i> ~ <i>nmō</i> + <i>mō</i> ‘diretivo’	310
11.3.4 Palavra interrogativa <i>nha</i>	311
11.3.4.1 Palavra interrogativa <i>nha</i> ‘quantidade’	311
11.3.4.2 Palavra interrogativa <i>nha</i> + <i>nē</i> ‘maneira’	311
11.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS INTERROGATIVAS EM XERENTE	312
CAPÍTULO 12: TEMPO, ASPECTO, MODO E MODALIDADE	314
12.1 EXPRESSÕES DE TEMPO	314
12.1.1 Palavra adverbial <i>ahəmre</i>	314
12.1.2Expressão adverbial <i>rōsikər wawē</i>	315
12.1.3Expressão adverbial <i>durere nāsi</i>	315
12.1.4Advérbio <i>awasi-re</i> “logo mais”, “daqui a pouco”, “em breve”, “já já”	316
12.1.5 Advérbio <i>tōktō</i> ‘agora’	317
12.1.5.1 Palavra adverbial <i>tōktō</i> combinada com o atenuativo <i>-re</i>	318
12.1.6Expressões correspondentes a ‘hoje’, ‘ontem’ e ‘amanhã’	319
12.1.6.1 Advérbio <i>tākāhā</i> no modo ‘realis’	319
12.1.6.2 Advérbio <i>tākāhā</i> no modo ‘irrealis’	320
12.1.6.3 Advérbio <i>tākānā</i> ‘hoje’	321
12.1.6.4 Advérbio <i>hewahə</i> ‘dia anterior’	321

12.1.6.5	Advérbio <i>həre</i> ‘dia posterior’	322
12.1.6.6	Outras expressões de tempo	323
12.1.6.6.1	<i>Wahu</i> ‘verão / estação seca’	323
12.1.6.6.2	<i>Wa</i> ‘lua’	323
12.1.6.6.3	<i>Bda</i> ‘sol’	324
12.2	325
12.2.1	Modo de ação imperfectivo não-completivo / incompletivo {adu}	326
12.2.2	Modo de ação completivo	327
12.2.3	Modo de ação progressivo (inacabado, <i>inaccomplie</i> , imperfectivo)	328
12.2.4	Modo de ação terminativo / recém completado (recém acabado, <i>achevé</i>)	330
12.2.5	Modo de ação reiterativo – <i>dure</i> ‘novamente, outra vez’	330
12.2.6	Modo de “ação plural” (imperfectivo, inacabado)	331
12.2.7	Modo de ação frustrativo	333
12.2.8	Modo de ação iminente {zahã}	333
12.2.9	Notas sobre o estado de existência das entidades	334
12.2.9.1	Prospectivo {tɛ}	335
12.2.9.2	Estado de existência retrospectiva {tu}	335
12.2.9.3	Existência anterior {rmê}	336
12.3	MODO E MODALIDADE	337
12.3.1	338
12.3.1.1	{to} ‘modo <i>realis</i> ’	338
12.3.1.2	{za} ‘modo <i>irrealis</i> ’	338
12.3.1.3	{are} ‘hortativo’	339
12.3.2	Palavras modalizadoras	340
12.3.2.1	<i>ĩse</i> ‘modalidade alética’	340
12.3.2.2	{kãte} ‘probabilidade’	341
12.3.2.3	{ampê kōre} ‘probabilidade’	342
12.3.2.4	{kwazɛ} ‘dubitativo’	343
12.4	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	344
CONCLUSÃO		348
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		350
ÍNDICE		357
VOCABULÁRIO XERENTE-PORTUGUÊS.....		360
VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-XERENTE.....		425

Introdução

Esta tese de doutorado consiste em uma descrição de aspectos da morfologia e da sintaxe (morfofossintaxe) da língua Xerente, pertencente ao ramo Central da família linguística Jê, tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986, 1996).

O presente trabalho é uma contribuição ao conhecimento linguístico da língua Xerente por reunir dados novos, aprofundar aspectos descritos anteriormente por outros estudiosos e por propor análises alternativas de outros aspectos também já discutidos em estudos precedentes, mas, sobretudo, por analisar questões que ainda não foram objeto de investigação linguística.

Apesar do número de estudos existentes sobre essa língua, há ainda muito a ser descrito sobre a fonologia, o léxico, a morfologia e a sintaxe (morfofossintaxe) da língua. Salientamos que esta tese é uma contribuição para a sua documentação e análise.

Muitas questões analisadas nesta tese ficam ainda em aberto a aprofundamentos futuros e novos estudos se fazem urgente, dada a velocidade com que as línguas indígenas brasileiras são afetadas negativamente pelo contato com a sociedade envolvente.

Esta tese é a continuidade da pesquisa e análise iniciada por mim em 2007, quando estagiei e lecionei no Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG), dando sequência no curso de mestrado na Universidade Federal de Goiás, o que culminou com a minha dissertação de mestrado, e posterior publicação do livro intitulado “Akwẽ-Xerente (Jê), Português e Inglês: Ensino do Inglês Intercultural em contexto multilíngue para Professores Indígenas Brasileiros” (COTRIM, 2012), pela editora Lincom, bem como com minha experiência no Magistério Indígena durante o ano de 2012, na cidade de Paraíso, no Tocantins.

Desde o meu primeiro contato com o povo Xerente nasceu a minha vontade de aprender a sua língua. Os Xerente me receberam sempre de braços abertos e me ensinaram muito de sua perspectiva e história de vida, me recebendo em seus lares, em suas festas tradicionais, me fazendo partícipe de seu cotidiano, de sua pescaria, de seus momentos festivos, de seus banhos coletivos, da feitura de suas artes em capim dourado e seda de buriti, da coleta do pequi, da escolha da tora de buriti para a corrida de tora, da dança do *Padi*, da corrida de taquara, da festa de nomeação masculina e feminina, de sua pintura corporal. Um momento muito especial foi o meu “batismo” aos moldes Xerente, momento em que recebi o nome *Smĩsuite*, nome de um importante ancião da aldeia Kripre, e através do qual sou chamado desde então, bem como a

minha inclusão em um dos partidos Xerente, o *Dohi*, no qual se incluem três dos seis clãs Xerente.

A presente tese descreve, da morfologia, os morfemas depreendidos e organizados por classes temáticas, por afixos – prefixos e sufixos –, tanto os de natureza flexional, como os de natureza derivacional, e por partículas. Derivação e composição são os processos derivacionais identificados na língua, assim como flexão pessoal e pluralização são os processos flexionais identificados e descritos.

A análise sintática (morfofossintática), por sua vez, privilegia os tipos de predicados, os tipos de orações e, sobre estas, destacamos os processos de coordenação e de subordinação. Descrevemos processos de focalização encontrados nas perguntas, as expressões de aspecto, modo e modalidade, a negação, as estruturas comparativas, os comandos em Xerente e os tipos de orações interrogativas da língua. Um dos pontos recorrentes tratados nesta tese são as nominalizações das quais o Xerente faz uso de forma recorrente e pervasiva.

Antes de apresentar a morfologia e a morfofossintaxe da língua, faço uma breve apresentação dos sons do Xerente e de informações da sua sociohistória depreendida de relatos e de documentos históricos.

A tese se finaliza com textos analisados morfológicamente, os quais mostram os elementos descritos individualmente, agora no contexto de discursos de fala natural, bem como apresento um vocabulário bidirecional (Xerente-Português, Português-Xerente) de todas as palavras, lexicais e gramaticais, presentes na tese, com vistas a contribuir com a elaboração de um futuro dicionário da língua, todavia inexistente.

Justificativa

Um dos fatores que motivaram a realização desta tese é a existência de um número reduzido de materiais linguísticos sobre a língua Xerente. No tocante ao léxico, encontramos no Brasil algumas listas de palavras e vocabulários, como a lista composta por Sócrates (1892), o vocabulário e algumas “*notas para a gramática Akwén*”, de autoria de Viana (1927), a explicitação de alguns itens lexicais ao longo do trabalho de Nimuendaju (1942), bem como no estudo de Maybury-Lewis (1965), no qual este autor contrasta elementos das línguas Xerente e Xavante. Há também uma lista vocabular unidirecional (Português-Xerente) em trabalho sobre a fonêmica Xerente de Mattos (1973) e um vocabulário denominado *escolar* proposto por

Krieger e Krieger (1994). Este vocabulário foi realizado a partir da descrição feita anteriormente por seu colega Rinaldo de Mattos (1973) e serviu de base para a tradução, em língua Akwê-Xerente, do Novo Testamento (2007) e para a confecção de cartilhas utilizadas nas escolas da comunidade.

Mais recentemente, encontramos alguns estudos sobre a descrição fonético-fonológica do Xerente por Mattos (1973), por Braggio (2005) e por Souza (2008). Sobre a morfologia e a morfossintaxe da língua Xerente há os estudos de Santos (2001), de Sousa Filho (2007), de Braggio (2010), de Mesquita (2010) e de Siqueira (2003, 2010, 2011). Não obstante, a grande parte desses estudos não aprofunda questões da morfologia e da sintaxe da língua. Esse quadro motivou a aprofundar o estudo da morfologia e da sintaxe Xerente, descrevendo vários tópicos ainda não focalizados ou aprofundados nos estudos precedentes.

O estudo que proponho realizar foi também pensado como um ponto de partida para a construção de um banco de dados que sirva tanto para análises linguísticas de natureza descritiva, teórica ou histórico-comparativa, assim como para ser disponibilizado aos professores indígenas que almejam aprofundar conhecimentos linguísticos sobre a sua língua materna. Com esta tese terão à disposição um material que poderá ser analisado e discutido por eles, de forma que os estimulem a refletir e a aprofundar a descrição de sua língua.

Objetivos

O objetivo geral da presente tese é o de descrever aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Xerente, focalizando tópicos ainda não contemplados em estudos anteriores, de forma a contribuir para o aprofundamento do conhecimento da gramática dessa língua. Este é um trabalho de documentação, descrição e análise de uma língua indígena brasileira. Não tem a pretensão de ser uma obra acabada ou de apresentar um modelo de gramática, mas de ser um exercício em busca da identificação de padrões gramaticais e suas respectivas funções na língua em uso, de forma a contribuir para a construção de um estudo maior sobre a gramática Xerente.

Dentre os objetivos específicos, destacamos o de apresentar uma análise de elementos gramaticais da língua Xerente a partir da documentação e da descrição de enunciados obtidos junto a pessoas Xerente nas Aldeias Aldeinha, Bela Vista, *Brupre*, Buritizal, Cachoeira, Cercadinho, Coqueiro, Funil, *Kâ Wrakurerê Krâinisdu* (Brejo Comprido), *Kipre* (Salto), *Ktêpo*, *Kuêwdêhu* (Buriti), Paraíso, Porteira, Rio do Sono, Vão Grande, Varjão, Zé Brito e *Wakrtôhu* (São José).

Outros objetivos específicos são:

- a) Coleta sistematizada de dados para contribuir com a construção de uma gramática Xerente através de questionários previamente elaborados e direcionados a determinados fatos da língua;
- b) Documentação de eventos de fala Xerente e a sua compilação em um banco de dados compartilhado;
- c) Descrição dos morfemas da língua, sua distribuição e possibilidades combinatórias;
- d) Descrição das classes de palavras da língua Xerente;
- e) Descrição de processos morfológicos;
- f) Descrição de processos sintáticos e morfossintáticos, como alinhamento, predicados, orações, processos combinatórios de orações, perguntas, negação, comparações, aspecto, modo e modalidade.

Metodologia

Notas sobre documentação linguística

Himmelman (1998, p.166) aponta que “o objetivo de uma documentação da língua(gem) é fornecer um registro completo das práticas linguísticas características de uma comunidade de fala dada”, além de ser um processo complexo que envolve dialogar com os falantes e trabalhar junto com eles para analisar a língua em uso.

Para Himmelman (1998) os resultados, os procedimentos e a metodologia empregada nas atividades de coleção de dados primários (documentação) e de análise de dados primários (descrição) diferem em determinados aspectos. Não obstante, ambas as atividades estão intimamente relacionadas, por razões várias, sejam epistemológicas, ou práticas.

Os procedimentos usados na documentação linguística de dados primários incluem a observação participante, a elicitación, o registro, a transcrição e a tradução de dados primários. Para Himmelman (1998, p.169),

O objetivo de uma documentação da língua(gem) é, dessa forma, fornecer um registro completo das práticas linguísticas características de uma determinada comunidade de fala. Práticas e tradições linguísticas se manifestam de duas formas: 1) no

comportamento linguístico observável, manifesto na interação cotidiana entre os membros da comunidade de fala e, 2) no conhecimento metalinguístico dos falantes nativos, manifesto na sua capacidade de fornecer interpretações e sistematicidade às unidades linguísticas e aos eventos (*tradução nossa*).

A descrição linguística, por sua vez, comporta, em seus procedimentos, as análises fonética, fonológica, morfossintática e semântica da língua, sendo uma atividade descritiva, visando à descrição linguística e à possível produção de gramáticas, dicionários e coletâneas de textos. Isto significa que um amplo conjunto de técnicas aplicadas na elaboração e na apresentação de um *corpus* útil e representante de “documentos primários” (atividade de documentação), referentes às práticas linguísticas encontradas em uma dada comunidade de fala, precede a atividade descritiva de dados primários que são coletados a fim de fazer declarações descritivas da língua.

Vale ressaltar que é um dever ético assegurar que dados primários sejam acessíveis e úteis para uma ampla gama de potenciais usuários, incluindo, principalmente, a própria comunidade de fala, a qual certamente se interessa pelo registro de suas práticas e tradições linguísticas, além de serem os principais atuantes na manutenção, ensino e fortalecimento de sua língua materna e de sua cultura.

Descrição dos passos metodológicos na obtenção dos dados

Esta tese contou com a valiosa contribuição de conhecedores da língua e da cultura Xerente. O povo Xerente encontra-se localizado no Cerrado brasileiro, nas Terras Indígenas Funil e Xerente, ambas localizadas no Município de Tocantínia, no Estado do Tocantins.

A pesquisa para esta tese foi realizada com a colaboração de diversas pessoas. Foram coadjuvantes da pesquisa os professores, graduandos e pesquisadores Xerente, Armando Sõpre Xerente, Cláudio Kumrizdazê Xerente, Davi Samuru Xerente, Ilda Namnãdi Xerente, Manoel Sirnãrê Xerente, Maria Helena Xerente, Nelson Praze Xerente, Rosalina Sibakadi Xerente, Silvino Sirnãwe Xerente, Sinval Brito Xerente, Valci Sinã Xerente, Valteir Tpêkru Xerente, dentre outros que direta ou indiretamente contribuíram com a presente pesquisa: Tiikwa, Arlindo, Paulo, Helena, Jurandi, Laura, Vanda, Aparecida, que assim atuaram dentro e fora da aldeia. Desde 2007, venho realizando viagens a aldeias Xerente, aprendendo um pouco da língua, da cultura e da história desse Povo. Em 2016, totalizaram-se 16 idas às aldeias, todas elas documentadas e os dados sistematizados e organizados em uma “base de dados” Xerente.

Outros encontros se sucederam: no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI-UnB) e no Núcleo Takinahaky de formação superior de professores indígenas da Universidade Federal de Goiás, nos quais sempre dialoguei e aprendi com professores e professoras Xerente.

Nesses encontros, destaco duas ocasiões muito importantes: (a) em 2012, a minha ida e permanência na aldeia Kripre, como convidado para assistir e participar da realização do tradicional festival Xerente, o *Dasîpe*, o qual não ocorria há dez anos, e (b) em 2014, quando assisti a outra edição desse ritual. Durante a realização do *Dasîpe*, várias atividades socioculturais são realizadas: nomeação masculina e feminina, corrida de tora, corrida de taquara, preparação de comidas tradicionais, dança do *Padi*, cânticos com maracá, etc. Assim, as fontes para a presente tese provêm de documentação realizada nesses últimos anos em aldeias indígenas Xerente, e fora dela, culminando com a documentação da grande festa tradicional desse Povo.

O material contido na nossa base de dados inclui, dentre os textos, seis músicas cantadas, gravadas e transcritas durante o *Dasîpe* realizado em 2012, três narrativas faladas em 2014, sendo uma durante a realização do segundo *Dasîpe*, e duas realizadas no LALLI. A primeira narra uma história de caça, ao passo que as outras narram um fato recente sobre a queima de uma ponte principal de acesso às aldeias Xerente, o que impossibilitou a passagem do ônibus escolar e, conseqüentemente, a ida das crianças e jovens à escola, além do depoimento de um professor Xerente sobre a sua ida a Brasília e a sua participação em um Encontro sobre línguas indígenas brasileiras.

Base de dados: estrutura da base de dados da língua Xerente

Para a estruturação de uma base de dados linguísticos do Xerente, lançamos mão de apontamentos feitos sobre documentação linguística em Kaufman e Berlin (1986), Himmelmann (1998), Wittenburg *et al.* (2004), Gippert, Himmelmann e Mosel (2006).

O material desta base de dados inclui textos orais, escritos e visuais produzidos por alunos, professores e pesquisadores Xerente em eventos tradicionais, cotidianos ou não. Os dados consistem em relatos míticos, relatos de história recente, discursos ritualísticos, culinária, listas de palavras, questionários para obtenção de dados gramaticais preenchidos, relatos sobre

fatos da vida cotidiana, entre outros. Esses dados foram transcritos foneticamente e traduzidos *in loco* durante as viagens às aldeias Xerente, bem como revistos no LALLI.

A base de dados inclui também artigos, teses, dissertações, artigos listas de palavras e vocabulários publicados sobre a língua Xerente. Esses materiais têm grande valor para as comunidades falantes do Xerente, e os arquivos digitais permitem a acessibilidade desses dados por essas comunidades a partir de qualquer lugar com acesso à internet, além de os materiais serem facilmente repassados pela rede ou em CDs e DVDs. Ressalta-se que a comunidade e / ou os seus representantes são os que se colocam a favor de permissões ou de restrições para controlar o acesso e / ou a distribuição desses materiais.

Uma questão central a ser levantada na presente atividade de documentação e descrição linguística é a seguinte: como as comunidades indígenas podem se tornar um paradigma mais central na teoria e na prática documentativa? Além desta, outras se impõem: o que queremos com uma base de dados? Com quais objetivos? Para que pessoas? Com tais indagações, a elaboração da presente base de dados Xerente visa a estimular pesquisadores, professores e alunos indígenas Xerente à autoria da documentação de sua própria língua, cultura, história, de seus próprios mitos, crenças, atividades e, sobretudo, de suas histórias de vida, suas lembranças e memórias, bem como à sua utilização para um possível desenvolvimento de material de ensino a partir de um banco de dados compartilhado.

Referências teóricas

A presente tese se baseia na documentação, na descrição e na análise de aspectos do sistema linguístico Xerente. Para tanto, apoia-se em trabalhos teórico-metodológicos da tipologia linguística como os de Payne (1997), Shopen (1985, 2007), Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 2010), Dixon e Aikhenvald (2002), Croft (2003), Givon (1984, 2001), Vogel e Comrie (2000). A tipologia linguística baseia-se na descrição de formas e funções linguísticas universais e particulares das línguas naturais, na busca de padrões gramaticais.

Seguindo esse perfil tipológico, a presente tese pauta-se em trabalhos que dissertam sobre línguas indígenas brasileiras, sobretudo as pertencentes ao tronco Macro-Jê, da família Jê Central (RODRIGUES, 2000; RODRIGUES E CABRAL, 2007; SANTOS, 2001; SIQUEIRA, 2003, 2010, 2011; SOUSA FILHO, 2007, 2011; BRAGGIO, 2010; MESQUITA, 2010) e da família Jê Setentrional (ALVES, 2004; OLIVEIRA, 2005; COSTA, 2013; MIRANDA, 2014).

Organização da tese

Esta tese se divide em 12 partes. Na primeira parte (Capítulo 1), intitulada *Povo Akwẽ (Jê central) na Província de Goiás*, apresento aspectos históricos, sociais e culturais dos Xerente, a partir da análise de documentos históricos, contextualizando a relação dos Xerente com outros Povos indígenas, com os quais mantêm relações históricas, linguísticas, intraculturais e interculturais. O capítulo sobre a sócio-história Xerente se baseia na pesquisa realizada *in loco* no Instituto Histórico Goiano (IHG), localizado na Praça Cívica, em Goiânia, em 2013, local onde se encontra a maioria dos arquivos históricos tocantinenses, visto que o Estado do Tocantins fazia parte do Estado de Goiás até o ano de 1988. Esta pesquisa foi realizada com a colaboração do professor e pesquisador Armando Sõpre Xerente. O acervo *online* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) também foi pesquisado. Apresento, ainda, neste capítulo, algumas informações atualizadas sobre os Xerente, incluindo a quantidade e o nome das suas mais de sessenta aldeias, sua formação social definida e refletida por meio de pinturas corporais, a divisão de seus clãs, dentre outros aspectos sociocultural.

O Capítulo 2, “Notas sobre a Fonologia Xerente”, apresenta algumas notas sobre a fonologia seguimental dessa língua, pautando-se em estudos anteriores, bem como nas pesquisas de campo realizadas. Destacamos os fonemas consonantais e vocálicos, a relação fonema e grafema da língua, conforme a sua escrita atualmente difundida, a distribuição de seus alofones, as estruturas silábicas e alguns processos fonológicos.

O Capítulo 3, “Morfologia” descreve os morfemas da língua Xerente: (i) raízes, (ii) temas, (iii) afixos e (iv) partículas. Este capítulo descreve, assim, as características da formação de palavras Xerente, reunindo as bases para classificá-la como uma língua que tende ao tipo isolante, com ocorrência mínima de morfemas flexionais e de um número reduzido de morfemas derivacionais.

No Capítulo 4, “Sintaxe (Morfossintaxe)”, descrevemos os tipos de predicados identificados na língua Xerente, levando em consideração a classe morfológica do núcleo do predicado, os argumentos obrigatórios, a distribuição dos marcadores de pessoa, a expressão de aspecto e de modalidade, e a possibilidade do predicado ser modificado por expressões adverbiais.

O Capítulo 5, “Pronomes pessoais e sua distribuição”, trata da distribuição dos paradigmas de pronomes pessoais do Xerente, dividindo-os em cinco séries, divididos a partir de critérios, tais quais: se levam marca enfática, se codificam o argumento de verbos

intransitivos nominalizados, o possuidor e o complemento de posposições, se ocorre como argumento de predicados nominais, se marca o agente de verbos transitivos nominalizados negados, se se combina com as marcas de modo *realis* e de modo *irrealis* e com a partícula interrogativa, ou se combinam com a marca de modo *irrealis* quando o predicado se encontra em progresso.

O Capítulo 6 trata dos tipos de orações da língua Xerente, com destaque para as orações independentes ou coordenadas – envolvendo algum conectivo ou não (justapostas) –, as orações dependentes ou subordinadas, subcategorizadas em orações completivas, relativas e adverbiais e as construções comparativas – de superioridade, de igualdade e de inferioridade encontradas na língua.

No Capítulo 7 “Negação Xerente” descrevemos as expressões de negação em Xerente que, como todas as línguas, possui meios de expressar negação de um tipo padrão, o que muda o valor de verdade do conteúdo informacional dos predicados. Apresentamos, assim, os quatro tipos de expressões de negação encontrados na língua: o privativo, o conjuntivo negativo, a advertência e a subordinação negativa, além de outras palavras como advérbios de negação que ocorrem na língua Xerente neste tipo de construção.

No Capítulo 8, “Comandos em Xerente” tratamos dos tipos de comando nessa língua, com base na descrição tipológica desses tipos de construções em várias línguas de diferentes origens genéticas proposta por Payne (2007). Estes comandos, conhecidos como estando no modo imperativo, se constituem em tipos de construções verbais utilizadas para demandar, diretamente ao locutor, a performar, ou não, uma ação. No Xerente, subcategorizamos os tipos de comandos em quatro tipos: mandativo, injuntivo, permissivo e advertência.

O Capítulo 9, “Orações Interrogativas”, tratamos das orações interrogativas em Xerente, subcategorizando-as em dois tipos: as interrogativas polares – que possuem marcas de interrogação que indicam que a oração é uma pergunta sim/não – e as interrogativas informacionais, que possuem expressões próprias que se diferenciam uma das outras, a depender do tipo de constituinte questionado.

O Capítulo 10, intitulado “Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade em Xerente”, trata das expressões de Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade em Xerente. Diferentemente de línguas como o Português, nem a noção de tempo, nem as noções de modo e aspecto foram gramaticalizadas como expressões morfológicas da constituição interna dos verbos. Todas essas noções são expressas em Xerente por partículas ou expressões adverbiais de constituição complexa.

No Capítulo 11, “Metáforas Xerente”, reunimos algumas metáforas Xerente, envolvendo: (i) metáforas de partes, através das quais experiências física e psicológica podem ser expressas a partir de referentes relativos a partes corpo humano, de animais e de plantas; (ii) metáforas de cores, as quais contribuem para a composição nominal; (iii) metáforas posicionais, cujos lexicais designam a posição de um corpo no espaço; (iv) metáfora de forma e aparência, caracterizada por nomes de qualidade e termos de classe que designam a forma de determinadas espécies animais e vegetais; e (v) metáfora de substância e função: nomes criados a partir das funções que desempenham.

O Capítulo 12 apresenta uma reanálise do que vem sendo chamado por classificador nominal e por termo de classe do sistema linguístico Xerente O que vem sendo referido por classificador desta língua se apresenta, na realidade, sob duas formas: (i) como termos mais prototípicos da classe dos nomes relativos, os quais funcionam ora como termos de classe, ora como atributos de nomes e; (ii) termos mais prototípicos da classe dos nomes absolutos, funcionando como termos hiperonímicos que compõem várias palavras da língua. Acrescenta-se que ambos, nomes relativos e absolutos, possuem exemplares que são utilizados, metaforicamente, na composição e derivação nominal. Parece não haver, assim, um sistema de classificadores Xerente, em especial, se se segue critérios de identificação dos mesmos, como os propostos por Grinevald (2002).

Após apresentar um pouco do universo gramatical Xerente através dos capítulos, apresentamos as Conclusões, as Referências bibliográficas, os Anexos e os Apêndices.

CAPÍTULO 1: O POVO AKWÊ (JÊ CENTRAL) NA PROVÍNCIA DE GOIÁS

“Portanto, fiquei um tanto espantado quando, durante um almoço a que me leva Victor Margueritte, ouvi da boca do embaixador do Brasil em Paris a versão oficial: “Índios? Infelizmente, prezado cavalheiro, lá se vão anos que eles desapareceram. Ah, essa é uma página bem triste, bem vergonhosa da história de meu país. Mas os colonos portugueses do século XVI eram homens ávidos e brutais. Como reprová-los por terem participado da rudeza geral dos costumes? Apanhavam os índios, amarravam-nos na boca dos canhões e estraçalhavam-nos vivos, a tiros. Foi assim que os eliminaram, até o último. Como sociólogo, o senhor vai descobrir no Brasil coisas apaixonantes, mas nos índios, não pense mais, não encontrará nem um único (...). Quando hoje evoco essas palavras, elas me parecem inacreditáveis, mesmo na boca de um ‘grã-fino’ de 1934 e lembrando-me a que ponto a elite brasileira da época (...) tinha horror a qualquer alusão aos indígenas e, de maneira mais genérica, às condições primitivas do interior, a não ser para admitir – e inclusive sugerir – que uma bisavó índia dera origem a uma fisionomia imperceptivelmente exótica, e não essas poucas gotas, ou litros, de sangue negro que já ia se tornando de bom-tom (ao contrário dos antepassados da época imperial) tenta fazer esquecer. (...). Felizmente, embora não nos arredores de São Paulo, os índios ainda estavam lá, a 3 mil quilômetros, no interior.” (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 46-47)

1.1 Introdução

No presente capítulo discorro brevemente sobre a história do Povo Jê, com foco especial no Povo Xerente, a partir de fontes documentais originais pesquisadas no Instituto Histórico Goiano (IHG), em Goiânia (GO), no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Pirenópolis (GO) e em documentos disponibilizados pelo *site* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), além de teses e livros que contam um pouco da sociohistória Jê.

As informações etnográficas dos povos Akwê – Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá são muito incipientes no século XVIII, talvez pela escassez de observadores e descritores dos hábitos sociais, culturais e linguísticos dos povos indígenas da Província de Goiás. Atualmente, grupos de pesquisadores e professores dos povos falantes das línguas Jê Centrais – Xakriabá, Xavante e Xerente, dentre outros povos dos troncos Macro-Jê e Tupí – documentam as suas respectivas culturas e línguas nativas.

1.2 A organização Jê e a sua interrelação com outros povos

Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss (2009) inicia seu livro focalizando a sua ‘Partida’ do interior do Brasil, mencionando a multiculturalidade encontrada nas terras do Cerrado brasileiro, durante a sua passagem ao Brasil Central, entre os anos de 1935 a 1939. Contradiz, assim, os dizeres propagados pelos “grã-finos” brasileiros sobre os habitantes nativos das terras “tupiniquins”. Lévi-Strauss faz referência, sobretudo, aos Bororo, aos Cadivéu, aos Nambiquara, aos Tupi-Cavaíba, aos Canela, aos Xavante, aos Xerente, aos Apinajé, dentre outros povos indígenas brasileiros.

Ao se dirigir ao Planalto Central, Lévi-Strauss (2009) diz da interrelação entre a organização social e religiosa dos Jê com a de outros Povos das Américas, e tece uma crítica sobre a visão simplista de se olhar para a história dos povos isoladamente:

Ao atravessar a parte menos conhecida do Planalto, eu esperava encontrar no cerrado os representantes mais ocidentais do grupo Jê; e, chegando à bacia do Madeira, poder estudar os vestígios inéditos das três outras famílias linguísticas na franja de sua grande via de penetração, a Amazônia.

Minha esperança realizou-se só em parte, em virtude do simplismo com que encarávamos a história pré-colombiana da América. Hoje, após as descobertas recentes (...) compreendo melhor que o hemisfério ocidental deve ser considerado como um todo. **A organização social, as crenças religiosas do Jê repetem as das tribos das florestas e dos prados da América do Norte**; aliás, já faz tempo que foram notadas – sem se deduzir as suas consequências – analogias entre as tribos do Chaco (como os Guaicuru) e as das planícies dos Estados Unidos e do Canadá (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 236-237, *grifos nossos*).

Ao descer o rio para ir ao encontro dos Bororo, em Corumbá, a 400 quilômetros de Cuiabá, atravessando o Pantanal mato-grossense, Lévi-Strauss (2009) compara a espacialidade das aldeias Bororo, com as aldeias de outros Povos Jê:

Os Bororo, aliás, não são os únicos a possuir aldeias circulares; com variações de detalhe, **elas parecem típicas de todas as tribos do grupo linguístico Jê que ocupam o planalto central brasileiro**, entre os rios Araguaia e São Francisco, e dos quais os Bororo são provavelmente os representantes mais meridionais. Mas sabemos que seus vizinhos mais próximos em direção do Norte, os Caiapó, que moram na margem direita do Rio das Mortes e com os quais só se estabeleceu contato nos últimos dez anos, constroem suas aldeias de modo similar, como **fazem também os Apinajé, os Xerente e os Canela**” (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 206, *grifos meus*).

Lévi-Strauss (2009) observa que a espacialidade das casas dos Xerente era circular como a dos Caiapó, Bororo, Apinajé e Canela, tal qual descrito por Nimuendaju (1942), em

The Sherente. Atualmente, apesar de a espacialidade das casas não mais ser circular, o processo arquitetônico e a construção das moradias Xerente levam em consideração outras variáveis culturais, como a disposição espacial dos seus clãs, dentre os seis existentes, e de suas duas metades – ou “partidos”– ou, ainda, se refere a outros tipos de saberes, como o conhecimento da “lua boa” para a coleta de pau e palha de piaçaba ‘*wde hu*’ para a construção de suas casas (PRAZE XERENTE, 2014).

Sobre a luta por “fronteiras” no espaço geopolítico ocupado pela tríade Jê, Tupi e invasores, Lévi-Strauss (2009) traz as seguintes considerações:

Na época do descobrimento, toda a zona meridional do Brasil servia de habitat a grupos aparentados pela língua e pela cultura e que outrora eram confundidos sob o nome de Jê. Provavelmente, haviam sido rechaçados pelos invasores recentes de língua tupi que já ocupavam toda a faixa costeira e contra os quais eles lutavam. Protegidos por sua retirada para regiões de difícil acesso, os Jê do Sul do Brasil sobreviveram por alguns séculos aos Tupi, logo liquidados pelos colonizadores” (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 143-144).

Passo, portanto, para alguns fatos históricos a respeito dos Xerente na antiga Província de Goiás.

1.3 Dados e fontes históricas sobre os Akwẽ na Província de “Goyas”

O mapa, a seguir, de Silva (2006, p. 110), mostra os aldeamentos indígenas em Goiás, nos séculos XVIII e XIX:

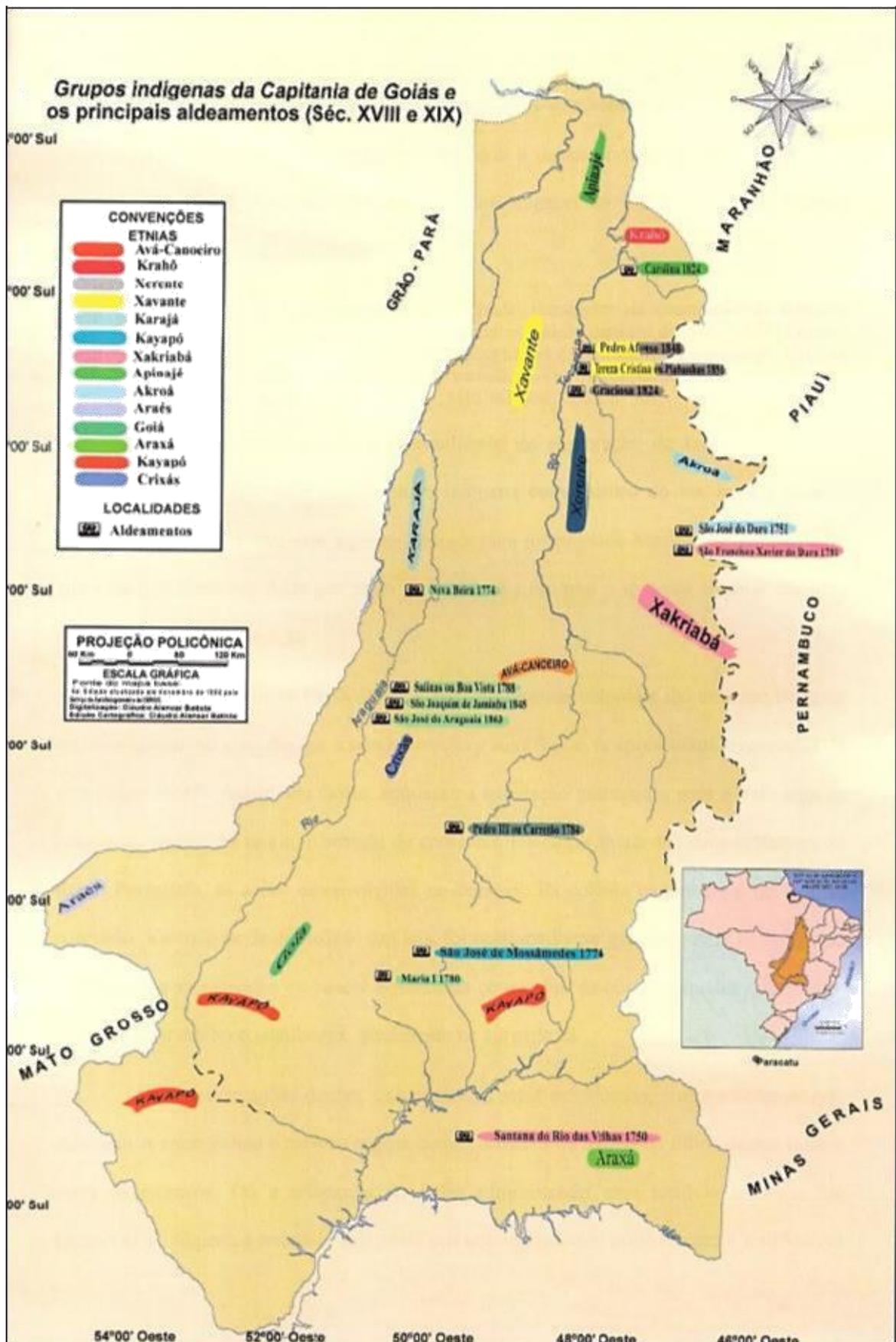


Figura 1: Aldeamentos indígenas em Goiás (SILVA, 2006, p. 110)

O recorte cronológico apresentado por Silva (2010) vai de 1749, época da instalação da Capitania de Goiás e início da sua estrutura administrativa – militar, econômica, religiosa – prolongando-se até o ano de 1851, ano em que foi criado o aldeamento de Tereza Cristina, à margem direita do rio Tocantins, atual cidade de Tocantínia, Município de Miracema, Estado do Tocantins, onde vivem muitos Xerente. Dos povos descritos por Silva (2006) estão os Jê Centrais – Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá, em contato com a sociedade brasileira não indígena.

Dos Povos mencionados, os três primeiros estão localizados nos atuais Estados de Tocantins, Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente. Os Akroá são dados como extintos por antropólogos e historiadores (cf. GIRALDIN, 2002). Tais posições e generalizações devem ser relativizadas, conforme aponta Silva (2010), exigindo uma posição de rever a maneira de pensar e de contar os fatos, se se leva em consideração a emergência étnica de Povos e de línguas considerados mortos, e que se engajaram em um processo de hibridismo sociocultural e linguístico. Em relação ao território de ocupação dos Akwẽ no território goiano, Silva (2010, p. 18) relata que,

Os limites dos territórios ocupados pelos indígenas no período colonial não podem ser definidos pelas informações de fontes textuais por estas serem incompletas e conterem vícios, interesses e preconceitos daqueles que as construíram, entretanto, pode-se dizer que a área de ocupação tradicional desses povos cobria quase a totalidade da área que foi delimitada como a Capitania de Goiás.

Segundo Abreu (1992, p. 93), “[...] os Akroá viviam entre a região dos rios Tocantins e São Francisco, os Xerente e Xavante eram senhores absolutos do alto rio Tocantins. Já os Xakriabá (Schacriabá ou Schicriabá), dominavam o território das nascentes do Paranaíba até o médio São Francisco”.

Para a localização dos Povos Xerente e Xavante, Pedroso (1994, p. 23) considera que “os índios xavantes habitavam um território que compreendia regiões do alto e médio rio Tocantins e médio e baixo rio Araguaia” e os “[...] Xerente habitavam principalmente os territórios à margem direita do rio Tocantins. Ao norte, viviam nos territórios banhados pelo rio Manoel Alves Grande e, mais ao sul, ocupavam as terras que margeiam os rios Sono e Balsas”. Pedroso e Giralдин (2002) observam, ainda, que no domínio territorial Xavante também habitavam os Avá-Canoeiro.

Em dados pessoais, a partir da análise de documentos do IHG, confirmamos, também, a presença dos Krahô, Guajajara, Karajá e Kaiapó onde atualmente se localiza a Terra Indígena Xerente. Um problema com as delimitações territoriais para os povos indígenas brasileiros é

que elas se baseiam na falta de menção à existência de territórios híbridos, fronteiriços, interculturais, interétnicos e translíngues no país.

Conforme aponta Silva (2010) referente à cartografia da distribuição espacial dos povos do Cerrado,

Uma observação sobre mapas que forneçam informações sobre a distribuição territorial e a localização de moradias dos povos Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá percebe-se que as áreas de ocupação desses povos apresentavam espaços de uso múltiplo e limites dilatados (SILVA, 2010, p. 24).

Esta disputa por territorialidade era agravada pela política socioeconômica vigente entre meados do século XVIII a meados do século XIX (e até os dias atuais) e levada a cabo pelos não indígenas:

Habitantes das margens do rio Tocantins, os Xavante e os Xerente estavam na rota de expansão da criação de gado e da navegação do rio Tocantins e viram seus territórios serem recortados pelas levas de colonizadores. Nesse período esses povos sofreram influências dos aspectos socioculturais dos não-índios e tiveram seu território redimensionado pelos objetivos de atender às necessidades político-econômicas dos conquistadores não-indígenas (SILVA, 2010, p. 26).

As conquistas realizadas sobre os povos indígenas Akwê deu cabo a uma relação conflituosa. Nesse percurso, guerras, acordos de paz, fugas, destruições de aldeamentos e arraiais formaram parte das relações de contato entre indígenas e não indígenas, com vistas ao aldeamento, à mineração e à catequese:

No início do século XVIII busca-se criar aldeamento jesuíta para conquistar os territórios e povos. Na capitania de Goiás funda-se o aldeamento de São José do Duro para tentar controlar os povos Akwen que viviam ao norte (atual região do Tocantins) e permitir a atividade mineradora. Com a resistência dos povos a este domínio (e devido aos conflitos entre os próprios povos indígenas) o estado de conflito de guerra permaneceu até meados do século XIX, quando outros aldeamentos foram criados na região dentro de novas estratégias de conquista dos territórios e das mentes indígenas, novamente com o trabalho religioso, agora dos Capuchinos, criando-se os núcleos de diversas cidades atuais (Tocantínia, Pedro Afonso, Tocantinópolis, Araguacema, Araguatins) (SILVA, 2010, p. 12).

De acordo com Silva (2010, p. 21), diversos historiadores afirmam que o contato entre não indígenas e grupos indígenas da Capitania de Goiás iniciou-se a partir do século XVI.

Foram contatos esporádicos e em duas esferas: através das bandeiras¹ – em busca do trabalho escravo e aprisionamento de indígenas; e a outra através dos descimentos², promovidos pelos missionários para a evangelização dos povos “rudes”. Não obstante, é apenas no século XVIII que o contato entre indígenas e não indígenas se acirra por conta da corrida pelo ouro na Capitania de Goiás. No último quarto do século XVIII, com o declínio do ouro e da mineração, os contatos continuam devido à mudança de fontes socioeconômicas, sobretudo referentes à agropecuária e à criação extensiva de gado, através da criação de grandes fazendas (cf. CHAIM, 2010), bem como através do comércio fluvial ao longo do rio Tocantins.

Na próxima seção, trato especificamente do Povo Xerente, foco deste trabalho.

1.4 Os Xerente

1.4.1 Tentativas de aldeamento dos Xerente

De acordo com Santos e Damasceno (1996),

Durante o período da mineração em Goiás, o governo criou os aldeamentos oficiais que serviam como meio de persuasão e controle da mão de obra indígena. Para os Xerente, foram levantados alguns aldeamentos, entre eles o aldeamento de Teresa Cristina que, de acordo com a política indigenista vigente, integrou a mão-de-obra indígena no ciclo da navegação. Esse aldeamento transformou-se em vila, correspondendo hoje à cidade de Tocantínea, no Estado do Tocantins (SANTOS e DAMASCENO, 1996, p. 19).

Essa política de aldeamento, levada a cabo em Goiás durante os séculos XVIII e XIX, tinha por objetivo a exploração do trabalho do índio para a colonização e a ocupação de seus

¹ Kidder (1972, p. 186-187) define ‘bandeiras’ como “as expedições de descedores de índios, [que] denominadas Bandeiras, gastavam meses e às vezes anos nas mais cruéis e devastadoras guerras contra o elemento selvagem. Espicadas pela ambição, algumas dessas expedições penetraram até a região que hoje constitui o interior da Bolívia, em direção ao Poente enquanto que outras atingiram o Amazonas, ao Norte. À medida que os índios se foram rareando a essas agressões desapiedadas, outro incentivo surgiu para estimular a sua avareza: o ouro! O sucesso que obtinham neste último gênero de atividade, criou novos motivos para prosseguirem na escravidão do índio. Precisavam de escravos para lavar as minas. Assim prosseguiu a passo largo o extermínio das tribus aborígenes no Brasil, durante dezenas de anos. Essas expedições deram também em resultado a expansão das terras de Portugal e a disseminação de aldeamentos. Foi pelo desenvolvimento de tais núcleos que se povoaram quatro grandes províncias brasileiras desagregadas da de São Paulo, na seguinte ordem: Minas Gerais em 1720; Rio Grande do Sul em 1738; Goiaz e Mato Grosso, em 1748”.

² Os descimentos ou “aldeias de repartição” eram locais designados a índios “amigos” que se “dispunham” a aceitar a santa eucaristia. Mesmo fugindo da escravidão, eram colocados como empregados da colônia (BOMBARDI, 2011).

territórios, de forma “pacífica”, pelo governo e pelas missões religiosas, submetendo os indígenas ao trabalho na lavoura e no comércio.

Conforme ressaltam Santos e Damasceno (1996, p. 19-20),

Em nome da ordem, da civilização e do cristianismo, o índio era preso em espaço delimitado, sujeito a receber uma cultura estranha, forçado a deixar a sua, que era considerada “selvagem” e que objetivava transformá-lo em mão de obra para a colonização, permitindo a ocupação pacífica das terras de interesse.

Apesar da ajuda com roupas, brindes, ensino da leitura e da escrita, ensino do trabalho com agulha, agricultura, cultivo e fabricação do fumo, serviços de ferreiro e mecânicos, sobretudo para a navegação e a compra e venda de produtos, o beneficiado era sempre o colonizador: “o interesse do Governo ultrapassava a necessidade de ensinar os índios (...). Seus esforços visavam a estimular a troca de produtos produzidos pelos índios Xerente com os navegantes do Pará” (SANTOS e DAMASCENO, 1996, p. 23). A tensão entre os Xerente e colonizadores e entre outros povos indígenas se intensificava.

1.4.2 Tereza Cristina, futura Tocantínia: Terra Xerente e a posição comercial estratégica em relação ao Rio Tocantins

Conforme o Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de Goiás na sessão ordinária de 1861, pelo então presidente da Província de Goiás, José Martins Pereira de Alencastre, a respeito de Tereza Cristina (Tocantínia), “sua posição topográfica à margem de um rio navegável permitia que sua população crescesse anualmente com os meios que tem de exportar os produtos de lavoura, e tecer com facilidade tudo quanto necessitar do comércio de importação” (RELATÓRIO, 1861-1865, em SANTOS e DAMASCENO, 1996, p. 16).

Segundo o Relatório (1861-1865), a criação do aldeamento Tereza Cristina data de 24 de junho de 1851. O nome foi conferido em homenagem à esposa de Dom Pedro II, e era dirigido por cristãos Capuchinhos, sob a administração do frei Raphael de Taggia. Tratava-se do aldeamento mais populoso da época, composto por uma população majoritariamente Xerente e Xavante³. Tereza Cristina, transformado em vila, e hoje cidade de Tocantínia,

³ A respeito da população de Tereza Cristina no final da primeira metade do século XIX, Santos e Damasceno, p. 17) citando Ravagnani (1987, p. 100), diz que, “a população de Tereza Cristina em 1852 (...) era de 944 homens e 1195 mulheres Xerente. Já em 1853, dois anos após a sua inauguração, o ofício “Correspondência da Presidência para a Tesouraria da Fazenda (1845-1855)” indica que os aldeamentos de Tereza Cristina e Pedro Afonso eram “povoados por treze mil oitenta e nove índios, Krahó, Xavante e Xerente.”

município de Miracema do Tocantins, tornou-se bastante próspera na década de 1860, por sua posição estratégica para a navegação e o comércio de importação e de exportação.

Ainda hoje a região é disputa de interesses políticos que colocam os Xerente, atuais moradores de toda a região, em conflitos com a população não indígena, não bastasse ser reduzido e expulsos de seu território tradicional durante os últimos 250 anos. Há índios e famílias Xerente inteiras vivendo na cidade de Tocantínia em situação de pobreza e miséria, constantemente insultados e mortos na cidade⁴.

1.4.3 A história escrita e a resistência Xerente

A história escrita sobre o povo Xerente data do final do século XVIII. De acordo com Silva (2010), o documento mais antigo é do ano de 1786:

Para a história dos contatos, os primeiros registros textuais sobre os Xerente surgem na documentação enviada, em 1786, por José Rodrigues Freire, Tenente de Cavalaria da Guarnição de Goiás, ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Freire informa sobre a formação de uma bandeira composta de luso-brasileiros, 40 guerreiros Cayapó e mais 18 combatentes Akroá que seguiu rumo aos Xavante e Xerente” (SILVA, 2010, p. 60).

Os Xerente sempre foram resistentes às condições impostas pelos invasores, as quais deslocavam o seu território, a sua cultura e modificavam o seu meio de vida. A condição dos Xerente muda drasticamente no início do século XIX. Conforme aponta Giraldin (2002, p. 46), a partir da Carta Régia de 1811, conferia-se poder aos colonizadores afetando a vida Xerente da seguinte forma:

1 – Permitia-se a guerra ofensiva contra os índios e a possibilidade de escravizar aqueles que fossem aprisionados por um período de dez anos, ou durante o tempo que durasse a sua “ferocidade”; 2 – Estabelecia-se por dez anos a liberdade de exportação e importação com isenção dos impostos de todos os gêneros comercializáveis que fossem feitos pelo rio Tocantins. 3 – Concedia-se moratória de seis anos aos devedores da Fazenda Real que fossem se estabelecer às margens do mesmo rio; 4 – Isentava-se, por dez anos, o pagamento de dízimos para aqueles que fossem ocupar as terras dos índios (GIRALDIN, 2002, p. 46).

Intensifica-se e legaliza-se, assim, a violência contra os Povos Indígenas do Cerrado, institucionalizada pelo governo, permitindo a guerra, a prisão e a escravização dos índios e a

⁴ No mês de agosto de 2015 um jovem Xerente foi morto a tiros na cidade por dívida em um comércio local.

invasão de suas terras, sobretudo às margens do Rio Tocantins. O Estado apoiava, portanto, através da diminuição nos impostos e dos pagamentos de dízimos, invasores, matadores, escravizadores e estupradores de índios, em nome da produção agropastoril e do comércio fluvial.

1.4.4 Os documentos do IHG: da resistência e da relação geoespacial dos Xerente com outros Povos indígenas

Dentre os documentos originais pesquisados, documentados e transcritos do Instituto Histórico Goiano (IHG), podemos perceber a atuação dos Xerente e dos invasores frente ao contexto de catequização e de aldeamento dos Povos autóctones brasileiros, marcados pela coação e coerção física e simbólica. Os Xerente eram protagonistas da resistência e da não aceitação passiva e pacífica da destruição e da ocupação de suas terras, águas, línguas, culturas e mão de obra.

Na tentativa de acalmar os ânimos dos Xerente, que resistiam às investidas dos colonizadores através da fuga e do ataque a fazendas e lavouras dos invasores, o comandante do exército fica encarregado de capturar os índios fugitivos e novamente prendê-los em aldeias, a fim de catequizá-los, chamando-os “à paz”, conforme a “Instrução dada ao Sargento Estevão Joaquim Pires, comandante do Destacamento que marcha para o Julgado do Porto Real, com destino de chamar os índios Cherentes a paz e de restabelecer a aldeia denominada de Gracioza”:

Achando-se o Sargento do Batalhão nº 29 (...), Estevão Joaquim Pires, nomeado para Commandante do Destacamento, que marcha a guarnecer o julgado de Porto Real em defesa das investidas dos Indios **Cherentes**: (...)a dessolução da Aldea da Gracioza, tendo motivado pela dispersão dos Indios Aldeados, juntos com os outros do Matto, (...), nas Fazendas, e Lavouras dos moradores do Arraial do Carmo, e de Porto Real, he o objecto que se pretende acautelar, chamando-os outra vez á paz, e a reunião em Aldea, objecto que será de relevante serviço, quando assim o consiga (INSTRUÇÃO, 1829 *in* IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 83).

O medo de motins e revoltas por parte dos Xerente era latente, tanto que se recomendava não acumular os índios em grupos grandes, bem como fazer todo o registro, por escrito, de sua população, à medida em que adentravam às aldeias de redução:

Terá cuidado em que se não amontoem de repente muitos Indios, he melhor hil-os chamando pouco a pouco, e a proporção que for tendo de comer para lhes dar. A proporção, que se for reunindo gente na Aldea, hira assentando seos nomes, e familias

no Livro, que para esse fim lhe entrego, cada família principiando pelo Pai, Mai e Filhos de mais velho a menor em sua folha separada, e todas as novidades acorrentes sobre as pessoas da família, serão escritas em poucas palavras nomes na folha, para que a todo o tempo se saiba o principio, (...), e destino da povoação da Aldea (INSTRUÇÃO, 1829 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 82).

A tentativa em aldear os Xerente ia muito além de catequizá-los. Este era, aliás, um subterfúgio estatal para mantê-los constantemente sob supervisão e para que não intentassem fugas e ataques às investidas dos Bandeirantes. O interesse era “amansar” os Xerente e usá-los como mão de obra na agricultura para a expansão comercial dos que chegavam ao Cerrado brasileiro. Propunha-se, assim, a distribuição de brindes a fim de mantê-los satisfeitos, criando um vínculo com o local delimitado e com os invasores, bem como estimular o trabalho assalariado, promovendo a compra e venda de ferramentas a serem utilizadas no campo pelos índios. A Instrução (1829) alertava, ainda, para o cuidado dos soldados com as armas de fogo, sobretudo, em relação às índias Xerente:

Igualmente a proporção que for tendo gente para o Serviço de campo, a hira dividindo em esquadras, cada esquadra entregue a hum Indio Capitão, e os applicará, inclusivamente as mulheres, e crianças, á cultura da terra segundo as suas possibilidades, não se esquecendo de plantar grande quantidade de algodoeiros, bananeiras, [ilegível], além do mantimento preciso para os Indios comerem, e mesmo para vender, afim de que com os productos da Aldea possam vestir-se, e comprar ferramenta.

Terá muito cuidado no Armamento (...), para que as Indias atraíçoadamente senão aproveitem delle; devendo conservar a sua reserva [ilegível] em Porto Real; assim como os Brindes que hirá repartindo pouco a pouco, não só para evitar algum ataque com sentido de as furtar, como para lhes desafiar a cobiça de as obter, conservando-se assim mais tempo na Aldea, ate ganharem amor ao lugar. (INSTRUÇÃO, 1829 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 78).

As investidas Xerente contra a população local não indígena era motivo de preocupação do Governo, bem como a tentativa de estabelecer “amizade” com eles, uma vez que suas terras estavam localizadas em um ponto estratégico para a navegação e a comercialização com o Pará e, conseqüentemente, ao pagamento de impostos pela circulação de canoas, como demonstra o documento enviado “A Camara Municipal da Vila de Porto Imperial, pela Lei de 12 de Agosto de 1834, Artigo 10 §§ 3º, 4º, 5º e 6º” que vem representar a Assembleia Legislativa Provincial e dar conhecimento da Lei aos Deputados”, cujos artigos aferiam e determinavam: (i) denunciar os Xerente, em maior número, que “oprimiam” os habitantes não índios, “assassinando, roubando e destruindo as suas lavouras” e pedir ao Município um acordo de pacificação; (ii) a recomendação de um oficial para que “adquirisse a amizade dos Xerente” a fim de aldeá-los às

margens do Rio Tocantins; (iii) a sujeição dos índios a cumprirem com o acordo de paz e seu aldeamento, em vistas ao estabelecimento comercial com o Pará, através do Regimento Marítimo; (iv) a imposição de imposto à circulação de canoas de médio e grande porte:

A Camara Municipal da Villa de Porto Imperial competindo lhe pela Ley de 12 de Agosto 1834 desta Provincia imssista da Ley ao conhecimento dos Deputados os Artigos Seguintes =

1º Que o maior problema deste Municipio hé os Indios **Cherentes** que tem oprimidos os Seus habitantes assassinando roubando, destruindo as suas lavouras; este danno, hé o amador da amizade, instando com elles huma, (...), debaixo das medidas que estão hoje ao alcance (...), ordenado pelo [ilegível] Senhor Prezidente desta Provincia =

2º [ilegível] esta Comarca achasse Estacionado nesta Villa hu official com dous soldades, (...) dos Indios Cherentes, (...) muito util aeste Municipio ter no Ponto da Barra do Ryo de [ilegível] defronta as suas Aldeias huma Companhia de 1 que adquirisse asua amizade, e Aldeasse na margem deste Ryo =

3º Sendo muito util a Navegação do Pará para este Municipio; hé [ilegível] hum Regimento Maritimo que sugêite os Indios e sua população acumprirem os dous ajustes =

4º Sendo este Regimento util a Navegação lembra esta Camara impor o imposto de [ilegível] nas Canoas de 6 a 12 remos (LEI DE 12 DE AGOSTO DE 1834, in IHG, CAIXA 009, ARQUIVO 119).

Vinte e nove anos depois da solicitação de aldeamento e de apaziguamento dos Xerente, estima-se, no ano de 1863, o número de Xerente aldeados juntamente com os Xavante, Krahô, Karajá e Guajajara em um número de pouco mais de cinco mil indivíduos, cerca de um quinto da população indígena da região, mostrando a preocupação da Província em aldear mais indígenas:

Em 1863 era avaliado o numero de indígenas aldeados em 5220: 220 **chavantes** em S. Joaquim de [ilegível], 200 [ilegível] em Pedro Affonso, 3000 **cherentes** e **chavantes** em Teresa Christina e 1800 **Carahós** e [ilegível] em Boa-Vista.

Em 1880 computava-se essa população em 3700 indios assim distribuidos: em Teresa Christina: 200 **chavantes** e **cherentes** em Pedro Affonso, 1000 **carahós** em Boa Vista, 1600 [ilegível] e **Carahós** e em S. José do Araguaya, antigo S. Joaquim de [ilegível] 100 **chavantes** e **carajás**.

[ilegível] quase [ilegível] nesse anno o aldeamento do [ilegível] no qual apenas [ilegível] uns indios e estarão já creado o de [ilegível] hoje fundado em 1872 mas cuja população era [ilegível].

Pelos [ilegível] que acabamo de escrever nê-se que em lugar de augmentar tem a população indigena aldeada disminuida de 1861 para talvez mesmo muito mais do elles mostrão. (INSTRUÇÃO, 1863 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 147, *grifos meus*).

Conforme os documentos pesquisados no IHG, a província goiana era a que possuía um dos maiores contingentes populacionais indígenas: “É sem duvida a provincia de Goyas uma das que contem [...] em seu territorio grande população indígena, estimada entre 20 a 25 mil “almas””. Dessas, um terço já estava entrando na coerção da “civilização”. Dos aldeados nas

localidades das atuais cidades de Pedro Afonso, Miracema e Tocantínia, se encontravam os Xerente, os Xavante, os Guajajara, os Krahô, os Karajá, os Caiapó, os Gadahús e outros povos não identificados nos documentos pesquisados por estarem ilegíveis.

(161) É sem duvida a provincia de Goyas uma das que contem [...] em seu territorio grande população indígena.

O general Cunha [...] de provincia de Goyas escripta-se em 1824 computa o mesmo de aborigenes existentes nas duas [ilegível] em que [ilegível] se dividir a provincia em 20 a 25 mil das quaes as mais forte [ilegível] a [ilegível] S. José das [ilegível] existindo apenas na de Goyas a tribu dos Caiapós avaliada em 3000 almas.

(162) Segundo informações [ilegível] em [ilegível] [ilegível] calcula-se a população indígena desta provincia em 20000 almas; destes 7 a 8000 tehem alguma civilização e o restante por civilisar.

Existião nessa epoca quatro aldeamentos regulares [...] nas margens do Tocantins e [...] nas do Araguaya.

Aquelles erão os: de Boa Vista nas proximidades da cidade do mesmo nome com a população de 3220 almas das tribus [ilegível], **Guajajarás** e [ilegível]; de Pedro Affonso e Teresa Christina formando pelas tribus **Cherente**, **Carahós**, **Chavante**, [ilegível] e **Guajajara** com uma população de 2800 almas.

A que estava situada a margem do Araguaya era a de S. Joaquim de [ilegível] com 200 almas das [ilegível], **Cherente** e **Chavante**. (161) a assemblea provincial em 1846 (INSTRUÇÃO, 1846 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 161-162, *grifos meus*).

No Carretão, hoje Município de Nova América, Rubiataba – Goiás, havia a concentração de Xerente, Xavante e Karajá, assim como concentravam-se os Xavante e os Krahô no atual município de Pedro Afonso, no Estado do Tocantins, e os Xerente e os Xavante na atual cidade de Tocantínia, Município de Miracema do Tocantins:

Carretão ou Pedro 3º Boa Vista, Pedro Affonso e São Joaquim de [ilegível]: sua população composta de [ilegível] [ilegível], **Chavantes**, **Cherentes** e **Carajás** pode ser [ilegível] com segurança em 4000 almas. Relatorio de [ilegível] [ilegível] 1º de Maio de 1850.

Em 1851 foi fundada o aldeamento de [ilegível].

Em 1872 [ilegível].

Em 1863 Couto de Magalhães avaliava em 5220 os indios aldeados na provincia em S. Joaquim de [ilegível,] 220 **Chavantes** em Pedro Affonso e 200 **Carahós**.

Em Teresa Christina, 3000 **Cherentes** e **Chavantes**.

Em Boa-Vista, 1800 [ilegível] e Gadahús.

Em informação [ilegível] ao Ministerio da Agricultura em 1880 pelo então presidente da provincia e população indígena aldeada computada em [ilegível] assim [ilegível] pelos seguintes aldeamentos. (INSTRUÇÃO, 1851 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 162, *grifos meus*).

Em relação a outros aldeamentos localizados em Goiás, temos a seguinte informação:

Em outros aldeamentos em Goiás, foram contabilizados mais de seis mil indivíduos, dentre eles os Xerente, Xavante, Krahô e Guajajara. Em 1860 existião de aldeamentos [ilegível], Boa Vista nas proximidades da cidade os mesmo [ilegível] com a população

de 3220 almas das nações [ilegível], **Guajajarás** e [ilegível], de Pedro Affonso e de Teresa Christina formadas de tribus de **cherentes, carahós, chavantes**, [ilegível] e **guajajarás** com uma população de 2800 almas e a de S. Joaquim de [ilegível] com duzentos habitantes dos [ilegível] **Chavantes** e **Cherentes**. Era pois nesse anno a povoação indigena [ilegível] de cerca de 6220 almas (INSTRUÇÃO, 1860 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 155, *grifos meus*).

Em relação às tentativas de catequizar os índios, com o fim maior de mantê-los sob o controle do estado, muitas delas foram frustradas e os documentos históricos demonstram a forte tentativa de controlá-los através da fé e da bala. Conforme ressalta Kidder (1972, p. 185):

Infelizmente o “paraíso” dos jesuítas não durou muito. A benevolência e o devotamento filantrópico que dedicavam aos índios atraíram sobre eles o ódio dos portugueses e dos mamelucos – como eram chamados os mestiços. Estes, cedo iniciaram a escravização dos aborígenes, prática esta que prosseguiram através das gerações, com sanguinária ferocidade e perseverança sem paralelo. (...) à medida que os índios eram acossados para o sertão, pela perseguição que lhes moviam os escravagistas, os jesuítas iam busca-los e ofereciam-lhes novas oportunidades de praticar o culto e receber instrução religiosa. (...) às vezes, vestiam [os bandeirantes paulistas] a estamena dos jesuítas para atrair os índios que desejavam capturar. Outra vez, porém, assaltavam as reduções, ou aldeamento de neófitos, elogiando os padres pelo serviço que lhes prestavam, em reunir suas presas.

Os Xerente resistiram, o quanto puderam, ao deslocamento de sua cultura, de sua língua e de seu modo de vida. Por mais que tenham sido totalmente aldeados, não perderam, não sem muito sofrimento físico e psicológico, os espaços de uso da sua língua e cultura que, todavia, continuam vivas, apesar de apresentarem sinais constantes de obsolência. Conforme demonstrado, o povos do Cerrado brasileiro foram perseguidos pelos invasores, forçados ao agrupamento com outros povos indígenas, muitas vezes rivais, além de sofrerem, ainda atualmente, com a perda de suas vidas, de seus territórios e sujeitados a todo o tipo de violência simbólica contra as suas subjetividades e identidades de pertencimento.

1.4.5 Território Xerente hoje

O território Xerente se localiza no Estado do Tocantins, a 80 km de ‘Palmas’ *Akwẽ krikahəzawre wam hã*, entre o ‘Rio Tocantins’ *Kə wawẽ* (margem leste) e o ‘Rio Sono’ *Ktẽ ka kə* (margem oeste). Ele é composto pela Terra Indígena (TI) Xerente, demarcada no dia 14 de Setembro de 1972 (com extensão de 167.542,105 hectares) e TI Funil, demarcada no dia 29 de Outubro de 1991 (com extensão de 15.703,797 hectares). Juntas, totalizam 183.245,902 hectares da chamada Amazônia Legal⁵:

⁵ Informações obtidas através de material publicado pelo PROCAMBIX (Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente), localizado em Tocantínia (TO). Este programa foi criado para “atenuar” os impactos ambientais

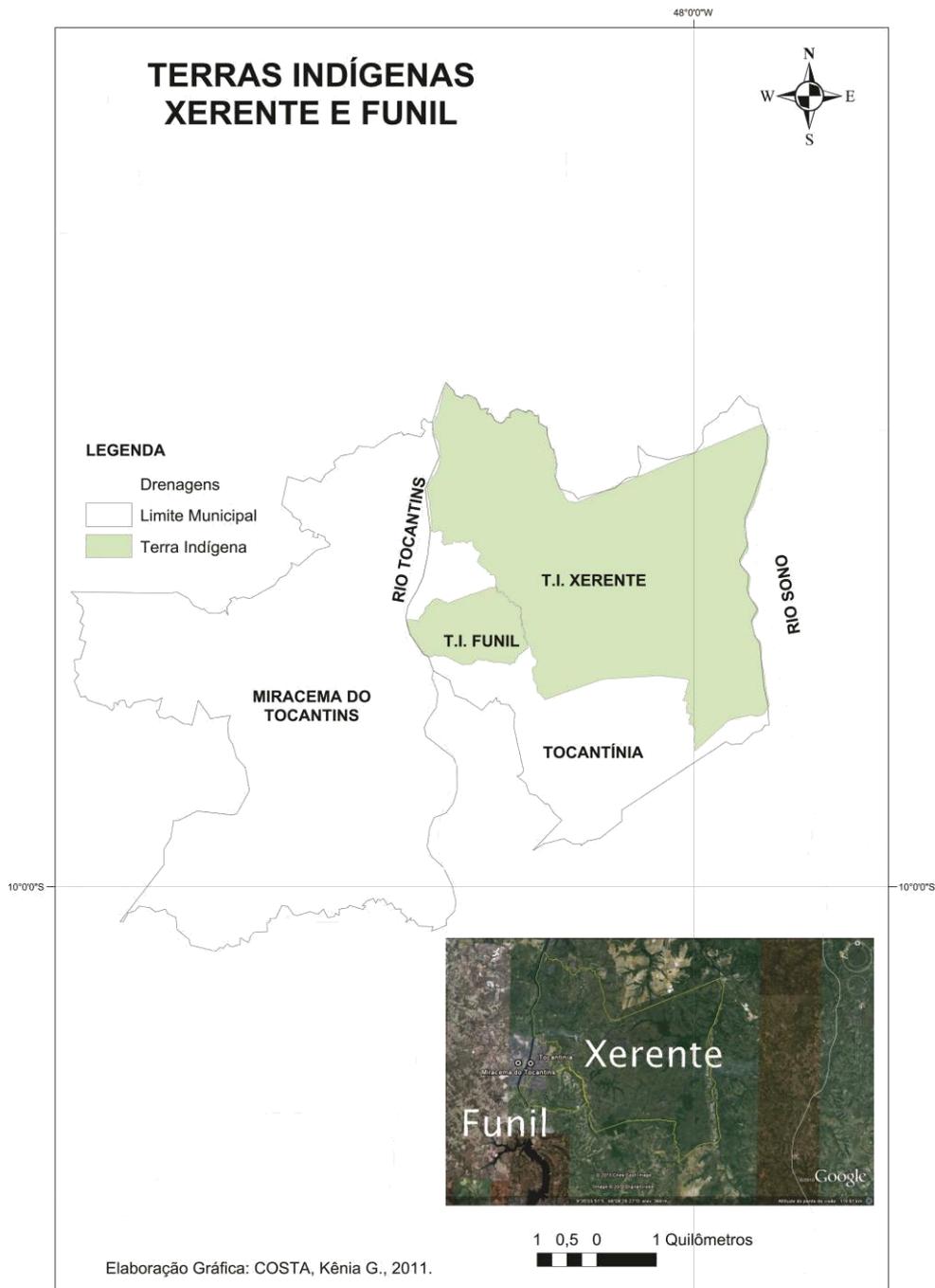


Figura 2: Terras Indígenas Xerente e Funil (COTRIM, 2012)

A cidade de ‘Tocantínia’ (*Krikahə*) está localizada *dentro* dessas terras indígenas, “entre” a TI Xerente e a cidade de ‘Miracema do Tocantins’ (*Krikahə dawanã hã*), primeira capital do Estado, e separada daquela cidade e das TIs por um estreito trecho do Rio Tocantins.

causados pela construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, em Lajeado (TO), cerca de 1 km das terras indígenas Xerente e Funil garantindo, assim, o licenciamento ambiental da área. O programa, resultado de um termo de compromisso assinado em 28 de setembro de 2001, entre a empresa INVESTICO e a FUNAI, e tendo o Ministério Público Federal como interveniente, previu a execução de 14 projetos (não cumpridos!), orçados em mais de R\$ 10 milhões a serem aplicados no período de janeiro de 2002 a dezembro de 2009 (período em que cessou o repasse financeiro da INVESTICO, empresa responsável pela UHE Lajeado).

Tocantínia há mais de 200 anos se configura como palco de tensões entre a população local não indígena e os Xerente. Os Xerente mantêm, portanto, relações históricas, além de laços familiares, educacionais, empregatícios, religiosos e econômicos com essa cidade. Por essas e outras razões, a cidade é referida, pela população local, por “Xerentínia”:



Figura 3: Localização de Tocantínia e Miracema do Tocantins

Há, hoje, cerca de 3.200 pessoas compondo a população Xerente, sem especificação daqueles que se casaram com membros de outras etnias e se mudaram para outras aldeias (Gavião, Karajá, Guarani, etc.), bem como daqueles que vivem em cidades como Tocantínia, Miracema, Palmas e Goiânia (*Krikahəzawɾɛ*).

Há, atualmente, 69 ‘aldeias’ *dazakru* Xerente, mais um ponto considerado “neutro”, localizado na intersecção das principais aldeias, e onde se situa a escola de ensino médio CEMIX, denominado, também, por *Warã* (“antiga casa dos rapazes solteiros”). As maiores aldeias são: ‘Salto’ *Kripre*⁶, ‘Funil’ *Sakrepra*, ‘Porteira’ *Nrōzawi* e Rio Sono (*Ktē kakə*), as quais também possuem as maiores escolas, dentre as 44 escolas implantadas até 2012, algumas delas “desapropriadas” no biênio 2013-2014 pela Seeduc-TO. Essas aldeias estão distribuídas

⁶ Boa parte desta pesquisa foi realizada na Aldeia Kripre ‘Salto’, onde participei como convidado de duas *Dasipe*, a festa tradicional Xerente. Juntam-se a essas duas idas especiais, mais doze, entre os anos de 2012-2015, além dos encontros realizados duas vezes ao ano em Goiânia (GO), entre 2012-2015, durante o curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (EI-UFG) e de dois encontros realizados em 2014, no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI-UnB). A aldeia Salto, acrescenta-se, foi construída em 1992, formada por nove famílias. Hoje, de acordo com Silva-Xerente (2014, não publicado) a aldeia conta com 79 famílias, com uma população de aproximadamente 340 pessoas, vivendo em 62 casas. A Aldeia Salto possui um cacique, pajés e dois ‘conselheiros da paz’ *pēikwa*, um *Wahire* e um *Doí*. Há uma escola de ensino fundamental e EJA (programa de Educação de Jovens e Adultos), a *Escola Indígena Waikarnāse*, com 98 alunos matriculados, mais 17 funcionários oriundos da própria comunidade: são 13 professores e professoras, um diretor, uma faxineira, um merendeiro e um vigia.

ao redor de cinco Postos Indígenas (PIN): PIN Xerente (*Nrõ wde hu kə*), PIN Funil (*Sakrepra*), PIN Rio Sono (*Ktēkakə*), PIN Brejo Comprido (*Kə wrakurere krāinĩsdu*) e PIN Brupre (*Brupre*), conforme demonstrado por Nelson Praze Xerente, em Borges e Cotrim (2011)⁷:

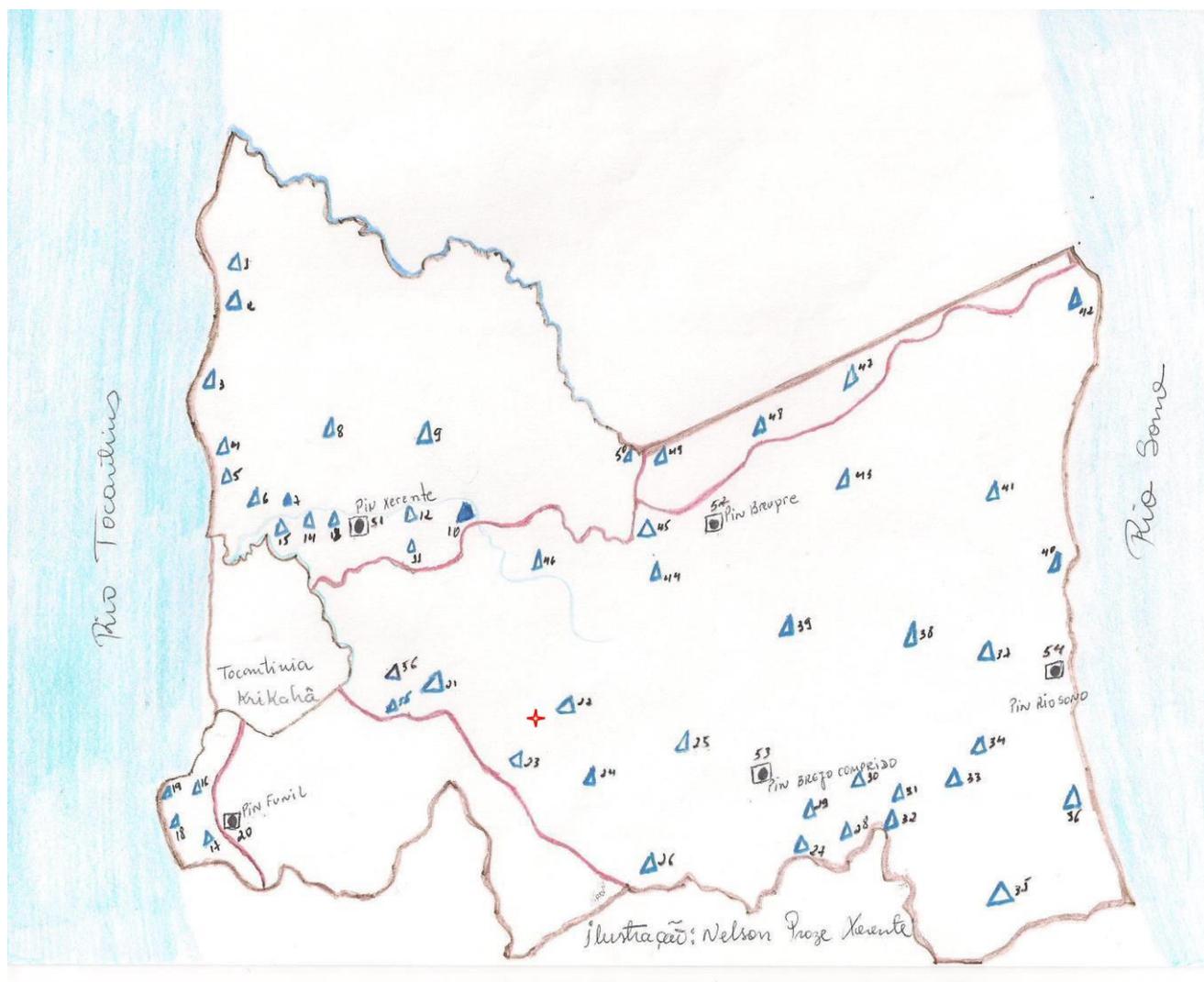


Figura 4: ‘Aldeias Xerente’ *Dazakru*

TERRA INDÍGENA XERENTE

- PIN (Postos Indígenas)
- ▲ ALDEIAS
- ESTRADAS DAS ÁREAS INDÍGENAS
- RIO TOCANTINS – RIO SONO

⁷ Em 2011, à época de realização do mapa, haviam 60 aldeias. Por informações dos próprios Xerente, atualmente este número saltou para 69.

Aldeias Akwê-Xerente / Dazakru



PIN XERENTE – Nrõ wdê hu kâ

1. Kri wahâ - Bela Vista
2. Kakto wdê hu - Santa Cruz
3. Sdarãpa - Varjão
4. Nrõzawi - Porteira
5. Brurê hu - Angelim
6. Kripre - Salto
7. Kâ zase - Piabainha
8. Nrõ wdê hu - Mato do Coco
9. Nrõtôm wdê hu - Vão Grande
10. Ssuirêhu - Boa Esperança
11. Mrãi nĩkrdi - Serra Verde
12. Kâwakmõrê - Cercadinho
13. Karêhu - Karêhu
14. Mrãi wahâ - Aldeia Nova
15. Krite – Recanto
16. Mrãi zase - Piabanha



PIN FUNIL - Sakrêpra

17. Bru krãipa - Boa Fé
18. Supra wahâ - Cachoeira
19. Kbarê wdê hu - São Bento
20. Nrõ wdê hu - Aparecida

21. Sakrêpra - Funil

✦ Kûiwdê hurê zase – Brejo Novo
(recentemente fundada) – próxima
Sangradoura (n° 22)



PIN RIO SONO – Ktêkakâ

22. Supra zapdo – Sangradoura
23. Kakumhu – Riozinho
24. Mrãirê - Brejo Verde
25. Ktê kakâ - Rio Sono
26. Mrãi wahi - Cabeceira Verde



27. Ktêpre - Santa Fé

PIN BREJO COMPRIDO – Kâ wrakurerê krãinĩsdu

28. Nrõ wdê zakrdi - Coqueiro
29. Kâ wahâ – Aldeinha
30. Wãipainêrê – Serrinha
31. Kakrãi wdê hu - Paraíso
32. Mrãizawi - Boa Vista
33. Mrãi nĩsdu – Fortaleza
34. Kâ wahâ nĩsdu - Cabeceira da Água Fria
35. Kâ wahâ zase - Recanto da Água Fria

36. Srã zase – Sucupira
37. Pakre - Sítio Novo
38. Mrãi zakrdi – Morrinho
39. Kũri wdê pisi - Bom Jardim
40. Pat waptkãze - Baixa Funda
41. Mrãi krêtõ - Rio Preto
42. Kâ pre - Brejão
43. Tkihurê - Brejinho
44. Ktêpo - Ktêpo
45. Wdê krãikwasa wdê hu –Morrão
46. Kâ kakarê - Cachoeirinha
47. Kâ wrakurerê - Brejo Comprido
58. Brupre - Brupre
59. Nrõ wdê pisi - Mirassol
60. CEMIX – Warã (Centro de Ensino Médio Indígena Xerente)



PIN BRUPRE - BRUPRE

48. Ware wdê hu - Novo Horizonte
49. Mrã zawrerê - Jenipapo
50. Bru bkarê - Traíra
51. Kũri wdê hu - Buriti
52. Hêspo hurê - Zé Brito
53. Mrãite - Santo Antônio
54. Kâ topkuze - Lajeado
56. Waktõ hu - São José
57. Ake hu - Olho D'Água

Autor: Nelson Prazze Xerente

O Povo Xerente vem expandido o povoamento dentro de suas terras, aumentando o número de aldeias nos últimos anos. De 2011 a 2016, foram criadas mais 9 aldeias, por motivos diversos como brigas entre parentes e estratégias de ocupação. Proporcionalmente, parece haver um gradual aumento na migração de famílias inteiras para a cidade de Tocantínia.

1.4.6 Povo, cultura e sociedade Xerente na atualidade – breve esboço

Os Xerente são um Povo Jê. Sua língua pertence ao ramo central da família Jê e possui grande proximidade linguística com as línguas faladas pelos Xavante e pelos Xacriabá (cf. RODRIGUES, 1986), além dos Acroá, já “extintos”.

O povo Xerente, falante da língua xerente, *akwě*, *akwě-xerente* ou *akwě mrměze* ‘fala ou discurso do povo’ – conforme denominação dos próprios – se organiza em seis ‘clãs’ *dasiwawi mnõ*, divididos em duas ‘metades’ *dasĩmpkɔ mnõ*. Essas duas metades são nomeadas *Do^hí* e *Wa^hire*, associadas ao ‘sol’ *bdə* (também ‘deus’) e à ‘lua’ *wa*, respectivamente. Entre elas, os seis clãs se distribuem em duas partes iguais: *Krito Tdekwa*, *Kbazi Tdekwa*, *Kuzə Tdekwa*, de um lado, e *Krɔzakɛ Tdekwa*, *Wahire Tdekwa* e *Krêprehi Tdekwa*, de outro.

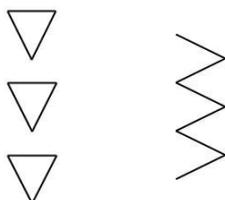
Para a identificação dos clãs são utilizadas pinturas corporais diferentes para cada um dos partidos dualizados, prevalecendo o círculo, na metade *Doí*, e o traçado, que identifica os clãs da metade *Wahire*. Para tanto, utilizam o ‘jenipapo’ *wdekrã*, o ‘pau-de-leite’ *arěmsku*, o ‘urucum’ *bə* e o ‘carvão’ *wdeprɔ*, predominando o ‘preto’ *ĩwakrdi*, obtido da mistura de carvão com o pau-de-leite, e o ‘vermelho’ *ĩpre*, do urucum.

Os Xerente possuem um rico conhecimento de ervas e de (partes de) animais medicinais, ainda utilizados pelos mais velhos, apesar de seu uso vir decaindo por causa dos fármacos de laboratório comprados na cidade. Possuem habilidades e técnicas únicas com o trançado, principalmente, utilizando a seda do buriti e o capim dourado.

‘Comidas típicas’ *akwě saze* incluem *kupa* ‘mandioca’, *kupazu* ‘farinha’, *kupa rpě* ‘beiju’, o ‘pão-da-terra’ *kupakbuzbre* – feito a partir de farinha de beiju assada –, o ‘grolado’ *kupakrɔzbre* ou *kupakrɔ* – espécie de mingau feito com beiju e fruto de buriti –, a ‘carne moqueada’ *ĩnĩ zaza* – assado defumado envolto em folha de bananeira, feito sobre a brasa, em buracos na terra –, *ĩnĩ zakrɔ* ‘carne assada’, *tpe zakrɔ* ‘peixe assado’, *tpe*

wassi ‘peixe cozido na folha de banana’, *hərbu*, ‘berarubu’ – bolo salgado assado feito de massa de farinha e troços de carne –, além da ‘batata doce’ *kumdi*, da ‘abóbora’ *kuzapɔ*, da ‘banana’ *hespɔkrã*, do ‘coco’ *nrõ*, do ‘milho’ *nānmã*, do ‘arroz’ *karɔ* e do ‘feijão’ *wazumzə* (cf. SAMURU XERENTE, 2014).

Um elemento natural muito importante para o Povo é o *pizu* ‘buriti’. O *pizu wde* ‘pé de buriti’, por exemplo, além de ser alimento Xerente, é utilizado na construção de suas ‘casas’ *kri*, usado como ‘remédio tradicional’ *akwẽ sikunmõze*, nos ‘artesanatos’ *akwẽ n-ĩm rɔm-kmãkwamãrĩ* e é, também, elemento essencial na ‘corrida de tora’ *kuĩwde nã dawra*. Esta faz parte dos principais ‘rituais comunitários Xerente’ *akwẽ sipseze*, juntamente com a festa de ‘nomeação masculina’ *kwatbremĩ nĩsize* e ‘feminina’ *baktõ nĩsize* e o ‘batizo do milho’ *nānmãzu*. Para a ‘corrida de tora’ *kuĩwde nã dawra*, acrescenta-se, os troncos de buriti são ornamentados a partir de dois desenhos: o do ‘jabuti’ *Sterɔmkwa* e o do ‘sucuri’ *Htəmhã*, conforme relato do professor Damsokekwa Calixto Xerente. O desenho triangular representa as marcas do jabuti, o outro, as da sucuri:⁸



A corrida de tora é realizada, principalmente, durante o *Dasĩpe* ‘festival xerente’ e na ‘festa de nomeação’ *danõkre dasĩpe wam hã*⁹ dos meninos, evento no qual o *Padi* “Tamanduá”, um ser da mitologia Xerente, já relatado por Nimuendajú (1942), se apresenta para a comunidade.

A economia Xerente provém, principalmente, da plantação de ‘roça de toco’ *akwẽ bru*, bem como da venda de ‘artesanatos’ *rɔmkmãkwamãrĩ* feitos, sobretudo, de ‘buriti’ *pizu*, ‘pau-brasil’ *brutu*, ‘tiririca’ *ake ~ aptɔ* (antiga moeda do povo Xerente), ‘embira’ *kwmnrõ ~ wdenrõ* e de ‘capim-dourado’ *duipre ~ dui kbuzi*. Alguns Xerente são, ainda,

⁸ Na realidade, as formas ‘*Sterɔmkwa*’ e ‘*Htəmhã*’ são os nomes de cada uma das metades cerimoniais e de cada uma das duas equipes na corrida de tora, não significando ‘jabuti’ e ‘sucuri’, respectivamente. Os traçados desses animais é que são utilizados para designar cada uma das metades / equipes. Na língua Xerente, o termo para ‘jabuti’ é *kukã*, enquanto que, para ‘sucuri’, *wanẽku* (conforme Relatório de sala de aula de Calixto Xerente, 2012).

⁹ Nome de uma das cerimônias de nomeação masculina.

contratados como técnicos da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e pelo Estado, principalmente, como professores e agentes de saúde.

O ensino escolar formal nas aldeias restringe-se ao ciclo de 1^a a 4^a séries. Há apenas uma ‘escola’ *rɔwahtuze* ("lugar e modo de ensinar") de ensino médio (CEMIX – Centro de Ensino Médio Indígena Xerente), o qual apresenta um contingente elevado de alunos (cerca de 300), falta de professores bilíngues Xerente-Português, e divide espaço com cursos técnicos, como os de enfermagem e de informática.

1.4.6.1 Sistema de nomeação, pinturas, clãs e partidos

Conforme mencionado anteriormente, o Povo Xerente se organiza em seis clãs, divididos em dois partidos, *Doí* e *Wahire* (SCHOEDER, 2006). Em relação à nomeação, cada um dos partidos possui determinados ‘nomes próprios’ *danĩsize mnõ*, passados a cada nova geração, os quais são responsáveis pela organização sociocultural Xerente.

O nome próprio Xerente forma um sistema em que determinados nomes pertencem a cada uma das duas metades ou a cada um dos clãs. Há, ainda, nomes binominais, isto é, que possuem como referente tanto o gênero masculino quanto o feminino, além de poderem ser “distribuídos” nas duas metades. Estes nomes são, ainda, os primeiros a serem “dados” ao início das festas de nomeação.

Cada nome próprio Xerente possui um significado. Geralmente ligados a elementos da natureza, muitos nomes têm em sua composição nomes de plantas e de animais (ou de suas partes) como de peixes, aves dentre outros e / ou, ainda, se referem a determinadas habilidades e características destes seres naturais (cf. SINÃ-XERENTE, 2014).

Cada nome próprio possui um ‘cântico de nomeação’ *danõkre danĩsize wam hã*, uma espécie de “registro de identidade” do nome recebido. A escolha dos nomes e a permissão ou não de sua utilização são determinados pelos clãs. Os nomes próprios se relacionam, ainda, às “formas de respeito” no Xerente. Tais formas são utilizadas antes dos nomes próprios ou, ainda, os substituem em alguns contextos de uso como, por exemplo, ‘*ĩnore*’ (forma de respeito ao irmão e primo mais novo de linhagem paterna), e ‘*ĩkumre*’ (forma de respeito ao irmão e primo mais velho de homem).

Conforme observa Sinã Xerente (2014, p. 9-14), em trabalho seminal sobre a nomeação e os nomes próprios masculinos e femininos, a nomeação do homem se organiza conforme “as duas metades de clãs: *Īsapdo = Dōhi (círculo)* e *Īsake = Wahire* (listras ou traços)”, dentro das quais se subdividem os seis clãs: “a metade do *Īsapdo tdekwei nōrĩ*, que são os donos dos círculos, estão incluídos três clãs, *Kuzə, Kbazı e Krito*. Já na metade dos *Īsake tdekwei nōrĩ*, que são os donos das listras, estão incluídos também três clãs, *Wahirê, Krozake e Kräiprehi*”:

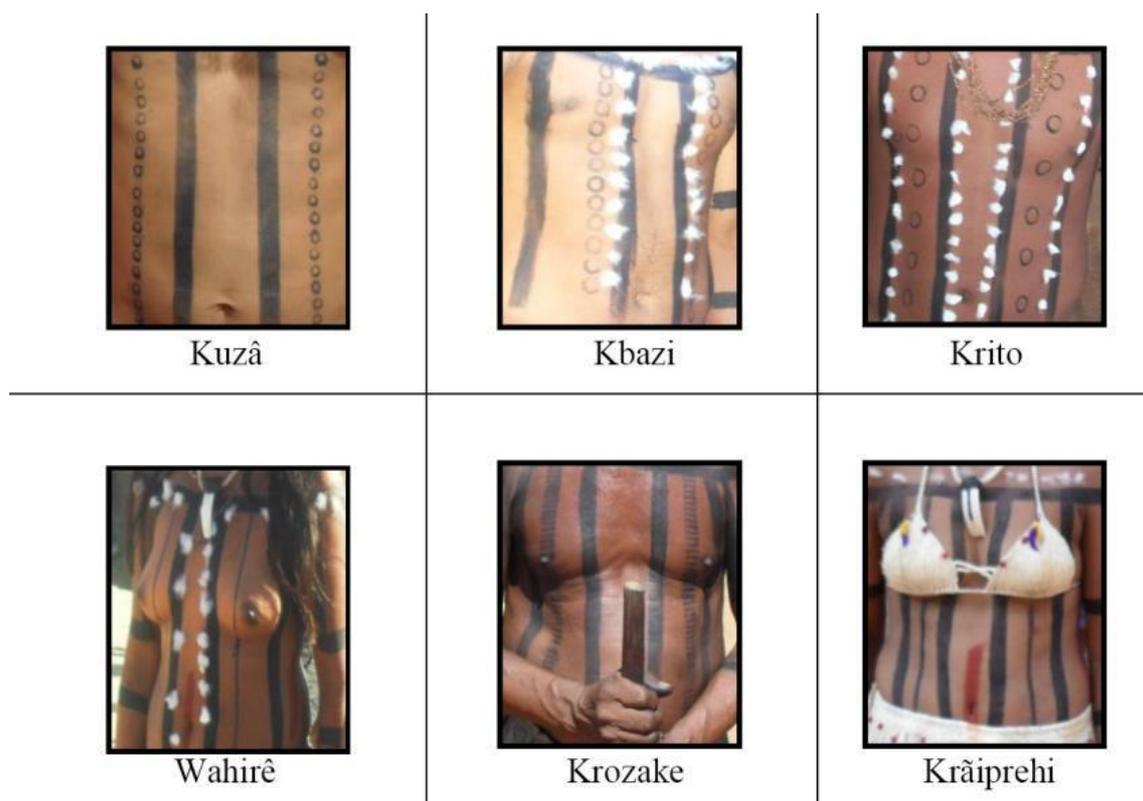


Figura 5: Pinturas corporais Xerente que indicam as duas metades e os seis clãs (SINÃ XERENTE, 2014, p.18)

Os nomes e a nomeação femininos não estão ligados diretamente aos clãs, mas ao *Dakrsu*, um sistema também organizado em duas metades, *Htəmhã* (Jabuti) e *Sterəmkwa* (cobra), nas quais se distribuem as quatro associações da corrida de tora – *Krara, Akemhã, Krerekmō, Anārowa*, conforme a figura de Sinã Xerente (2014, p. 21):

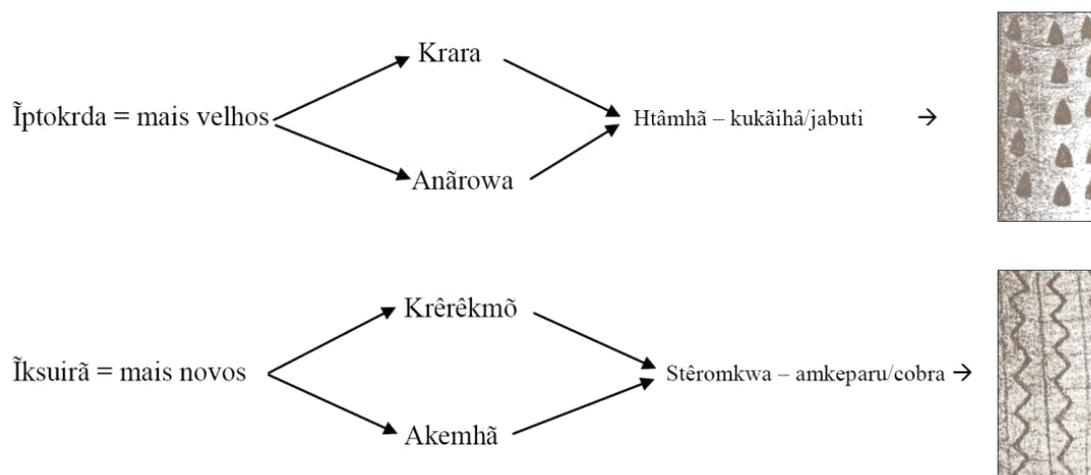


Figura 6: Sistema Daksu: sistema responsável pela organização dos nomes próprios femininos Xerente, formado por duas metades, Htãmhã (Jabuti) e Stêromkwa (cobra), e que determina a organização das associações da corrida de tora, Krara, Akemhã, Krêrêkmõ, Anãrowa.

No decorrer da nomeação das meninas, várias atividades são realizadas como, por exemplo, a ‘corrida de tora pequena’ *ĩknõ*, a corrida de ‘taquara’ *tki nã dawra* e a ‘dança de maracá’ *zə nã dabrba*.

1.4.6.2 Medicina Xerente

As práticas terapêuticas Xerente, apesar de sofrerem influência da medicina científica e farmacológica, são muito bem performadas por anciãos e pajés.

Os remédios caseiros Xerente são feitos a partir da flora local, bem como de partes de animais silvestres. Conforme mencionado por Nãmnãdi Xerente (2014, p. 28), as partes de animais silvestres que são usados para tratamento medicinal e que,

(...) são retiradas e colocadas ao sol para secar são: rabo de tatu (*wrãku bə*), barriga de tatu-peba (*wrãpakrda dki hə*), ferrão de arraia (*tpebə kmõ*), carcaça de jabuti (*kukãihə*), banha de quati (*wakõ wa*), osso de capivara (*kũmdə hi*), couro da anta (*kdə hə*). Depois de secar, essas partes de animais silvestres são torradas e preparadas como café. A *wakõwa*, por exemplo, é fritada para ser usada quando precisar, conforme afirma a velha Kuzadi Xerente.

A *wakōwa* ‘banha de quati’, por exemplo, é passada no couro cabeludo para fazer nascer cabelo. Já o *wraku bə* ‘rabo de tatu’ é torrado e macerado até virar pó, utilizado para tratar dor de ouvido e congestão. O ‘couro da anta’ *kdə hə*, também confeccionado como o rabo de tatu, tem como aplicabilidade terapêutica o tratamento de hérnia.

Nāmnādi Xerente (2014, p. 31; 2014) explica que “quase todas as plantas servem para curar as doenças, depende das pessoas conhecerem, acreditarem e usarem quando estiverem doentes”. Para a fabricação de ‘remédios’ *dasikunmōze*, todas as partes da planta são utilizadas: ‘folha’ *hesu*, ‘casca’ *wdenĩ*, ‘raiz’ *wdepa*, ‘óleo’ *rəmwa*. Há alguns “preparados” que somente os mais velhos e os/as pajés conhecem como, o *kuptāpa* e o *waknĩrã* (ambos sem tradução), “que os mais velhos usavam para passar na batata da perna do rapaz ou moça, na fase de 18 anos, para criar força quando fossem lutar com seus adversários, ou quando na preparação para correr com *kuiwde* (tora de buriti)”.

Os Xerente atribuem outros usos e funções para as plantas como, por exemplo, os banhos com folhas de plantas de uso medicinal que servem para espantar os maus espíritos. O *pənishu wde kturē* ‘barba de bode’, por exemplo, serve para “criança que demora a andar” e a *kumnkās nākr kukrē* ‘folha de carne’ que, além de ser utilizada para anemia e diarreia, “o galho é usado para evitar raio de cair sobre a casa ou na pessoa” (*idem op. cit.*)

Para os Xerente, as plantas “têm dono e têm vida”. Como explica Nāmnādi Xerente, “há, também, aquelas que são sagradas como, por exemplo, a folha de carne, o pau de leite e o buriti”. Para Nāmnādi (2014, p. 44),

Os grandes conhecedores das plantas nativas medicinais são os pajés, porque eles são treinados pelos espíritos que são donos das ‘matas’ *mrāidekwa*. Muitas plantas medicinais, só os velhos as conhecem como remédio como, por exemplo, o ‘baru’ *wde krāipɔ*, o ‘cajá’ *wdekrāiprē* e o jarim.

Há, ainda, as plantas que são **segredo**, conforme mencionado por Kumrĩzdazê-Xerente (2014, p. 13), que são aquelas raízes que os anciões e pajés não revelam o conhecimento, como a “corda feita de fibra de uma planta para as pessoas separadas, de esposo e esposa, para se juntar de novo. Esse (conhecimento) é rígido, é mais proibido, por isso, eles negam, falam que não sabem de nada”.

Em Prazé-Xerente (2014) é realizado um levantamento, em quatro aldeias – Cercadinho (*Kəwakmōre*), Karehu (*Karehu*), Porteira (*Nrōzawi*) e Piabainha (*Kəzase*) –,

sobre o conhecimento tradicional Xerente sobre plantas medicinais. O professor e pesquisador traz uma relação dessas plantas e suas aplicabilidades na sociedade Xerente como, por exemplo, a ‘bacaba’ *kakrã*, da qual se extrai o ‘óleo’ *ĩwa* para passar no cabelo das crianças e para tratar afecções cutâneas; o ‘bacupari’ *ktãnõ*, utilizado contra ‘diarreia’ *dannãpari*, tal qual o ‘cajuí’ *mõkõitorãre*, de cuja ‘casca’ *ĩhã* se trata a disenteria e a ‘dor de dente’ *dakwazẽ*, ou, ainda, a ‘raiz’ *ĩpa* do ‘coquinho-do-cerrado’ *wasari*, usada para tratar ‘irritação ocular’ *datõpre* e ‘solução’ *dawãik²ki*, ou o ‘talo’ *ĩtepã* da ‘piaçava’ *nrõwdesu*, a partir do qual se tratam estados febris e dores no corpo.

Conforme Praze-Xerente (2014), da ‘candeia’ *sãnmãre* são utilizadas a ‘folha’ *ĩsu* e a ‘casca’ *ĩhã* contra a diarreia, o “estoporo” (febre muito alta) e ‘feridas de pele’ *dahepku*, além de seu amplo uso na construção de ‘esteios’ *ĩsaparze*, que sustentam as casas Xerente, ou o seu uso como lenha, e como matéria-prima para a elaboração de símbolos espirituais para os falecidos. A raiz do ‘jenipapinho-do-cerrado’ *kusipa* é utilizada para tratar dores de coluna e de juntas e para machucados em geral. O ‘pequi’ *kbare*, além de ser amplamente utilizado na alimentação dos Xerente e das populações indígenas da região etnográfica Araguaia-Tocantins, é utilizado, pelos Xerente, na fabricação de sabão; das folhas do pequizeiro tratam, ainda, a ‘tosse’ *dakka* e, de sua ‘raiz’ *ĩpa*, controlam a ‘hipertensão arterial’ *dapkẽzanĩsku*, doença que já vem atingindo centenas de índios, principalmente, pela adoção de padrões alimentares dos não índios, aderindo à sua dieta doces, refrigerantes, etc. (cf. SIRNAWË-XERENTE, 2014).

Como não se pretende esgotar os exemplos de partes de animais e de plantas medicinais Xerente, destaco mais quatro plantas, ainda amplamente utilizadas pelo Povo: a mangaba, a sucupira, o sarã e a quina. A ‘mangaba’ *krito* é utilizada para ‘rachadura do pé’ *daprawapko*, contra ‘diarreia sangrenta’ *dannãpar wapru* e contra ‘vômito’ *danõkkõ*. Antes de serem compradas pelos Xerente, as ‘bolas de futebol’ *kritõzapdõ* também eram confeccionadas a partir de liga feita do leite da fruta da mangaba. A ‘sucupira’ *waknĩrã*, conhecida popularmente por auxiliar no tratamento de inflamação de garganta, é utilizada, pelos Xerente, em forma de garrafada, para tratar ‘tosse’ *dakka*, ‘gripe’ *danĩrbõ* e ‘dor de cabeça’ *dakrãize* a partir de sua ‘semente’ *rõmzã*; já a sua casca é utilizada sobre a ‘pele ferida’ *dahãipku* e serve para tratar ‘dor de estômago’ *dadkize*, ao passo que da sua folha amenizam a ‘dor de dente extraído’ *dakwazanõ*. O ‘sarã’ *tpenõrewde*, por sua vez, é utilizado para o “tempo ruim da mulher”, conforme menciona Praze-Xerente (2014), isto é, durante o período de ‘menstruação’ *pikõihãze*, amenizando, assim, os

sintomas de cólica e de dor de cabeça. Já a ‘quina’ *wde hai wapure* é utilizada para o período de resguardo feminino (tempo após o parto) e é, também, utilizada para dor no corpo acompanhada de febre ou de “febre dentro do corpo” *dannĩwakro*.

1.4.6.3 Da situação sociolinguística dos Xerente hoje

Os espaços de uso do português brasileiro (PB) são aqueles que envolvem, principalmente, a cidade de Tocantínia e de Miracema como, por exemplo, as idas ao Banco do Brasil para recebimento de bolsa acadêmica, bolsa família e aposentadoria; à lotérica para o pagamento de energia, saques de dinheiro e mega-sena, à Praça de Brasília, para a venda de artesanatos para os atravessadores. Os espaços de uso do PB se estendem, também, às aldeias, como no posto de saúde, nos jogos de futebol, na discussão sobre as políticas da cidade, nos locais de ensino formal (fundamental, médio, EJA e técnico).

A língua Xerente possui seus espaços de uso em toda a sua totalidade dentro das aldeias: na comunicação familiar, na educação indígena, na escola (com alguns professores indígenas em algumas escolas, diretor, vigia e merendeira), nas brincadeiras, nos rituais de nomeação, na preparação de moqueado, na *kupre* (cerimônia de choro funeral), nas manifestações do pajé, na cerimônia de casamento, nos discursos dos *wawẽ* ‘velho’, nas cantigas de roda, bem como na cidade de Miracema, onde vivem vários parentes (cf. SILVA-XERENTE, 2014, não publicado)¹⁰.

O que observamos é que a língua portuguesa (e mais recentemente o inglês) está nos desenhos da televisão, nos jogos de computador, nos aparelhos de rádio, no material didático escolar das crianças e jovens da aldeia, o que certamente vem influenciando na formação bilíngue de parte da população Xerente, principalmente, a de idade mais tenra. Não obstante esta realidade, Silva-Xerente (2014) afirma que a língua Akwẽ é amplamente falada no cotidiano e em espaços especializados: na *kri* ‘casa’, onde envolve fatos da aldeia referentes a doenças, caçada, pescaria, educação e demais diálogos do

¹⁰ Os contextos de uso da língua Xerente e a influência ou não da língua portuguesa nesses espaços foi abordado por Silva-Xerente (2014) com duzentas e sete pessoas de diferente faixa etária e gênero, no ano de 2013, em nove aldeias distintas – Funil, Vão Grande, Cercadinho, Boa Esperança, Brejo Comprido, Zé Brito, Boa Vista, Porteira e Baixa Funda, bem como em Tocantínia – para algumas famílias indígenas residentes na zona urbana – e também na escola CEMIX, que recebe alunos de várias aldeias da T.I. Xerente e T.I. Funil.

cotidiano; na *bru* ‘roça’, nos momentos de permissão ao dono da mata antes de colocar roça, durante a plantação e a colheita; no ‘pátio da aldeia’ *warã*, onde ocorrem a ‘festa tradicional Xerente’ *Dasîpe*, as nomeações masculinas e femininas, a dança do *Padi*, os cânticos com maracá, os jogos de futebol, as reuniões dos velhos, além de a língua Xerente estar sempre presente nos locais de banho, pesca, caça e no local de colheita do capim dourado e da seda de buriti.

Da situação sociolinguística característica do espaço Xerente, afirmam Waikazate e Sirnawê (2014, p. 12 *apud* SILVA-XERENTE, 2014, p. 36) que, além do uso das línguas portuguesa e Xerente, há outras línguas faladas dentro do seu território: “as línguas faladas são língua materna, português, Javaé, Krahô, Xavante, Karajá, Xakriabá, Guajajara, Krikati, Apinajé, Guarani, Bororo.” Atualmente, os Xerente mantêm relações estreitas principalmente com os Xacriabá e com os Gavião do Pará.

CAPÍTULO 2: NOTAS SOBRE A FONOLOGIA XERENTE

2.1 Considerações iniciais

O presente capítulo apresenta algumas notas sobre a fonologia segmental Xerente, pautando-se em estudos anteriores, bem como nas pesquisas de campo realizadas pelo autor desta tese. Destacamos os fonemas consonantais e vocálicos, a distribuição de seus alofones, as estruturas silábicas e alguns processos fonológicos.

2.2 Sobre os sons da língua

Para o levantamento do sistema de sons da língua Xerente foram realizados estudos em terras indígenas, participando de eventos de fala em Xerente, alguns deles formais (discursos ritualísticos). Esses sons contextualizados foram gravados em áudio e em áudio e vídeo e estão reunidos em listas de palavras e em discursos orais completos, os quais foram transcritos e traduzidos *in loco*, e posteriormente revisados no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (UnB).

Para esta parte do estudo se fez necessária, também, a revisão de trabalhos sobre a fonêmica Xerente (MATTOS, 1973; BRAGGIO, 2005, 2010; SOUZA, 2008; ANDRADE, 2008; GRANNIER, 2009; KET FAZÃO, 2013). Alguns desses estudos se baseiam em dados escritos (diacrônicos) de autores como os de Mayburry-Lewis (1966), por exemplo. Outros são baseados na Fonêmica Xerente proposta por Mattos (1973) e no vocabulário escolar proposto por Krieger e Krieger (1994).

2.3 Fonemas do Xerente

Apoiando-se nos trabalhos de Mattos (1973), Braggio (2005), Souza (2008) e Andrade (2008) e nos nossos próprios dados, concluímos que a língua Xerente apresenta doze fonemas consonantais: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /s/, /z/, /h/, /m/, /n/, /r/, /w/; e catorze fonemas vocálicos, sendo nove orais: /i/, /e/, /ɛ/, /ĩ/, /ə/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/ e cinco nasais: /ĩ/, /ẽ/, /ã/, /ũ/, /õ/, conforme demonstrados, a seguir.]

2.3.1 As Consoantes

A língua Xerente possui doze fonemas consonantais distribuídos da seguinte forma:

Consoantes		Bilabial	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	su	p		t	k	
	so	b		d		
Fricativa	su			s		h
	so			z		
Nasal	so	m		n		
Tepe	su			r		
Aproximante	so		w			

Tabela 1: Fonemas consonantais do Xerente

Para uma melhor visualização dos sons consonantais do Akwẽ-Xerente e a sua representação na escrita atual, apresento, a seguir, a relação fonema-grafema nesta língua, seguida de seus respectivos exemplos:

Som	Grafema	Exemplo	
[p]	p	<i>pkē</i> <i>apkre</i>	‘coração’; ‘apiedar’ ‘buraco’
[b]	b / bb	<i>bdə</i> <i>sabba</i>	‘sol’ ‘Sul’; ‘rio acima’
[t]	t	<i>tō</i> <i>datə</i>	‘privativo’ ‘olho de gente’
[d]	d	<i>dazdawa</i> <i>kdə</i>	‘boca’ ‘anta’
[k]	k / kk	<i>kə</i> <i>akka</i>	‘água, rio’ ‘mutum’
[s]	s / ss	<i>su</i> <i>ssu</i>	‘pêlo’; ‘folha’ (genérica) ‘folha de buriti’
[z]	z	<i>zizi</i> <i>krikri</i>	‘gafanhoto’ ‘chorar’ (PL)
[h]	h	<i>sahu</i> <i>hi</i>	‘repetir’ ‘osso’
[m]	m / mm	<i>mr̄mē</i> <i>mmĩ</i>	‘palavra’ ‘lenha’
[n]	n / nn	<i>nr̄ō</i> <i>ĩnnā sku rā</i>	‘coco’ ‘lêndea’
[r]	r	<i>r̄əm</i> <i>sire</i>	‘genérico’ ‘passarinho’
[w]	w	<i>wapsā</i> <i>kwa</i>	‘cachorro’ ‘dente’

Tabela 2: Relação fonema-grafema das consoantes do Akwẽ-Xerente

Pela intensa relação de contato linguístico com não índios falantes de Português, os Xerente apresentam um amplo repertório fonético-fonológico. Pode-se observar, dessa forma, uma reconfiguração dos sons consonantais produzidos na fala dos Xerente quando da prática do que se convencionou chamar ‘Português-Xerente’ (ANDRADE, 2008). Isso certamente influencia a fonêmica da língua.

Os 27 fones consonantais que mais ocorrem no falar bilíngue Xerente-Português, conforme observado por Andrade (2008) e por mim reelaborado são:

Consoantes		Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv	p	pʷ	t			k	kʷ ¹¹
	voz	b	bʷ	d			g	gʷ
Fricativa	desv		f	ʂ ¹²	s	ʃ	x	h
	voz		v	ʐ ¹³	z	ʒ		
Africada	desv					tʃ		
	voz					dʒ		
Nasal	voz	m		n				
Tepe	voz			r				
Lateral	voz			l	l ^{j14}			

Tabela 3: Fones Consonantais do Português-Xerente

Os fones consonantais [f], [v], [g], [l], [ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], sons que constituem o sistema fonêmico do Português, apesar de não se apresentarem, a princípio, como sons da língua Xerente, são produtivos no falar Português-Xerente.

Alguns desses fones parecem influenciar a produção de novos sons na fala Xerente: os sons retroflexos [ʂ] e [ʐ] são bastante produtivos nesta língua como alofones de /ʃ/ e /ʒ/, respectivamente, principalmente, quando se tratam de empréstimos linguísticos como [ʃatʃi'ado] ~ [ʂatʃi'ado] 'chateado' e [a'ʒoda] ~ [a'ʐoda] 'ajuda' (cf. ANDRADE, 2008).¹⁵

Em dissertação sobre a fonologia Xerente, Souza (2008) aponta 42 fones na fala do Povo. Desses, 22 são idênticos aos 27 demonstrados no Quadro 3. O autor apresenta outros 20 sons do falar Xerente, vários dos quais fonologicamente condicionados. São eles: [pʷ], [ɸ], [β], [mʷ], [ɖ], [tʷ], [tʰ], [tʃ], [dʒ], [s:], [z:], [nʷ], [ɽ], [ɲ], [kʷ], [kʰ], [kʷ], [ɣ], [ʔ] e [ɦ], alguns ocorrendo em ambientes muito específicos.

¹¹ w representa labialização.

¹² Retroflexa.

¹³ Retroflexa.

¹⁴ j representa palatalização (l^j: lateral palatalizada vozeada).

¹⁵ Andrade (2008) aponta que, no Português falado pelos Xerente, os retroflexos [ʂ] e [ʐ] ocorrem em variação livre, em ambientes idênticos e sem mudança de significado com as fricativas alveopalatal desvozeada /ʃ/ e vozeada /ʒ/, respectivamente, alternando entre si sempre em início de sílaba. Este autor apresenta, ainda, os fones [kʷ], [gʷ], [ʒ], [ʒ] e [l^j], presentes no Quadro 3, como parte do sons presentes na fala Xerente.

Já dentre os fones consonantais apresentados por Sousa Filho (2010), em um total de 26, seis deles – [ʃ], [z], [ʒ], [ʧ], [dʒ] e [ɹʲ], apresentados por Andrade (2008) – não são considerados pelo autor. Não obstante, Sousa Filho (2010) apresenta mais três fones consonantais distintos dos de Andrade (2008) e de Souza (2008): os fones pré-nasalizados [ᵐb], [ᵑz] e [ᵑt].

Se considerarmos todos os fones encontrados nos dados de Mattos (1973), Braggio (2005), Andrade (2008), Souza (2008) e Sousa Filho (2010), totalizaríamos um repertório bilíngue Xerente-Português composto por 50 fones consonantais: as oclusivas [p], [pʰ], [pʷ], [b], [bʰ], [t], [tʰ], [tʰʰ], [tʷ], [d], [dʰ], [ɗ], [k], [kʰ], [kʰʰ], [kʷ], [g], [gʰ] e [ʔ]; as fricativas [f], [ɸ], [v], [β], [s], [sʰ], [ʃ], [z], [zʰ], [ʒ], [ʃ], [ʒ], [x], [χ], [h], [ɦ]; as africadas [tʃ] e [dʒ]; as nasais [m], [mʰ], [n], [nʰ], [ɲ], [ᵐb], [ᵑz] e [ᵑt]; o tepe [ɾ]; o retroflexo [ɽ]; e as laterais [l] e [lʲ]. Isso reflete a variação linguística evidente nas línguas indígenas brasileiras, em contato, principalmente, com o PB.

2.3.1.1 Pares mínimos e análogos das consoantes Xerente

O que chama a atenção no inventário da língua Xerente é a ausência de consoantes africadas. As oclusivas e fricativas apresentam oposição entre segmentos vozeados e desvozeados em posição pré-vocálica. Os dados, a seguir, demonstram pares mínimos ou análogos que ilustram os contrastes entre fonemas consonantais Xerente:

(1) /p/ : /b/

- | | | |
|----|-------|------------------------|
| a. | /pə/ | ‘em todos, totalidade’ |
| | /bə/ | ‘urucum’ |
| b. | /bru/ | ‘roça’ |
| | /pru/ | ‘quebrar, dividir’ |

c. /ĩba/ ‘não’
 /ĩpa/ ‘comprido’

(2) /p/ : /m/

a. /pãrĩ/ ‘assassinar’ (dual)
 /mãrĩ/ ‘o que?’ (fala masculina)

b. /pnĩ/ ‘errar a mira (alvo)’
 /mnĩ/ ‘lenha’

(3) /b/ : /m/

a. /bba/ ‘esvaziar’
 /mba/ ‘a; por’ (posposição perlativa)

(4) /t/ : /d/

a. /brudu/ ‘capoeira’
 /brutu/ ‘pau-brasil’

b. /sariti/ ‘espirro’
 /saridi/ ‘enraizado’

c. /tu/ ‘lento’
 /du/ ‘levar, carregar’

d. /ttu/ ‘está mais lento’
 /ddu/ ‘está mais alto’

(5) /t/ : /s/

- | | | |
|----|------------------|---|
| a. | /tõ/
/sõ/ | ‘sem’ (privativo)
‘pescar’ |
| b. | /ti/
/si/ | ‘flecha’
‘pássaro’ |
| c. | /wati/
/wasi/ | ‘espremer’
‘amarrar; espalhar; estrela; comparativo’ |

(6) /t/ : /z/

- | | | |
|----|--------------|--|
| a. | /ta/
/za/ | ‘pronome 3ª pessoa’ (Série 1)
‘irrealis’ (modo) |
| b. | /tɛ/
/zɛ/ | ‘novo’
‘barro’ |

(7) /t/ : /n/

- | | | |
|----|--------------|---|
| a. | /tã/
/nã/ | ‘chuva’
‘com’ (posposição translativa) |
|----|--------------|---|

(8) /t/ : /r/

- | | | |
|----|----------------|---|
| a. | /tɔ/
/rɔ/ | ‘olho’
‘chapada; genérico [-humano]’ |
| b. | /ptɔ/
/prɔ/ | ‘brotar’
‘queimar’ |

(9) /d/ : /s/

a. /dasa/ 'comida'
/sasa/ 'caça'

(10) /d/ : /z/

a. /du/ 'capim'
/zu/ 'traíra (peixe)'

(11) /d/ : /r/

a. /wari/ 'duro'
/wadi/ 'nossa barriga'

(12) /s/ : /z/

a. /su/ 'folha'
/zu/ 'traíra; enxugar (líquido)'

b. /sumdi/ 'está pisado (arroz)'
/zumdi/ 'está suja (água)'

(13) /n/ : /r/

a. /nã/ 'tecer'
/rã/ 'branco, alvo'

(14) /m/ e /n/

a. /markwa/ 'dente de algo'
/narkwa/ 'tratamento de respeito entre clãs opostos'

b. /mmã/ 'tio paterno; pai'
/nnã/ 'cocô'

c. /mõ/
/nõ/ ‘andar’
 ‘colocar em posição horizontal’

(15) /h/ : /r/

a. /rã/
/hã/ ‘branco’
 ‘partícula de foco e ênfase’

(16) /h/ : /s/

a. /sire/
/hire/ ‘passarinho’
 ‘fino’

(17) /k/ : /t/

a. /waki/
/wati/ ‘cigarra; raspar’
 ‘esmagar; espremer’

(18) /k/ : /p/

a. /dakra/
/dapra/ ‘filho de alguém’
 ‘pé de alguém’

b. /prɔ/
/krɔ/ ‘queimado’
 ‘macaco; carniça’

(19) /k/ : /h/

a. /kə/
/hə/ ‘água; pegar’
 ‘frio; mãe da lua; gritar’

- | | | |
|----|--------|------------|
| b. | /hədi/ | ‘ter frio’ |
| | /kədi/ | ‘ter água’ |

(20) /p/ : /d/

- | | | |
|----|---------|----------------------------------|
| a. | /pa/ | ‘comprido’ |
| | /da/ | ‘estar em pé; genérico (humano)’ |
| b. | /padi/ | ‘tamanduá-bandeira’ |
| | /dadi/ | ‘barriga de alguém’ |
| c. | /danrẽ/ | ‘bem-te-vi (pássaro)’ |
| | /pankẽ/ | ‘enfiar a mão’ |
| d. | /papra/ | ‘embaixo de’ |
| | /dapra/ | ‘pé de alguém’ |

(21) /p/ : /t/

- | | | |
|----|------|-------------------------------|
| a. | /pa/ | ‘comprido’ |
| | /ta/ | ‘pronome 3ª pessoa (Série 1)’ |
| b. | /pã/ | ‘matar’ |
| | /tã/ | ‘chuva; inverno’ |

(22) /k/ : /z/

- | | | |
|----|------|---------------------------------|
| a. | /ka/ | ‘verde’ |
| | /za/ | ‘criar; <i>irrealis</i> (modo)’ |

(23) /b/ : /t/

- | | | |
|----|-------|------------------------------|
| a. | /bka/ | ‘deprezar; tirar o apoio de’ |
| | /tka/ | ‘terra; araponga’ |

(24) /p/ : /s/

- | | |
|-----------|------------------|
| a. /piku/ | ‘abelha (chupé)’ |
| /siku/ | ‘gavião’ |

(25) /b/ : /s/

- | | |
|------------|---------------|
| a. /baknõ/ | ‘menina’ |
| /saknõ/ | ‘amontoadado’ |

(26) /t/ : /s/

- | | |
|------------|------------------------|
| a. /temdi/ | ‘estar cru’ |
| /semdi/ | ‘ter vergonha; tímido’ |
| b. /tõ/ | ‘não (privativo)’ |
| /sõ/ | ‘pescar’ |

(27) /d/ : /s/

- | | |
|---------|-----------------|
| a. /da/ | ‘estar em pé’ |
| /sa/ | ‘comer; morder’ |

(28) /t/ : /k/

- | | |
|------------|---------------|
| a. /tõiti/ | ‘estar feliz’ |
| /kõiti/ | ‘molhado’ |

(29) /b/ : /k/

- | | |
|---------|--|
| a. /bə/ | ‘rabo; pronome de 2 ^a pessoa (Série 3)’ |
|---------|--|

/kə/ 'água; rio'

(30) /p/ : /z/

a. /wapu/ 'leve'
/wazu/ 'rasgar, descascar'

(31) /b/ : /z/

a. /bə/ 'urucum; todos'
/zə/ 'maracá; semente; jibóia'

(32) /t/ : /z/

a. /tari/ 'arrancar, colher, rasgar'
/zari/ 'criar'

b. /ta/ 'pronome 3ª pessoa (Série 1)'
/za/ '*irrealis* (modo)'

c. /to/ '*realis* (modo)'
/zo/ 'na espera de'

(33) /d/ : /z/

a. /datə/ 'olho'
/zatə/ 'triscar'

b. /danĩ/ 'carne humana'
/zanĩ/ 'tirar de dentro de'

(34) /k/ : /s/

- a. /kedi/ ‘estar cortado’
 /sedi/ ‘estar doendo’
- b. /kasu/ ‘folha de babaçu’
 /sasu/ ‘queimar’

2.3.2 As Vogais

De acordo com Mattos (1973) e Souza (2008) a língua Xerente apresenta 14 vogais, sendo nove orais e cinco nasais:

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
Alta	i	ɨ	u
Média	e	ə	o
Baixa	ɛ	a	ɔ
Nasais	ĩ		ũ
	ẽ	ã	õ

Tabela 4: Fonemas vocálicos Xerente

Para uma melhor visualização dos sons vocálicos do Akwẽ-Xerente e a sua representação na escrita atualmente utilizada pelo povo, apresento, a seguir, a relação fonema-grafema nesta língua, seguida de seus respectivos exemplos:

Som	Grafema	Exemplo ortográfico
[i]	i	<i>dasikru</i> ‘inimigo’
[e]	ê	<i>tbê</i> ‘peixe’
[ɛ]	e	<i>Smĩsuite</i> ‘nome próprio masculino’
[]	û	<i>krûkrû</i> ‘chorar, lamentar’
[ə]	â	<i>ambâ</i> ‘homem’
[a]	a	<i>sika</i> ‘galinha’
[u]	u / w	<i>huku</i> ‘onça’ <i>wdê</i> ‘árvore, madeira’
[o]	ô	<i>dizô</i> ‘supor erroneamente’
[ɔ]	o	<i>karo</i> ‘arroz’

Tabela 5: Relação fonema-grafema das vogais orais do Akwê-Xerente

Som	Grafema	Exemplo ortográfico
[ĩ]	ĩ	<i>ĩnore</i> ‘irmão mais novo’ <i>ĩkumrê</i> ‘irmão mais velho’
[ẽ]	ẽ	<i>Akwẽ</i> ‘povo Xerente’ <i>wawẽ</i> ‘velho’
[ã]	ã	<i>wapsã</i> ‘cachorro’ <i>ãre</i> ‘não (fala masculina)’
[ũ]	ũ	<i>kũhã</i> ‘aquele/a’ Vogal seguida de nasal bilabial <i>makumrê</i> ‘marreco’
[õ]	õ	<i>pikõ</i> ‘mulher, fêmea’ <i>tõ</i> ‘privativo’

Tabela 6: Relação fonema-grafema das vogais nasais do Akwê-Xerente

Passamos aos pares mínimos e análogos que ilustram os contrastes entre os fonemas vocálicos Xerente.

2.3.2.1 Pares mínimos e análogos das vogais Xerente

A seguir, são apresentados os pares mínimos e análogos das vogais da língua Xerente encontrados em dados pessoais.

a) *Altas*

(35) /i/ /e/
 /ki/ /ke/
 ‘estativo’ ‘mel; condor’

(36) /i/ /ɛ/
 /waki/ /wake/
 ‘cigarra’ ‘nome feminino’

(37) /i/ /a/
 /waki/ /waka/
 ‘raspar’ ‘preguiça; desviar

(38) /i/ /ɔ/
 /kri/ /krɔ/
 ‘casa’ ‘macaco’

(39) /i/ /ĩ/
 /wi/ /wĩ/
 chegar matar

(40) /i/ /u/
 /krikri/ /kruku/
 chorar tropeliar

(41) /i/ /ẽ/
 /wi/ /wẽ/
 chegar aceitar

(42) /u/ /a/
 /pizu/ /piza/
 buriti panela

(43) /u/ /õ/
 /kutu/ /kutõ/
 acordar acabar

b) Médias

(44) /e/ /a/
 /ware/ /wara/
 buritirana correr

(45) /e/ /ẽ/
 /ke/ /kẽ/
 mel partir, colher

(46) /a/ /ẽ/
 /waka/ /wakẽ/
desviar xingar

c) Baixas

(47) /ɔ/ /a/
 /pɔ/ /pa/
achatado completivo (morfema)

(48) /ɛ/ /e/
 /pre/ /pre/
vermelho pesado

(49) /e/ /a/
 /kre/ /kra/
ovo filho/a

d) Nasais

(50) /i/ /ĩ/

a. wi wĩ
 chegar matar

b. si sĩ
 ave apropriar-se

(51) /i/ /ã/

a. kmësi kmësã/
comer achar

b. wasi wasã
estrela pimenta

(52) /i/ /a/

wasi wasa
espalhar mastigar

(53) /a/ /ã/

wasa wasã
grávida pimenta

2.4 Padrões Silábicos

Mattos (1973) apresenta doze padrões silábicos no Xerente: seis são considerados como básicos – V, VC, CV, CCV, CVC e CCVC – e seis como resultantes da perda de vogal em construções gramaticais – VCC, CCCC, CCCCC, CVCC, CCVCC e CCCVCC. Os exemplos dados pelo autor são os seguintes (cf. MATTOS, 1973, p. 1-2):

Padrões silábicos básicos

(54) V	/a.pa/	‘calango’
VC	/ap.kre/	‘buraco’
CV	/da.pa/	‘figado’
CCV	/kra.wa/	‘paca’
CVC	/tɛb.di/	‘novo’
CCVC	/sĩ.prub.di/	‘quebrado’

Padrões resultantes da perda de vogal em construções gramaticais

(55) VCC	/wa za <u>azb</u> sō/	‘eu vou te dar’
CCCCV	/krsrōwa/	‘morar’
CCCCCV	/krbrbẽ/	‘falar’
CVCC	/sadabr.kōdi/	‘não ter’
CCVCC	/krkoddakr.prɛ/	‘espécie de macaco’
CCCVCC	/krdab sō/	‘dar a alguém’

Souza (2008, p. 84) considera, no entanto, apenas os seis padrões silábicos básicos apontados por Mattos (1973), desconsiderando os outros seis padrões silábicos altamente complexos resultantes da perda de vogais por falta de dados próprios.

Na presente análise, pautando-se em dados pessoais, consideramos a existência de dez padrões silábicos prototípicos do Xerente, dentre os quais, os seis apontados como “básicos” por Mattos (1973) – os mesmos considerados por Souza (2008) – V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC – mais 2 (dentre os seis) apontados como “complexos” por Mattos (1973) – CVCC, CCCCCV, além de mais 2 padrões silábicos, CCCV e CCCVC, não considerados por nenhum dos autores supracitados:

Padrões silábicos prototípicos Xerente

(56) V	/ĩ.bə/	‘rabo’
VC	/am.bə/	‘homem’
CV	/bru.tu/	‘pau-brasil’
CVC	/sep.ku/	‘doer’
CCV	/mni/	‘lenha’
CCVC	/zda.k.bək/	‘conversar’
CVCC	/kum.zumd/	‘sujar’ (interrogativo)
CCCCV	/krsrōwa/	‘morar’
CCCV	/mrmẽ/	‘fala, língua’
CCCVC	/krtab/	‘verdadeiramente’

Não foram encontradas evidências suficientes em nossos dados para os seguintes padrões silábicos “complexos” apontados por Mattos (1973): VCC, CCCCCV, CCVCC, CCCVCC.

De acordo ainda com Mattos (1973), a sílaba tônica é sempre a última da palavra:

(57) [pa'di]	‘tamanduá’
[da'pra]	‘pé’
[pse'di]	‘ser/estar bom’

Para Mattos (1973), nos casos em que a vogal final se perde ou está em processo de perda, a sílaba tônica é a nova última sílaba formada:

- (58) [mãto watɔ'brɔ] ‘ele saiu’
 [mãto wa'tɔbr] ‘ele saiu’

- (59) [kuta'bi] ‘realmente’
 [ku'tabdi] ‘ser real’

Em relação aos padrões silábicos complexos, Mattos (1973, p. 8-9) aponta ser comum a ocorrência de /t/ na primeira posição porque é “um morfema que ocorre em construções verbais”:

- (60) /bə to tktikɛ/ ‘emagreceu’
 /bə to rɔtbba/ ‘ficou vazio’
 /bə to tprɛ/ ‘queimou’

Mattos, (1973) aponta, ainda, que é comum encontrar /kr/ porque este é o morfema “continuativo” nas construções gramaticais em Xerente:

- (61) /adut krhərə/ ‘ainda está gritando’
 /tahāt krbrēbē/ ‘ele está falando’

2.5 Observações parciais sobre a fonologia Xerente

A língua Xerente apresenta em seu repertório fonológico 12 fonemas consonantais e 14 vocálicos.

Foram encontrados dez padrões silábicos no Xerente. Não obstante, Mattos (1973) apresenta doze padrões silábicos na língua, sendo seis considerados como básicos – e os únicos considerados verdadeiramente como padrões silábicos da língua por Souza (2008),

posteriormente – e seis como resultantes da perda de vogal em construções gramaticais. Foram encontrados, em dados pessoais, além de oito dos doze padrões apresentados por Mattos (1973), mais dois padrões silábicos altamente complexos, CCCV e CCCVC.

Sílabas complexas da língua Xerente podem ser explicadas pela história da língua, a qual mostra a queda do núcleo vocálico ao se basear em dados como os de Martius (1866), Maybury-Lewis (1965), Niemandaju (1942), Vianna (1928), Paul (1851).

Em relação às consoantes fricativas da língua, a glotal /h/ sofre apagamento em diversos contextos fonológicos.

Todos os sons obstruintes (oclusivas surda e sonora) sofrem processo de *sândi* inicial, final e medial no Xerente, i.e., sofrem modificação fonética no início, meio e fim (mais comum) de morfemas, palavras e / ou sintagmas, como ocorre em tbe ~ tpe ‘peixe’, teb ~ tep ‘2P interrogativa’, aikte ~ aikde ‘criança’, tĩkwa ~ tĩgwa ‘nome próprio masculino’, ocasionando uma ressilabificação. Nestes exemplos, a primeira forma é a forma absoluta – pronunciada em posição isolada, ao passo que as segundas são formas de *sândi*, as quais aparecem em posição inclusiva como ocorre, por exemplo, em:

(62) a. tbe peixe

‘peixe’ (forma absoluta)

- b. tpe ka pɔ
peixe branco oblongo
‘piaba-larga’ (lit.: “peixe branco oblongo”)

(63) a. aikde
criança
‘criança’ (forma absoluta)

- b. aikte nōrĩ
criança COL
‘criançada (várias crianças juntas)’

(64) a. bdə
sol
‘sol, dia, deus’ (forma absoluta)

- b. btə zas-ze
sol entrar-NML
‘poente, ocidente’

O sistema consonantal Xerente é interessante por apresentar uma simetria muito grande entre surdas e sonoras, no entanto a oclusiva velar /k/ não possui a contraparte sonora.

Acrescenta-se o aparecimento de novos fones no falar Xerente, como a obstruinte velar sonora [g] que, a princípio, não sendo um fonema da língua, já aparece em palavras do próprio Xerente em alternância ao fonema obstruinte /k/. Outros fones que já fazem parte do falar Xerente são os fricativos retroflexos [ʂ] e [ʐ], que substituem os fonemas /ʃ/ e /ʒ/, do Português, sobretudo em palavras emprestadas desta língua como [ʂerễt] ‘Xerente’ e [ʐezus] ‘Jesus’, por exemplo (cf. ANDRADE, 2008).

Morfologia e morfossintaxe

Parte 1

CAPÍTULO 3: MORFOLOGIA

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo são descritos os morfemas da língua Xerente: (i) raízes, (ii) temas, (iii) afixos e (iv) partículas. Iniciamos com o estudo das raízes: nomes, verbos e posposições. Em seguida, descrevemos os temas não flexionáveis que, diferentemente dos temas flexionáveis, não recebem flexão, mas são base de alguns processos derivacionais. Descrevemos os afixos derivacionais e flexionais, destacando suas respectivas propriedades combinatórias e distribucionais. Este capítulo descreve, assim, as características da formação de palavras Xerente, reunindo as bases para classificá-la como uma língua que tende ao tipo isolante, com ocorrência mínima de morfemas flexionais e de um número reduzido de morfemas derivacionais.

3.2 Raízes, temas e afixos

A língua Xerente possui raízes verbais, nominais e posposicionais. São todas elas base de processos derivacionais, alguns comuns às três classes de raízes, outros específicos a cada classe em particular. A complexidade encontrada nos temas verbais e nas posposições, deve-se, por um lado, à cristalização de antigos prefixos relacionais nesses temas, o que ocorreu também em temas nominais, que antes se flexionavam por meio desses prefixos, os quais marcavam a relação de dependência morfossintática entre eles e seus respectivos determinantes, segundo estivessem contíguos, formando uma unidade sintática, ou não contíguos, neste caso pelo fato de o determinante não se encontrar na estrutura sintática (cf. RODRIGUES 1981, 2012; CABRAL, 2001). Mas a complexidade dos temas verbais do Xerente deve-se também à supleção de formas condicionadas ao número singular, dual ou plural dos seus respectivos argumentos internos – nos verbos intransitivos, do seu sujeito, nos verbos transitivos, do seu objeto.

Esta mesma supleção é encontrada na língua geneticamente mais próxima do Xerente, o Xavante (cf. RODRIGUES, 1996), e nas demais línguas da família Jê (cf. CAVALCANTE, 1987; FERREIRA, 2003; D'ANGELIS, 2004; OLIVEIRA, 2005; SOUSA FILHO, 2007; COSTA, 2014).

3.2.1 Raízes

O Xerente possui três classes de raízes flexionáveis: nominais, verbais e posposicionais. Essas raízes são flexionadas por prefixos pessoais de terceira pessoa (cf. 3.5.1.7), as únicas ocorrências de flexão nessa língua.

3.2.2 Temas nominais

Os temas nominais se caracterizam por serem referenciais. Distinguem-se das demais classes de temas por sua morfologia própria. Combinam-se como o sufixo intensificador *-zawr*. Somente os temas nominais e os temas verbais nominalizados combinam-se com o sufixo *-kõ* 'privativo'. Apenas temas nominais que denotam relações de parentesco recebem o prefixo *wa-* 'finado', e apenas nomes de plantas e de animais se combinam com o sufixo existencial *-hu*.

Conforme exemplificado, a seguir, os temas nominais dividem-se em relativos e em absolutos. Os relativos possuem referentes que são partes de um todo e dependem de um determinante; já os temas com referentes absolutos não dependem de um determinante. Estes nomeiam plantas, animais, elementos da natureza, dentre outros.

3.2.2.1 Exemplos de temas de referentes relativos

Corpo humano

(65)	bədu	‘pescoço’
	pra	‘pé’
	zdawa	‘boca’
	zahi	‘cabelo’

Relações de parentesco

(66)	hidba	‘irmã’
	kra	‘filho’
	ptəkwa	‘pai’
	zεparkwa	‘mãe’

Partes de plantas e de animais

(67)	krã	‘fruta’
	zə	‘semente’
	ku	‘ponta’
	su	‘folha, pêlo’

Sensações e qualidades, ou características físicas ou psicológicas

(68)	kuzε	‘odor’
	pe	‘beleza, bondade’
	ptε	‘amarelo’
	kwaba	‘certo, correto’

3.2.2.1.1 Notas sobre temas com referentes que designam relações de parentesco

Na língua Xerente, há algumas raízes nominais relativas designativas de relações de parentesco que distinguem parentes vivos e parentes já falecidos. No Krahô, língua Jê, este contraste entre vivo e morto também é evidenciado (cf. MELATTI, 1973; MIRANDA, 2014).

No Xerente, para os parentes mortos, a marca {wa-} [-presencial] é sempre prefixada ao núcleo, além de o nome receber a marca sufixal de estativo {-di} ~ {-ti} ~ {-ki}, com exceção de *kra* ‘filho’ que não recebe esse prefixo. Não obstante, este é modificado por um nome especial, *sinõ+kra+ki* que, segundo um pai Xerente, significa “o que saiu de mim, mas continua dentro a existir e não está sendo aproveitado”. A linhagem dos mortos é formada, no Xerente, pelos termos ‘pai’, ‘mãe’, ‘filhos’, ‘netos’, ‘avós’, ‘tios’, etc., que pertencem à linhagem paterna. Não inclui os contraparentes de mulher, com exceção de ‘tio’ e de ‘cunhado’, os quais desempenham papel de destaque na cultura Xerente, a notar pelos vários termos para ‘cunhado’ e o uso de termos homônimos para ‘pai’ e ‘tio (paterno)’, conforme demonstramos no quadro abaixo:

VIVOS	MORTOS	GLOSA
ĩ-ptɔkwa	wa-ptɔkwaĩ-di ¹⁶	‘pai’
ĩ-məmã	wa-məmã-di	‘pai’ (vocativo)
ĩ-zɛparkwa	wa-zɛparkwaĩ-di	‘mãe’
ĩ-natki	wa-zɛparkwaĩ-di	‘mãe’ (vocativo)
ĩ-məmã	wa-məmã-di	‘tio paterno’
ĩ-tbekwa	wa-tbekwaĩ-di	‘tia paterna’
ĩnõkreməzukwa	wa-nõkreməzukwaĩ-di	‘tio materno’
nõkrekwa	wa-nõkreməzukwaĩ-di	‘tio materno’ (vocativo)

¹⁶ O neologismo para ‘deus’ em Xerente, *wa-ptɔkwa-zawɛ* é formada a partir da raiz *ptɔkwa* ‘pai’ mais o sufixo intensificador *zawɛ*, precedidos pelo morfema *wa-*, compondo o conjunto de termos que recebem o prefixo para finados com traço [-presencial].

ĩ-hĩk(r)əda	wa-hĩkta-di	‘avô, avó’
ĩ-gəda	wa-hĩkta-di	‘avós’ (vocativo)
ĩ-pnã	wa-pnã-ti	‘irmão mais novo’
ĩ-sdekwa	wa-zdekba-di	‘irmão mais velho’
ĩ-hĩdəba	wa-hĩdəba-di	‘irmã’
ĩ-nĩhdu	wa-nĩhdu-di	‘neto (a)’
ĩ-mərō	não há	‘cônjuge’ (esposo ou esposa)
ai-te	não há	‘cônjuge’ (vocativo)
ai-mãpre ~ mōpre	wa-mōprewap-ti	‘sogro (a)’
awasnĩ	wa-sĩm-kwap-ti	‘con-sogro(a)’ (a forma como sogros e sogras se chamam)
ĩ-zakmō	não há	‘cunhado’ (fala masculina para o esposo da irmã)
ĩ-zakmō	não há	‘genro’ (homônimo de ‘cunhado’ acima)
ai-kãre	não há	‘cunhado’ (fala masculina para o irmão da esposa)
ĩ-kãrewa	não há	‘cunhado’ (fala feminina para o irmão da esposa)
snĩkmō	não há	‘cunhado’ (fala feminina para o esposo de irmã)
asiməhi	não há	‘cunhada’ (fala masculina para irmã de esposa)
məza(h)i	não há	‘cunhada’ (fala masculina para irmã do esposo)
asa(h)i	nao há	‘cunhada’ (fala feminina para irmã do esposo)

Tabela 7: Relações de parentesco

Nomes de relações de parentesco no Xerente são base de composição e de derivação. Alguns desses processos se referem: à (i) ordem cronológica (tempo) e /ou cronotópica (espaço) de uma pessoa, objeto ou evento como: {kumrẽ} ‘primeiro, mais velho’, {nõsĩ} ‘seguinte, pessoa ou algo que segue ou que vem depois no tempo ou espaço’ e {ntõ} ‘derradeiro, final, fim’. Outros nomes relativos que também são base de composição e de derivação na língua são aqueles que se se referem (ii) aos cheiros: {kuze} ‘caatinga, cheiro forte’; (iii) às afecções: {kwakre} ‘cava, fermento’ e {kũmse} ‘cócegas,

coceira, sarna’; (iv) ao discurso, como ocorre com palavras formadas a partir de {mrmε̃} ‘palavra, fala, discurso’; (v) à direção: {mĩke} ‘esquerda’ e {mĩre} ‘direita’; (vi) às relações pessoais: {sikumza} ‘gêmeo’, {siwaikε̃} ‘amigo, amiga’, {siwẽ} ‘amante’ e; (vii) à moradia {rõwa } ‘habitação, lar, residência, moradia’, já apontado em Cotrim (2012).

3.2.2.2 Exemplos de temas absolutos

Os temas absolutos funcionam como hiperônimos ou “superordenadores” (cf. SIQUEIRA, 2011) de espécies animais e vegetais que abundam o universo Xerente, sendo os principais:

(69)	{si}	‘ave’
	{tbe}	‘peixe’
	{amkε}	‘cobra’
	{ke}	‘abelha’
	{wde}	‘árvore’
	{hespɔ}	‘banana’
	{kupa}	‘mandioca’
	{du}	‘capim’
	{kə}	‘água’
	{nrõwta}	‘tucano’
	{zəmhu}	‘formiga’
	{krε̃}	‘periquito’
	{kuti}	‘sapo’
	{kuihə}	‘jacaré’
	{krɔ}	‘macaco’
	{huku}	‘onça’
	{padi}	‘tamanduá’
	{kumdi}	‘batata-doce’
	{karo}	‘arroz’
	{nõzə}	‘milho’

3.2.2.3 Notas sobre mediação de posse em Xerente

Apresentamos, em seguida, uma breve discussão sobre a mediação de posse em Xerente.

3.2.2.3.1 O nome *nĩm* ~ *sĩm* ‘pertence’

O nome *nĩm* que significa “pertence” funciona como um “mediador de posse” (cf. SOUSA FILHO, 2007) em construções envolvendo o possuidor e o nome possuído. Em princípio, esta é a estratégia para a posse indireta de nome alienáveis. Os nomes inalienáveis naturalmente se combinam com um possuidor, que pode ser um nome ou um pronome; já os nomes alienáveis entram em uma relação de posse indireta pelo nome *nĩm* ~ *sĩm* ‘pertence’.

Reunimos, em seguida, exemplos ilustrativos do uso do *sĩm* ~ *nĩm* ‘pertence’ nas estruturas que requerem o mediador de posse.

(70) wa *nĩm* kri
 1 PERT casa
 ‘minha casa’ (*lit.*: “meu pertence, casa”)

(71) ai *sĩm* kuba
 2 PERT barco
 ‘seu barco’ (*lit.*: “seu pertence, barco”)

(72) wa(i) *nĩm* t̄əra=m̄ərme
 1 PERT ferro=falar
 ‘meu celular’ (*lit.*: “meu pertence, ferro que fala”)

(73) ĩ zeparkwa *nĩm* sika
 1 mãe PERT galinha
 ‘galinha da minha mãe’ (*lit.*: “o pertence da minha mãe, a galinha”)

(74) Tpekru nĩm bru
 Tpêkru PERT roça
 ‘roça de Tpêkru’ (*lit.*: “o pertence de Tpêkru, roça”)

(75) tãktã huku sĩm kuzə -kõ -di
 agora onça PERT fogo PRIV EST
 ‘...agora não existe mais o pertence da onça, fogo’

(76) Smĩsuite sĩm tãra=wra
 Smĩsuite PERT ferro=correr
 ‘o pertence de Smĩsuite, moto’ (*lit.*: “o ferro que anda de Smĩsuite”)

(77) tahã nã t tokai sĩm knĩ k te k-mã
 3 3 RLS 2 PERT lança pegar 3 3-DAT

 w(ĩ)-rĩ da kbazeĩprã
 caça-NML PROP caça
 ‘ele pegou tua lança para matar alguma caça’

Embora a tradução que fizemos do nome *siĩm* seja “pertence”, a sua semântica é mais que um simples pertence – algo físico –, significa tanto algo físico quanto uma propriedade, um atributo, uma condição de ser de algo ou de alguém pode significar uma propriedade inerente a algo ou a alguém, algo que é da sua natureza como, por exemplo, a propriedade ou condição de ser “fêmea” ou “macho”, como mostram os dois exemplos seguintes:

(78) s̃m pikõ
 PERT mulher
 ‘fêmea’

(79) s̃m ambə
 PERT homem
 ‘macho’

No exemplo seguinte, {pra} ‘pendurado’ é a posição vista como propriedade do que está pendurado, é a propriedade do estado de ser de algo ou alguém.

(80) tɛ t t- s̃m pra
 3 RLS 3 PERT POSIC
 ‘está pendurado’

Já no exemplo seguinte *s̃m* corresponde a algo feito por alguém, portanto seu feito, seu pertence:

(81) toka ai s̃m wde=kr̃ai=prə se-ki
 2 2 PERT pau=fruto=carvão amargo-EST
 ‘o seu feito, café (é) amargo’

(82) tahã s̃m ktəpr̃ezum zawr̃e-di
 3 PERT dinheiro muito-EST
 ‘o pertence dele, dinheiro (é) muito’

O tratamento desse elemento como nominal deve-se às suas propriedades morfossintáticas que o distinguem de uma posposição ou de uma partícula. É um nome.

Se combina com marcas pessoais da mesma série que se combina com nomes relativos, o que o diferencia das partículas; em uma relação de posse, tem a particularidade de se posicionar à direita do nome para o qual intermedia a posse, o que o serve de mediador de posse, e o que o diferencia das posposições. A locução em que ocorre tem função argumental.

Passamos, portanto, aos temas verbais da língua Xerente.

3.2.3 Temas verbais

Há temas verbais intransitivos e temas verbais transitivos. Temas verbais, sejam eles transitivos ou intransitivos dividem-se em duas classes: Classe 1 e Classe 2. Os temas da Classe 1 se combinam com o alomorfe *i-* do prefixo absolutivo de terceira pessoa, e os temas da Classe 2 se combinam com o alomorfe - deste prefixo.

Temas transitivos se combinam com o prefixo acusativo *ka-*, quando o seu objeto é de terceira pessoa e não se encontra contíguo, ou seja, formando com esses temas uma unidade sintática. Finalmente, temas de ambas as classes, sejam transitivos ou intransitivos se combinam com o prefixo de terceira pessoa *ti-*, que marca o sujeito.

Vários temas verbais têm formas supletivas de acordo com o número – singular, dual e/ou plural – do sujeito, se intransitivo, e do objeto, se transitivo, como mostrado nos dois quadros seguintes. Outras raízes se combinam com o marcador de plural *-ni*, quando o sujeito ou o objeto é dual ou plural. Acrescenta-se que temas verbais são base de nominalizações por meio do morfema {-re} ‘atenuativo’ (ver § 3.5.1.1.2), do morfema {-rĩ ~ -ri ~ -r ~ -} (ver § 3.5.1.5.1), do morfema {-kwa} (ver § 3.5.1.5.2), pelo morfema {-zε} (ver § 3.5.1.5.3), pelo morfema {-di} (ver § 3.5.1.5.4), bem como através de {-ri, -, -m} (ver § 4.3.1).

VERBOS TRANSITIVOS SUPLETIVOS EM XERENTE			
	SINGULAR	DUAL	PLURAL
amassar	p	shər-kw	pɔ
apertar	kuziki	wa za	kuziki
assar (dentro da brasa)	kwane	samrõ	kwanẽ
assar (sobre o fogo)	sakr zasu (assar milho)	zakr	prarõrĩ (sobre varas)
carregar	du(ri)	kadurkw	du(r)
colocar; guardar	sẽrẽ	sem-kw	semã
comer	krẽ	kne-kwa	kmesi
cozinhar	hir (i)	zə-kw	hri
encontrar; ver	sã	sã-kw	d k
falar; conversar	sdak	saikwar-kw	mɾəmẽ
fechar	sd	stəm-kw	sdə
furar	wakr	krãstu-kw	wakr
juntar	kazakra	kburõi-kw	kburõ
levantar	sãrĩ	smĩ-zus	sãr
matar	wĩ	wasi-kw	smro
olhar (observar)	dk	kburõi-kw	d k
partir; correr	wara	samrõ	sakre
pendurar	sasõ (IMPERF.); dak (PERF.)	sasõm-kw	n mnãt
quebrar	pru	zə-kw	z
separar	p(ɔ)k	wa za	pɔko

Tabela 8: Verbos transitivos supletivos em Xerente

VERBOS INTRANSITIVOS SUPLETIVOS EM XERENTE			
	SINGULAR	DUAL	PLURAL
andar; caminhar	mor	ně(mã)	wahudu; mômõrĩ
aparecer	krãiwatõbr	krãipus-kw	krãiwair
cair	waptãr	waptkã-kw	rereke
cantar	nõkre	nõkre-kw	nõkkaka
chegar	wi	simãsis	sinã
correr	war(a)	ssamro	ssakre
deitar (estar.deitado)	nomro	daikwar-kw	saikwar, nmĩkwar
entrar	dẽbr	zas	zas(i)
espirrar	srĩ	sirĩ-kw	kahø
estar.em.pé	da	simẽkwar	simãsa
estar.sentado	nãmr	simãsi-kw	sburõ
ir	mo	nem	wahudu
morrer	d r	dkø-kw	d k
pular	sarot	dar(õ)tõ-kw	rere
sair	watõbr	pus-kw	wairẽb
sorrir	sĩsir	sĩsri-kw	sinãr
voltar	krewa	krewai-kw	kreke

Tabela 9: Verbos intransitivos supletivos em Xerente

3.2.3.1 Reduplicação verbal

Vários temas verbais evidenciam processos históricos de reduplicação, como os seguintes. Exemplos são demonstrados ao longo da tese:

- (83) {k k } ‘molhar’
 { kaka } ‘pingar’; ‘gotejar’
 {karerek} ‘dependurar’

{kr kr }	‘chorar’ (PL); ‘w(ə)wa’ (SG)
{kr kr }	‘enxugar’
{krekrê}	‘comer’
{p p k}	‘tremar’
{prupru}	‘esfarelar’
{rere}	‘pular’
{sese}	‘colocar’
{suksuk}	‘lamber’
{t t }	‘segurar’
{tatak}	‘bater’
{wawa}	‘quebrar’ ou ‘cavar’
{wekiki}	‘soluçar’
{zuszus}	‘enfiar’; ‘meter’

3.2.4 Posposições

As posposições constituem uma classe fechada. Assim como os verbos, são flexionadas pelos prefixos pessoais de 3ª pessoa *i-*, *k(a)-* e *t(i)-*. São as seguintes as posposições do Xerente, demonstradas ao longo do capítulo, onde serão descritas as suas funções com exemplos contextualizados:

(84) {-bba}	‘atrás de’
{-da}	‘propósito’
{-hawi}	‘ablativo’
{-krowi}	‘imersivo’

{-kre}	‘inessivo’
{-ku}	‘diretivo’
{-mã ~ -m}	‘dativo’
{-mẽ}	‘associativo’
{-m ^a ba}	‘perlativo’
{-nã}, {-snã}	‘instrumentivo/translativo’
{-papra}	‘sob’
{-pibumã}	‘finalidade’
{-pra}	‘inessivo’
{-r }	‘locativo-temporal’
{-sĩ}	‘superessivo’
{-wa}	‘locativo pontual’

3.3 Pronomes

3.3.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais em Xerente são divididos em cinco séries: (i) a Série 1 contém os pronomes pessoais enfáticos; (ii) a Série 2 codifica o argumento de verbos intransitivos nominalizados, o possuidor e o complemento de posições, ocorrendo também como argumento de predicados nominais; (iii) a Série 3 marca o agente de verbos transitivos nominalizados negados; (iv) a Série 4 se combina com as marcas de modo *realis* e de modo *irrealis* e com a partícula interrogativa; (v) e a Série 5 se combina com a marca de modo *irrealis* quando o predicado se encontra em progresso.

As séries pessoais distinguem pessoa singular da dual e da plural, seja por meio de formas pronominais, seja por meio de palavras quantificadoras: *norĩ* marca a forma pronominal dual; *nõrĩ kbure* marca a forma plural de primeira e de terceira pessoas, *nõrĩ*

kwa kbure marca a forma de segunda pessoa do plural e *nõrĩ kwa* marca a forma de segunda pessoa do dual, como mostram os exemplos adiante.

Apresentamos aqui o quadro de pronomes do Xerente. Uma discussão sobre a sua distribuição é feita no Capítulo 5, bem como o uso dos pronomes subsequentes são apresentados, de forma contextualizada, na Parte 2 de “Morfologia e Morfossintaxe”.

		Série 1	Série 2	Série 3	Série 4	Série 5
SING GUL AR	1S	<i>wa</i>	<i>ĩ</i>	<i>ĩ(t)</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	2S	<i>(to)ka</i>	<i>ai</i>		<i>bə</i>	<i>tɛ</i>
SING ULA K	1DL	<i>wa=nõrĩ</i>	<i>wa...V-n</i>	<i>wa(t)</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	1PL	<i>wa=nõrĩ=kbure</i>	<i>wa...V-n</i>	<i>wa(t)</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	2DL	<i>(to)ka=nõrĩ=kwa</i>	<i>ai...V-kw</i>	<i>...kba</i>	<i>bə</i>	<i>tɛ</i>
NÃO						
	3DL	<i>ta(hã)=nõrĩ</i>		<i>te</i>	<i>mã ~ nã</i>	
	3PL	<i>ta(hã)=nõrĩ=kbure</i>		<i>te</i>	<i>mã ~ nã</i>	

Tabela 10: Pronomes Pessoais do Xerente

3.3.2 Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a situação de uma entidade no espaço e no tempo com relação ao falante e/ou ouvinte. Eles se organizam conforme a proximidade ou a distância em relação ao falante, o centro dêitico discursivo. Em Xerente, há seis formas demonstrativas, as quais podem se combinar com os morfemas {to} ‘foco’ e {nõrĩ} ‘plural’: *tahã* indica referentes próximos ou distantes ao falante, se apresentando como uma forma mais genérica de indefinido; *təkã* ‘este, esta; *təkãhã* ‘isto, este’; *kũhã* ‘aquele, aquela, aquilo’ indica referentes distantes do falante, quando invisíveis; *kũnõrĩ* indica referentes distantes do falante plurais e invisíveis; e *kãhã* ‘aquele, aquela, aquilo’ indica também referentes distantes do centro dêitico, porém visíveis a este:

(85)	{ta hã}	este, esta, esse, essa, aquele, aquela, 3ª pessoa
	{təkã}	este, esta
	{təkã hã}	isto, este aqui
	{kũ hã}	aquele, aquela distante invisível
	{kũ nõrĩ}	aqueles, aquelas invisíveis
	{kãhã}	aquele, aqueles, aquela, aquelas, esse, esses, essa, essas visível

3.3.3 Pronomes indefinidos

(86)	{nõkwa}	alguém
	{mãrĩ}	algo
	{mãr-kõ-di}	ninguém
	{kbure}	todos

3.3.4 Pronomes interrogativos

Há no Xerente quatro pronomes interrogativos. Eles se combinam com diversas posições da língua para expressar associação, instrumento, ênfase, propósito, finalidade, razão, dentre outras funções. O uso desses pronomes é demonstrado no Capítulo 9 que trata sobre as orações interrogativas Xerente.

<i>Interrogativas informacionais</i>		
nõkwa	quem, alguém	[+humano]
nmã	que, qual	[genérico +humano]
nha	quantas, quantos	[+ quantidade, +local, +tempo]
marĩ ~ mâr	que, o que	[genérico -humano]
<i>Combinação Pronome Interrogativo + Posposições</i>		
nõkwa(i) + mẽ	com quem	(+humano +associativo)
nõkwa(i) + mã	para quem	+humano +dativo
mâr + nã	com que	(instrumentivo)
mâr + mã ~ m + hã	com que, de que, em que	(+ dativo + enfático) (instrumento [+movimento]) (meio) (local)
mârĩ + da	para que	(propósito)
mâr + pibumã	para que	(finalidade)
mâr + wa	por que	(razão/ motivo)
mâr + kre	dentro de que	(inessivo)
nmã + hã	que, qual	(+animado)
nmã + nã	quando	(temporal)
nmã + hawi	de onde	(ablativo)
nmã + zi	onde	(locativo)
nmã + nnĩ	por onde	(locativo)
nmã ~ nmõ + mõ	para onde	(diretivo)
nha + nẽ	como	(maneira)

Tabela 11: Pronomes Interrogativos.

3.4 Advérbios

Advérbios, diferentemente de nomes, verbos e posições não recebem flexão. Por outro lado, podem se combinar com o morfema ‘atenuativo’ *-re*, que ocorre em nomes e deverbais. Constituem uma classe fechada e sua função é a de modificar verbos. Foram identificados até o presente os seguintes advérbios:

(87) {ahəmre}	‘há muito tempo atrás (no tempo de antigamente)’
{aikuwa}	‘na mata’, ‘no cerrado’, ‘fora da aldeia’
{aitemã}	‘devagar’
{aptê kōre}	‘talvez’
{awasi}	‘depois de’
{awre}	‘bastante’
{azanã}	‘rápido’
{durere nãsi}	‘agora há pouco’
{høre}	‘amanhã’
{hewahø}	‘ontem’
{k(r)ta}	‘próximo de’
{krtab}	‘verdadeiramente’
{pari(m)}	‘enquanto’
{røsikər wawẽ}	‘há muito tempo atrás’
{si}	‘somente’
{snã}	‘enquanto’
{tøktø}	‘agora’
{tøktøre}	‘agorinha, ‘já, já’, ‘daqui a pouquinho’

{təkāhā}	‘atualmente’
{təkānā}	‘hoje’
{wawē}	‘muito’
{kānmē}	‘aqui’
{tazi}	‘ali’
{kunmē}	‘acolá’
{tamō}	‘para acolá’
{krewi}	‘perto’
{rōmhə}	‘longe’

Por muitos desses advérbios expressarem noções de tempo e aspecto, trataremos destes no Capítulo 10 intitulado Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade. Exemplos com os demais advérbios são dados ao longo da tese.

3.5 Afixos

Os afixos em Xerente são sufixos e prefixos. Dos sufixos, que são nove, oito são derivacionais e um flexional. Os sufixos derivacionais expressam noções de: (a) intensificação e atenuação; (b) predicação existencial/estativa, (c) nominalizador de nomes de agente, (d) nominalizador de nomes de circunstância, (e) nominalizador de nomes de ação, (f) marcador de nomes de relações de parentesco, cujos referentes são mortos, (g) intensificador de nomes de qualidade e de sensação, (h) privação; (i) sufixo flexional marcador de plural. São cinco os prefixos, um deles é (1) derivacional, o (2) prefixo ‘reflexivo’; os outros (3) três são flexionais e codificam a terceira pessoa.

3.5.1 Morfemas derivacionais

3.5.1.1 Atenuativo

O sufixo {-re} ‘atenuativo’ atenua os referentes de temas nominais, temas nominais derivados de temas verbais e temas adverbiais. É importante destacar que nos temas nominais com os quais esse sufixo se combina, além de dimensão física, expressam-se também noções de afetividade. Ademais, uma função adicional do atenuativo *-re* é marcar nos nomes de alguns animais o sexo de traço [+fêmea, +feminino] Nos temas verbais, atenua os processos expressos e nos advérbios, a natureza modificadora do processo verbal.

3.5.1.1.1 O atenuativo em temas nominais

(88) kri-re casa-
ATN
‘casinha’

(89) kə-re
água-ATN
‘córrego (rio pequeno, estreito, com pouco volume de água)’

(90) tare-re
menina-ATN
‘menininha’

(91) ture-re
menino-ATN
‘menininho’

(92) tpe kra-re peixe
filhote-ATN
‘peixe muito pequeno, ou filhote de peixe’

- (93) warɛ-re
estreito-ATN
'estreitinho'
- (94) sru-re-di pequeno-
ATN-EST
'algo/algúem pequeno'
- (95) prɛ-re-ki vermelho-
ATN-EST
'algo pequeno vermelho'
- (96) kuti sru-re-ki
sapo pequeno-ATN-EST
'sapo bem pequenininho'
- (97) du(i)-re
capim-ATN
'capim baixo, capim miúdo, relva, grama'
- (98) rɔm zakrã-re
GEN manhã-ATN
'manhãzinha' (a partir das 5h00)
- (99) rɔ wahəm-re
GEN tarde-ATN
'tardezinha' (a partir das 17h00)
- (100) mākṛāwi-re
tarde-ATN
'noitinha' (a partir das 19h)
- (101) dum+ktu-re
altura+diminuir-ATN
'baixo' (pessoas e objetos)¹⁷

¹⁷ O oposto é formado da seguinte forma:

dūm	'altura'
dūm+zawrɛ-di	'(ser/estar) 'alto' (pessoas e objetos)
dūm+ktu-re-ki	'(ser/estar) 'baixo' (pessoas e objetos)

(102) pɔ-re
oblongo-ATN
'oblongo pequeno' (objetos percebidos como "achatadinhos")

(103) hi-re fino-
ATN
'fininho'

(104) wapu-re
leve-ATN
'levinho'

(105) kreptõ-re
raso-ATN
'raso' (objetos: vasilha, balde)

(106) rkĩ-re-ki
raso-ATN
'rasinho' (para rio, buraco)

3.5.1.1.2 *O atenuativo combinado com temas verbais nominalizados*

Os temas verbais que recebem o morfema atenuativo são temas nominalizados por meio do sufixo derivacional de nome de ação:

(107) kměsi- -re
comer-NML-ATN
'comer pouco'

(108) zekrně- -re
beber-NML-ATN
'bebericar'

(109) wamrĩ- -re
peneirar.pouco-NML-ATN
'peneirarzinho'

(110) kunẽ- -re
estragar, enfeiar-NML-ATN
'estragar pouquinho'

3.5.1.1.3 O atenuativo combinado com temas adverbiais

(111) ktãm-re
próximo-ATN
'pertinho'

(112) azanã-re
depressa-ATN
'depressinha'

(113) tãktã-re
agora-ATN
'agorinha, jázinho'

(114) dure-re
novamente-ATN
'de novozinho'

(115) awasi-re
depois-ATN
'depoiszinho'

O morfema atenuativo{-re} tem pouca ocorrência em antropônimos, assim como pode se combinar com verbos de um modo geral, desde que nominalizados e pragmaticamente com aceitação da cultura.

3.5.1.1.4 *Uma função adicional do morfema atenuativo*

Em Xerente, o sufixo atenuativo {-re} também se combina com certos nomes de animais, o que aponta que o seu referente é do sexo feminino:

(116) kko-re
macaco-ATEN
'macaca fêmea'

(117) pɔ-re veado.galheiro-
ATEN veado galheiro
fêmea'

3.5.1.2 **O morfema intensificador**

O intensificador {-zawɛ}, diferentemente do atenuativo, que se combina com temas nominais, verbais e adverbiais, se combina apenas com expressões nominais.

(118) kuti zawɛ
sapo INTENS
'sapo cururu' (lit.: "sapo grande, sapão")

(119) kumdi+kwa zawɛ -di
batata+dente INTENS -EST
'batatão'

(120) wɔrkbu sawɛ -di
paparuto grande -EST
'paparuto muito grande'

(121) wa nĩm bru sawɛ -di
1 PERT roça grande -EST
'nosso pertence, roça (é) grande'

(122) kãhã kuhəbə adu te t dawɛr
 esse porco.doméstico ainda 3 RLS grande
 ‘esse porco ainda (está ficando) grande’

3.5.1.3 O morfema intensificador de referentes de nomes de qualidade e de sensações {-kta ~ -ktab}

O Xerente marca uma sensação ou sentimento intenso por meio do sufixo {-kta} ~ {-ktab}:

(123) a. rəm zakrã
 GEN escuro
 ‘escuro’

b. rəm zakrã-**kta**-di
 GEN escuro-INTENS-EST
 ‘muito escuro’ (*lit.*: escuridão)

(124) a. pse-di bom-
 EST
 ‘bom, bonito’

b. pse-**ktab**-di
 bom-INTENS -EST
 ‘excelente, lindo’

3.5.1.4 A distinção do sexo: macho / fêmea ou masculino / feminino

Há dois nomes que distinguem o sexo de determinados referentes animais em Xerente: {krɛrɛ} ‘macho’ e {pikō} ‘fêmea, mulher’:

(125) a. ktəkmõ krerɛ
 gado macho
 ‘boi’

b. sika krerɛ
 galináceo macho
 ‘galo’

c. kkɔ krerɛ
 macaco macho
 ‘macaco macho’

(126) a ktəkmõ sîm pikõ
 gado PERT mulher
 ‘vaca’ (lit. “o pertence do gado, a condição de fêmea”)

b. wapsã sîm pikõ
 cachorro PERT mulher
 ‘cadela’

c. sumzar sîm pikõ
 equino PERT mulher
 ‘égua’

Quanto aos nomes de plantas, a planta “macho” recebe o morfema {ambə} ‘homem, macho’, para árvores que não dão frutos:

(127) a. pizu wde ambə
 buriti pau homem
 ‘buriti que não dá fruto’

b. mãmã sîm ambə
 mamão PERT homem
 ‘mamão que não dá fruto’

Para a distinção do sexo de alguns animais, o nome *krere* é atribuído ao referente macho, conforme demonstrado anteriormente, ao passo que ao referente fêmea atribui-se o sufixo atenuativo {-re} em alguns casos:

- (128) a. *kkɔ-re* macaco-
 ATN
 ‘macaco fêmea’
- b. *pɔ-re*
 veado-ATN
 veado-galheiro fêmea’

Há, todavia, alguns casos de expressões que são próprias da fala masculina e outras da fala feminina como:

- (129) a. *are ktɔ*
 HORT DL
 ‘vamos (nós dois)!’ (fala masculina)
- b. *arekba*
 HORT PL
 ‘vamos (nós todos)!’ (fala masculina)
- c. *azektɔ*
 HORT DL
 ‘vamos (nós duas)!’ (fala feminina)
- d. *azekba*
 HORT PL
 ‘vamos (nós todos)!’ (fala feminina)

- (130) a. *taha?* algo
 ‘o quê?’ (fala feminina)
- b. *mãĩ?*
 algo
 ‘o quê?’ (fala masculina)

- (131) a. mār-di algo-
EST
há algo! (fala masculina)
- b. tahaĩ-di
algo-EST
'há algo! (fala feminina)'

Ressalta-se que não há evidências para dizer que há no Xerente um sistema de marcação de gênero gramatical e nem que há diferenciação das falas masculinas e femininas, apesar de algumas expressões serem específicas da fala de um e de outro. Acrescenta-se que as diferentes falas, masculina e feminina, tampouco se ligam necessariamente à expressão de gênero gramatical, tal qual demonstrado por BORGES (1996), para o Karajá. Trata-se, antes, de norma sociocultural ou “norma-consenso”, nos termos de Sapir (1921).

3.5.1.5 Nominalizador existencial

O nominalizador {-hu}

O nominalizador existencial {-hu} se combina com nomes de plantas e de animais para formar predicados existenciais do tipo “existe tal coisa em abundância”, conforme exemplos que seguem:

Nomes de plantas

- (132) pizu-**hu**
buriti-NE
'buritizal'

- (133) məkɔitɔrã-
hu caju-NE
'cajuízal'

- (134) hespɔ+krãi-**hu**
banana+fruto-NE
'bananal'
- (135) nãnmã-**hu**
milho-NE
'milharal'
- (136) mőkõn-**hu**
inhame-NE
'inhamezal'
- (137) ware-**hu**
buritirana-NE
'buritiranazal'
- (138) kunẽ-re-**hu**
araçá-ATN-NE
'araçázal'
- (139) kunẽ-re+sui+pɔ-**hu** murici-
ATN+folha+larga-NE
'muricizal'
- (140) kui+wde-**hu**
babaçu+pau-NE
'babaçuzal'
- (141) kupa-**hu**
mandioca-NE
'mandiocazal'
- (142) kupaze -**hu**
macaxeira-NE
'macaxeirazal'
- (143) kakrãi+wde-**hu**
bacaba+pau-NE
'bacabal'

Combinado com nomes de animais

(144) kaktõ-**hu**
pomba-NE
‘pombal’

(145) ktə-**hu**
anta-NE
‘local onde tem muitas antas’

(146) pɔnkẽ-**hu**
veado-NE
‘local onde tem muitas espécies de veado’

(147) amke-**hu**
cobra-NE
‘local onde tem muitas cobras’

(148) krawa-**hu**
paca-NE
‘local onde tem muitas pacas’

(149) hespɔ+wde+wawẽ-**hu**
banana+pau+velho-NE
‘bananal (banana brava)’

(150) kakrãi+wde-**hu**
bacabazal-pau-NE
‘bacabal’

(151) kaktɔ+wde-**hu**
macaúba+pau-NE
‘macaubazal’

(152) wde+krãi+pre-**hu**
pau+fruta+vermelho-NE
‘inajazal’

(153) kbare+wde-**hu**
pequi+pau-NE
'pequizal'

Um tema derivado por meio do existencial {-hu} pode ser modificado pelo nome {nõprɔ}, que contribui com o significado de “horizontal”, quando a planta se distribui horizontalmente pelo chão. Alguns exemplos são:

(154) wde+kru+krã-**hu nõprɔ**
pau+rama+fruto-NE HORIZ
'melancial'

(155) wazum+zə+te+pɔ+kru-**hu nõprɔ**
feijão+grão+vagem+oblongo+rama-NE HORIZ
'faval'

(156) kupa+wde-**hu nõprɔ-si**
mandioca+pau-NE HORIZ-EM.PÉ
'mandiocal'

(157) nãnmã-**hu** **nõprɔ-si**
milho-NE HORIZ-EM.PÉ
'milharal'

Nos dois últimos exemplos acrescenta-se o sufixo {-si} ao morfema existencial horizontal, para distinguir o que é visto como horizontal, mas com hastes ou “em pé”, das plantas rasteiras e baixas. A explicação de alguns falantes é a de que este morfema indica que “a mandioca e o milho crescem pelas extremidades”.

3.5.1.6 Sufixos nominalizadores

A nominalização é umas das características mais proeminentes da morfologia da maior parte das línguas Jê (cf. COSTA, 2003, 2004, 2015; MIRANDA, 2010, 2014). Em Xerente, nominalizações são reiteradamente constantes.

3.5.1.6.1 Nomes de ação

A nominalização que resulta em “nome de ação” tem como base verbos intransitivos e transitivos combinados com o morfema derivacional { -rĩ ~ -ri ~ -r ~ - } ‘nominalizador de nome de ação’. Os nomes resultantes desse processo são a base para outras nominalizações na língua.

Exemplos de nomes de ação

(158) wa-ri
pedir-NML
‘(o) pedir’

(159) du-ri
comprar-NML
‘(o) comprar’

(160) h(i)-ri
POSIC-NML
‘(o) colocar.na.horizontal’

(161) kah(i)-ri
cozinhar-NML
‘(o) cozinhar’

(162) kahu-r
comer-NML
‘(o) comer’

- (163) ka-nhə-ri ACUS-
cortar-NML
'(o) cortar'
- (164) ka-pa-r
ACUS-moer-NML
'(o) moer'
- (165) ka-zə-r
ACUS-bater-NML
'(o) bater'
- (166) kəi+kahu-r
água+tomar.PL-NML
'(o) ingerir líquido'
- (167) kə-ri
buscar-NML
'(o) buscar'
- (168) kmãñã-r(ĩ)
fazer-NML
'(o) fazer'
- (169) kwanĩ-rĩ
'puxar-NML
'(o) puxar'
- (170) kwã-ri
derrubar-NML
'(o) derrubar'
- (171) mō-rĩ
ir-NML
'(o) ir'
- (172) nĩwa-r-kw solicitar-
NML-2.PL/DL
'(o) solicitar'

- (173) nmĩpa-r-kw esperar-
NML-2.PL/DL
'(o) esperar'
- (174) nmĩzaza-r
POSIC-NML
'(o) ficar.parado'
- (175) nõm-r
POSIC-NML
'(o) ficar.na.posição.horizontal'
- (176) pã-rĩ
matar-NML
'(o) matar, assassinar' (dual)
- (177) saiku-ri
subir-NML
'(o) subir'
- (178) sanãm-r
ler-NML
'(o) ler'
- (179) sa-ri
morder-NML
'(o) morder'
- (180) sasõm-rĩ
POSIC-NML
'(o) pendurar'
- (181) sazə-ri
parar-NML
'(o) parar'
- (182) sã-rĩ
levantar-NML
'(o) levantar'

- (183) sda-ri
gritar-NML
'(o) gritar'
- (184) sikazazə-r
sobrar-NML
'(o) sobrar'
- (185) sīsi-r(i)
rir-NML
'(o) rir'
- (186) smĩ akse si-kutõ-rĩ
esquecer-NML '(o)
esquecer-se'
- (187) sōm-rĩ
dar-NML
'(o) dar, entregar'
- (188) ssap-rĩ
POSIC-NML
'(o) ficar.atrás.de'
- (189) wapa-r
ouvir-NML
'(o) ouvir'
- (190) waza-r
misturar-NML
'(o) misturar'
- (191) wam-rĩ
PAUC-NML
'(o) apoucar'
- (192) wapa-r
ver-NML
'(o) ver'

(193) waptã-r
cair-NML
'(o) cair'

(194) wãm-rĩ
peneirar-NML
'(o) peneirar'

(195) w(ĩ)-r(ĩ)
matar-NML
'(o) matar'

3.5.1.6.2 Nominalizador de nomes de agente

Nomes de agente em Xerente são formados a partir da combinação de temas verbais com o sufixo {-kwa}, como mostram os seguintes exemplos:

(196) rɔm zəpkre- -kwa
GEN plantar- NML-AGNT
'semeador, plantador, gente que planta'

(197) saku-r-kwa
soprar-NML-AGNT
'soprador'

(198) sokre- -kwa
cantar-NML-AGNT
'cantor'

(199) rɔwahtu- -kwa
ensinar- NML-AGNT
'ensinador' (professor)

(200) kuĩkrɛ- -kwa
escrever, pintar, desenharr-NML-AGNT
'escritor, pintor'

(201) bru kmãñã-r-kwa roça
fazer-NML-AGNT
'lavrador'

(202) rkɔ-kwa
acender, fazer fogo- -NML-AGNT
'acendedor' ("aquele que acende")

3.5.1.6.3 Nominalizador de nomes de circunstância

Nomes de circunstância são formados por meio da combinação de temas verbais com o sufixo {-zɛ}:

(203) kuzə rkɔ- -zɛ
fogo acender-NML-CIRC
'acendedor' ("aquilo que acende")

(204) kuĩkrɛ- -zɛ
escrever, pintar-NML-CIRC
'caneta, escrita, lápis' ("aquilo com que se pinta ou escreve")

(205) mrmɛ- -zɛ
dizer, falar-NML-CIRC
'fala, idioma, língua' ("aquilo que diz")

(206) da tō-r-zɛ
HUM urinar-NML-CIRC
'banheiro' ("lugar de urina de gente")

(207) da zasku- -zɛ
HUM defecar-NML-CIRC
'banheiro' ("lugar de fezes de gente")

(208) da sikumte- -zɛ
HUM banhar, lavar-NML-CIRC
'lugar de tomar banho' ("lugar de banho de gente")

- (209) da ntõ- -zε
 HUM dormir-NML-CIRC
 ‘lugar de dormir’ (“lugar de dormir de gente”)
- (210) kwa zakre- -zε
 dente aumentar-NML-CIRC
 ‘amolador de faca’ (“aumentador de dente, fio”)
- (211) waipã-r-zε
 abanar-NML-CIRC
 ‘abanador (de fogo)’
- (212) kupa nənĩ- -zε
 mandioca ralar-NML-CIRC
 ‘ralador de mandioca’
- (213) wamrõ- -zε
 limpar-NML-CIRC
 ‘rastelo, vassoura’

3.5.1.6.4 Nominalizador de predicados existenciais

A língua Xerente possui um sufixo derivacional que deriva predicados existenciais e /ou estativos. Trata-se do morfema {-di} e de suas variantes *-ki* e *-ti*. Combinam-se com {-di} nomes e verbos nominalizados, como mostram os seguintes exemplos:

Exemplos com nomes

- (214) pse-di
 bom, bonito-EST
 ‘existe beleza, bondade’
- (215) sdakrõ-ki
 sol-EST
 ‘está/faz/tem/existe sol’

3.5.1.7 O morfema privativo

Os alomorfes do morfema privativo do Xerente {-kõ} ~ {-tõ} contribuem com o significado de ‘privado de, sem, destituído de algo’. Combinam-se com expressões nominais – nomes e verbos nominalizados. Exemplos são:

Exemplos com nomes

- (226) sahi-kõ-di
cabelo-PRIV-EST
‘careca’ (lit.: “sem cabelo”)
- (227) stikrui-kõ-di
ira-PRIV-EST
‘tranquilo’ (lit.: “sem raiva”)
- (228) spøkrep-tõ-di
orelha-PRIV-EST
‘surdo’ (lit.: “sem ouvido”)
- (229) smĩzawi-kõ-di
generosidade-PRIV-EST
‘sem dó, sem piedade’ (lit.: “sem generosidade”)
- (230) mrõĩ-kõ-di
cônjuge-PRIV-EST
‘solteiro’ (lit.: “sem cônjuge”)
- (231) krai-kõ-di
cria-PRIV-EST
‘estéril’ (lit.: “sem filho”)
- (232) kwai-kõ-di
dente-PRIV-EST
‘desdentado’ (lit.: “sem dente, sem fio”)

(233) tɔp+sui-kõ-di
olho+pelo-PRIV-EST
'sem cílios' (lit.: “sem pelo de olho”)

(234) brui-kõ-di
roça-PRIV-EST
'sem roça'

Exemplos com verbos nominalizados

(235) wra- -kõ-di
correr-NML-PRIV-EST
'sem (o) correr'

(236) mrmẽ- -kõ-di
falar-NML-PRIV-EST
'mudo' (lit.: “sem (o) falar”)

(237) kr-mõ-r-kõ-di
CONT-andar-NML-PRIV-EST
'sem (o) andar'

(238) te-wapa-r+pse-kõ-di
3-ouvir-NML+bom-PRIV-EST
'sem (o) ouvir bem dele'

3.5.1.8 Prefixos flexionais

Foram identificados, até o presente, três morfemas flexionais, todos prefixos: *{ka-}* ‘3ª pessoa acusativa’, *{i-} ~ { }* ‘3ª pessoa absolutiva’, e *{ti-}* ‘terceira pessoa nominativa’. O prefixo *{ka-}* marca no verbo transitivo o seu objeto, quando verbo e objeto sintático não formam uma unidade sintática.

3.5.1.8.1 O prefixo {ka-}

Marca o objeto de verbos transitivos.

{ka}

(239) tahã t nōkre- nōzə te ka-pa-r snã
3 RLS cantar-NML milho 3 3.ACUS-moer-NML enquanto
'ela canta enquanto moi milho'

(240) toka tē t ai sīsi-r dasa ka-h(i)-ri snã
2 2 RLS 2 rir-NML comida 3.ACUS-cozinhar-NML enquanto
'você ri enquanto prepara comida'

(241) tahã t rə ã-mka-wasku- waptə te kmãñã-r snã
3.ENF RLS GEN 1-DAT 3.ACUS-contar-NML esteira 3 fazer-NML enquanto
'ele tece uma esteira enquanto me conta uma estória'

(242) wa t ka-kũikre- snã mã t Hòbertw
1 RLS 3.ACUS-escrever-NML enquanto 3 RLS Roberto

d(a) zdawa kunē wawē
HUM boca feio INTENS

'enquanto nós estávamos escrevendo, Roberto estava fazendo caretas'

(243) Sõpre kupa te wakrui wa nōkwa b za kupa
Sõpre mandioca 3 espremer COND quem INT IRR mandioca

ka-rêp(ê) 3.ACUS-NML-

fazer.beiju

'se Sõpre espremer a mandioca, quem vai fazer beiju?'

(244) kuzə toka rkɔ-zɛ wa toka tɛ za wde nkra
 fogo 2 fazer.fogo-AGNT COND 2 2 IRR árvore galho

krɛ **ka-krã(i)srut(u)-**
 seco **3.ACUS-ajuntar-NML**

‘se você fizer fogo, você vai juntar galho seco’

(245) mārwa p aikde sda-ri da-t **ka-zə-r** nmẽ
 por.que INT criança gritar-NML HUM-RLS **3.ACUS-bater-NML** CAUS
 ‘porque criança gritar? Do apanhar dela, por causa (“porque ela apanha”)’

(246) wa wa t m̃ mĩ pkɔ krãsrut toka **ka-nhə-ri**
 1 1 RLS lenha rachado amontoar 2 **3.ACUS-cortar-NML**
 ‘eu juntei a lenha rachada que vocês cortaram’

(247) wa wa to kə **ka-kə-r** kə mba
 1 1 RLS água **3.ACUS-pegar-NML** água PERL
 ‘eu busquei água no rio’

(248) rɔwahtu-kwa za to kãte ã-m rowahtu- pes
 ensinar-AGNT IRR mesmo talvez 1-DAT ensinar-NML bem
 tanẽ+kõwa wa za siwakru ferẽʃ nã **ka-kuĩkre-**
 MOD+PRIV 1 IRR errado Xerente TRANS**3.ACUS-escrever-NML**

‘ou o professor me ensina ou vou escrever errado em Xerente’

(249) prã-re snãwa t mkɔitorã nnãkre **ka-zə-**
 pouco+ATN TRANS 1 RLS caju castanha **3.ACUS-bater-NML**
 ‘foi pouca castanha (de caju) que eu quebrei’

(250) ĩ ptəkwa mã to t-kre sasa-r mnõ pibumã mõ are kdə
 1 pai 3 RLS 3-POSP caçar-NML DISTR FIN ir CON anta

k-mẽ wĩ are ĩ zeparkwa smĩ pa-r snã mã t
 3-ASS matar CON 1 mãe PERT esperar-NML TRANS 3 RLS

kupa **ka-zanõ-** **ka-nĩ-n** **ka-kre-**
 mandioca **3.ACUS-arrancar-NML** **3.ACUS-ralar-NML** **3.ACUS-enxugar-NML**

are tapari mã t mnĩ wi(si)
 CON depois 3 RLS DIR chegar-NML

‘meu pai foi caçar e matou anta e minha mãe o esperou arrancando, ralando e espremendo (mandioca). E (depois) chegou (meu pai)’

(251) (h)ewahə wa t ĩ mõ-r dazakru sĩ Tocantínia ku
 ontem 1 RLS 1 ir-NML aldeia PERT Tocantínia DIR

are karə **k-mẽ** kə wam-rĩ snã ĩ mrõ
 CON arroz 3-ASS pegar PAUC-NML ITRANS 1 esposa

mã tahã **ka-hi-** are kměsi-n
 DAT 3.ENF **3.ACUS-cozinhar-NML** CON comer-PLZ

‘ontem eu fui à cidade (“aldeia”) de Tocantínia, comprei um pouco de arroz, trouxe-o para a minha esposa, ela o cozinhou e nós o comemos’

(252) tahã mã t tpepã-r-zε-m pa ĩ nĩm dasai wa
 3.ENF 3 RLS peixe matar-NML-CIRC-DAT raiz 1 PERT comida INES

ka-měi are to tahã ĩ-m sipte -kõ-di
3.ACUS-jogar CON FOC 3.ENF 1-DAT ter.força -PRIV-EST

‘ela colocou veneno na minha comida para que eu morresse, mas ele não funcionou (mas não valeu, não teve força)’

(253)	ĩ	datki ¹⁸	da=mr̄m̄ẽ-zɛ	tahã	ku	həzɛ	-kõ	-di		
	1	mãe	HUM=falar-CIRC	3.ENF	REPOR	doença	-PRIV	-EST		
	to	waka	te	ĩ	məmã	arknẽ	da	t	ka -zə-r	knã
	RLS	preguiça	POSS	1	pai	PROB	HUM	RLS	3.ACUS -bater-NML	NEG

‘minha mãe fala que ele não está doente; ele tem preguiça; meu pai não deveria bater nele’

3.5.1.8.2 O prefixo {ĩ-}

Este prefixo¹⁹ marca uma terceira pessoa possuidor e a terceira pessoa de predicados nominais intransitivos nominalizados, atributivos e verbos posicionais e com o prefixo reflexivo *-si*.

(254)	to	ĩ-	srõwa	rõmhə	nãɛ	wa	za	to	tahã	btə	bə	pibu
	RLS	3-	lar	longe	apesar.de	1	IRR	FOC	3.ENF	sol	todo	visitar

‘embora o lar dele seja longe, eu vou visita-lo todos os dias’

(255)	waptɛm	nõrĩ	mnĩ	ĩ-	wahdu-	za	to	kũĩwde
	jovem	PL	CENTR	3-	partir.PL-NML	IRR	FOC	tora.de.buriti

nã sakre-
TRANS correr.PL-NML

‘os rapazes que vieram vão correr com a tora’

¹⁸ ĩdatki ~ ĩnatki (fala dos mais jovens).

¹⁹ Na língua Xerente, nomes que se referem à qualidade inerente ou à posse substancial inerente de um referente de traço [-humano] como nomes de qualidade, forma e função, e partes de plantas e de animais recebem o morfema {ĩ}. Assim, por exemplo, termos para cores como *ĩ-pte* ‘ser amarelo’, se refere à qualidade ou à essência de algo da qual não se pode desvincular, da mesma forma que qualidades e estados do tipo *ĩ-kwaimba* ‘estar certo, correto’ ou *ĩ-pe* ‘ser melhor’. O mesmo se passa com partes de um todo como *ĩ-ku* ‘chifre’ e *ĩ-su* ‘folha’. O morfema {ĩ} pode ser um resquício de um sistema anterior da língua de prefixos relacionais de não contiguidade da Classe I {ĩ-}, utilizado quando o tema nominal referente se encontra deslocado de sua posição argumental.

(256) ambə nōrĩ kuhə zo kr ĩ- nmrõ-
 homem PL porção em.busca.de CONT 3- POSIC.horizontal-NML

mnõ nōrĩ mã t k-mẽ pã
 DISTR PL 3 RLS 3-ASS matar
 ‘os homens que caçam mataram um porção’

(257) ambə ĩ- wsi- mã t krawa kãtõ pōnkēre
 homem 3- chegar.SG-NML 3 RLS paca e veado

k-mẽ wĩ
 3-ASS matar

‘o homem que chegou matou uma paca e um veado’

(258) da=k-mã=dkə-kwa mã t mrẽ waptem nōrai mã
 HUM=3-DAT=olhar-AGNT 3 RLS dizer jovem PL DAT

ĩ- si kburõ
 3- REFL sentar.PL

‘o chefe (“o que olha para gente”) falou para os jovens que estavam sentados’

(259) wa nōrĩ wa t k-mã wa nōpre-n ambə
 1 PL 1 RLS 3-DAT 1 ver-PLZ homem

ĩ- dkə-
 3- olhar-NML

‘nós vimos o homem que olhou’

(260) ambə k-sĩbui-m nō pibumã ĩ- mō-rĩ
 homem 3-olhar-NML POSIC.horizontal FIN 3- ir-NML

mã t huku k-mẽ wĩ
 3 RLS onça 3-ASS matar

‘o homem que saiu para caçar, matou uma onça’

(261) toka **ĩ-** waihku-d **ĩ** nōkre- nã
 2 **3-** saber-EST 1 cantar-NML TRANS

‘há o saber de você do meu cantar’

(262) Wahire nōrĩ mã to sakre **ĩ-** pes Dōhi nã hã
 Wahirê PL 3 RLS correr.PL **3-** bom Dohi TRANS ENF

da=wam=krẽ mã t k-mã spa
 HUM=IGUAL=retornar.PL 3 RLS 3-DAT SUP

‘Wahirê (partido da Lua) retornou mais rápido com a tora do que Dohi (partido do Sol)’

(263) ta hã mã t kə mba mō are **ĩ-** hidba adu te wapa-r
 3.ENF 3 RLS água PERL ir CON **3-** irmã ainda 3 olhar-NML

-kō -di
 PRIV EST

‘ele foi para o rio e a irmã caçula dele ainda não o viu’

(264) nōkwam nōrĩ mã p kuĩ=wde nã da=wra da-w
 quem PL 3 INT tora.de.buriti TRANS HUM=correr HUM-?

k-mã ti ssap-rĩ pikōi nōrĩ Wahire **ĩ-** si-
 3-DAT 3 ficar.atrás.de-NML mulher PL Wahire **3-** REFL-

wawi- bə ambə nōrĩ Dōhi nã **ĩ-** si-
 pintar.o.corpo-NML DISJ homem PL Dōhi TRANS **3-** REFL-

wawi-
 pintar.o.corpo-NML

‘quem ganhou a corrida de tora foram as mulheres do Wahire ou os homens do Dohi?’

(265) Sõpre nã t ĩ-nm akse si-kutõ-r ĩ- separkwa
 Sõpre 3 RLS 3-PERT juízo REFL-perder-NML 3- mãe
 hæε nã
 doença TRANS

‘Sõpre esqueceu que sua mãe ficou doente’

(266) toka bæ t (nã) ai ĩ-nm akse si-kutõ-r
 2 2 RLS TRANS 2 3-PERT juízo REFL-perder-NML
 wapte mnã dasa kbure te k(rẽ)nẽ- nã
 jovem INSTR comida toda 3 comer-NML TRANS

‘você esqueceu que o rapaz comeu toda a comida’

(267) huku sikbakre ĩ-sku- -di=kukã mã to k-mã spa
 onça rápido 3-aplainar-NML-EST=quelônio 3 RLS 3-DAT ultrapassar

‘a onça é mais rápida relativo ao ultrapassar da tartaruga (“a onça é mais rápida que a tartaruga”)

(268) wa nõrĩ wa krã ĩ-waihku- pse-di
 1 PL 1 cabeça 3-conhecer-NML bom-EST

‘nós somos os mais inteligentes’ (lit.: “nós somos os de conhecimento bom na cabeça”)

3.5.1.8.3 O prefixo {ti-}

O prefixo {ti-} combina-se com posições, formando um complemento oblíquo de verbos transitivos. Marca também o argumento interno de verbos intransitivos finitos ou nominalizados, assim como o argumento de verbos intransitivos em suas formas duais e / ou plurais.

(269) ta nōrĩ za wa mē **ti-** nē
 3 PL IRR 1 ASS **3-** ir, andar
 ‘eles vão conosco’

(270) nōkwa mã t **ti-** praba
 alguém 3 RLS **3-** dançar
 ‘alguém dançou’

(271) pikō mã t **ti-** prab
 mulher 3 RLS **3-** dançar
 ‘a mulher dançou’

(272) nōkwam nōrĩ mã p kuĩwde nã da wra da-w
 quem PL 3 INT tora.de.buriti INST HUM correr HUM
 k-mã **ti-** sap-rĩ pikōi nōrĩ Wahire ĩ-
 3-DAT **3-** ficar.atrás.de-NML mulher PL Wahire 3-
 si-wawi- bə ambə nōrĩ Dəhi nã ĩ-
 REFL-pintar.o.corpo-NML DISJ homem PL Dəhi INST 3-
 si-wawi-REFL-
 pintar.o.corpo-NML

‘quem ganhou a corrida de tora foram as mulheres do Wahire ou os homens do Dohi?’

(273) aikte nōrĩ te to **ti-** snārō tokai k-mã ai
 criança PL 3 RLS **3-** zombar 2 3-DAT 2
 mrmẽ te samãr=waihku -kō nmẽ
 dizer 3 compreender -PRIV CAUS

‘as crianças estão sorrindo de você que não tem a compreensão da nossa fala’

(274) to=ta.hã mã to **t-** mō-r par mnĩ tahã te
 FOC=3.ENF 3 RLS **3-** ir-NML COMPL DIR 3.ENF 3
 kmãdkə- da
 ver-NML PROP

‘ele tinha vindo para vê-lo’

(275) Sōpre mã t tpe nã **ti-** da k-mã spa toka
 Sōpre 3 RLS peixe TRANS **3-** POSIC.vertical 3-DAT SUP 2
 ai dum
 2 alto

‘Sōpre pescou mais peixes em relação a todos’

PREFIXOS DE TERCEIRA PESSOA	FUNÇÃO ARGUMENTAL	FORMA FINITA	FORMA NOMINALIZADA	COMPLEMENTO DE POSIÇÃO
ti-	arg. de verbos intransitivos	X	X (pessoas duais ou plurais de certos verbos)	X
i-	arg. de verbos intransitivos		X	
	arg. de predicados nominais intransitivos			
ka-	arg. interno de verbos transitivos	X		X

Tabela 12: Prefixos de terceira pessoa

3.5.1.9 O prefixo *si-* ‘reflexivo/recíproco’

O prefixo *si-* se combina com verbos transitivos intransitivizando-os. Combina-se também com as posições {mã} ‘dativo’ e {me} ‘associativo’. Nos verbos, pode funcionar como recíproco ou como reflexivo, a depender do número do sujeito. Se plural, pode ter uma leitura reflexiva ou recíproca, conforme a situação pragmática em que o enunciado é construído, mas se o sujeito é singular, uma única leitura é possível, a de reflexivo.

Exemplos:

(276) wa wa t kə mba ã si-kupsõ-
 1 1 RLS córrego INES 1 REFL-lavar-NML
 ‘eu me lavei no córrego’

(277) tahã mã t si- mã nōkək
 3 3 RLS REFL- DAT vomitar
 ‘ele vomitou em si mesmo’

(278) tahã aikte nōrĩ te t si- kahə-r
 3 criança PL 3 RLS REC- bater-NML
 ‘aquelas crianças estão se batendo’

(279) Tiĩkwa kãto Sõpre te t si- hōikrã-
 Tiĩkwa e Sõpre 3 RLS REC- beliscar-NML
 ‘Sõpre e Tiĩkwa estão se beliscando’

(280) wa nōrĩ wa t wa si- mrãm-n(ĩ)
 1 PL 1 RLS 1 REC- agarrar-PLZ
 ‘nós nos abraçamos (‘houve o abraçar de nós mesmos’)

(281) wawẽ nōrĩ te t aimõ kr si- zdakbək-
 velho PL 3 RLS continuamente CONT REC- conversar-NML
 ‘os velhos estão conversando uns com os outros’

(282) wa siwadi nōrĩ za wrkbu **si-** mã sō
 1 parente PL IRR paparuto **REC** DAT entregar
 ‘nossos parentes vão trocar paparuto²⁰ uns com os outros’

3.5.1.10 Sufixo pluralizador {-nĩ}

O sufixo pluralizador {-nĩ} se combina com temas verbais nominalizados para marcar um objeto de verbos transitivos ou o sujeito de verbos intransitivos, quando estes são dual e/ou plural. Exemplos:

(283) amtpẽ=kõrẽ kãte Tpekru saktẽ zawrẽ tbe k-mẽ
 talvez PROB Tpêkru bastante INTENS peixe 3-ASS
 za-**nĩ**²¹
 puxar.de.dentro-**PLZ**

‘talvez Tpêkru tenha pescado muitos peixes’

(284) to ãse nã mã p kwaz Tpekru saktẽ -zawrẽ
 RLS ALET TRANS 3 INT DUB Tpêkru bastante INTENS
 tbe k-mẽ za-**nĩ**
 peixe 3-ASS puxar, tirar de dentro-**PLZ**

‘será mesmo que Tpêkru pescou muitos peixes?’

(285) pikõĩ nōrĩ kupa te ka-n(ĩ)-**nĩ** kba -kõ -di
 mulher-PL mandioca 3 3.ACUS-ralar-**PLZ** PL PRV EST

‘as mulheres não estão ralando mandioca’

²⁰ Comida feita a base de carne de caça misturada com pasta de mandioca, envolvida em folhas de bananeira ou buriti e moqueada em buracos no chão com brasa e pedras.

²¹ ~ k-mẽ=pa-Ø

(286) wa nōrĩ kbure wa za wa sihə-zu (m)-nĩ
 1 PL todos 1 IRR 1 brincar-MULT-PLZ

‘todos nós vamos dançar’

(287) tahã fest wa kbure ta sihə-zu(m)-nĩ
 3 festa.de.forró 1 todos 3 brincar-MULT-PLZ

‘lá no forró todos estavam dançando’

(288) ĩ zɛparkwa smĩ pa-r snã mã t kupa
 1 mãe PERT esperar-NML TRANS 3 RLS mandioca
 ka-zanõ- ka-nĩ-n ka-krɛ-
 3.ACUS-arrancar-NML 3.ACUS-ralar-PLZ 3.ACUS-enxugar-NML

‘minha mãe o esperou arrancando, ralando e espremendo mandioca’

(289) smĩsi btə nã wa t kbə kr ĩ mō-r aikuwa da
 um sol TRANS 1 RLS PL CONT 1 ir-NML no.mato FIN
 mẽ are (tã)²² ktə pra wa to wa wahtu-n wa
 ASS CON 3.ENF anta pé 1 RLS 1 dispersar-PLZ 1
 wahtu-nĩ wa wahtu-n are tɔktɔ k- pra wa sakre-
 dispersar-PLZ 1 dispersar-PLZ CON agora 3- pé 1 correr.PL-NML
 k- pra wa sakre-
 3- pé 1 correr.PL-NML

‘um dia eu fui caçar na mata com outros e fomos atrás da anta e corremos atrás,
 atrás (do rastro da anta)’

²² Contração de terceira pessoa *ta* mais o mofema enfático *hã*.

3.6 Partículas

A língua Xerente possui várias partículas, algumas das quais são pronunciadas como palavras fonológicas independentes em fala lenta; em fala rápida, podem sofrer cliticização. Quando isso ocorre se ancoram na palavra seguinte (enclíticos).

3.6.1 O coletivo *nor*

Nomes e pronomes independentes são pluralizados por meio da partícula *nor*, que carrega a noção de pluralidade, mas em muitas situações tem o significado de coletivizador. Alguns exemplos que ilustram a ocorrência dessa partícula são os seguintes:

Exemplos de nōrĩ combinados com Nomes

(290) pikõ(i) nōrĩ
mulher PL
'mulheres'

(291) ambə nōrĩ
homem PL
'homens'

(292) akwě norĩ
pessoa, indivíduo, índio, Xerente PL
'povo, gente, pessoas, família'

(293) Sõpre nōrĩ
Sõpre PL
'família de Sõpre ("os de Sõpre")'

Exemplos de *nõrĩ* combinados com Pronomes

A partícula *nõrĩ* se combina somente com os pronomes da Série 1, nas pessoas duais e plurais (cf. § 4.2.1):

1DL	<i>wa=nõrĩ</i>
1PL	<i>wa=nõrĩ=kbure</i>
2DL	<i>(to)ka=nõrĩ=kwa</i>
2PL	<i>(to)ka=nõrĩ=kwa=kbure</i>
3DL	<i>ta(hã)=nõrĩ</i>
3PL	<i>ta(hã)=nõrĩ=kbure</i>

Tabela 13: Exemplos de *nõrĩ* combinados com Pronomes

3.6.2 A Partícula de foco *hã*

Em Xerente, constituintes sintáticos em primeira posição, em determinadas situações pragmáticas e discursivas, são marcados pela partícula *hã* ‘foco’, como se observa no seguinte trecho de um diálogo em que Tpekru tem nas mãos um cofo e um peixe:

(294) tbe ã-m sõm-rĩ Tpekru
 peixe 1-DAT dar-NML Tpekru
 ‘o peixe, dê para mim, Tpekru!’

(295) siknõ **hã** sa **hã** tpe **hã** -kõ -di
 cofo FOC POSIC FOC peixe FOC PRIV EST
 ‘só o cofo! o peixe não!’

3.6.3 Partículas modais

Há duas partículas modais em Xerente: *to* e *za*. A partícula *to* ~ *t* expressa o modo *realis* e a partícula *za*, o modo *irrealis*. Em estudos precedentes, essas partículas foram analisadas como marcas de aspecto e de tempo (SOUSA FILHO, 2007). Nesta tese, consideramos que a análise mais adequada destas partículas é a que as considera como expressão de modo. Essas partículas são tratadas na seção §10.3 do capítulo sobre tempo, aspecto, modo e modalidade em Xerente. Os exemplos ilustrativos são:

Realis

Transitivo

(296) wa wa **to** bru ka-wadupa(r)
 1 1 **RLS** roça 3.ACUS-capinar
 ‘eu capinei a roça’

(297) wa nōrĩ wa **to** kuzapɔ k-m wasi wazuĩ-n()
 1 PL 1 **RLS** abóbora 3.ASS espalhar descascar-1
 ‘nós dois partimos a abóbora’

(298) toka nōrĩ kwa bə **to** kuĩwde kmāba-kw(ə)
 2 PL 2 2 **RLS** tora.de.buriti carregar-2
 ‘vocês dois carregaram a tora de buriti’

(299) tahã nōrĩ mã **t** tbe t-kre həzu(mã) wakrɔwde nã
 3 PL 3 **RLS** peixe 3-POSP flechar arcoTRANS
 ‘eles dois flecharam peixes com arco’

Intransitivo

(300) tahã nã **t** -wi
 3 3 **RLS** 3-chegar
 ‘ele chegou’

(301) toka bə p **to** ai sipi
 2 2 INT **RLS** 2 trabalhar
 ‘você trabalhou?’

(302) Sõpre mã p **to** -kudu
 Sõpre 3 INT **RLS** 3-acordar-NML
 ‘Sõpre acordou?’

(303) toka tē **to** ai mō-r-NML
 2 2 **RLS** 2 ir-NML
 ‘você está indo’

(304) aikde tē **to** -sakre
 criança 3 **RLS** 3-correr.nml-PL
 ‘as crianças correm’

Irrealis

Transitivo

(305) wa wa **za** amō ai sidak
 1 1 IRR para.lá 2 conversar
 ‘eu vou conversar com você pra lá’

(306) wa nōrĩ kbure wa **za** nōzə k-mẽ kre
 1 PL todos 1 **IRR** milho 3-ASS plantar
 ‘nós todos vamos plantar o milho’

Intransitivo

(307) toka tɛ **za** ai sĩsi-ri
 2 2 **IRR** 2 sorrir-NML
 ‘você vai sorrir’

(308) wa **za** ai mẽ ã mō-r
 1 **IRR** 2 ASS 1 ir-NML
 ‘eu vou com você’

(309) tɛ p **za** ai mō-r?
 2 INT **IRR** 2 ir-NML
 ‘você vai?’

3.6.4 Partículas conjuntivas

O Xerente possui as seguintes partículas conjuntivas: *kãto* e *nẽ*. A partícula *kãto* conecta nomes e orações, e *nẽ* conecta orações e consiste em partícula com significado de alternatividade, análogo ao significado da partícula *nem* do Português.

Exemplos:

(310) Tĩkwa **kãto** Sõpre te krẽwai -kõ-di
 Tĩkwa CONJ Sõpre 3 retornar.DL PRIV-EST
 aikuwa hawi
 matear ABL
 ‘nem Tĩkwa nem Sõpre, nenhum voltou da caçada (“do mateado”)’

(311) toka **nē** pōnkēre **nē** kdə k-mã w-rĩ-kō-di
 2 CONJ veado CONJ anta 3-DAT matar-NML-PRIV-EST
 ‘você não atirou nem no veado e nem na anta’

3.6.5 A partícula interrogativa *p*

A palavra interrogativa *p* ocorre tanto em perguntas do tipo sim/não como em perguntas de conteúdo informacional. Corresponde à palavra *pe* ~ *be* em outras línguas Jê Setentrionais, como é o caso do Krahô (cf. MIRANDA, 2014). A variação na forma dessa palavra se dá em função da sonorização da consoante em certos contextos fonológicos. Pode se combinar fonologicamente a qualquer constituinte questionado, que ocupa a primeira posição da oração.

Perguntas do tipo sim/não

(312) to **p** rōwē-k
 RLS INT bem-EST
 ‘tudo bem?’

(313) toka **p** ai mrō-d
 2 INT 2 cōnjuge-EST
 ‘você é casado?’

Perguntas de conteúdo informacional

(314) nōkwa bə **p** toka kmãdək-
 quem 2 INT 2 ver-NML
 ‘quem você viu?’

(315) nōkwa mã **p** ai sdakə-
 quem 3 **INT** 2 conversar-NML
 ‘quem conversou contigo?’

(316) mãĩ mã **p** waptã-r?
 que 3 **INT** cair-NML
 ‘o que caiu?’ (“do que foi o cair?”)

(317) nha **p** za ambə sakre- ?
 quanto **INT** IRR homem correr-NML
 ‘quantos homens vão correr?’

(318) nmãzi bə **p** ai sōt-
 onde 2 **INT** 2 dormir-NML
 ‘onde você dormiu?’

3.6.6 Partículas que expressam modalidade

Em Xerente, há partículas que expressam atitudes do falante com respeito ao que é informado pelo predicado de comandos – comandos suaves (injuntivo, permissivo e advertência) e comandos fortes (mandativo).

Modalidade deôntica

{nã} ‘mandativo’

O morfema *nã* ‘mandativo’ tem a função discursiva de mostrar ao ouvinte que se trata de um comando que deve ser cumprido.

- (319) ĩ wawi- **nã**
 1 pintar-NML MAND
 ‘me pinta!’
- (320) saiku-ri wde **nã**
 subir-NML árvore MAND
 ‘suba na árvore!’
- (321) Smĩsuite, ai sipi- **nã**
 Smĩsuite 2 trabalhar-NML MAND
 ‘Smĩsuite, trabalhe!’

{wi} ‘injuntivo’

Este tipo de comando é feito por meio do uso do morfema *wi* ‘injuntivo’, que sinaliza na oração uma orientação dada pelo falante ao ouvinte de como deve proceder.

Alguns exemplos são:

- (322) Smĩsuite ai sipi- **wi** sazə-ri
 Smĩsuite 2 trabalhar-NML INJ parar-NML
 Smĩsuite, pare de trabalhar!
- (323) **wi** ai sōkre-kwa
 INJ 2 cantar-2.PL/DL
 ‘cantem!’
- (324) **wi** za ai mō-rĩ tōktə-re
 INJU IRR 2 ir-NML agora-ATN
 ‘vá agora mesmo!’ (lit.: “vá agorinha!”)

{nwa} permissivo

O morfema *nwa* sinaliza que o conteúdo informacional é uma permissão, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (325) **nwa** totahã mō-r da
 PERM 3.ENF ir-NML POSIC.vertical
 ‘deixe-o ir!’
- (326) **nwa** sōkre da
 PERM cantar POSIC.vertical
 ‘deixe-o cantar!’

{wa} ‘advertência’

A partícula *wa* confere ao conteúdo informacional um significado de advertência:

- (327) ai mō-r **wa** za titak!
 2 ir-NML ADVT IRR chover
 ‘não vá, vai chover!’

- (328) mō-r **wa** to+tahã Simĩsuite wa to
 ir-NML ADVT FOC+3.ENF Smĩsuite 1 RLS

 ai mō ã pkẽ wakro
 3 ir 1 coração quente

‘não deixe Smĩsuite partir, estou ficando incomodado!’ (Lit.: “impeça a ida do Smĩsuite, estou com o coração esquentado com a ida dele”)

3.6.7 Partículas que expressam modo de ação

Há, em Xerente, nove partículas que expressam modo de ação, cujos usos são demonstrados no CAPÍTULO 12:§12.2:

(329) {adu}	‘imperfectivo’
{pa ~ par}	‘completivo’
{kr}	‘continuativo’
{nãsi}	‘terminativo’
{aire}	‘frustrativo’
{zahã}	‘iminente’
{dure}	‘reiterativo’
{kwaze}	‘dubitativo’
{are}	‘hortativo’

3.6.8 Partículas que expressam aspecto nominal

Há, em Xerente, três partículas que expressam aspecto nominal, conforme exemplos que seguem. Estas partículas são tratadas em § 12.3.2.

(330) {kãte}	‘probabilidade’
{amtpẽ kõre}	‘possibilidade’
{ĩse}	‘modalidade alética’

(331) hɔzɛ-ki	kãte/			
doença-EST	PROB			
‘é possível que esteja doente’ (“ <i>he might be sick</i> ”)				

(332) amtpẽ kõre	wa	za	ĩ	nõkre-
talvez	1	IRR	1	cantar-NML
‘talvez eu vá cantar (não sei)’ (eu devo cantar, tenho a possibilidade de cantar, <i>I may/might sing</i> ”)				

(333) tahã	to	ĩse	nã	mã	to	k-mã dɔk-Ø
3	mesmo	ALET	TRANS	3	RLS	3-DAT ver-NML
‘ele certamente viu isso’						

3.6.9 Partículas que expressam estado de existência

Há, ainda, no Xerente, mais três partículas que expressam estados de existência prospectiva e retrospectiva, tratadas em § 12.2.9.

- (334) {tɛ} ‘existência prospectiva’
{rmẽ} ‘existência retrospectiva [+humano]’
{tu ~ du} ‘existência retrospectiva [-humano]’

- (335) ï zakrui tɛ
1 aldeia PROSP
‘minha futura aldeia’

- (336) ï mrõ tɛ
1 esposa PROSP
‘minha futura esposa’

- (337) ï mrõ rmẽ
1 cõnjuge RETR
‘minha ex-esposa’

- (338) bru du roça
RETR
‘ex-roça’

3.6.10 Partículas interjetivas

Foram identificadas até o presente as seguintes partículas interjetivas:

- (339) {pə} ‘surpresa’ “poxa, oba”
{ãɛ} ‘surpresa’ “poxa, mesmo!?”

{ãɛ}	‘lástima’	“ah não!”
{ĩba}	‘dor de corte, golpe’	“ai!”
{ĩba}	‘alerta’	“não!”
{hã}	‘chamamento’	“ei!”
{bəkamõ}	‘susto’	“boo!” (pregar susto)
{ãɛ}	‘susto’	“nossa!” (recebendo susto)
{bukã}	‘lembrança’	“ah!”
{ãɛ}	‘proibitivo’	“não!” (fala masculina)
{ãzɛ}	‘proibitivo’	“não!” (fala feminina)
{mãrĩ}	‘chamado responsivo’	“ah? que? oi?” (MASC)
{taha}	‘chamado responsivo’	“ah? que? oi?” (FEM)

Contextualização das interjeições:

(340) a. **pə**, mã to dasĩ pkẽ=wadə tahã dkə- wa
 INTERJ 3 RLS HUM PERT coração=ébrio 3 morrer-NML LOC
 ‘pena, que tristeza que ele morreu!’ (lit.: “que pena, o coração ficou embriagado pela morte dele!”)

b. **pə** pse kta-di ai krãĩ watbrɔ- wa
 INTERJ bom INTENS-EST 2 cabeça sair-NML LOC
 ‘oba, que bom que você veio!’

(341) a. **ĩba** smikẽzɛ mã t ã ke-
 INTERJ faca 3 RLS 1 cortar
 ‘ai, eu me cortei com o facão’

(342) a. **hã** tɛ b za we ai mō-r atɛ kãnmẽ
 INTERJ 2 INT PROJ DIR 2 ir-NML até aqui
 ‘ei! Venha até aqui!’ (chamamento)

(343) a. **bəkamõ** wa t ai stokrã-
 INTERJ 1 RLS 2 assustar-NML

‘boo! Te assustei! (passando susto)’

- (344) a. **ãɾɛ** wa to ã npɔkpuk- nmãzi zə sakɔ
 INTERJ 1 PERF 1 lembrar-NML onde maracá POSIC.pendurar
 ‘nossa, acabei de lembrar onde está o maracá (pendurado)!’
- b. **ãɾɛ** toka tɛ p ã wapsis-
 INTERJ 2 2 RLS 1 bater, golpear, machucar-NML
 ‘ai! Você está me machucando!’
- c. **ãɾɛ** tanẽ k-mã=nã-r da -kõ -di!
 INTERJ dessa.maneira 3-DAT=fazer-NML POSIC.vertical PRIV -EST
 ‘não, não é assim que é para ser feito!’
- d. **ãɾɛ** tanẽ wa tɛ za ã wĩ-r
 INTERJ dessa forma 1 2 PROJ 1 matar-NML
 ‘nossa, assim você me mata! (recebendo susto)’
- e. **ãɾɛ** wa ã tɔi-ti we ai mõi-r wa
 INTERJ 1 1 feliz-EST CENTRIF 2 ir-NML INES
 ‘oba!!estou feliz que vc veio!’ (surpresa)
- f. **ãɾɛ** mã to wde=wra ã- rẽ-
 INTERJ 3 RLS pau=correr 3- abandonar, perder-NML
 ‘que saco! Perdi o coletivo (“pau que corre”)!’ (lástima)
- (345) a. **mãĩ** toka bə p ã zaihə-r
 INTERJ 2 2 INT 1 chamar-NML
 ‘o quê? Você me chamou? (chamamento)’

3.7 Algumas considerações gerais

Neste capítulo são descritos os morfemas da língua Xerente: (i) raízes, (ii) temas, (iii) afixos e (iv) partículas. Iniciamos com o estudo das raízes: nomes, verbos e posições. Em seguida, descrevemos os temas não flexionáveis que são base de alguns processos derivacionais. Descrevemos os afixos derivacionais e flexionais, destacando suas respectivas propriedades combinatórias e distribucionais. Este capítulo descreve,

assim, as características da formação de palavras Xerente, reunindo as bases para classificá-la como uma língua que tende ao tipo isolante, com ocorrência mínima de morfemas flexionais e de um número reduzido de morfemas derivacionais.

O Xerente, conforme demonstrado, possui três classes de raízes flexionáveis: nominais, verbais e posposicionais. Descrevemos, primeiramente, os temas nominais de referentes relativos e os temas nominais absolutos. Em seguida, descrevemos os temas verbais intransitivos e transitivos, os quais se dividem em duas classes: Classe 1 e Classe 2. Apresentamos, ainda, exemplos de verbos supletivos e de reduplicação verbal na língua Xerente. São apresentados, também, as posposições da língua, os pronomes pessoais e demonstrativos e seus advérbios. Na sequência, apresentamos os seus afixos. Assim, apresentamos os morfemas derivacionais da língua, como o atenuativo – combinado com temas nominais, com temas verbais nominalizados e com temas adverbiais – , o morfema intensificador padrão e o morfema intensificador de referentes de nomes de qualidade e de sensações e o morfema nominalizador existencial, o qual se combina com nomes de plantas e de animais do universo Xerente. Dos sufixos nominalizadores, apresentamos o nominalizador de nomes de ação, de nomes de agente, de nomes de circunstância e de predicados existenciais, além do morfema privativo, os quais contribuem para a formação de palavras na língua. Apresentamos, também, o sufixo pluralizador de verbos. Dos prefixos, apresentamos os quatro existentes na língua, sendo três de terceira pessoa: o prefixo {ka-}, o prefixo {i-} e o prefixo {ti-}, além do prefixo reflexivo/recíproco {si-}. Na sequência, foram apresentadas as partículas da língua: de coletivo, de foco, as partículas modais *realis* e *irrealis*, as partículas conjuntivas, interrogativas, as partículas que expressam modalidade, modo de ação, aspecto nominal, as partículas que expressam estado de existência das coisas e seres no mundo e as partículas interjeitivas.

Passo, portanto, à segunda parte deste trabalho, que corresponde à morfossintaxe da língua Xerente.

CAPÍTULO 4: METÁFORAS XERENTE

As metáforas podem ser imagéticas, conceituais e puramente linguísticas (LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF e JOHNSON, 1999; MOURA, 2007). As metáforas conceituais podem ser estruturadas a partir de sensações físicas e psicológicas e, portanto, construídas através de noções cognitivas, corpóreas e emocionais. Em determinadas línguas, a experiência sensorio-motora pode se gramaticalizar ou se lexicalizar, expressando conceitos cognitivos mais abstratos de movimento, estado, espaço e tempo. Tendo isso em vista, neste capítulo reunimos algumas metáforas Xerente, envolvendo: (i) metáforas de partes, através das quais experiências físicas e psicológicas podem ser expressas a partir de referentes relativos a partes do corpo humano, de animais e de plantas; (ii) metáforas de cores, as quais contribuem para a composição nominal; (iii) metáforas posicionais, cujos lexemas designam a posição de um corpo no espaço; (iv) metáfora de forma e aparência, caracterizada por nomes de qualidade e termos de classe que designam a forma de determinadas espécies animais e vegetais; (v) metáfora de substância e função: nomes criados a partir das funções que desempenham.

4.1 Categorização das metáforas Xerente

Na língua Xerente, as experiências físicas e psicológicas podem ser expressas a partir de referentes de nomes de partes, como os de partes do corpo humano, principalmente, bem como partes de animais e de plantas, expressas por metáfora. Nesta língua, identificamos cinco tipos de metáforas: (i) metáforas de partes (de corpo humano, de animais e de plantas); (ii) metáforas de cores; (iii) metáforas posicionais; (iv) metáfora de forma e aparência e; (v) metáfora de substância e função, além de metáforas únicas do Xerente, conforme demonstrado na última parte.

Muitos nomes relativos do Xerente entram em uma relação metafórica com o seu determinado.

- (352) pkẽ tɔi-ti
 coração alegrar-EST
 ‘ser/estar feliz’ (lit.: “coração alegre”)

Outros exemplos de nomes relativos de partes de um todo utilizados metaforicamente para compor palavras na língua são:

{zdə} ‘perna, coxa’

- (353) kri **zdə** kumzum-di
 casa perna marrom-EST
 ‘a parede está suja’ (lit.: “a perna da casa está marrom”)

{kwa} ‘dente’

- (354) təra **kwa** nĩkdo
 ferro dente torto
 ‘foice’ (lit.: “ferro de dente torto”)

{zdawa} ‘boca’

- (355) kri **zdawa**
 casa boca
 ‘porta’ (lit.: “ boca da casa”)

- (356) tahã tɛ to kri **zdawa** sdəhu-
 3.ENF 3 RLS casa boca abrir-NML
 ‘ele abre a porta’ (“lit.: ele boca da casa abriu”)

- (357) wa t ka- kūĩkre snã mǎ t Sōpre
 1 RLS 3 pintar TRANS 3 RLS Sōpre

da=**zdawa** kunẽ wawẽ
 HUM=boca danificar, enfeiar INTENS

‘ nós estávamos pintando (e) Sõpre fazia caretas (“lit.: boca feia”)

{**hi**} ‘osso’

(358) kri wa=**hi**
 casa costela
 ‘viga’ (lit.: “a costela da casa”)

(359) arknẽ to bru ku ã mõ-rĩ hæze
 HIPOT RLS roça DIR 1 ir-NML doença
 -kõ wa rɔ=wẽ-kwa **hi** kə
 PRIV IMPED GEN=bem-NML osso pegar, agarrar

‘eu iria para a roça se tivesse saúde’ (lit.: “eu iria para a roça se não houvesse doença, recobrado a saúde do osso agarrado”)

Alguns empréstimos linguísticos provindos do Português são também composições criadas, via metáfora, a partir de nomes absolutos para partes (do corpo humano, de animais e plantas) (cf. MESQUITA, 2010, p. 59 e SIQUEIRA, 2011, p. 111):

(360) kri **zdə**
 casa perna
 ‘parede’ (lit.: “perna da casa”)

(361) arɔ **pahi**
 morcego asa
 ‘guarda-chuva’ (lit.: “asa de morcego”)

(362) wapsã **zi**
 cachorro grão, semente
 ‘pulga’ (lit. “grão de cachorro”)

As partes do corpo humano no Xerente expressam, ainda, conceitos mais abstratos como o inessivo, categoria gramatical que expressa o local dentro do qual se encontra algo ou alguém (*locativo*), formado por *pra* ‘pé’:

(363) pikõ kri **pra**
mulher casa pé
‘a mulher (está) em casa’ (lit.: “mulher com pé na casa”)

(364) kri **pra** wa t ã nãm-r
casa pé 1 RLS 1 POSIC.estar.sentado-NML
‘estou dentro de casa’ (lit.: “estou sentado com pé em casa”)

4.1.2 Metáforas com ‘cores’

Muitos dos nomes de cores em Xerente são utilizados metaforicamente quando participam na composição de outros nomes da língua. Exemplos de nomes de cores usados metaforicamente são os seguintes:

(365) rɔm krã ka-di
GEN fruto branco-EST
‘a fruta está verde (não madura)’ (lit.: “fruto está branco”)

(366) hə=spɔ=krã pɾɛ-di
pele=oblongo=fruto vermelho-EST
‘a banana está vermelha (madura)’ (lit.: “fruto de casca está vermelho”)

(367) wde=krãi=pɔ pɾɛ-di
árvore=fruto=achatado amarelo-EST
‘a manga está de vez’ (lit.: “fruto achatado de árvore está amarelo”)

- (368) wde=kru=krã prɛ-ka-di
 pau=rama=fruto vermelho-branco-EST
 ‘a melancia está meio madura’ (lit.: “o fruto da árvore em rama está vermelho-branco”)
- (369) kə prɛ
 água vermelho
 ‘enxurrada (água transbordada da beira do rio)’ (lit.: “água vermelha”)
- (370) aikɛ prɛ
 criança vermelho
 ‘recém-nascido’ (lit.: “criança vermelha”)
- (371) kə ka=tɔ=rã-di
 água branco=cristalino=branco.alvo-EST
 ‘água cristalina (“boa para beber”)’ (lit.: “água está branco-translúcida-branca”)
- (372) tkai tmõ rã
 terra olho branco, alvo
 ‘areia’ (lit.: “terra de olho branca”)
- (373) da kwa nrã
 HUM dente branco
 ‘gengiva’ (lit.: “branco do dente de gente”)
- (374) baci kbuzi-di
 bacia brilhante-EST
 ‘a bacia está limpa’ (lit.: “a bacia está brilhante”)
- (375) hewa kuzerã-di
 céu azul-EST
 ‘o céu está limpo (“sem previsão de chuva)’ (lit.: “o céu está azul”)

- (376) kri zdə kumzum-di
 casa perna marrom-EST
 ‘a parede está suja’ (lit.: “a perna da casa está marrom”)

4.1.3 Metáforas “posicionais”

No Xerente, morfemas que designam a posição de um corpo no espaço como estar “sentado”, “em pé”, “deitado”, “pendurado”, “na horizontal”, “na vertical” são frequentes ao se referirem a pessoas ou a objetos que existem e são percebidos no mundo em determinada posição:

{nãmr(ã)} ‘estar na posição sentada’

- (377) kri pra wa t ã nãm-r
 casa pé 1 RLS 1 POSIC.sentado-NML
 ‘estou dentro de casa’ (lit.: “estou com o pé sentado em casa”)

- (378) kəi krɔwi wa t ã nãm-r
 água IMERS 1 RLS 1 POSIC.sentado-NML
 ‘eu estou na água’ (lit.: “estou sentado imerso na água”)

{za} ‘estar na posição vertical, em pé’

- (379) wa wa t kə wa ã za
 1 1 RLS água LOC 1 POSIC.vertical
 ‘eu estou na água’ (lit.: “eu estou em pé na vertical dentro da água”)

- (380) kəi krɔwi wa t ã za
 água IMERS 1 RLS 1 POSIC.vertical
 ‘eu estou na água’ (lit.: “estou mergulhado na vertical / em pé na água”)

- (381) wa wa t kə m̃ba ĩ za
 1 1 RLS água PERL 1 POSIC.vertical
 ‘eu estou na água’ (lit.: “estou pela água em pé – na beira ou em qualquer lugar da / pela água”)

{nõmr(ĩ)} ‘estar na posição horizontal’

- (382) kəi kɾɔwi wa t ĩ nõm-r
 água IMERS 1 RLS 1 POSIC.horizontal-NML
 ‘eu estou na água’ (lit.: estou mergulhado deitado / na horizontal na água)

- (383) tahã wahu mnã nẽ kbure bru wa t h(i)-ri
 3 verão DISTR nem todos roça 1 RLS por.deitado-NML
 nõm-r -kõ -di
 POSIC.horizontal-NML PRIV EST
 ‘nesta época nem todos nós plantamos (“colocamos deitada a roça”)

4.1.4 Metáfora de forma e aparência

Na língua Xerente nomes de qualidade como *pɔ* ‘oblongo’, ‘*ku*’ ‘pontiagudo’ e *wawẽ* ‘velho’ designam a forma ou a aparência de determinadas espécies animais e vegetais, ou de suas partes, compondo nomes da língua via metáfora:

- (384) sika pra pɔ
 galináceo pé oblongo, chato
 ‘pato’ (lit.: “galinha do pé achatado”)

- (385) nrõĩ pɔ
 côco, palmácea oblongo
 ‘palmito’ (lit.: “o oblongo da palmácea”)

(386) tpe krãĩ pɔ
 peixe cabeça chata
 ‘surubim’ (lit.: “peixe da cabeça achatada”)

(387) nrõ wawẽ
 coco velho
 ‘coco-da-baía’ (lit.: “coco velho”)

(388) kupa ku
 mandioca comprido, pontiagudo
 ‘maniva’ (lit.: “o comprido/pontiagudo da mandioca”)

4.1.5 Metáfora de substância e função

No Xerente, objetos dos *ktawanõ* “não índios” feitos de substâncias como o “metal” *təra* formam empréstimos de criação na língua a partir das funções que tais objetos desempenham como “correr” e “falar”:

(389) tahã ai sĩm təra wra-
 3 3 PERT ferro correr-NML
 ‘a moto dele’ (lit.: “seu pertence ferro que corre”)

(390) wai nĩm təra mrmẽ-
 1 PERT ferro falar-NML
 ‘meu celular’ (lit.: “meu ferro que fala”)

(391) twara wra- pra
 ferro correr-NML pé
 ‘pneu’ (lit.: “pé de correr de ferro”)

4.1.6 Outras metáforas

A palavra *aikuwa* “matear”

Não há no Xerente um verbo para “caçar”. O equivalente se dá através do uso da palavra *aikuwa* que significa “(entrar) no mato”, “no cerrado”, “fora da aldeia”, “cobrir-se de mato”:

(392)	wa	nõrĩ	wa	t	aikuwa	kr	wa	nõm-r
	1	PL	1	RLS	matear	CONT	1	POSIC.horizontal-NML
	are	mãrĩ	wa	t	k-mẽ	w(ĩ)-rĩ	-kõ	-di
	CON	algo	1	RLS	3-ASS	matar-NML	PRIV	EST

‘nós estamos caçando e não matamos nada’
(lit.: nós estamos no mato (“mateando”) e não matamos alguma (caça))’

(393)	Tĩkwa	kãto	Sõpre	te	krẽ	wai	-kõ	-di	aikuwa	
	Tĩkwa	e	Sõpre	3	retornar	PL	1	PRIV	EST	matear
	hawi									
	ABL									

‘Tĩkwa e Sõpre, não retornaram do mateado (“da caçada”)

Metáfora de tempo

Uma categoria de metáfora existente é aquela que implica a noção de “tempo”, encontrada em diversas línguas do mundo (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1980). No Português, esse tipo de metáfora ocorre em frase como “meu aniversário está chegando” expressa por uma “metáfora de passagem” a partir de um verbo de moção ou, ainda, em frases do Português e do Inglês como em “há um mês *atrás* foi o meu aniversário” e em “my birthday is *comming up*”, respectivamente, em que um verbo de moção é seguido por uma adposição posicional (metáfora de “posição no tempo”).

Esta mesma frase em seu equivalente no Xerente é expressa por um verbo de movimento que significa “cair (o tempo)”, como demonstrado no exemplo seguinte:

(394) waĩ nĩm bdə ã waptkã-zε mã za nwa waptã-r
1 PERT sol 1 nascer-CIRC 3 IRR PERM cair-NML

‘meu aniversário está chegando (lit.: “o meu nascer do meu sol vai poder cair”)’

4.2 Conclusões parciais sobre metáforas

As metáforas podem ser consideradas um recurso cognitivo, linguístico e socialmente compartilhado muito produtivo nas línguas do mundo. As metáforas, conforme observado, são criadas a partir de experiências cotidianas tendo as partes do corpo humano, de animais e de plantas como referentes bastante produtivos a partir dos quais criam-se diferentes metáforas para conceituar objetos, seres, estados e experiências conhecidos e vivenciados.

Neste capítulo reunimos algumas metáforas Xerente, envolvendo: (i) metáforas de partes, através das quais experiências física e psicológica podem ser expressas a partir de referentes relativos a partes corpo humano, de animais e de plantas; (ii) metáforas de cores, as quais contribuem para a composição nominal; (iii) metáforas posicionais, cujos lexicais designam a posição de um corpo no espaço; (iv) metáfora de forma e aparência, caracterizada por nomes de qualidade e termos de classe que designam a forma de determinadas espécies animais e vegetais; (v) metáfora de substância e função: nomes criados a partir das funções que desempenham.

CAPÍTULO 5: CATEGORIZAÇÃO NOMINAL NO XERENTE

Este capítulo apresenta uma reanálise do que vem sendo chamado por classificador nominal e por termo de classe do sistema linguístico Xerente (SIQUEIRA, 2009, 2010, 2011 e SOUSA FILHO, 2007, 2010). O que vem sendo referido por classificador desta língua se apresenta, na realidade, sob duas formas: (i) como termos mais prototípicos da classe dos nomes *relativos*, os quais funcionam ora como *termos de classe* (cf. ROSCH 1973, 1973b, 1978), ora como *atributos* de nomes e; (ii) termos mais prototípicos da classe dos nomes *absolutos*, funcionando como termos hiperonímicos (cf. SIQUEIRA, 2010) que compõem várias palavras da língua. Acrescenta-se que ambos, nomes relativos e absolutos, possuem exemplares que são utilizados, metaforicamente, na composição e derivação nominal, conforme demonstrado no capítulo anterior. Parece não haver, na realidade, um sistema de classificadores Xerente, em especial, se se segue critérios de identificação dos mesmos, como os propostos por Grinevald (2002), dentre outros autores.

5.1 Introdução

A classificação funcional de objetos e seres no mundo está diretamente relacionada a princípios de categorização, os quais envolvem processos cognitivos de categorização semântica e perceptual que formam taxonomias²³ que classificam seres e objetos no mundo (ROSCH ET ALL, 1976, ROSCH, 1973, 1973b, 1978).

No sistema linguístico Xerente são encontrados termos que categorizam nomes e verbos da língua. Os “termos nominais”, por exemplo, visam a taxonomizar e a classificar entidades do mundo, incluindo-as em categorias de ave, peixe, planta e suas partes, partes do corpo, sentimentos, itens da alimentação culturalmente importantes, dentre outros.

²³ Rosch (1978, p. 383) define *taxonomia* como um sistema através do qual categorias estão relacionadas umas com as outras através da inclusão de classes. Cada categoria dentro de uma taxonomia é totalmente “incluída” dentro de uma outra categoria (a menos que seja a categoria mais alta), mas não é exaustiva dessa categoria mais inclusiva. Assim, o nível de abstração do termo dentro de uma taxonomia refere-se a um determinado nível de “inclusividade” ‘*inclusiveness*’ (ROSCH, 1978, p. 383).

Esses termos “categóricos” são de dois tipos: de um lado, são mais prototípicos²⁴ da classe dos **nomes relativos** (NR) que funcionam como *termo de classe* que “inclui” partes do corpo e de planta, relações de parentesco, etc.

Os nomes relativos funcionam, também, como *atributos* de nomes designando, por exemplo, a cor e a consistência de um objeto. O nome relativo forma, pois, no Xerente, palavras simples e palavras complexas em que o NR é núcleo do sintagma e comporta a justaposição de prefixos pessoais, de determinantes, de vogal de ligação, de partícula existencial e a marcação de caso (genitivo e dativo). Alguns deles, polissêmicos, são marcados, por exemplo, pelos determinantes de humanidade {da}, com traços [+humano +animado] e {rɔm=}, com traços [-humano -animado], como ocorre nos seguintes exemplos:

(395) *krã ²⁵	*cabeça
da=krã	‘cabeça’
HUM=cabeça	
rɔm=krã	‘fruto/a’
GEN=cabeça	
(396) *kwa ²⁶	*dente
da=kwa	‘dente’
HUM=dente	
rɔm=kwa	‘espinho, ferramenta’
GEN=dente	

²⁴Moura Neves (2006) determina um *protótipo* da seguinte maneira: “Considerando o membro que ostenta o maior número das propriedades que bem caracterizam uma categoria, o protótipo determina a classificação dos demais membros dessa categoria, conforme o “grau de semelhança” (MOESCHLER, 1993, p.11) que tenham com ele, configurando-se aquilo que se conhece como “semelhança de família” (ROSCH e MERVIS, 1975), ou “ar de família” (KLEIBER, 1988) (NEVES, 2006:22).” O protótipo é, portanto, um termo usado para um membro típico de uma extensão de um referente. A semântica do protótipo envolve o desenvolvimento de critérios para a definição de “significado prototípico”, o qual é aplicável a todo fenômeno de ‘categorização’, conforme alerta Keiber (1995).

²⁵Com extensões metafóricas para categorizar coisas na natureza que são “redondas”.

²⁶Com extensões metafóricas para designar instrumento de fio cortante ou pontiagudo perfurante.

De outro lado, encontramos nomes mais prototípicos da classe dos **nomes absolutos** (NA), funcionando como termos hiperonímicos que “incluem”, por exemplo, elementos da fauna e da flora Xerente, designando aves, frutas, cobras, bem como itens importantes para o Povo, como o milho, o arroz, a batata e a mandioca. Esses nomes entram no processo de composição de várias palavras da língua Xerente, como por exemplo:

(397) si ‘aves’ (categoria genérica)

si-re
ave-ATN
‘passarinho’

(398) sika ‘galináceo’ (categoria genérica)

sika=pra=pɔ
galináceo=pé=chato
‘pato’

A categoria das aves em Xerente, tal qual de outros elementos da sua cultura, deve ser analisada para além dos aspectos morfofonológicos que constituem as suas palavras.

O lexema para ‘garça’ {si=baka}, por exemplo, elemento prototípico de aves [-humano] apresenta, nas festas e rituais de nomeação feminina Xerente, traço [+humano], compondo nomes próprios de determinados clãs (dentre os seis existentes). Da mesma forma, animais como o ‘tamanduá’ {padi} agrega traços [+ humano + divino] durante a grande festa tradicional Xerente, o *Dasîpe*, momento em que o Padi, ser da mitologia, se apresenta para a comunidade.²⁷ O mesmo ocorre com {wa} ‘lua’, {bdə} ‘sol’, {wasi} ‘estrela’, {huku} ‘onça’ e {kru} ‘rato’ que podem, em determinados contextos, apresentar traços mais humanizados, além de formar novas palavras.

²⁷ Nimuendajú (1942) relata sobre este ser mitológico em seu trabalho seminal *The Sherente*. Em 2012, em viagem à aldeia Xerente Kripre/Salto tive a oportunidade de experienciar, por dez dias consecutivos, o *Dasîpe*, celebração tradicional que inclui a realização da nomeação masculina e feminina, a corrida de tora, a preparação da carne moqueada, a dança do *Padi*, dentre outras atividades. Até 2012, esta festa cultural não ocorria havia quinze anos. Em 2014, outro *Dasîpe* foi realizado naquela mesma aldeia, evento para o qual fui gentilmente convidado e do qual, mais uma vez, tive a oportunidade de participar.

Os nomes *relativo* e *absoluto* Xerente, acrescenta-se, possuem exemplares que são utilizados, também metaforicamente na constituição do sintagma composto, alargando o seu significado.

O presente capítulo está dividido da seguinte forma: na seção §12.2, apresento como o sistema de classificação nominal geralmente funciona nas línguas naturais, de acordo com autores cujos trabalhos dissertam sobre classificação, categorização, classificadores e termos de classe. Na seção §12.3, exponho trabalhos que abordam o sistema de classificação na língua Xerente. E na seção §12.4, apresento uma (re)análise do que vem sendo chamado por “classificadores” e por termos de classe do Xerente, parte esta seguida de algumas conclusões.

5.2 Sistema de Classificação Nominal

A *classificação nominal* encontrada nas línguas é geralmente fundada em traços de humanidade (+humano / -humano), animacidade (animado e inanimado), sexo (masculino e feminino), forma, consistência e/ou em outras propriedades semânticas (DENNY, 1976; ALLAN, 1977; DERBYSHIRE e PAYNE, 1990; GRINEVALD, 2000; GRINEVALD, 2002; GRINEVALD e SEIFART, 2004; DIXON, 2006; CRAIG, 1986; AIKHENVALD, 1994; AIKHENVALD, 2006; GOMEZ-IMBERT, 1996).

Allan (1977) propõe uma definição básica de classificadores: são morfemas e possuem significados, no que se refere ao fato do classificador denotar algum relevo ou característica incorporada na entidade cujo termo associado se refere. A classificação de base semântica, segundo o autor, muda de acordo com a língua investigada, mas, em geral, a categoria segue o grupo: material, forma, textura ou consistência, tamanho, posição ou localização, configuração e quantidade. Assim, os classificadores, de maneira geral, são definidos pelos seguintes critérios principais: (i) ocorrem como morfemas em estrutura de superfície (i.e., são identificados apenas sintaticamente, sob condições específicas) e; (ii) têm um significado, uma vez que um classificador denota alguma característica percebida ou imputada ao nome que está associado. Para Allan, os classificadores refletem grupos perceptuais ou, posto de outra maneira, que “classificadores são correlatos linguísticos da percepção” (ALLAN, 1977, p. 307).

Em relação à classificação nominal, Allan (1977, p. 307) define que as suas bases semânticas de classificação nas línguas do mundo se encontram aprioristicamente nos

seguintes grupos: (i) *configuração*: inclui parâmetros que se relacionam à forma do objeto classificado como, achatado, longo, redondo, etc.; (ii) *consistência*: inclui parâmetros como duro, flexível, etc.; (iii) *tamanho*: grande, médio, pequeno; (iv) *quantidade*: singular, plural, contável, não contável, incontável, par, etc.; (v) *material*: animado / não-animado. Em algumas línguas, se inclui ainda neste grupo a oposição masculino / feminino; masculino / não masculino; feminino / não feminino, de acordo com uma oposição prototípica entre os membros de cada classe.

Apresentando uma tipologia de sistemas de classificação, Grinevald (2002) propõe que os classificadores nominais possuem origem lexical, funcionando como expressão mais ou menos lexicalizada ou gramaticalizada, se distinguindo, por sua vez, das “classes de nomes” (*noun class*). De acordo com a autora, alguns critérios podem ser utilizados para se estabelecer a distinção entre sistemas de classificadores e sistemas que formam uma classe de nominais específicos que “incluem” outros nomes.

Os *termos de classe* ou “classes nominais”, segundo Grinevald (2002, p. 266), se distinguem por alguns critérios dentre os quais se destacam: (i) classificam (quase) todos os nomes; (ii) há um pequeno número de classes; (iii) se fundem com outras categorias gramaticais (número, caso); (iv) podem ser marcadas no nome (N); (v) N é assinalado a uma determinada classe; (vi) sem variação dos falantes.

Os *classificadores nominais*, por sua vez, (i’) não classificam todos os N; (ii’) possuem uma quantidade (mais) ampla de exemplares; (iii’) não fundidos com outras categorias; (iv’) não marcados no próprio N; (v’) N pode ser assinalado a (várias) outras classes; (vi’) possível variação do falante (cf. *op. cit.*).

Assim sendo, devem ser distinguidos os classificadores nominais dos termos de classe. Estes funcionam como componentes derivacionais (e composicionais), ampliando o léxico da língua. Aqueles se apresentam, morfologicamente, como formas reduzidas de itens lexicais, com extensões semânticas, em um *continuum* que (geralmente) aponta para a sua gramaticalização (cf. AIKHENVALD 2006, p. 206).

Para Aikhenvald (2006) há sempre alguma base semântica para determinar ou “classificar” um grupo de nomes em classes, além de que a maioria dos nomes é assinalada a somente uma classe. Desde este ponto de vista, os sistemas de classificação são heterogêneos, sistemas não hierarquicamente organizados, que empregam tanto parâmetros universais quanto parâmetros culturalmente específicos (c.f DIXON,1986). Em meio aos universais encontram-se bases semânticas como: animacidade, humanidade, sexo e propriedades físicas de um referente, como significados de forma, largura,

tamanho, profundidade, consistência, etc. Parâmetros culturais ou específicos podem abarcar, por exemplo, propriedades funcionais e se referir à organização social ou a itens relevantes culturalmente, tais como, idade, posição social / clânica e/ou a determinados alimentos, plantas e a alguns bichos.

Segundo Derbyshire e Payne (1990), em algumas línguas e famílias linguísticas o mesmo grupo de classificadores pode ter funções derivacionais e flexionais. As categorias semânticas às quais os classificadores podem se referir incluem, de acordo com os autores, forma e configuração, topologia, botânica e linhas anatômicas. Os classificadores podem se referir, ainda, a conceitos como “objetos redondos” e a algumas espécies específicas de animais, pássaros e plantas. Os classificadores também podem possuir uma função meramente discursiva, rotulada *discourse-backgrounding*, podendo, por exemplo, destacar o tempo no discurso ou enfatizá-lo (cf. DERBYSHIRE e PAYNE, 1990, p. 266). Acrescenta-se que um número significativo de classificadores é oriundo de nomes de partes do corpo, em referência a aspectos físicos como ‘forma’.

Importa destacar que Derbyshire e Payne (1990) alegam a ausência de sistemas de classificadores nas línguas Jê, Caribe, Pano e nas famílias Tupí-Guaraní, mas reconhecem que há evidências de um sistema insipiente de classificação em algumas línguas dessas famílias, como um estado preliminar de desenvolvimento de um sistema classificador.

Não obstante, Sousa Filho (2007; 2010) e Siqueira (2009, 2010, 2011 e 2011b) consideram que há, na língua Xerente, um sistema de classificadores, além de um sistema de termos de classe. Para Sousa Filho (2010), o sistema linguístico Xerente apresenta classificadores nominais e verbais, ao passo que Siqueira defende a existência de classificadores nominais, apenas, nesta língua.

5.3 Sistema de classificação no Xerente

De acordo com Sousa Filho (2010, p. 77) há, na língua Xerente, diversos “classificadores”, os quais “são clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados em nomes ou em verbos”.

Para o autor, “nos nomes, eles podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome (infixo, ênclise) e no verbo ocorrem como proclíticos, antecedem o tema verbal

Dentre ainda os considerados *classificador nominal* por Sousa Filho (2010), acrescentam-se os morfemas {=**zi**} “semente” e {=**nõku**} “coisa sem consistência sólida” apresentados nos exemplos (4) e (5), respectivamente, os quais exercem a função de objeto de verbo transitivo.

Em estudo mais específico sobre a classificação nominal na língua Xerente, Siqueira (2010) aponta o que considera como ‘*classificador*’ dessa língua, concordando com a proposta apresentada anteriormente por Sousa Filho (2007, 2010) e ampliando-a:

(...) considera-se como classificadores, além dos já apresentados por Sousa Filho (2007), os seguintes classificadores nominais: (i) **-pa** ‘coisa comprida’; (ii) **-pɔ** ‘forma oblonga’; (iii) **-prɛ** ‘coisa madura, vermelhidão’; (iv) **-zi** ‘forma de semente’. Em relação a **-ka** ‘coisa côncava para dar comida’; **-nõku** ‘coisa sem consistência sólida’, não receberam o foco desta descrição, pois “**-ka**” configura-se como classificador verbal; e para descrever “**-nõku**” não há dados suficientemente claros para tal tarefa (Siqueira 2010, p. 81).

Siqueira (2010) afirma que os “classificadores” Xerente têm origem claramente lexical e apresenta, assim, quatro novos “classificadores nominais” para o Xerente – além dos seis totais (quatro nominais e dois verbais) apresentados, anteriormente, por Sousa Filho (2007, 2010), quais sejam: {=**pa**} “coisa comprida”, {=**pɔ**} “forma oblonga”, {=**prɛ**} “coisa madura, vermelhidão” e {=**zi**} “forma de semente”. Os exemplos de “classificadores nominais” apresentados por Siqueira (2010, p. 109-111) são:

(404) kimba wat tpe ka **pa** nẽ
rio-N 1ª PESS (peixe-N + água-N + CLASS) jogar (dentro)-V
‘Eu joguei a piaba comprida no rio (dentro do rio)’

(405) ambə nāt sikaprapɔ knẽ ~ kmẽ
Homem-N 3.RLS (galinha-N + pé-NI + CLASS) matar-V
‘O homem matou um pato’

(406) aikte **prɛ** ãseparkwa tet²⁸
(criança-N + CLASS) MPOSS mãe-NI TAMP-segurar-V
‘A mãe está segurando o recém-nascido’

(407) wapsã **zi** (cachorro-N
+ CLASS)
‘pulga’

²⁸ Segundo Sousa Filho (2007, p. 158), morfema tempo-aspecto-modo-pessoal do Xerente.

Em relação ao primeiro item apresentado por Siqueira (2010) como sendo um classificador da língua Xerente, o morfema {=pa} é tido pela autora como incorporado aos nomes salientando “aspectos que se pretende ressaltar, comprido, aspecto meio amarelado, debilitado, como nos compostos: **akkapa** ‘lacrada’, **dapaze** ‘bílis’, **kwapa** ‘lâmina comprida’, **wdepa** ‘raiz’ (Siqueira, 2010, p. 109)”, tal qual demonstrado no exemplo (6), anterior, no composto “**tpekapa**” (piaba comprida).

Para Siqueira (2010), o “classificador” {=pɔ} “forma oblonga” é marcado em alguns itens lexicais designativos de animais e plantas do universo Xerente que evidenciam a forma “mais larga que comprida” como em, /sika=**pra=pɔ**/ ‘pato’ (galinha-pé-“oblongo”) (Siqueira, 2010, p. 110), demonstrado em (7) ou, ainda, como ocorre no composto /wde=**krã=i=pɔ**/ ‘manga’ (pau-fruta-VL²⁹-achatado e largo), algo como “árvore de fruto chato”.

Em relação a {=pre}, tal qual apresentado em (8), anteriormente, Siqueira (2010) afirma que, “‘pre’ usado como classificador recorta do objeto características como cor avermelhada, vermelhidão o que, em alguns casos, denota coisa madura (Siqueira 2010, p. 110).” À guisa de exemplo, a autora apresenta /aikte=**pre**/ ‘criança recém-nascida.’

O que Siqueira (2010) apresenta neste exemplo anterior é, na verdade, uma amostra da ordem nome-atributo da língua, em que o relativo atributivo pre ‘vermelho’ expande o seu significado, i.e., está em uma relação metafórica com outro nome para formar novas palavras.

Por último, em relação ao relativo {=zi}, Siqueira (2010) alega que tal morfema exerce um papel de *classificadornominal* quando junto a nomes compostos que indicam objetos na natureza que possuem “forma de semente”, mas que nada têm a ver com a categoria de ‘semente’ em si, como em /wapsã=**zi**/ ‘pulga’, conforme demonstrado no exemplo (9) de Siqueira (2010, p. 111).

Ressalta-se aqui que Sousa Filho (2007, 2010) considera {=zi} como um *classificador* para “semente”, ao passo que Siqueira (2010), neste sentido apresentado por aquele autor, considera este morfema como um *termo de classe*, o qual organiza o universo das *sementes* conhecidas pelos Xerente, tal qual ocorre no sintagma **genitivo**/kakrã=**zi**/ ‘semente de bacaba’.

Acrescentam-se a estes, outros dois morfemas que a autora, em trabalho posterior (Siqueira, 2011), também apresenta como sendo classificadores nominais da língua

²⁹ VL = “vogal de ligação”, de acordo com Sousa Filho (2010).

Xerente: (i) {=**krã**} ‘em forma de cabeça’ e; (ii) {=**kwa**} ‘forma ou função de dente’ (cf. Siqueira, 2011, p. 225), como nos exemplos, a seguir, retirados de Siqueira (2011, p. 227-228):

- (408) (i) *-krã* ‘em forma de cabeça, redondo’
origem: *krã*(NI) ‘cabeça’
1) *ainãkkrã*
(nuvem-N + class (cabeça/redonda)
‘Nuvem cheia’ (SIQUEIRA, 2011, p. 227)
- (409) (ii) *-kwa* ‘em forma ou função de dente’
origem: *kwa* (NI) ‘dente’
2) *rɔmkwa*
(coisas-Ind + dente-NI)
‘espinho, instrumento’ (SIQUEIRA 2011, p. 228)

Siqueira (2011) assim analisa o morfema {=**krã**}:

O elemento *krã* ‘cabeça’ é amplamente usado na língua com funções muito variadas. Como classificador indica a forma ‘arredondada’ do objeto: *ainãkkrã* ‘nuvem cheia’, *dakrãjtɔm kwa* ‘carrapicho’, *krãjkskuwde* ‘copaíba’. Como termo de classe, é usado genericamente para designar ‘fruto’. Assim, ordena uma classe ampla de frutos ou frutas: *hêspɔ krã* ‘banana’, *udekrukrã* ‘melancia’. **A posição em que *krã* ocorre no composto não é fixa**, pode ocorrer à *direita* (*ainãkkrã* ‘nuvem cheia’); à *esquerda* (*krãjti* ‘saúva’); pode ocupar a *posição de núcleo* (*wdekrukrã* ‘melancia’) ou pode estar *inserido entre duas raízes* (*akkaskrãjkmnõ* ‘jacupim’); ou simplesmente vir *justaposto a outro TC* (*tpekrãre* ‘peixe pequeno’) (SIQUEIRA, 2011, p. 232, negritos nossos).

Para o morfema {=**kwa**}, Siqueira (2011) afirma que,

O item *kwa* comporta-se de maneira muito semelhante a *krã*[...] – forma nomes a partir de raízes verbais, indicando que o novo item lexical é o agente da ação verbal. Como “denominal” aparece prefixado a outra raiz para formar verbos a partir de nomes.

Destaca que “não tem uma posição fixa no composto”, podendo vir à direita (*rɔm krukwa* ‘rama de espinho’); à esquerda (*kwakrsɔhi* ‘lagartixa’); entre dois elementos do composto (*krukwane* ‘rato-de-taquara’).”

Siqueira (2011) conclui que “Os classificadores nominais xerente [...] estendem-se para abarcar outros traços semânticos. Caracterizam os nomes e coocorrem com eles e

não são do tipo concordial (?). Os classificadores xerente não são morfemas livres, ocorrem à direita do nome que classificam (exceção dos itens *krãe kwa*, pois têm outras funções na língua)”.

A partir do apresentado por esses autores, impõem-se as seguintes indagações: há no sistema linguístico Xerente classificadores nominais? Ou, o que vem sendo chamado de ‘classificador’ nesta língua é, na verdade, *termos de classe* que desempenham a função de categorizar determinados itens do universo do falante Xerente?

Passamos, em seguida, à análise do sistema de *classificação* da língua Xerente que concebemos como um sistema que inclui nomes relativos e nomes absolutos que funcionam como termos de classe, como atributo de nomes e como termos hiperonímicos, categorizando os seres e objetos da língua e compondo novas palavras.

5.4 Análise dos morfemas “classificadores” Xerente: termo de classe ou classificador nominal?

No esquema, a seguir, é apresentado o que vem sendo considerado, até o momento, *classificador* da língua Xerente:

<i>Classificadores Xerente</i>		
Sousa Filho (2007 / 2010)	Siqueira (2010)	Siqueira (2011)
<i>Nominais</i>		
N= krã “fruta”	N= pa “coisa comprida”	N= krã “forma de cabeça”
N= ka “coisa côncava para dar comida”	N= po ~ -p “forma oblonga”	
N= nõku “coisa sem consistência sólida”	N= pre “coisa madura, vermelhidão”	N= kwa “forma ou função de dente”
N= zi ³⁰ “semente”	N= zi “forma de semente”	
<i>Verbais</i>		
su =V “fruta em cacho”	Não apresenta	Não apresenta
ka =V “coisa côncava para dar comida”		

Tabela 14: Classificadores Xerente segundo Sousa Filho (2007, 2010) e Siqueira (2010; 2011)

³⁰ Aqui respeito a transcrição utilizada por Sousa Filho (2007, 2010) e Siqueira (2010, 2011) que consideram a presença da vogal alta central /i/ em ‘zi’ “semente”. Não obstante, em dados pessoais, a mesma palavra aparece sendo formada por uma vogal média central.

- (i) o que Siqueira (2010) apresenta como classificador é, na verdade, **atributo de nome** que, na língua Xerente, apresenta a ordem nome-atributo, com exceção de {=zi} ‘forma de semente’, um nome relativo;
- (ii) os dois morfemas apresentados por Siqueira (2011), quais sejam, {=krã} “forma de cabeça” e {=kwa} “forma ou função de dente”, incluindo o morfema {=zi} ‘semente’ anterior, são **nomes relativos do Xerente**. São também relativos os morfemas apresentados por Sousa Filho (2007): {krã}, {nõku} e {zi} – os quais participam na composição e na formação de sintagmas nominais da língua –, com exceção de {ka}, analisado em exemplos seguintes, e {su}, por falta de outros exemplos comprovações.

Em relação ao termo {krã}, ele categoriza e “inclui” grande parte das frutas conhecidas pelos Xerente como /rɔm=krã/ ‘fruto/ fruta (genérico)’, /ka=krã/ ‘bacaba’, /ude=kru=krã/ ‘melancia’ e /ude=krã/ ‘jenipapo’, por exemplo.

De forma semelhante, o relativo {zi} ‘semente’, termo que, numa relação de inclusão, categoriza o que designa ‘semente’ para os Xerente, tal qual ocorre em /rɔm=zi/ ‘semente (genérica)’, /se=zi/ ‘amendoim’, /nrõ=zi/ ‘castanha de coco’ e, metaforicamente, em /wapsã=zi/ ‘pulga’ ou o “caroço/semente do cachorro.”

Vemos, portanto, que os relativos {krã} e {zi}, da classe dos nomes de “partes de planta”, selecionam e categorizam um arcabouço de itens lexicais da língua Xerente, formando um conjunto lexical que funciona como termo ordenador e categorizador. Estes termos englobam a classe das frutas e das sementes, tal qual ocorre com termos que categorizam e formam classes de ‘árvores’ {wde}, ‘flores’ {nĩrnã} e folhas {su} do universo Xerente. Dessa forma, o que se apresenta, até o momento, são nomes relativos com a função de *termo de classe*. Estes ocorrem sempre à direita dos nomes, sem exceções.

De forma análoga, alguns nomes absolutos da língua também se apresentam como termos-base ou termos hiperonímicos que “incluem” ‘aves’ {si}, ‘peixes’ {tbe} e outros animais pertencentes à fauna e à flora conhecidas pelo povo Xerente. Alguns nomes absolutos também participam da categorização de itens do universo Xerente. Os absolutos no sistema linguístico Xerente formam o tema do sintagma, ou seja, constituem-se no nome que ocorre primeiramente, sempre à esquerda, com características hiperonímicas,

geralmente acompanhado de atributo(s) que, juntos, formam palavras na língua, compondo-as.

Os nominais apresentados, até o momento, funcionam, portanto, como *termos de classe* de plantas e suas partes (nomes relativos) e como *hiperônimos* que incluem, por exemplo, animais como, aves e peixes (nomes absolutos). Não funcionam, dessa forma, no entanto, como classificadores.

O terceiro morfema apresentado por Sousa Filho (2010), o relativo {**nõku**}, da língua Xerente, está em uma relação nominal-genitiva com o nome que acompanha:

- (410) a. mkoitorãĩ **nõku**
 cajuí caldo, suco
 ‘suco de cajuí’
- b. kakrãĩ **nõku**
 bacaba caldo
 ‘suco de bacaba’

O morfema {**nõku**} ~ {**sõku**}, apresentado como classificador nominal por Sousa Filho (2007) é mais prototípico da classe dos nomes relativos, significando ‘suco’ ou ‘caldo’, o qual entra em uma relação genitiva com outro nome, conforme exemplos anteriores.

Em relação a {su}, tido por Sousa Filho (2010) como classificador verbal, não foi encontrado nenhum exemplo além do verbo *suzi* ~ *suzir* ~ *suziri* “cortar o cacho de alguma fruta” que comprove a afirmação do autor a respeito desse morfema ser considerado um classificador.

Por último, o morfema apresentado por Sousa Filho (2007) como classificador nominal {=ka}, à direita, e como classificador verbal {ka=}, à esquerda – conforme exemplos anteriores (1) e (4) – são, na realidade o mesmo morfema que se prefixa ao tema verbal nominalizado e que codifica um objeto de terceira pessoa. Se tomarmos marm como o verbo ‘alimentar’, no exemplo *dasa ka-marm-ze* (comida **ka**-alimentar-NML-NML) em uma tradução livre, teríamos algo como “alimentador (dela, disso) comida”, ou seja, ‘colher’.

O segundo caso de {=ka} (exemplo 4), contíguo ao núcleo verbal, é tratado, segundo Krieger e Krieger (1994), como uma partícula que “indica quantidade” e a qual

“ocorre na formação de temas verbais” (KRIEGER e KRIEGER, 1994, p. 13). Nenhuma informação, a mais, é dada.

Na nossa análise, *ka-* é uma prefixo de terceira pessoa que ocorre em verbos transitivos nominalizados como mostramos no capítulo 3 desta tese, e que {*ka-*} aparece compondo uma série de verbos de atividade, da classe dos transitivos

Sobre o que aqui consideramos como termos de classe, observamos os critérios elencados por Grinevald (2002, p. 266) para distinguir termos de classe e classificadores:

a. Os termos de classe:

- (i) classificam (quase) todos os nomes;
- (ii) possuem um pequeno número de classes;
- (iii) se fundem com outras categorias gramaticais (número, caso);
- (iv) podem ser marcadas no nome (N);
- (v) N é assinalado a uma determinada classe;
- (vi) sem variação dos falantes.

b. Os classificadores nominais, por sua vez,

- (vii) não classificam todos os N;
- (viii) possuem uma quantidade (mais) ampla de exemplares;
- (ix) não fundido com outras categorias;
- (x) não marcado no próprio N;
- (xi) N pode ser assinalado a (várias) outras classes;
- (xii) possível variação do falante.

É muito provável que o Xerente manifeste a categoria de termos de classe e não a de classificadores. O que depreendemos dos dados do Xerente confirmam que os elementos candidatos a termos de classe:

- I. Classificam (quase) todas as árvores, frutas, sementes, flores, folhas, etc, conhecidas pelos Xerente;

- II. Compõem um sistema fechado de classe;
- III. N é assinalado a uma e determinada classe (de peixes, de aves, etc.) e não em outras compartilhadas;

Em relação aos morfemas apresentados por Siqueira (2010), quais sejam, {pa}, {pɔ}, {prɛ} e {zi}, seguindo os critérios de Grinevald (2002), acordamos com Siqueira (2010) a respeito de se considerar {zi} como um termo de classe para “semente”, isto é, como uma categoria, um *cover term*, ou termo-base hiperonímico³¹ que inclui as sementes conhecidas pelo povo. Ao contrário, descarta-se a atribuição de {zi} como classificador nominal, tal qual proposto Sousa Filho (2010) e, de outro modo, por Siqueira (2010).

Consideramos {zi} um nome relativo designativo de nomes de *partes de plantas*, que pode significar “semente” ou “caroço”. Este morfema participa na formação de nomes compostos da língua, e se inclui na classe dos nomes relativos mais básicos dessa língua.

O exemplo que Siqueira (2010, p. 111) apresenta contendo o morfema {zi} como um classificador nominal parece mais, um uso metafórico do morfema:

(411) wapsã zə
 cachorro semente
 ‘pulga’ (lit. “semente de cachoro”)

Em relação aos outros três nominais apresentados por Siqueira (2010) como classificadores, além de {zi} ‘semente’, quais sejam, os morfemas {pa} “coisa comprida”, {pɔ} “forma oblonga” e {prɛ} “coisa madura”, parecem estar funcionando, na realidade, como *atributivos de nomes*:

(412) tpe=ka=pa
 peixe=branco=comprido
 ‘piaba’ (lit.: “peixe branco comprido”)

³¹ De fato, Siqueira (2011) viria em trabalho posterior a afirmar da importância dos “termos de classe” funcionando como “superordenador” (Siqueira2011:231) e como “hiperônimo” (Siqueira 2011b), os quais, de fato, auxiliam na formação de novas palavras na língua Xerente.

(413) sika=pra=**pɔ**
galináceo=pé=pé
'pato' (lit.: “galinha do pé chato”)

(414) aikte=**prɛ**
criança=vermelho
'recém-nascido' (lit. “criança vermelha”)

No sistema linguístico Xerente, a ordem prototípica é **nome-atributo**:

(415) kri **arɛ**
casa grande
'casa grande'

(416) kri **arɛ** **pse-di**
casa grande bom-EST
'casa grade bonita'

Da mesma forma, a ordem nome-atributo ocorre nos seguintes compostos:

(417) tpe=krãi=**pɔ**
peixe=cabeça=achatado
'surubim' (lit.: “peixe da cabeça achatada”)

(418) tpe=krãi=**pɔ**=zawre
peixe=cabeça=achatado=grande
'surubim-maior' (lit.: “peixe da cabeça chata grande”)

Esses últimos dados mostram que o que Siqueira (2010) tem chamado de classificador é, na realidade, um nome em função de atributo:

(419) sika=pra=**pɔ**
galináceo=pé=achatado
'pato' (lit.: “galinha do pé chato”)

(420)ĩ pra pɔ-ki
 1 pé chato-EST
 ‘meu pé é chato’

Há, ainda, um outro tipo de estrutura em que dois nomes entram em relação de subordinação e dependência sintática, em que o primeiro determina o segundo e este, subordina o primeiro. Este é o tipo de padrão em que são estabelecidas as relações genitivas da língua Xerente, respeitando a ordem canônica nome-dependente da língua:

(421) Tpekru ã nrõwa
 Tpekru 3.FOC casa
 ‘casa de Tpekru’

(422) Waikairo ã kra asare
 Waikairo 3.FOC cria caçula
 ‘filho mais novo de Waikairo’

(423) wde pte krã
 pau amarelo fruto
 ‘fruta amarela de árvore’

(424) mkɔitɔrã-re nõku
 cajuí-ATN caldo
 ‘suco de cajuizinho’

Finalmente, em relação aos morfemas {krã} e {kwa} Siqueira (2011) aponta que eles se comportam ora como “classificador”, ora como “termo de classe” e ora como “nome em função classificadora”. Esses temas são, também, nomes relativos que funcionam como termos de classe que são a base para a formação de nomes de animais e de plantas, além de alguns objetos utilizados pelos Xerente:

***krã** ***cabeça, fruto**

(425) a. da=krã
 HUM=cabeça
 ‘cabeça’

b. $\text{rom}=\text{krã}$
GEN=fruto
'fruto/a',³²

(426) $\text{wde}=\text{kru}=\text{krã}$
árvore=coisa.rasteira=fruta
'melancia'

(427) $\text{wde}=\text{krã}=\text{kuzε}$
árvore=fruta=cheiro
'laranja'

(428) $\text{wde}=\text{krã}=\text{kuzε-re}$
árvore=fruta=cheiro-DIM
'limão'

***kwa** ***dente**

(429) $\text{a da}=\text{kwa}$
HUM=dente
'dente'

b. $\text{rom}=\text{kwa}$
GEN=dente
'espinho, ferramenta, lâmina, objetos cortantes e / ou pontiagudos'

(430) $\text{da}=\text{krã}=\text{tom}=\text{kwa}$
HUM=cabeça=olho=dente
'carrapicho'

(431) $\text{rom}=\text{kru}=\text{kwa}$
GEN=coisa.rasteira=espinho
'rama de espinho'

(432) $\text{kru}=\text{kwa}=\text{nẽ}$
coisa.rasteira=dente=semelhante.a
'rato-de-taquara'

³² Com extensões metafóricas para categorizar coisas na natureza que são “arredondadas”, “cheias”, como em, $\text{/ainãka}=\text{krã}$ / ‘nuvem carregada’.

O que vimos até agora são mais propriamente expressões de termos de classe. Para Rosch (1973) os termos de classe são formativos que correspondem ao nível básico de categorização, os quais os falantes usam para conceituar objetos no mundo do ponto de vista perceptual e funcional. Ademais, segundo Rosch (1973, p. 115), “os falantes tendem a classificar uniformemente os exemplares de um certo tipo com base na sua prototipicidade.”

Neste sentido, na língua Xerente há nomes relativos mais prototípicos e, muitos desses exemplares, formam uma categoria que se aproximam do denominado “termo de classe” por Rosch (1973), como os termos para sentimentos, cheiros, partes do corpo e de plantas, relações de parentesco, etc. Estes, ainda, podem compor novas palavras da língua por metáfora.

Acrescentam-se e opõem-se a esses, os nomes absolutos da língua que, no Xerente, comportam-se como termos hiperonímicos, formando classes de peixes, aves, etc.

Os “termos de classe” apresentados por Sousa Filho (2010, p. 78-79) e Siqueira (2010, p. 81) estão elencados, a seguir:

Termos de Classe Xerente			
Sousa Filho (2010)		Siqueira (2010)	
Xerente	Glosa	Xerente	Glosa
wde=	‘árvore’	wde=	‘árvore, madeira, pau’
tpe=	‘peixe’	tbe=	‘peixes’
kru	‘ramos, grama’	kru=	‘roedores’
ki=	‘líquido’	ki=	‘água’ ³³
ke=	‘abelha’	kti=	‘animais comestíveis’
sbi=	‘aracnídeos’	kuhã=	‘suídeos’
kpu=	‘insetos que voam’	kukã=	‘quelônios’
kti=	‘mamíferos comestíveis’	si=	‘aves’
amkε=	‘cobra’	nrõ ~nrõi ³⁴ =	‘palmáceas (coco)’

³³ Em nossos dados esta palavra aparece como /kə/, com vogal média central, e não com vogal alta central /ki/, conforme os dados de Sousa Filho (2010). No entanto, pelos objetivos deste trabalho, este fato fonológico será averiguado *a posteriori*.

³⁴ A vogal alta anterior fechada [-i] aparece em várias situações. Neste caso específico, Siqueira (2010) diz tratar-se de um “alomorfe de nrõ” ou “um alongamento da vogal média posterior arredondada”. Sousa Filho (2010) diz que -i- se trata de uma vogal de ligação. Fato é que esta vogal aparece quando na composição de algumas palavras.

tka=	‘terra’	hesp=	‘banana’
=nĩrnõ	‘flor’	kupa=	‘mandioca’
=su	‘folha’	du=	‘capim’
=hi	‘casca, pele’	=zi	‘semente’ CL p Sousa Filho
=waku	‘suco’		
=pkẽ	‘coração’		
nõ	‘não sólido’		
=ku	‘animais ferozes’		
rɔm=	‘coisa’		

Tabela 15: Termos de classe Xerente segundo Sousa Filho (2010) e Siqueira (2010)

- I. Os quatro primeiros itens apresentados por Sousa Filho (2010) e Siqueira (2010), quase idênticos nos significados, são nomes absolutos que “incluem” hipônimos para ‘árvores’, ‘peixes’, ‘ratos’, ‘suídeos’, ‘quelônios’, ‘aves’;
- II. Itens como {nrõ=} ‘côco’, {hespɔ=} ‘banana’, {kupa=} ‘mandioca’, {du=} ‘capim’ e {ki=} ‘água’ são termos de classe, como em, /ki=wawe/ ‘Rio Tocantins’ (lit.: água/rio velho), /ki=kaka/ ‘cachoeira’ (lit.: água em queda/pingo), /ki=kuknẽ/ ‘gelo’ (lit.: água sólida), /ki=prɛ/ ‘enxurrada’ (lit.: água vermelha), dentre outros exemplos;
- III. Todos os nomes apresentados por Siqueira (2010), com exceção de {zi} ‘semente’, são nomes absolutos da língua Xerente que, de acordo com a autora, formam compostos com o sentido de superordenadores. De fato, esses nomes absolutos funcionam como termos-base ou termos hiperonímicos, núcleos da composição nominal, ocorrendo sempre à esquerda do sintagma;
- IV. Todos os nomes em negrito no quadro anterior são nomes relativos da língua, designativos de partes do corpo e de plantas – ‘flor’, ‘folha’, ‘semente’, ‘caldo’, ‘pele’, ‘coração’. Estes são, de fato, *termos de classe* do sistema linguístico Xerente, com ordem fixa, sempre à direita do composto;

Para finalizar, o nome *relativo* {=pkε} ‘coração’ chama a atenção pelo fato de que se posiciona à esquerda do sintagma, tais quais os *absolutos* da língua. Outro fato é que, ao invés de entrar na composição de palavras / sintagmas nominais, compõe uma série de “verbos de sentimentos” como, ficar triste, angustiado, alegre, com saudades, etc., cujos significados se expandem metaforicamente, como nos exemplos que demonstrados no Capítulo 4:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| (439) *pkẽ
pkẽ | *coração
‘compadecer, apiedar’ |
| (440) pkε=wađəkə-
coração=embriagar, entristecer-NML
(lit.: “coração ébrio”) | ‘entristecer’ |
| (441) pkε=zakõ-
coração=empoleirar-NML
(lit.: “coração empoleirado”) | ‘preocupar, angustiar’ |
| (442) pkε=žε-
coração=dor-NML
(lit.: “dor de coração”) | ‘sentir saudades’ |
| (443) pkε=hĩ-ri
coração=determinar, colocar.deitado-NML
(lit.: “coração determinado”) | ‘livrar, salvar’ |
| (444) pkε=zã-nĩ
coração=tirar.de.dentro.de-NML
(lit.: “(o) tirar de dentro do coração”) | ‘aspirar, respirar’ |
| (445) pkε=psẽ-di
coração=bonito-EST
(lit.: “coração bonito”) | ‘ser/estar bondoso’ |
| (446) pkε=toi-ti
coração=alegar-EST
(lit.: “coração alegre”) | ‘ser/estar alegre, feliz’ |

Passo, portanto, à conclusão.

5.5 Algumas considerações

No Xerente, o que vem sendo chamado de classificador é palavra plena, nome relativo ou absoluto que não se apresenta como uma redução de um item lexical. Daí advogarmos pela não existência de classificadores nominais nesta língua. O real classificador possui uma posição fixa no sintagma em que se esboça, não sendo um paradigma flexível. Este argumento também corrobora com a opinião de que não há classificadores na língua Xerente, apesar do seu rico sistema de categorização por termos de classe.

Conclui-se que a língua Xerente é rica em categorizações, como qualquer outra língua natural, apesar de não apresentar ‘classificadores’, e que os nominais aqui tratados são: (i) mais prototípicos da classe dos nomes *relativos*, os quais funcionam ora como *termos de classe*, ora como *atributos* de nomes e; (ii) mais prototípicos da classe dos nomes *absolutos*, funcionando como termos hiperonímicos que compõem várias palavras da língua.

A discussão apresenta neste capítulo nos levou às seguintes conclusões: (1) os nominais que são chamados de “classificadores” por Sousa Filho (2007) e Siqueira (2010, 2011) se aproximam mais do denominado “termo de classe” pela psicóloga Eleanor Rosch (1973).

O que a língua Xerente tem, na realidade, é um sistema muito bem estabelecido de termos de classe que se referem, principalmente, a elementos da natureza – animais e vegetais – que encontram correspondentes na classificação científica das espécies na biologia.

O que vem sendo chamado por classificador nominal, como os morfemas {pɔ}, {pa} e {prɛ} estão funcionando, na realidade, como atributos de nomes e pertencem à classe dos nomes relativos da língua.

Os *termos de classe* Xerente são nomes relativos, que combinam com outros nomes associando-os a classes específicas. Alguns deles se combinam com verbos e funcionam como seus determinantes.

Partes do corpo humano, de animais e de plantas são nomes relativos que podem ser usados metaforicamente para compor novas palavras, inclusive de empréstimos. Funcionam como termos de classe. Parte dos nomes *absolutos* do Xerente funcionam como hiperônimos para os variados tipos de aves, peixes, cobras, abelhas, árvores, etc., conhecidos pelo Povo.

Morfologia e morfossintaxe

Parte 2

CAPÍTULO 6: PREDICADOS

Neste capítulo descrevemos os tipos de predicados identificados na língua Xerente. Foram levados em consideração a classe morfológica do núcleo do predicado, os argumentos obrigatórios, a distribuição dos marcadores de pessoa, a expressão de aspecto e de modalidade, e a possibilidade do predicado ser modificado por expressões adverbiais.

6.1 Predicados verbais com núcleo finito

Predicados verbais têm como núcleo verbos em suas formas finitas ou breves. São transitivos ou intransitivos. Tanto os transitivos quanto os intransitivos se subcategorizam de acordo com o número de complementos obrigatórios. Há, dessa forma, transitivos com dois complementos e transitivos com três componentes obrigatórios. Dos intransitivos, há os que podem ter um complemento obrigatório (monovalentes) e os que podem ter dois complementos obrigatórios.

6.1.1 Predicados verbais intransitivos com um complemento obrigatório

Os predicados intransitivos no modo realis combinam-se com os prefixos de terceira pessoa {*ti-*} ou {*-*}. As demais pessoas são codificadas pela Série 2 de pronomes.

(447) pikõ mã t **ti**-prab
mulher 3 RLS 3-dançar
'a mulher dançou'

(448) ambə nōrĩ mã t kri wa **t**-sinã
homem PL 3 RLS casa INES 3-chegar.PL
'os homens chegaram em casa'

(449) ta nōrĩ za wa mẽ **ti**-nẽ
3 PL IRR 1 ASS 3-ir, andar
'eles vão conosco'

(450) **tahã** nã t -wi

3 3 RLS 3-chegar
 ‘ele chegou’

(451) toka bə p to ai sipi
 2 2 INT RLS 2 trabalhar
 ‘você trabalhou?’

(452) Sõpre mã p to -kud?
 Sõpre 3 INT RLS 3-acordar
 ‘Sõpre acordou?’

(453) toka tɛ to ai mō-r-NML
 2 2 RLS 2 ir-NML
 ‘você está indo’

Nesse tipo de predicado, os pronomes da Série 2 fazem parte da estrutura interna dos predicados, o que ocorre também em formas nominalizadas.

6.1.2 Predicados verbais intransitivos com dois complementos obrigatórios

Predicados intransitivos com dois complementos obrigatórios pedem um complemento indireto. O complemento indireto do verbo ‘ver’ é regido pela posposição *mã* e o núcleo do predicado não recebe marca de pessoa.

(454) nōkwa mã p ã k-mã dək?
 alguém 3 INT 1 3-DAT ver
 ‘quem me viu?’

(455) nōkwa bə p k-mã dək?
 alguém 2 INT 3-DAT ver
 ‘quem você viu?’

(456) toka bə t k-mã dək
 2 2 RLS 3-DAT ver
 ‘você a viu’

6.1.3 Predicados verbais transitivos bivalentes

Em predicados verbais bivalentes, a Série 2 marca o objeto:

- (457) wa wa to ai saiḥə³⁵
 1 1 RLS 2 chamar, gritar
 ‘eu chamei você’ (pedindo socorro)

Quando o objeto é de terceira pessoa, é marcado pelos prefixos ka-, t(i):

- (458) prãĩ=re snã wa t mkõitorã nnãkre ka-zə
 pouco=ATN TRANS 1 RLS caju castanha 3.ACUS-quebrar
 ‘foi pouca castanha de caju que eu quebrei’

- (459) ambə nõrĩ mã t tbe tkrehə-zu wakrəwde nã
 homem PL 3 RLS peixe flechar-MULT arco TRANS
 ‘os homens flecharam peixes’

Nomes em função argumental fazem parte da estrutura argumental do predicado:

- (460) nõkwa mã t kuba kmãñã
 alguém 3 RLS canoa fazer
 ‘alguém fez canoa’
- (461) nõkwa mã p kukã kə
 alguém 3 INT jabuti apanhar, pegar
 ‘quem pegou jabuti?’
- (462) wapsã mã t nõkwa sa
 cachorro 3 RLS alguém morder, comer
 ‘o cachorro mordeu alguém’

³⁵ zaiḥə: bunda, nádegas

6.1.4 Predicados verbais transitivos trivalentes

Os predicados transitivos trivalentes caracterizam-se por exigirem um argumento interno, um argumento externo e um argumento oblíquo regido por posposição:

- (463) nōkwai mã bə p kbazeĩprāi nĩ sōm-r
 quem DAT 2 INT caça carne dar-NML
 ‘para quem você deu carne de caça?’
- (464) wa nōrĩ wa t pikōi nōrāi mã sikuza sōm-n
 1 PL 1 RLS mulher PLDAT tecido dar-PLZ

 siwa-r kba nmē
 pedir-NML 2.PL/DL CAUS
 ‘nós damos o tecido para as mulheres que pediram’
- (465) Sōpre mã t Smĩsuite ã mã smĩsĩ Akwē nōkre re
 Sōpre 3 RLS Smĩsuite 3 DAT um Xerente cantar COMPL

 hã CD kamõ-
 ENF CD dar-NML
 ‘Sōpre deu para Smĩsuite um CD das músicas dos Xerente’
- (466) toka bə t ĩ sōm-r tanē+nmē wa t kə-r
 2 2 RLS 1 dar-NML por.que 1 RLS pegar-NML
 ‘porque você o deu, eu o peguei’
- (467) Smĩsuite te mrē za hã ĩ mã sĩm za-r
 Smĩsuite 3 dizer IRR ENF 1 dat PERT dar-NML

 nã
 TRANS
 ‘Smĩsuite disse que vai dar um presente para mim’
- (468) nōkwai mã mã p te b za toka hespokrã
 quem DAT 3 INT 2 INT IRR 2 banana

 sōm-r

 dar-NML
 ‘para quem você dará banana?’

(469) nōkwai mǎ mǎ p ai sɛparkwa kupazu t-mǎ sō
 quem DAT 3 INT 2 mãe farinha 3-DAT enviar
 ‘para quem a sua mãe mandou farinha?’

(470) wa wa t ã mrēm kaptō sikwaĩpse nǎ
 1 1 RLS 1 dizer cacique quatro MAND
 tɛ za tpe+krẽ+pɔ ã -m wakə-
 2 IRR surubim 1 DAT pagar-NML
 ‘eu te digo, (eu) cacique, que me pagues quatro surubins!’

(471) kaptō mrmẽ-zɛ dɛs nǎ ku tpe+krẽ+pɔ
 cacique falar-CIRC dez MAND REPOR surubim
 ã t wakbə- pibumǎ
 1 RLS pagar-NML FIN
 ‘o cacique fala que eu devo (sou obrigado a) pagá-lo 10 surubins!’

(472) nmǎzi bə p toka rɛm tɔra ã-t ai-m sôm-rĩ
 onde 2 INT 2 COMPL ferro 1-RLS 2-DAT dar-NML
 ‘onde foi que você deixou o machado que eu te dei?’

(473) wa siwa+di nōrĩ za wɔrkbu si mǎ sō
 1 parente PL IRR paparuto REFL- DAT entregar
 ‘nossos parentes vão trocar paparuto uns com os outros’

6.2 Predicados Nominais

Os predicados nominais subdividem-se, conforme Dik (1989) e Payne (1997) em (i) equativos, (ii) inclusivos, (iii) possessivos, (iv) existenciais e (v) relativos. Tanto os nomes relativos quanto os absolutivos, assim como verbos nominalizados funcionam como núcleos de predicados nominais em Xerente. Os predicados nominais abundam na língua Xerente, sejam os que têm por núcleo nomes, sejam os que têm por núcleos verbos

nominalizados. A frequência de predicados cujos núcleos são verbos em formas nominais deve-se, principalmente, ao fato de que verbos, modificados por expressões adverbiais, ocorrem em formas nominais. Outro fator importante é o de que a língua Xerente, ao invés de recorrer a orações encaixadas com núcleos finitos, faz uso de nominalizações.

6.2.1 Predicados equativos

Nos predicados equativos a relação entre argumento e predicado é idêntica, isto é, um equivale semanticamente ao outro. No Xerente, (i) o sujeito de um predicado estativo pode ser marcado pela partícula {to} ³⁶ ‘foco’; (ii) pode ocorrer a justaposição de duas expressões nominais em que se estabelece a relação de identidade entre o argumento sujeito e o núcleo do predicado nominal; (iii) o morfema que marca ênfase {hã} segue o morfema de posse {te}; e (iv) o predicado é formado por meio do morfema estativizador {-di}.

(474) kãhã ã hidba
 esta 1 irmã
 ‘esta (é) minha irmã’

(475) kãhã aikde ai kra
 esta criança 2 cria, filho
 ‘esta criança (é) teu filho’

(476) hɔʒɛriu ã zdɛkwa
 Rogerio 1 irmão
 ‘Rogerio (é) meu irmão’

(477) tahã ambə wa ptɔkwa
 este homem 1 pai
 ‘aquele homem (é) nosso pai’

³⁶ Sousa Filho (2007) trata o morfema {to} como “cópula” neste contexto. Assume-se aqui que não se trata de morfema cópula, pois não há a obrigatoriedade de sua ocorrência, conforme demonstram os exemplos mas, antes, se trata de um marcador de confirmação e de foco porque o seu uso na língua Xerente está condicionado ao grau de assertividade e de focalização que o falante impõe ao seu discurso.

(484) Warõn **to** pẽĩ- -kwa
 Warõn **FOC** aconselhar-NML-AGNT
 ‘Warõn é conselheiro da paz’ (lit.: “aconselhador”)

(485) ãnə **to** rɔ=wahtu- -kwa
 Ana **FOC** gen=ensinar-NML-AGNT
 ‘Ana é professora’ (lit.: “ensinador de coisa”)

6.2.3 Predicados possessivos

Predicados possessivos em Xerente expressam uma relação de posse entre o núcleo e o argumento. Os predicados possessivos têm seus respectivos argumentos justapostos ao núcleo, que é um nome relativo combinado com o morfema estativizador {-di}:

(486) wa ã zahi-**di**
 1 1 cabelo-EST
 ‘eu tenho meu cabelo’

(487) wa ã nipkra-**di**
 1 1 mão-EST
 ‘eu tenho minha mão’

(488) toka ai kwa-**di**
 2 2 dente-EST
 ‘você tem seu dente’

(489) toka ai spɔkre-**di**
 2 2 orelha-EST
 ‘você tem sua orelha’

Nos exemplos, a seguir, o núcleo do predicado é um verbo nominalizado e expressa eventos que são dinâmicos, em uma relação de posse com respeito ao argumento interno:

- (490) wa t ã wara-
 1 RLS 1 correr-NML
 ‘há ou houve meu correr’
- (491) wa t ã zarõt(õ)-
 1 RLS 1 pular-NML
 ‘houve o meu pulo’
- (492) kə wawẽ hawi wa za ã watəbrə-
 água INTENS ABL 1 IRR 1 sair-NML
 ‘do rio haverá minha saída’
- (493) hərə wa za ã nĩpi-
 amanhã 1 IRR 1 trabalhar-NML
 ‘amanhã eu trabalharei’
- (494) toka tɛ za ai sĩsi-ri
 2 2 IRR 2 sorrir-NML
 ‘você sorrirá’
- (495) hewahə wa to ai sdakə-
 ontem 1 RLS 2 falar-NML
 ‘ontem eu falei com você’
- (496) hewahə bə to toka ã zdakə-
 ontem 2 RLS 2 1 falar-NML
 ‘ontem você falou comigo’

6.2.4 Predicados existenciais

Predicados existenciais expressam a existência de uma entidade (algo ou alguém) na cena do discurso, introduzindo a existência de algo físico ou psicológico (cf. PAYNE, 1997).

Em Xerente, o núcleo dos predicados existenciais pode ser um nome relativo ou absoluto, tanto aqueles cujos referentes são seres quanto os com referentes que denotam qualidade ou sensação. Quando o predicado é constituído apenas pelo seu núcleo, acrescenta-se o estativizador {-di ~ -ki} ao tema verbal. Neste caso, além de expressar a existência das coisas, são expressos sentidos de atributo, qualidade e posse, como nos exemplos, a seguir:

(497) kupa-**di**
mandioca-EST
'existe/tem mandioca'

(498) pse-**di**
bom, bonito-EST
'existe beleza, bondade'

(499) sdakrɔ-**ki**
sol-EST
'está/faz/tem/existe sol'

Com argumento sintaticamente expresso:

(500) aikte hɔzɛ-**ki**
criança doença-EST
'existe a doença da criança'

(501) rɔ wakrɔ-**ki**
GEN calor-EST
'existe/está calor'

(502) hemõ hewa rtu-**di**
para.cima céu áspero-EST
'existe nuvem no céu (físico)'

Nos casos em que o predicado é constituído apenas por seu núcleo, que é um nome absoluto, combinado com o morfema estativizador {-di ~ -ti}, o beneficiário ou malefeciário é marcado pelo morfema dativo {mã} ‘para/com respeito’:

(503) k-**mã** rəm-nĩrnã-di
 3-DAT GEN-flor-EST
 ‘tem flor!’

(504) k-**mã** wakrɔwde-di
 3-DAT flecha-EST
 ‘existe flecha’

(505) k-**mã** tɛp-di
 3-LOC peixe-EST
 ‘existe peixe’

(506) ĩ k-**mã** rɔwakrɔ-ki
 1 3-DAT calor-EST
 ‘existe o meu calor’

(507) ĩ k-**mã** rɔwakrɔ pse-di
 1 3-DAT calor bom-EST
 ‘existe muito o meu calor (sou danado pra ter meu calor)’

(508) aikte k-**mã** hɔzɛ pse-di
 criança 3-DAT doença bom-EST
 ‘existe doença para a criança’

Outra possibilidade de constituição de predicado existencial Xerente é o uso do morfema {mã} ‘existencial’, combinado com o morfema estativizador {-di}, posposto ao núcleo nominal para asseverar a existência de uma entidade:

(509) tbe **mãr-di**
 peixe **EXIST-EST**
 ‘há peixe’

(510) aiktε hɔzε **mãr-di**
 criança doença **EXIST-EST**
 ‘a criança está doente (lit.: “há a doença da criança”)’

(511) hemõ hewa rdu **mãr-di**
 céu nebulosa acima **EXIST-EST**
 ‘há nuvem no céu’

O uso de {mãr-di} anula o uso de {-mã}, uma vez que o local de existência é expresso por uma construção locativa (inessiva):

(512) akwě zakrui wa wapsã **mãr-di**
 povo aldeia INES cachorro **EXIST-EST**
 ‘existe/há cachorro na aldeia Xerente’

(513) akwě zakrui wa **k-mã** wapsã-di
 povo aldeia INES **LOC.EXIST** cachorro-EST
 ‘existe/há cachorro na aldeia’

6.3 Nominalização de predicados verbais

6.3.1 Modificação de predicado verbal por expressão adverbial

Quando modificados por advérbio, o núcleo verbal se apresenta em sua forma longa, que é a forma nominalizada pelo nominalizador de ação *-ri*, *-*, *-m*.

Os exemplos seguintes mostram a distinção do verbo ‘dançar’, ‘ver’ e ‘matar’ em suas formas finitas e nominalizadas:

Forma finita:

(514) pikõi nõrĩ mã t [t-sihəzu]
 mulher PL 3 RLS 3-dançar.PL
 ‘as mulheres dançaram’

Forma nominalizada:

(515) pikõi nõrĩ mã t [t-sihəzu-**m** wawê]
 mulher PL 3 RLS 3-dançar-NML INTENS
 ‘as mulheres dançaram muito’

Forma finita:

(516) wa wa t toka [ai k-mã dək]
 1 1 RLS 2 2 3-DAT olhar
 ‘eu vi você’

Forma nominalizada:

(517) wa pikõ [ĩ t k-mã dəkə- -kõ -di]
 1 mulher 1 RLS 3-DAT ver-NML PRIV EST
 ‘eu não vi a mulher’

(518) toka akka k-mẽ w(ĩ)-rĩ -kõ -di
 2 mutum 3-ASS matar-NML PRIV EST
 ‘você não matou o mutum’

6.3.2 Predicados relativos

As construções em Xerente equivalentes a orações relativas do Português são nominalizações, como ocorre em outras línguas Jê.

(519) ambə [k-sĩbui-**m** nō pibumã] ĩ- mō-**rĩ**
 homem [3-olhar-NML POSIC.horizontal FIN] 3- ir-NML

mã t huku k-mẽ wĩ
 3 RLS onça 3-ASS matar
 ‘o homem que saiu para caçar, matou uma onça’

(520) tpe+bə ambə [te wakrɛt] sda-**ri** nã
 arraria homem [3 perfurar] gritar-NML TRANS

nôm-**r**
 POSIC.horizontal-NML
 ‘o homem (que) ferrado pela arraia está chorando’

6.3.3 Predicados complementos

As orações completivas têm também nominalizações como núcleos de seus respectivos predicados.

(521) toka ĩ- waihku-d [ĩ nōkre- nã]
 2 3- saber-EST [1 cantar.NML TRANS]
 ‘há o saber de você do meu cantar’

(522) to -p Sōpre nrō [t-mã wa-**r**] waihku-d
 RLS INT Sōpre coco [3-DAT cortar.planta-NML] saber-EST
 ‘há o saber de Sōpre do cortar côco?’

(523) wa nrō [ĩ t k-mẽ wa-**r**] zeĩ-d
 1 castanha.de.côco [1 RLS 3-ASS cortar-NML] DES-EST
 ‘eu quero cortar castanha’

6.3.4 Predicados de orações adverbiais de finalidade

Como ocorre em várias línguas Jê, o equivalente a orações finais em Xerente são de natureza nominal, em que um verbo nominalizado é complemento da posposição *pibumã*.

(524) wa wa t kə wawẽ ku [tbe ĩ t sō-
 1 1 RLS Rio Tocantins ALAT [peixe 1 RLS pescar-NML
 pibumã] ĩ mō-r
 FIN] 1 ir-NML
 ‘eu fui para o rio para pescar’

(525) wa wa t Tocantínia ku ĩ saze ktəprezum
 1 1 RLS Tocantínia LOC 1 alimento dinheiro
 nã [ĩ t k-mẽ kə-r pibumã] ĩ mō-r
 TRANS [1 RLS 3-ASS pegar-NML FIN] 1 ir-NML
 ‘eu fui a Tocantínia para comprar a minha comida’

(526) ĩ ptōkwa mǎ to [t- kre sasa-r mnō
 1 pai 3 RLS [3 CONT caçar-NML DISTR
 pibumã] mō
 FIN] ir
 ‘meu pai foi caçar’

(527) wa wa t Tocantínia ku ĩ mō-r [ĩ nĩm
 1 1 RLS Tocantínia LOC 1 ir-NML [1 PERT
 rəm=k-mǎ=kwamã-rĩ ktəprezum zo ĩ t
 GEN=3-DAT=fazer-NML (artesanato) dinheiro em.busca.de 1 RLS
 sōm-r pibumã]
 dar-NML FIN]
 ‘eu fui para Tocantínia para vender meu artesanato’

(528) kri ku wa za ĩ mō-r [ĩ sa(i) pibumã]
 casa ALAT 1 IRR 1 ir-NML [1 comer FIN]
 ‘para casa, eu vou pra almoçar’

6.4 Algumas conclusões

As presentes considerações sobre tipos de predicados em Xerente são fruto de uma primeira tentativa de análise. Essa língua revela certa complexidade dos seus tipos de predicados verbais, que podem ter núcleos finitos ou nominalizados. As motivações para a nominalização de verbos não foram completamente identificadas, mas contam fortemente se a distinção é entre formas singulares, duais e verbais, se pelas características semânticas de certos verbos, se o predicado é modificado ou não por expressões adverbiais. Quanto aos verbos transitivos, há ainda um conjunto de posições, flexionadas por terceira pessoa que se intercalam entre o tema verbal e o argumento interno destes, cuja ocorrência precisa ser melhor especificada. Quanto aos predicados que têm por núcleos nomes, não há dificuldade de análise, sendo claras as distinções entre predicados equativos, inclusivos, existenciais e possessivos. Se há questões que requerem aprofundamentos, por outro lado, reunimos aqui, dados inéditos, que podem subsidiar ou motivar novos estudos que forneçam um panorama mais completo de predicções em Xerente.

CAPÍTULO 7: PRONOMES PESSOAIS E SUA DISTRIBUIÇÃO: REUNINDO FUNDAMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO ALINHAMENTO EM XERENTE

Tratamos, neste capítulo, da distribuição dos paradigmas de pronomes pessoais do Xerente. Há, nessa língua, cinco séries de pronomes: a Série 1 que contém os pronomes pessoais enfáticos; a Série 2 que codifica o argumento de verbos intransitivos nominalizados, o possuidor e o complemento de posições – argumento de predicados nominais; a Série 3 marca o agente de verbos transitivos nominalizados negados, unicamente; a Série 4 se combina com as marcas de modo *realis* e de modo *irrealis* e com a partícula interrogativa; e a Série 5 que se combina com a marca de modo *irrealis* quando o predicado se encontra em progresso.

		Série 1	Série 2	Série 3	Série 4	Série 5
SIN GUL AR	1S	<i>wa</i>	<i>i</i>	<i>ĩ</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	2S	<i>(to)ka</i>	<i>ai</i>		<i>bə</i>	<i>tɛ</i>
SIN GUL AR	1DL	<i>wa=nōrĩ</i>	<i>wa...V-n</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	1PL	<i>wa=nōrĩ=kbure</i>	<i>wa...V-n</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>	<i>wa</i>
	2DL	<i>(to)ka=nōrĩ=kwa</i>	<i>ai...V-kw</i>	<i>...kba</i>	<i>bə</i>	<i>tɛ</i>
NÃO						
	3DL	<i>ta(hã)=nōrĩ</i>		<i>te</i>	<i>mã ~ nã</i>	
	3PL	<i>ta(hã)=nōrĩ=kbure</i>		<i>te</i>	<i>mã ~ nã</i>	

Tabela 17: Pronomes Pessoais do Xerente

7.1 Pronomes da Série 1

As séries pessoais distinguem pessoa singular da dual e da plural, seja por meio de formas pronominais, seja por meio de palavras quantificadoras: *norĩ* marca a forma pronominal dual; *nōrĩ kbure* marca a forma plural de primeira e de terceira pessoas, *nōrĩ*

kwa kbure marca a forma de segunda pessoa do plural e *nõrĩ kwa* marca a forma de segunda pessoa do dual, como mostram os exemplos adiante.

Série 1		
SINGULAR	1S	<i>wa</i>
	2S	<i>(to)ka</i>
	3S	<i>ta=hã</i>
NÃO SINGULAR	1DL	<i>wa=nõrĩ</i>
	1PL	<i>wa=nõrĩ=kbure</i>
	2DL	<i>(to)ka=nõrĩ=kwa</i>
	2PL	<i>(to)ka=nõrĩ=kwa=kbure</i>
	3DL	<i>ta(hã)=nõrĩ</i>
	3PL	<i>ta(hã)=nõrĩ=kbure</i>

Tabela 18: Pronomes da Série 1

Os exemplos seguintes mostram a distribuição dos pronomes das Série 1 em construções transitivas, no modo *realis*.

(529) **wa** wa t ã wi(s)
 1 1 RLS 1 chegar
 ‘eu cheguei’

(530) **toka** bə t ai wi
 2 2 RLS 2 chegar
 ‘você chegou’

(531) **tahã** nã t -wi
 3 3 RLS 3-chegar
 ‘ele chegou’

(532) **wa nōrĩ** wa t wa wsi-nə
 1 COL/DL/PL/Ñ.SG 1 RLS 1 chegar-PL
 ‘nós dois chegamos’(houve o chegar de eu coletivo/duplo)

(533) **toka nōrĩ kwa** bə t ai wsi-kwə
 2 PL 2 2 RLS 2 chegar-DL
 ‘vocês dois chegaram’

(534) **ta nōrĩ nã** t -simãsis
 3 PL 3 RLS 3-chegar.DL
 ‘eles dois chegaram’

(535) **wa nōrĩ kburɛ** wa t wa sin -n
 1 PL todos 1 RLS 1 chegar.PL-1
 ‘nós todos chegamos’

(536) **toka nōrĩ kwa kburɛ** bə t ai sinə-kwə
 2 PL 2 todos 2 RLS 2 chegar.PL-2
 ‘vocês todos chegaram’

(537) **ta nōrĩ kburɛ** mǎ t -sin
 3 PL todos 3 RLS 3-chegar.PL
 ‘eles todos chegaram’

Como pode ser observado, a Série 1 tem função enfática. Os exemplos seguintes mostram a distribuição dos pronomes das Séries 1 em construções transitivas, no modo *irrealis*.

Irrealis

(538) wa **wa** za amõ ai sidak
 1 1 IRR para.lá 2 conversar
 ‘eu vou conversar com você pra lá’

(539) wa nōrĩ **wa** za tahã sdakbə-n
 1 PL 1 IRR 3 3 falar-1
 ‘nós vamos falar com ele’

(540) wa nōrĩ **wa** za wa si pār-nə
 1 PL 1 IRR 1 REFL matar-1
 ‘nós (dois) mataremos um ao outro’

(541) wa nōrĩ kbure **wa** za nōzə k-mē kre
 1 PL todos 1 IRR milho 3-ASS plantar
 ‘nós todos vamos plantar o milho’

Como mostram os exemplos seguintes, a Série 1 codifica o sujeito de verbos transitivos, sendo que a Série 1 marca-o enfaticamente:

(542) **toka** bə t ĩ k-mã rəwĩ-r
 2 2 RLS 1OBJ 3-DAT derrubar-NML
 ‘você me derrubou’ (“você causou o derrubar de/para mim”)

(543) **tahã** mã t kuba kmãñã
 3 3 RLS canoa fazer
 ‘ele fez canoa’

(544) **wa** **nōrĩ** wa to kuzapə k-mã wasi wazuĩ-n()
 1 PL 1 RLS abóbora 3-DAT espalhardescascar-1
 ‘nós dois partimos a abóbora’

(545) **toka** **nōrĩ** **kwa** bə to kuĩwde kmãba-kw(ə)
 2 PL 2 2 RLS tora.de.buriti carregar-2
 ‘vocês dois carregaram a tora de buriti’

(546) **tahã** **nōrĩ** mã t tbe t-kre həzu(mã) wakrəwde nã
 3 PL 3 RLS peixe 3-POSP flechar arco TRANS
 ‘eles dois flecharam peixes com arco’

(547) **wa nōrĩ kburɛ** wa za nōzə k-mẽ kre-
 1 PL todos 1 IRR milho 3.ASS plantar-NML
 ‘nós todos vamos plantar o milho’

(548) **toka nōrĩ kwa kburɛ** bə t ka-wadupa(r)
 2 PL 2 todos 2 RLS 2 3-capinar
 ‘você todos capinaram a roça’

(549) **ta nōrĩ kburɛ** kumdə mã t k-mẽ smrõ-
 3 PL todos capivara 1 RLS 3.ASS matar.PL-NML
 ‘eles todos mataram uma capivara’

Exemplos de pronomes da Série 1 marcando o sujeito de verbos transitivos e intransitivos em orações interrogativas, no modo *realis* são as seguintes:

(550) **toka** bə p to ai sipi
 2 2 INT RLS 2 trabalhar
 ‘você trabalhou?’

(551) **tahã** mã p to kud?
 3.ENF 3 INT RLS acordar
 ‘ela acordou?’

(552) Sõpre nã p to kwaz amke wĩ
 Sõpre 3 INT RLS DUB cobra matar
 ‘parece que Sõpre matou cobra?’

(553) bə p to kmãdək tahã ambə nōrĩ si-sdakb rɛ?
 2 INT RLS ver 3.ENF homem PL REC-conversar COMPL
 ‘você viram os homens estavam conversando uns com os outros?’

(554) mār nã mã p pikõi nōrĩ kupa te kumõ
 que INST 3 INT mulher PL mandioca 3.CRF descascar
 ‘com que as mulheres descascaram mandioca?’

(555) nmãhã wi bə p ai sinã-kw
onde chegar 2 INT 2 chegar-2
‘de onde vocês chegaram?’

(556) mārwa mǎ p ta nōrĩ wde shə?
por.que 3 INT 3 PL árvore cortar
‘por que eles cortaram a árvore?’

7.2 Pronomes da Série 2

A Série 2 codifica tanto o sujeito de verbo intransitivo quando o agente de verbo transitivo em construções que têm por núcleo um verbo nominalizado pelo nominalizador de nome de ação. Essas orações podem ser marcadas por *za* ‘*irrealis*’ ou pelos alomorfes *t e* do *realis*.

Série 2		
SINGULAR	1S	<i>ĩ</i>
	2S	<i>ai</i>
	3S	
NÁ O SINGULAR	1DL	<i>wa...V-n</i>
	1PL	<i>wa...V-n</i>
	2DL	<i>ai...V-kw</i>
	2PL	<i>ai...V-kw</i>
	3DL	
	3PL	

Tabela 19: Pronomes da Série 2

Nesta série, marcas de dual e de plural adicionais se cliticizam à direita do verbo:
-nə ~ *-n* ‘1.DL/PL’ e *-kwə* ~ *-kw* ‘2.DL/PL’.

Exemplos que mostram pronomes da Série 2 marcando o sujeito de verbos intransitivos nominalizados ou não são:

(557) wa wa t **ĩ** wi(s)
 1 1 RLS **1** chegar
 ‘eu cheguei’

(558) toka bə t **ai** wi
 2 2 RLS **2** chegar
 ‘você chegou’

(559) tahã nã t **∅-wi**
 3 3 RLS **3**-chegar.SG
 ‘ele chegou’

(560) wa nōrĩ wa t **wa** wsi-[nə]
 1 PL 1 RLS **1** chegar.DL-[1]
 ‘nós dois chegamos’ (houve o chegar de nós dois)

(561) wa nōrĩ kbure wa t **wa** sin-[n]
 1 PL todos 1 RLS **1** chegar.PL-[1]
 ‘nós todos chegamos’

(562) toka nōrĩ kwa bə t **ai** wsi-[kwə]
 2 PL 2 2 RLS **2** chegar.DL-[2]
 ‘vocês dois chegaram’

(563) toka nōrĩ kwa kbure bə t **ai** sinə-[kwə]
 2 PL 2 todos 2 RLS **2** chegar.PL-[2]
 ‘vocês todos chegaram’

(564) ta nōrĩ nã t **simãsis**
 3 PL 3 RLS **3** chegar.DL
 ‘eles dois chegaram’

(565) ta nōrĩ kbure mã t **sin**
 3 PL todos 3 RLS 3 chegar.PL
 ‘eles todos chegaram’

(566) **wa** za ai mẽ ã mō-r
 1 IRR 2 ASS 1 ir-NML
 ‘eu vou com você’

(567) toka nōrai mẽ kba **wa** za ã mō-r
 2 PL ASS 2.DL/PL 1 IRR 1 ir-NML
 ‘eu vou com vocês’

Combinação de pronomes da Série 2 com verbos intransitivizados pelo reflexivo

{si-}:

(568) wa wa t kə mba ã **si-** du-r
 1 1 RLS água PERL 1 REFL lavar-NML
 ‘eu me lavei no rio’

(569) wa nōrĩ wa t **wa** **si-** mrã-[nə]
 1 PL 1 RLS 1 REFL abraçar, amigar-[1]
 ‘nós nos abraçamos’

(570) tahã nōrĩ mã t **si-** k-mã nōkəkə-
 3 PL 3 RLS 3 REFL 3-DAT vomitar-NML
 ‘eles vomitaram em si mesmo’

PRONOMES DA SÉRIE 2 COM VERBOS INTRANSITIVOS EXTENDIDOS:

(571) tahã nã t npɔkpuk toka ai [si-kwape- nã tahã mẽ]
 3 3 RLS lembrar 2 2 [REFL-brigar-NML TRANS 3 ASS]
 ‘ele lembrou (que) você brigou com ele’

(572) bə da=si-kwape hawi bə p toka ai [k-mã
 INT HUM=REC-brigar ABL 2 INT 2 2 [3-DAT
 rɔtskə-r]
 distar.no.tempo-NML]
 ‘foi por causa da briga que você demorou (distou no tempo)?’

7.3 Pronomes da Série 3

A Série 3 marca o sujeito de construções transitivas negadas, combinado com a marca de modo *realis*:

Série 3		
SINGULAR	1s	<i>ĩ</i>
	2s	
	3s	<i>te</i>
NÃ O SINGULAR	1DL	<i>wa</i>
	1PL	<i>wa</i>
	2DL	<i>...kba</i>
	2PL	<i>...kba</i>
	3DL	<i>te</i>
	3PL	<i>te</i>

Tabela 20: Pronomes da Série 3

(573) wa kuhə ĩ t w-rĩ -kõ -di
 1 porcão 1 RLS matar-NML PRIV EST
 ‘eu não matei porcão’

(574) toka kuhə w-rĩ -kõ -di
 2 porcão 2 RLS matar-NML PRIVEST
 ‘você não matou porcão’

(575) tahã kuhə te w-rĩ -kõ -di
 3 porcão 3 RLS matar-NML PRIV EST
 ‘ele não matou porcão’

(576) wa nĩrĩ kuhə wa t w-rĩ -kõ -di
 1 PL porcão 1 RLS matar-NML PRIV EST
 ‘nós não matamos porcão’

(577) toka nĩrĩ kwa kuhə w-rĩ kba -kõ -di
 2 PL 2 porcão 2 RLS matar-NML 2 PRIV EST
 ‘vocês não mataram porcão’

(578) tahã nĩrĩ kuhə te w-rĩ -kõ -di
 3 PL porcão 3 RLS matar-NML PRIV EST
 ‘eles não mataram porcão’

Ocorre como agente em orações condicionais:

(579) Sõpre kupa te wakrui wa nõkwa b za
 Sõpre mandioca 3 espremer COND quem INT IRR

kupa ka-rẽp(ẽ)
 mandioca 3.ACUS-NML-fazer.beiju

‘se Sõpre espremer a mandioca, quem vai fazer beiju?’

(580) kuzə toka rkə-zε wa toka tε za
 fogo 2 2 fazer.fogo-AGNT COND 2 2 IRR

wde nkra kre **ka**-krã(i)srut(u)-
 árvore galho seco **3.ACUS**-ajuntar-NML

‘se você quiser fazer fogo, você terá que juntar galho seco’

A série 3 ocorre com o agente de verbos nominalizados, núcleos de predicados modificados por {snã}.

(581) tahã t nōkre- nōzə te ka-pa-r **snã**
 3 RLS cantar-NML milho 3 moer-NML enquanto

‘ela canta enquanto moi milho’

(582) tahã-t rə ã-m ka-wasku waptə te kmãñã-r **snã**
 3-RLS GEN 1-DAT 3O-contar esteira 3 fazer-NML enquanto

‘ele tece uma esteira enquanto me conta uma estória’

7.4 Pronomes da Série 4

A série pronominal 4 combina-se com as marcas modais de *realis*, *irrealis* e interrogativa.

1P	<i>wa</i>
2P	<i>bə</i>
3P	<i>mã ~ ñã</i>

Tabela 21: Pronomes da Série 4

Irrealis

(583) wa **wa** za amõ ai sidak
 1 1 IRR para.lá 2 conversar
 ‘eu vou conversar com você’

(584) **bə** sekwa b za sdanã-r -kõ -d?
 2 cacique INT IRR indagar-NML -PRIV -EST
 ‘você não consultará o pajé sobre isso?’

(585) wa nõrĩ **wa** za tahã sda kbən(ã)
 1 PL 1 IRR 3 PROP falar
 ‘nós vamos falar com ele’

(586) wa nõrĩ **wa** za wa si- pãr-n
 1 PL 1 IRR 1 REFL matar-NML
 ‘nós (dois) mataremos um ao outro’

(587) wa nõrĩ kbure **wa** za nõzə k-mẽ kre-
 1 PL todos 1 IRR milho 3-ASS plantar-NML
 ‘nós todos vamos plantar o milho’

Realis

(588) wa **wa** t ã wi(s)
 1 1 RLS 1 chegar
 ‘eu cheguei’

(589) toka **bə** t ai wi(s)
 2 2 RLS 2 chegar
 ‘você chegou’

- (590) tahã **nã** t wi
 3 3 RLS 3 chegar
 ‘ele chegou’
- (591) wa nõrĩ **wa** t wa wsi(nə)
 1 PL 1 RLS 1 chegar (DUAL)
 ‘nós dois chegamos’
- (592) toka nõrĩ kwa **bə** t ai si-kw
 2 PL PL 2 RLS 2 chegar-PL
 ‘vocês dois chegaram’
- (593) ta nõrĩ **nã** t simãsi(s)
 3 PL 3 RLS chegar.PL
 ‘eles dois chegaram’
- (594) wa nõrĩ kbure **wa** t wa sinən
 1 PL todos 1 RLS 1 chegar
 ‘nós todos chegamos’
- (595) toka nõrĩ kwa kbure **bə** t ai si(nə)-kw
 2 PL PL todos 2 RLS 2 chegar-PL
 ‘vocês todos chegaram’
- (596) ta nõrĩ kbure **mã** t tsi(nə)
 3 PL todos 3 RLS chegar
 ‘eles todos chegaram’

Interrogativo

- (597) toka **bə** p to ai sipi-
 2 2.ABS INT RLS 2 trabalhar-NML
 ‘você trabalhou?’

(598) Sõpre **mã** p to kud?
 Sõpre 3.ABS INT RLS acordar
 ‘Sõpre acordou?’

(599) Sõpre **nã** p to kwaz amkε wĩ
 Sõpre 3 INT RLS PROB cobra matar
 ‘parece que Sõpre matou cobra?’

(600) nha nẽ **wa** **b** za wa nõrĩ wa prãire kwam nẽ
 INT MAN 1 INT IRR 1 PL 1 PAUC afiado como

 kũiwde shə-r
 tora.de.buriti cortar-NML

‘como nós poucos cortaremos tora?’

(601) **bə** p to k-mã dkə tahã ambə nõrĩ si sdakbərə
 2 INT RLS 3-DAT ver 3 homem PL REC conversar COMPL
 ‘vocês viram (que) os homens estavam conversando uns com os outros?’

(602) mār nã **mã** p pikõĩ nõrĩ kupa te kumõ-
 que TRANS 3 INT mulher PL mandioca 3.CRF descascar-NML
 ‘com que as mulheres descascaram mandioca?’

(603) nmãhã wi **bə** t ai k-mẽ
 onde chegar 2 RLS 2 3-ASS
 ‘de onde vocês chegaram?’

(604) mārwa **mã** p ta nõrĩ wde shə
 por.que 3 INT 3 PL árvore cortar
 ‘por que eles cortaram a árvore?’

7.5 Pronomes da Série 5

A Série 5 ocorre em construções intransitivas nominalizadas, combinada com a marca do modo *irrealis*:

Série 5	
1S/DL/PL	<i>wa</i>
2S/DL/PL	<i>tɛ</i>
3S/DL/PL	<i>tɛ</i>

Tabela 22: Pronomes da Série 5

(605) wa ĩ mē tɛ za ai mō-r
 1 1 ASS 2 IRR 2 ir-NML
 ‘você vai comigo’

(606) toka tɛ za ai sīsi-ri
 2 2 IRR 2 sorrir-NML
 ‘você sorrirá’

(607) ĩ ptɔkwa tɛ mrē t kãñã za hã wsi nã
 1 pai 3 dizer hoje IRR ENF chegar TRANS
 ‘meu pai disse que (ele) chega hoje’

Esta Série também se combina com marca de perguntas no modo *irrealis*:

(608) nmãñã tɛ p za nōzə k-mē kre-
 quando 2 INT IRR milho 3-ASS plantar-NML
 ‘quando você vai plantar o milho?’

(609) nōkwa tɛ p mnĩ wi?
 quem 3 INT CENTRIP chegar
 ‘quem é que está chegando?’

- (610) Smĩsuite mǎĩ p tɛ p k-mã kwamã-r?
 Smĩsuite que INT 2 INT 3-DAT fazer-NML
 ‘Smĩsuite, o que você está fazendo?’
- (611) nōkwa tɛ p mǎĩ bor du
 quem 3 INT CENTRIP bolo carregar
 ‘quem é que está trazendo bolo?’
- (612) nōkwa tɛ p mǎĩ aikɛ du
 quem 3 INT CENTRIP criança carregar
 ‘quem está trazendo a criança?’
- (613) nōkwa tɛ p ti sa
 quem 3 INT 3 comer
 ‘quem é que come?’
- (614) nōkwa tɛ p mǎĩ wi?
 quem 3 INT CENTRIP chegar
 ‘quem está chegando?’
- (615) nmōmō tɛ p ai mō-r?
 para.onde 2 INT 2 ir-NML
 ‘para onde você está indo?’
- (616) Tĩkwa tɛ p to nōzə ai bru wa t-hemba
 Tĩkwa 2 INT RLS milho 2 roça INES 3-existência
 ‘Tĩkwa, você existe milho na sua roça?’
- (617) nmǎnǎ tɛ p(r) za ai mō-r?
 quando 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘quando você vai?’
- (618) nmǎnǎ tɛ p(r) za ktə zo ai sakɔ k-mẽ
 quando 2 INT IRR anta esperar 2 encarapitar3-ASS
 w-rĩ da?

matar-NML PROP
 ‘quando você vai esperar para matar anta?’

(619) mārwa tɛ p(r) za kãnẽ kmãnã-r?
 por que 2 INT PIRR assim fazer-NML
 ‘por que você vai fazer desta maneira?’

(620) nmõ.mõ tɛ p(r) za toka ai mõ-r?
 onde.para 2 INT IRR 2 2 ir-NML
 ‘para onde você vai?’

(621) nãmã hã tɛ p za kə-r
 qual ENF 2 INT IRR pegar-NML
 ‘qual destes você quer? (lit. “qual você pega?”)’

(622) nmõ mõ tɛ pr za toka ai mõ-r?
 onde DIR 2 INT IRR 2 2 ir-NML
 ‘para onde você vai?’

(623) tɛ p za ai mõ-r?
 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘você vai?’

(624) nõkwai mẽ tɛ b za toka aikuwa kr ai
 quem ASS 2 INT IRR 2 mato CONT 2
 mõ-r
 ir-NML
 ‘com quem você vai para o mato?’

(625) nõkwai mã mã p tɛ p za hespokrã sôm-r
 quem DAT 3 INT 3 INT IRR banana dar-NML
 ‘para quem ele vai dar banana?’

Combina-se também com a marca de modo *realis* quando o predicado exprime um processo em progresso:

(626) toka tɛ to ai mō-r-NML
 2 2 RLS 2 ir-NML
 ‘você está indo’

(627) tɛ mənĩ Ø wi
 3 CENTRIP 3 chegar
 ‘ele está chegando’

(628) aikde tɛ to sakre
 criança 3 RLS correr.PL
 ‘as crianças correm’

(629) ta nōrĩ aikde tɛ t si- kahə-r
 3 PL criança 3 RLS REFL bater-NML
 ‘elas, as crianças, estão se batendo’

(630) wawẽ nōrĩ tɛ t aimō kr si- zdakbək
 velho PL 3 RLS continuamente PROG REFL dialogar
 ‘os velhos estão conversando uns com os outros’

(631) mārĩ tɛ p toka wasku?
 que 2 INT 2 contar
 ‘o que você está contando?’

Ocorre combinada com a marca de *realis* em orações com predicado existencial:

(632) tazi tɛ to kuhəre kahə snã t-hemba
 ali 3 RLS caititu muito TRANS 3-existência
 ‘ali tem muito caititu’

(633) sruru tɛ to t-hemba
 sete.estrelo 3 RLS existência
 ‘existe o sete estrela’

Se combina também com a marca modal de *irrealis*, codificando o agente de verbos transitivos, quando a oração em que se encontra é precedida por uma oração condicional:

(634) kuzə toka rkə-zɛ wa toka tɛ za wde nkra
 fogo 2 fazer.fogo-AGNT COND 2 2 IRR árvore galho

 krɛ **ka**-krã(i)srut(u)-
 seco **3.ACUS**-ajuntar-NML
 ‘se você quiser fazer fogo, você terá que juntar galho seco’

7.6 Algumas considerações gerais

Como pode ser observado, a Série 1 tem função enfática. Esta série pessoal distingue pessoa singular da dual e da plural, seja por meio de formas pronominais, seja por meio de palavras quantificadoras: *norĩ* marca a forma pronominal dual; *nõrĩ kbure* marca a forma plural de primeira e de terceira pessoas, *nõrĩ kwa kbure* marca a forma de segunda pessoa do plural e *nõrĩ kwa* marca a forma de segunda pessoa do dual.

A Série 2 codifica tanto o sujeito de verbo intransitivo quando o agente de verbo transitivo em construções que têm por núcleo um verbo nominalizado pelo nominalizador de nome de ação, codificando seu argumento interno. Essas orações podem ser marcadas por *za* ‘*irrealis*’ ou pelos alomorfes *t* e do *realis*. Nesta série, marcas de dual e de plural adicionais se cliticizam à direita do verbo: *-nə* ~ *-n* ‘1.DL/PL’ e *-kwə* ~ *-kw* ‘2.DL/PL’. Há, ainda, a combinação de pronomes da Série 2 com verbos intransitivizados pelo reflexivo {si-}. Na análise desta tese, não há pronome de terceira pessoa na Série 2, mas prefixos flexionais pessoais, conforme demonstrado em § 3.5.1.8.

A Série 3 marca o sujeito de construções transitivas negadas, combinado com a marca de modo *realis*. Esta série ocorre com o agente de verbos nominalizados, núcleos de predicados modificados por posposição.

A Série pronominal 4 combina-se com as marcas modais de *realis*, *irrealis* e interrogativa, marcando o sujeito de verbos transitivos e intransitivos.

A Série 5 ocorre em construções intransitivas nominalizadas, combinada com a marca do modo *irrealis*. Esta Série também se combina com marca de perguntas no modo *irrealis*; com a marca de modo *realis* quando o predicado exprime um processo em progresso; com a marca de *realis* em orações com predicado existencial; e com a marca modal de *irrealis*, codificando o agente de verbos transitivos, quando a oração em que se encontra é precedida por uma oração condicional.

Acrescenta-se que os pronomes das Série 1, 2 e 4 se alinham em construções transitivas, no modo *realis*.

CAPÍTULO 8: ORAÇÕES EM XERENTE

8.1 Orações coordenadas

Tradicionalmente, a coordenação de orações independentes tem sido descrita como (a) podendo envolver um conectivo ou (b) simplesmente realizada por justaposição de orações. Em Xerente há os dois padrões de coordenação.

8.1.1 Orações coordenadas por justaposição

As orações coordenadas por justaposição não apresentam nenhum elemento gramatical que estabeleça a relação lógica entre as proposições. Em outras palavras, é o elemento de ligação de estratégia (cf. PAYNE, 1985).

(635) ĩ ptɔkwa mã to t-kre sasa-r mnõ pibumã mõ
1 pai 3 RLS 3-POSP caçar-NML DISTR FIN ir

‘meu pai foi caçar e matou anta’

(636) ĩ zɛparkwa mã t kupa ka-zanõ-
1 mãe 3 RLS mandioca 3.ACUS-arrancar-NML

ka-nĩ-n ka-kɾɛ-
3.ACUS-ralar-PLZ 3.ACUS-enxugar-NML

‘minha mãe arrancou mandioca, ralando-a e expremendo-a’

O exemplo precedente traz uma sequência de predicados com o mesmo sujeito. A conexão desses predicados em sequência não traz nenhum conectivo aberto.

(637) tahã mã³⁷ t mnĩ mõi to+tahã te k-mã dkə- da
 3.ENF 3 RLS DIR ir FOC+3.ENF 3 3-DAT ver-NML PROP

‘ele veio e (o) viu

(638) amnã wi tanẽ knã [bə nã ã pibui mõiõ ã
 ? INJ dessa.maneira IMP.NEG 2 TRANS 1 visitar distr 1
 bə nã pibui mõiõ bə nã ã pibui mõiõ
 TRANS visitar distr 2 TRANS 1 visitar distr
 ã bə nã pibui mõiõ
 1 2 TRANS visitar distr

‘não fique desse jeito, você me visitou e você me visitou e você me visitou’

8.1.2 Orações coordenadas por conectivo expresso

Semanticamente, as relações interproposicionais obtidas entre orações coordenadas incluem a conjunção, a disjunção e a exclusão, como observa Payne (1985, 337).

Não obstante, em Xerente foram identificadas três tipos de relações interproposicionais coordenadas marcadas: aditivas, dijuntivas e contrafactuais

8.1.2.1 Coordenação aditiva

Uma das estratégias utilizadas para coordenar orações independentes em Xerente é através do uso, na fronteira interoracional, da partícula *arɛ*, como mostram os seguintes exemplos:

³⁷ mã ~ nã

(639) smĩsi btə nã wa t kbə kr ã mō-r aikuwa da mē
 um sol TRANS 1 RLS PL CONT 1 ir-NML mato PROP ASS
arɛ (tã)³⁸ ktə pra wa to wa wahtu-n wa wahtu-nĩ
 CON 3.ENF anta pé 1 RLS 1 dispersar-PLZ 1 dispersar-PLZ
 wa wahtu-n] **arɛ** tōktə k- pra wa sakre- k- pra
 1 dispersar-PLZ CON agora 3- pé 1 correr.PL-NML 3- pé
 wa sakre-
 1 correr.PL-NML

‘um dia eu fui caçar na mata com outros e fomos atrás da anta e corremos atrás, atrás (da anta)’

(640) ã ptəkwa mã to t-kre sasa-r mnō pibumã mō **arɛ** kdə
 1 pai 3 RLS 3-POSP caçar-NML DISTR FIN ir CON anta
 k-mē wĩ **arɛ** ã zɛparkwa smĩpa-r snã mã t
 3-ASS matar CON 1 mãe esperar.por-NML INST 3 RLS
 kupa ka-zanō- ka-nĩ-n ka-kre
 mandioca 3.ACUS-arrancar-NML 3.ACUS-ralar-PLZ 3.ACUS-enxugar
arɛ tapari mã t mnĩ wi(si)
 CON depois 3 RLS DIR chegar

‘meu pai foi caçar e matou anta e minha mãe o esperou arrancando, ralando e espremendo mandioca. E (depois) chegou (meu pai)’

(641) wa wa t ai k-mã=dək(ə) **arɛ** tapari ã mō-r
 1 1 RLS 2 3-DAT=ver CON depois 1 ir-NML

‘eu vi você e (depois) fui embora’

³⁸ Contração de terceira pessoa *ta* mais o morfema enfático *hã*.

(642) (h)ewahə wa t ĩ mō-r da zakru sĭ Tokãŷĩniə ku
 ontem 1 RLS 1 ir-NML HUM aldeia PERT Tocantínia DIR

arɛ karə k-mě kə wam-rĩ snã ĩ mrō mã
 CON arroz 3-ASS pegar PAUC-NML TRANS 1 esposa DAT

arɛ tahã ka-hi **arɛ** kměsi-n
 CON 3.ENF 3.ACUS-cozinhar CON comer-PLZ

‘ontem eu fui à cidade (“aldeia”) de Tocantínia, comprei um pouco de arroz, trouxe-o para a minha esposa, ela o cozinhou e nós o comemos’

8.1.2.2 Coordenação disjuntiva

A coordenação disjuntiva é expressa por meio do conectivo *bə* na fronteira oracional.

(643) smikeze bə p toka ai si- mã kə-r **bə**
 facão 2 INT 2 2 REFL DAT pegar-NML DISJ

wa i mã tɛ b za ĩ -m rě-m
 wa i DAT 2 INT IRR 1 DAT deixar-NML

‘você pega o facão para si ou você vai deixar para mim?’

(644) toka tɛ b za ĩ-m rowahut(u)- **bə** təkãñē wa
 2 2 INT IRR 1-DAT ensinar -NML DISJ assim 1

b za siwakru k-mã=nã
 INT IRR errado 3.DAT=fazer

‘você me ensina ou eu vou fazer isso errado’

(645) Sõpre mã p kupa=kbu kmësi- bə ã-nĩ
 Sõpre 3 INT mandioca=beiju comer-NML DISJ 3-carne
 mã p kə?
 3 INT pegar

‘Sõpre comeu o bolo (de mandioca) ou pegou a carne?’

(646) Tpekru mã t separkwa pibu- bə Waikwadi
 Tpêkru 3 RLS mãe visitar-NML DISJ Waikwadi
 mã p ptəkwa pibu- ?
 3 INT pai visitar

‘Tpêkru visitou sua mãe ou Waikwadi visitou seu pai?’

(647) toka bə p ktə zo k-sasa-r mōn bə tbe
 2 2 INT anta a.procura.de 3-caçar-NML ALET DISJ peixe
 bə p k-sõ mōn?
 2 INT 3-pescar ALET

‘você caçou anta ou pescou?’

(648) nõkwam nõrĩ mã p kuĩwde nã da wra da-w
 quem PL 3 INT tora.de.buriti TRANS HUM correr HUM-?
 k-mã ti ssap-rĩ pikõi nõrĩ Wahire ã-si-
 3-DAT 3 ficar.atrás.de-NML mulher PL Wahire 3-REFL
 wawi- bə ambə nõrĩ Dohi nã ã-si-wawi
 pintar.corpo-NML DISJ homem PL Dohi TRANS 3-REFL-pintar.corpo

‘quem ganhou a corrida de tora foram as mulheres do Wahire ou os homens do Dohi?’

8.1.2.2.1 Coordenação disjuntiva marcada por *tanẽ=kõwa*

Um subtipo de disjunção é expresso por meio de *tanẽ=kõwa* seguindo a oração que encerra também a ideia de condição, em uma tradução livre para o Português.

(649)	rõwahtu-kwa	za	to	rowahtu-pes	aikte	mã		
	ensinar=AGNT	IRR	mesmo	ensinar-NML	bem	criança	DAT	
	tanẽ=kõwa	<i>kãte</i>	tahã	nõrĩ	te	waihku -	pse	-kõ
	MOD=PRIV	PROB	3	PL	3	saber-NML	bem	PRIV
								EST

‘o professor ensina bem as crianças ou elas não vão aprender direito’

(650)	rõwahtu-kwaza	to	kãte	ĩ-m	rowahtu-Ø	pes	tanẽ=kõwa
	ensinar=AGNT	IRR	mesmo	PROB	1-DAT	ensinar-NML	bem
	MOD=PRIV						
	wa	za	siwakru	ferẽf	nã	ka-kuĩkre	
	1	IRR	errado	Xerente	TRANS	3.ACUS-escrever	

‘ou o professor me ensina ou vou escrever errado em Xerente’

Como mostram os exemplos precedentes, *tanẽ=kõwa* segue a oração cujo predicado informa sobre a condição para a realização da informação expressa pelo predicado da oração seguinte.

8.1.2.3 Orações coordenadas contrafactuais

Orações contrafactuais ou contrajuntivas marcam oposição semântica ou denotam negação da expectativa, segundo Payne (1985). No Xerente, a contrafactualidade é expressa por meio de orações coordenadas por meio da partícula {arɛ}, sendo que a oração que expressa o contrário ao esperado é precedida, seja por meio da partícula {aire} ‘frustrativo’, seja pela partícula {nãre} ‘apesar de’ precedendo o predicado que expressa a ideia de contrafactualidade.

Exemplos de orações que expressam contrafactualidade são:

(651) tahã aire k-mã sapka-di mnĩ mõi-r da arɛ
 3.ENF FRUST 3.DAT querer-EST CENTRIP ir-NML PROP CON
 mõi-r -kõi -di tɔktɔ
 ir-NML -PRIV -EST agora

‘debalde, ele quis vir, e não veio’

Mas a ideia de contrafactualidade pode ser expressa simplesmente por um predicado estativo-existencial negado, como mostram os exemplos seguintes.

(652) tahã mã t tpe+pã-r-zem pa ã nĩm dasai
 3.ENF 3 RLS peixe+matar-NML-CIRC COMPL 1 PERT comida
 wa ka-mẽ ã dkø da arɛ to tahã ã-m sipte
 INES 3.ACUS-jogar 1 morrer PROP CON FOC 3.ENF 1-DAT ter.força
 -kõi -di
 PRIV EST

‘ela colocou veneno na minha comida para que eu morresse, mas ele não funcionou (mas não valeu, não teve força)’

(653) Sõpre t-kre sasa-r mnõi zem(ã) hawi te krẽwai
 Sõpre 3-POSP caçar-NML DISTR também ABL 3 regressar
 -kõi -di arɛ Tĩikwa si kumte -kõi -di
 PRIV EST CON Tĩikwa REFL banhar PRIV EST

‘Sõpre não voltou da caçada e Tĩikwa não tomou banho’

As seguintes orações mostram que orações com predicados estativos existenciais negados, coordenadas com outras orações por meio do conectivo {arɛ} podem ter uma leitura contrafactual, como mostram os exemplos seguintes.

(654) tahã mã t kə mba mō arɛ ã-hidba adu te wapa-r
 3.ENF 3 RLS água PERL ir CON 3-irmã ainda 3 olhar-NML

-kō -di
 PRIV EST

‘ele foi para o rio e a irmã caçula dele ainda não o viu’

(655) tahã mã t s̃si-ri kmãdək arɛ te wasku- -kō
 3.ENF 3 RLS rir-NML ver CON 3 anunciar-NML PRIV

-d nōkwai mã
 EST alguém DAT

‘ele a viu sorrindo para ela e não disse isso para ninguém’

(656) wa nōrĩ wa t aikuwa kr wa nōm-r arɛ mārĩ wa
 1 PL 1 RLS mato CONT 1 POSIC.horizontal CON algo 1

t k-mě w(ĩ)-rĩ -kō -di
 RLS 3-ASS matar-NML PRIV EST

‘nós estamos caçando e não matamos nada (lit.: “nós estamos no mato (“mateando”) e não matamos alguma (caça))’

8.2 Orações Subordinadas

Em Xerente, foram identificados os seguintes tipos de orações subordinadas mostradas nas subseções que seguem: orações subordinadas *completivas*, *adverbiais*, *condicionais*, *causais/explicativas*, *relativas* e *adverbiais*. Tratamos, ainda, das orações comparativas de superioridade, de inferioridade e de igualdade na última seção deste capítulo.

8.2.1 O correspondente a orações completivas

A oração completiva desempenha o papel de argumento da oração principal; a oração relativa funciona como modificadora de um SN; e a oração adverbial exerce a função de modificadora em um SV ou SP (cf. ROBERT e LONGACRE, 1985; GIVÓN, 2001; DIXON, 2010). Orações completivas são aquelas que sintaticamente funcionam como argumento de um predicado (cf. GIVÓN, 2001; DIXON, 2010). A depender da classe semântica a qual pertence o verbo, orações completivas podem se diferenciar quanto à sua regência e quanto à forma pelas quais são negadas.

Para Givón (2001, p. 40) verbos que exigem uma oração como complemento se agrupam em três classes semânticas, a saber:

- (i) Verbo de manipulação: ‘fazer’, ‘dizer’, ‘ordenar’, ‘pedir’, etc.;
- (ii) Verbos de cognição-percepção (“elocução”): ‘ver’, ‘saber’, ‘pensar’, etc.;
- (iii) Verbos de modalidade: ‘querer’, ‘começar’, ‘terminar’, ‘tentar’, etc.

8.2.1.1 Com verbos de manipulação

Orações completivas em sua maioria são complementos de verbos *discendi* como ‘pedir’, ‘mandar’, ‘ordenar’, ‘falar’, ‘dizer’, entre outros.

Em Xerente, o morfema {nã} ‘translativo’ marca a expressão que corresponde a uma oração subordinada que tem por núcleo um tema verbal *discendi*, conforme demonstram os exemplos que seguem:

(657) ĩ ptəkwa tɛ mrẽ təkãñã Ø za hã w(i)si-Ø **nã**
 1 pai 3 dizer hoje 3 IRR ENF chegar-NML TRANS

‘meu pai disse que (ele) chega hoje’

(658) Tpekru mã t(o) mrmẽ za hã təkãñã mnĩ ai
 Tpêkru 3 RLS dizer IRR ENF hoje DIR 2

s-o mō-r **nã**
 à.procura.de ir-NML TRANS

‘Tpêkru disse que vai te buscar hoje’

(659) tahã ñã t mrẽ za mnĩ smĩkɛzɛ te kə-r **nã**
 3 3 RLS dizer IRR DIR faca 3 pegar-NML TRANS

‘ele disse que vai trazer a faca’

(660) Smĩsuite te mr(m)ẽ za hã ĩ mã sĩm za-r **nã**
 Smĩsuite 3 dizer IRR ENF 1 DAT PERT dar-NML TRANS

‘Smĩsuite disse que vai dar um presente para mim’

(661) Smĩsuite ñã t(o) mrẽ za hã s(õ)tõ-Ø **nã**
 Smĩsuite 3 RLS dizer IRR ENF dormir-NML TRANS

‘Smĩsuite disse que vai dormir’

(662) rɔwahtukwai nōrĩ mǎ t t mrmẽ zus za hǎ təkǎnǎ
 professor PL 3 RLS 3 dizer PL IRR ENF hoje
 sipĩ- -kō **nǎ**
 trabalhar-NML PRIV TRANS

‘os professores disseram que não vão trabalhar hoje’

(663) tahǎ nōrĩ mǎ t mr(m)ẽ za hǎ təkǎnǎ sōkre-Ø **nǎ**
 3 PL 3 RLS dizer IRR ENF hoje cantar-NML TRANS

‘elas disseram que vão cantar hoje’

8.2.1.2 Com o verbo *kmǎnǎrĩ* ‘fazer’ e um verbo intransitivo

(664) wa wa za kmǎnǎ pkẽ wadkə- **pibumǎ**
 1 1 IRR fazer coração entristecer-NML FIN

‘vou fazer ele triste’

(665) wa wa za kmǎnǎ pse **pibumǎ**
 1 1 IRR fazer bonita FIN

‘vou fazer ela bonita’

(666) wa wa za kmǎnǎ aikde s(õ)tõ-Ø **pibumǎ**
 1 1 IRR fazer criança dormir-NML FIN

‘vou fazer a criança dormir’

(667) wa za kmǎnǎ Ø sīs(i)-ri **pibumǎ**
 1 1 IRR fazer 3 rir-NML FIN

‘vou fazer ela sorrir’

(668) tahã mã t Kmãñã wawê sîs(i)-ri pibumã
 3 3 RLS Fazer velho rir-NML FIN

‘ele fez o velho sorrir’

8.2.1.3 Com verbos de percepção, cognição e experiência

Verbos de percepção, cognição e experiência expressam um estado mental, uma experimentação com o mundo ou uma atividade física e / ou psíquica (cf. GIVÓN, 2001). Incluem-se, nesta classe, temas verbais como ‘ouvir’, ‘pensar’, ‘lembrar’, ‘esquecer’, ‘ensinar’, ‘saber’, ‘ver’, etc.

8.2.1.3.1 Complementos com o verbo *kmãdək* ‘ver’

O verbo ‘ver’ no Xerente requer um complemento regido pela posposição {rɛ}, posicionada ao final da oração dependente:

(669) wa wa t kmãdək ai kra si kumte-Ø rɛ
 1 1 RLS ver 2 filho REFL banhar-NML COMPL

‘eu vi que teu filho está banhando’ (“eu vi com respeito ao banhar do teu filho”)

(670) wa wa t kmãdək waptɛm nõrĩ krikahə ku wahtu-Ø rɛ
 1 1 RLS ver jovem PL cidade DIR partir.PL-NML COMPL

‘eu vi que os jovens foram para a cidade’

(671) wa nõrĩ wa t kmãdkə-n warã wa ambə nõrĩ si- krëktō-Ø rɛ
 1 PL 1 RLS ver-NML warã 1 homem PL REFL reunir-NML COMPL

‘nós vimos que os homens estão reunidos no pátio’

(672) bə p to kmādək tahā ambə nōrī sisdakbə-Ø rɛ
 2 INT RLS ver 3 homem PL conversar-NML COMPL

‘vocês viram (que) os homens estavam conversando uns com os outros?’

(673) Damsōihə mǎ t kmādək wrāku [te w(ĩ)-rĩ rɛ]
 Damsōihâ 3 RLS ver tatu 3 matar-NML COMPL

‘Damsōihə viu (que) eles mataram tatu’

(674) wa t kmādkə-n ambə nōrī amke te wrĩ-n rɛ
 1 RLS ver-NMLhomem PL cobra 3 matar-NML COMPL

‘vimos que os homens mataram cobras’

(675) waptɛ nǎ t pikō kmādək rbi rɛ kə wawē wa
 rapaz 3 RLS mulher ver nadar COMPL água antigo INES

‘o rapaz viu a menina que nadava no rio’

(676) tahā nǎ t kmādək pikō te kmādkə -kō nǎ are tahā te
 3 3 RLS ver mulher 3 ver PRIV TRANS CON 3 3

wapa-r -kō -di wsi rɛ
 ouvir-NML PRIV EST chegar COMPL

‘ele viu que a menina não estava olhando e ela não ouviu quando ele chegou’

(677) are wa t kmādəkə kbazeĩprā da t k-mě pã-rĩ hǎ
 HORT 1 RLS ver caça HUM RLS 3-ASS matar-NML ENF

‘vamos ver as caças que foram caçadas’

Os exemplos seguintes mostram orações com o verbo ‘ver’ negadas:

(678) wa ĩ t kmãdkə-Ø -kõ -di [tahã waptẽm nõrĩ sinã-Ø rɛ]
 1 1 RLS ver-NML PRIV EST 3 jovem PL chegar-NML COMPL

‘eu não vi que os rapazes chegaram’

(679) pikõĩ nõrĩ t ĩ k-mã dkə-Ø -kõ -d [ĩ wat(ɔ)brɔ-Ø rɛ]
 mulher PL rls 1 3.DAT ver-NML PRIV -EST 1 sair-NML COMPL

‘as mulheres não viram que eu saí de casa’

Os próximos exemplos mostram o complemento do verbo ‘ver’ negado:

(680) t mã wẽ knã to tahã mõi-r da [kaptɔ te kmãdkə-
 3 DAT PERM IMP.NEG RLS 3 ir-NML PROP cacique 3 ver-NML
-kõ rɛ]
 PRIV COMPL

‘não deixe ele partir sem ver o cacique!’

(681) nõkwa mõi-r knã kaptɔ nã sõpre- -kõ rɛ
 alguém ir-NML IMP.NEG cacique MAN ver-NML PRIV COMPL

‘não deixe ninguém partir sem que veja o cacique!’

8.2.1.3.2 Complementos oracionais do verbo *waparn* ‘ouvir, escutar’

Com a posposição {*rε*} ‘completivo’

(682) wa t wapa-r-n wde krεkke wapt(ã)kã-Ørε
 1 1 escutar,ouvir-NML-NML árvore REDPL.barulho cair-NML COMPL

‘ouvimos o barulho da árvore que caiu’

Com a posposição {*nã*} ‘translativo’

(683) Sõpre nã t wapa ptokwa za hã da=zakrui kamõi ku
 Sõpre 3 RLS ouvir pai IRR ENF HUM=aldeia outra DIR

wair(ε)be-Ø nã
 sair-NML TRANS

‘Sõpre ouviu de seu pai que eles vão mudar de aldeia’

Com a posposição {*hawi*} ‘ablativo’

(684) ã zεparkwa nã t wapa ambə nõi mnĩ te krēkē sasa-r hawi
 1 mãe 3 RLS escutar homem PL DIR 3 ruído caçar-NML ABL

‘minha mãe escutou que os homens voltaram da caça’

(685) wa wa t wapa da=nōkre Akwē nõi te kburō hawi
 1 1 RLS ouvir HUM=cantar Xerente PL 3 juntar, ajuntar ABL

‘eu escutei a música que os Xerente juntaram (“recordaram”)’

8.2.1.3.3 Complementos de orações com a expressão verbal *smĩ akse si kutõrĩ* ‘esquecer’³⁹

Os exemplos de complementos dessa locução são regidos pela posposição {nã} ‘translativo’

(686) wa wa t smĩ=akse=si=kutõ-r⁴⁰ toka kritõi=zaptõ nã ai
 1 1 RLS PERT=REFL=perder-NML 2 bola=redondo TRANS 2
 sihə nã are ai pra sīzə-r nã
 brincar TRANS CON 2 pé quebrar-NML TRANS

‘eu esqueci que você jogou bola e quebrou o pé’

(687) Sõpre nã t ã-nm akse si=kutõ-r ã separkwa həze nã
 Sõpre 3 RLS 3-PERT juízo REFL=perder-NML 1 mãe doença TRANS

‘Sõpre esqueceu que sua mãe ficou doente’

(688) toka bə t (nã) ai ãsm=akse=sikutõ-r wapte mnã dasa
 2 2 RLS TRANS 2 PERT=REFL=perder-NML jovem DISTR comida
 kbure te k(rē)nē nã
 toda 3 comer TRANS

‘você esqueceu que o rapaz comeu toda a comida’

³⁹ smĩ akse si kutõrĩ ~ waihuku sikutõrĩ.

⁴⁰ smĩ ~ nmĩ ~ ãnm ~ ãsm.

8.2.1.3.4 Orações correspondentes a completivas com o verbo *npokrpuku* ‘lembrar’

(689) wa wa t ã npok(r)puk(u) toka za hã ai w(i)si-
1 1 RLS 1 lembrar 2 IRR ENF 2 chegar-NML

nã awẽ ku
TRANS amanhecer DIR

‘eu lembrei que você chegará ao amanhecer (=amanhã)’

(690) toka nãrĩ kwa bə p to ai spokpku-kw tahã s(i)tikru **nã**
2 PL PL 2 INT RLS 2 lembrar-PL 3 brabeza TRANS

‘vocês lembraram que ele ficou com raiva’

(691) tahã nã t npokpuk toka ai sikwape **nã** tahã mẽ
3 3 RLS lembrar 2 2 brigar TRANS 3 ASS

‘ele se lembrou que você brigou com ele’

8.2.1.3.5 Complementos do verbo *waihuku* ‘saber’

Orações que têm por núcleo o verbo *waihuku* “saber” requerem um complemento pelo morfema estativo {-di} ~ {-k(i)}, os quais são regidos pela posposição *nã* ‘translativo’.

(692) wa waihku -di za hã ã mō-r (-kō) **nã**
1 saber EST IRR ENF 1 ir-NML (PRIV) TRANS

‘eu sei que eu (não) irei’

(693) tahã waihku -di za hã ai w(i)si-Ø **nã**
 3 saber EST IRR ENF 2 chegar-NML TRANS

‘ele sabe que você chegará’

(694) toka waihku -di za hã tahã s(õ)tõ- **nã**
 2 saber EST IRR ENF 3 dormir-NML TRANS

‘você sabe que ele dormirá’

Note-se que o complemento desse verbo pode ser um simples predicado estativo-existencial:

(695) [ĩ-m sasa-r] waihku -**di**
 1-DAT caçar-NML saber EST

‘eu sei caçar (“para mim existe o conhecimento do caçar”)’

(696) wa nõĩ [Wakedi nõkre-] wa-m waihku -**di**
 1 PL Wakedi canto-NML 1-DAT saber EST
 ‘nós sabemos a dança do/a Wakedi⁴¹

(697) wa wakrowde [ĩ-m kmãñã-r] waihku -**di**
 1 flecha 1-DAT fazer-NML saber EST

‘eu já sei fazer flecha (“fazer flecha para mim é sabido”)’

Mas pode ser também um predicado nominal com um simples nome de ação:

(698) wa wakrowde wa to kmãñã-r waihu-**k**
 1 flecha 1 RLS fazer-NML saber-EST

‘eu já sei fazer flecha’

⁴¹ Dança realizada durante a nomeação masculina e feminina no *Dasîpe* ‘festa tradicional Xerente’.

(699) ĩ kra mã to t mrmẽ- waihu-**k**
1 filho 3 RLS 3 falar-NML saber-EST

‘meu filho já sabe falar’

(700) toka bæ p to bru h(i)-ri waihu-**k**
2 2 INT RLS roça colocar-NML saber-EST

‘você já sabe fazer roça’

O verbo saber, quando negado, é núcleo de um predicado nominal estativo-existencial:

(701) wa to kbure da si- wawi- ĩ-m waihku -kõ **-di**
1 RLS todos HUM REFL pintar-NML 1-DAT saber PRIV EST

‘eu não sei todas as pinturas’

(702) wa ĩ nõk(re)- waihku -kõ **-di**
1 1 cantar-NML saber PRIV EST

‘eu não sei cantar’

(703) tahã nõĩ t-mã sõ- waihku-kõ **-di**
3 PL 3-DAT pescar-NML saber-PRIV-EST

‘eles não sabem pescar’

(704) aikte nõĩ sõk(re)- waihku -kõ -di
criança PL cantar-NML saber PRIV EST

‘as crianças não sabem cantar’

8.2.1.4 Orações completivas com verbos de modalidade

Na classe dos verbos de modalidade incluem-se temas verbais que denotam permissão como ‘deixar’, ‘dever’, ‘poder’, ‘permitir’, ‘conseguir’, dentre outros, os quais expressam modalidade deôntica (cf. NOONAM, 2007, p. 137).

Segundo Givón (2001), orações completivas com verbos de modalidade “codificam ação, estado ou atitude aspectual (início, término, continuação, sucesso, fracasso) ou modal (tentativa, intenção, obrigação, habilidade, possibilidade) de seu sujeito em relação ao evento/estado codificado na oração completiva” (GIVÓN, 2001, p. 55).

8.2.1.4.1 Complementos do verbo *wě* ‘permitir’

Orações completivas deste tipo são formadas com temas verbais como ‘poder’, ‘dever’, ‘ter de’. Em Xerente, o verbo com significado equivalente a ‘permitir’ é {*wě*} e seu complemento é regido pela posposição *pibumã* ‘finalidade’ ou pela posposição *da* ‘propósito’

(705) te br za [to hərə we ĩ mō-r **pibumã**] ĩ m wě
2 INT IRR [RLS amanhã DIR 1 ir-NML FIN] 1 DAT permitir

‘voce deixa/permite para eu vir amanhã?’

(706) te br za to ĩ m wě [ĩ mō-r **pibumã** ai mē ĩ
2 INT IRR mesmo 1 DAT permitir [1 ir-NML FIN 2 ASS 1

sihə-Ø **da**] brincar-
NML PROP]

‘posso vir para brincar com você?’

8.2.1.4.2 Complementos do verbo *sapaka* ‘desejar, querer, intencionar, pretender’

Complementos desse verbo são regidos mais frequentemente pela posição *da* ‘propósito’, mas pode ser regido por outras posições.

(707) wa k-mã ã zapa tahã mnĩ tĩ- k-mã dkə **da**
1 3-DAT 1 querer 3 DIR 3 3-DAT ver PROP

‘eu quero que ele venha me ver’

(708) toka to p k-mã ai sapka-d ai ptəkwa mnĩ
2 RLS INT 3-DAT 2 querer-EST 2 pai DIR

azanã w(i)si **da** depressa
chegar PROP

‘você quer que seu pai chegue logo?’

(709) tahã k-mã sapka-d ai kra mnõ dabba te waihku
3 3-DAT querer=EST 2 filho DISTR HUM=esvaziar 3 conhecer

pse mnõ **da**
coração DISTR PROP

‘ele quer que seus filhos aprendam bem a dança’

(710) tahã mnĩ sapka-di te kmãdkə **da**
3 DIR querer-EST 3 ver PROP

‘ele quer vir para ver’

(711) tahã mnĩ sapka-di si-tmõ⁴² nã t ã kmãdkə **da**
3 DIR querer-EST REFL-olho 3 RLS 1 ver PROP

‘ele pretende vir e me ver’

⁴² Expressão semelhante a “ver com os próprios olhos”.

(712) tahã mnĩ sapka-di si-tmõ nã ku⁴³ te wa k-mã dkə **da**
 3 DIR querer-EST REFL-olho 3 DIR 3 1 3-DAT ver PROP

‘ele pretende vir e ver nós’

Outros exemplos em que os complementos do mesmo verbo são regidos por outras posições:

(713) tahã sapka -di amõ sest **nã**
 3 pretender EST para.lá sexta TRANS

‘ele pretende ir na sexta’

(714) wa nõrĩ kbure k-mã wa zapka-di we wa wah(u)tu
 1 PL todos 3-DAT 1 desejar-EST DIR 1 partir

pibumã dasĩpse **t-mẽ**
 FIN festa.tradicional.xerente 3-ASS

‘nós todos desejamos vir para o *Dasĩpsê*’

O exemplo seguinte tem como complemento um simples verbo direcional:

(715) tahã sapka -di **mnĩ**
 3 pretender EST DIR

‘ele pretende (tem a intenção, o querer de) vir’

⁴³ O morfema {ku}, a depender do contexto, pode funcionar como um morfema reportativo, como um direcional ou significar “planejamento” como no exemplo:

Smĩsuite za ku mnĩ tãra=mrĩmẽ (cerurar) ã-m k-mẽ kə
 Smĩsuite IRR planejar DIR ferro+fala (celular) 1-DAT 3-ASS pegar

‘Smĩsuite disse que vai trazer um celular pra mim’

8.2.1.4.3 Complementos de *zeĩ* ‘desiderativo’

Os complementos do verbo *zeĩ* ‘desiderativo’ podem ser um predicado nominal formado com o estativo-existencial *-di*:

(716) nwa mō-r da ã t Ø kmãdkə-Ø zeĩ -kō -di totahã
 PERM ir-NML PROP 1 RLS 3 ver-NML DES PRIV EST 3

tōktō
agora

‘deixe-o partir, eu não quero vê-lo agora (neste instante)’

(717) Warō ã t ai kmãdkə-Ø zeĩ -kō -di wa!
 Warō 1 RLS 2 ver-NML DES PRIV EST IMPED

‘Warō, eu não quero te ver!’ (A pessoa se dirigindo diretamente à pessoa)

(718) wa ã t ai kmãdkə zeĩ -kō -di
 1 1 RLS 2 ver-NML DES PRIV EST

‘eu não quero ver você’

(719) wa nōrĩ wa dkə-Ø zeĩ mnō -kō -di
 1 PL 1 morrer DES DISTR PRIV EST

‘nós não queremos morrer’

8.3 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Orações adverbiais podem se subcategorizar em: (i) temporal; (ii) finalidade; (iii) condicional; (iv) causal, conforme demonstram as descrições que seguem.

8.3.1 Orações adverbiais temporais

As orações adverbiais temporais podem ser marcadas por advérbios ou expressões adverbiais que denotam eventos retrospectivos, simultâneos ou sucessivos em relação ao evento da oração principal.

8.3.1.1 Orações correspondentes a temporais de anterioridade

A noção de anterioridade é expressa por meio de predicado nominal seguido do sufixo privativo {-kõ} e da posposição completiva {rɛ}, que contribui com o significado locativo-temporal de “antes de”.

(720) ai s(õ)tõ- **-kõ** rɛ tɛ za to ai si kwa kukri
2 dormir-NML PRIV COMPL 3 IRR mesmo 2 REFL dente raspar

‘antes de dormir você tem que escovar os dentes (lit.: “enquanto não houver o teu dormir, você escova dente”, ou ‘com respeito ao teu dormir”)’

(721) toka tɛ za akə tka t-mã kwapes nõzə kre **-kõ** rɛ
2 2 IRR antes terra 3-DAT consertar milho plantar PRIV COMPL

‘você deve preparar a terra antes de plantar o milho’

(722) wa wa za krikahə ku akə ĩ mō-r we ai w(i)si
1 1 IRR cidade DIR antes 1 chegar-NML CENTR 2 chegar.SG

-kõ rɛ
PRIV COMPL

‘eu irei para a cidade antes de você chegar aqui’

(723) tahã za to wasa-r pa wawẽ te k(rẽ)nẽ
 3 IRR mesmo mastigar-NML COMPL INTENS 3 engolir, comer

-kõ rɛ
 PRIV COMPL

‘ele mastiga por um tempão antes de engolir’

8.3.1.2 Construções correspondentes a orações subordinadas temporais de sucessividade ou sequenciais

As orações adverbiais de tempo que semanticamente denotam sucessão ou sequência de eventos são marcadas pelo advérbio *pari(m)*.

(724) ã sai **pari(m)** (si) wa za ã nõtõ-
 1 comer depois somente 1 IRR 1 dormir-NML

‘depois de comer, vou dormir’

(725) tahã za to hesuka=zanãm-r-zɛp=ku mõi ai wsi **parim** si
 3 IRR RLS folha=ler-NML=NML=LOC ir 2 chegar depois somente

‘ele vai à escola (“lugar de leitura do papel”) depois de você chegar’

(726) toka nõi kwa te za to bru kre kwa rɔ=pse **parim** si
 2 PL PL 2 IRR RLS roça plantar PL GEN=bom depois somente

‘vocês devem plantar a roça depois de prepará-la bem’

(727) dasĩpse rɛ za to Padi brba krãĩ=watɔbr
 festa.tradicional COMPL IRR rls Tamanduá atrás.de cabeça=surgir, aparecer

kũĩwde nĩtrɔ **pari**
 tora.de.buriti tora.comprida depois

‘durante o dasĩpe acontece a dança do Padi depois da corrida de tora comprida’

8.3.1.3 Construções correspondentes a orações subordinadas temporais de simultaneidade

Orações dependentes adverbiais que expressam simultaneidade de eventos são marcadas pelo morfema {snã} ‘enquanto’

(728) tahã t nōkre- nōzə [te ka-pa-r snã]
 3 RLS cantar-NML milho [3 3-moer-NML enquanto]

‘ela canta enquanto moi milho’

(729) toka tē t ai sīsi-r dasa [ka-h(i)-ri snã]
 2 2 RLS 2 rir-NML comida [cozinhar-NML enquanto]

‘você ri enquanto prepara comida’

(730) tahã-t hə bru wa [sipi-Ø snã]
 3-RLS gritar roça INES [trabalhar-NML enquanto]

‘ele grita ao mesmo tempo em que ele trabalha na terra/roça’

(731) tahã t rə ã-m ka-wasku waptə [te kmãñã-r snã]
 3 RLS GEN 1-DAT 3-contar esteira [3 fazer-NML enquanto]

‘ele tece uma esteira enquanto me conta uma estória’

(732) wa t [ka-kũĩkre snã] mã t Hòbertw d(a)=zdawa
 1 RLS [3-escrever enquanto] 3 RLS Roberto HUM=boca

kuně wawě
 feio INTENS

‘enquanto nós estávamos escrevendo, Roberto estava fazendo caretas’

8.3.2 Construções correspondentes a orações subordinadas adverbiais de propósito

As orações adverbiais de propósito em Xerente são marcadas pela posição *da* ‘propósito’, cujo núcleo da oração dependente pode ser um nome descritivo ou um verbo nominalizado – nome de ação – intransitivo e transitivo. Expressam propósito ou razão.

(733) wa t we ã mōr [ĩ hidba ã t kmãd(ə)kə-Ø **da**]
 1 RLS DIR 1 ir-NML [1 irmã 1 RLS ver-NML PROP]

‘eu vim para ver minha irmã’

(734) tahã nã t tokai sĩm knĩ kə [te k-mã w(ĩ)-rĩ **da**]
 3 3 RLS 2 PERT lança pegar [3 3-DAT matar-NML PROP]

kbazeĩprã
 caça

‘ele pegou tua lança para matar alguma caça’

(735) wa za ai-m sō smĩkəmre [sika k-mã =wrĩ **da**]
 1 IRR 2-DAT dar faca galinha 3-DAT=matar PROP

‘eu te darei uma faca para matar a galinha’

(736) wawẽ nã t tpe=pãr-zem=pa sikrui mã sō [totahã dkə **da**]
 velha 3 RLS peixe=matar-NML=raiz inimigo DAT dar [3 morrer PROP]

‘a velha deu veneno para seu inimigo para que ele morresse’

(737) tahã nã t mnĩ mō totahã [te kmãdkə-Ø **da**]
 3 3 RLS DIR ir 3 [3 ver-NML PROP]

‘ele veio e o viu’

(738) totahã mã t mnĩ mõi to te kmãdkə-Ø **da**
 3 3 RLS DIR ir RLS 3 ver-NML PROP

‘ele veio para vê-lo’

(739) totahã mã to mnĩ t-mõi-r par to te kmãdkə-Ø **da**
 3 3 RLS DIR 3-ir-NML COMPL RLS 3 ver-NML PROP

‘ele veio para vê-lo (veio e foi embora)’

(740) totahã mã to t-mõi-r par mnĩ tahã te kmãdkə-Ø **da**
 3 3 RLS 3-ir-NML COMPL DIR 3 3 ver-NML PROP

‘ele tinha vindo para vê-lo’

(741) Smĩsuite mã t mnĩ mõi wa tĩ kmãdkə-Ø **da**
 Smĩsuite 3 RLS DIR ir 1 3 ver-NML PROP

‘Smĩsuite veio para me ver’

(742) Smĩsuite mã t mnĩ mõi te wa kmãdkə-Ø **da**
 Smĩsuite 3 RLS DIR ir 3 1 ver-NML PROP

‘Smĩsuite veio para nos ver nós’

(743) tahã nõĩ tē to nmĩpa-r-kw tai kmãdkə-Ø **da** toka hã
 3 pl 3 RLS esperar-NML-PL 2 ver-NML PROP 2 ENF

‘eles estão aguardando (para) ver você’

(744) wa nōrĩ kə srure snā k-mã wa zapka-di wa t
 1 PL água pouco TRANS 3-DAT 1 querer=ENF 1 RLS

kəi=kahu-r **da**
 água=beber.PL-NML PROP

‘nós queremos um pouco de água para beber’

(745) wa nōrĩ k-mã wa zapka-di kə wamrĩ-re snā k-mã wa
 1 PL 3-DAT 1 querer=EST água pouco-ATN TRANS 3-DAT 1

si kupsõ-Ø **da**
 REFL lavar-NML PROP

‘nós queremos um pouco de água para nos lavar’

Mas pode também ser regido pela posição *pibumã* ‘finalidade’:

(746) tahã⁴⁴ Smĩsuite mã t mnĩ mō Ø te kmãdkə-Ø **pibumã**
 3 Smĩsuite 3 RLS DIR ir 3 3 ver-NML FIN

‘ele (Smĩsuite) veio para (com a intenção de) vê-lo’

(747) Smĩsuite mã t mnĩ mō tai kmãdkə-Ø **da ~ pibumã**
 Smĩsuite 3 RLS DIR ir 2 ver-NML PROP ~ FIN

‘Smĩsuite veio para ver você’

(748) Smĩsuite mã t mnĩ mō Warõ kãto Nãmnãdi te kmãdkə-Ø
 Smĩsuite 3 RLS DIR ir Warõ CONJ Nãmnãdi 3 ver-NML

da ~ **pibumã**
 PROP ~ FIN

‘Smĩsuite veio para ver Warõ e Nãmnãdi’

⁴⁴ É obrigatório o uso do pronome de terceira pessoa *tahã* antecedendo o nome próprio se não se conhece a pessoa da qual se fala.

(749) Smĩsuite mã t mnĩ mō tota nōrĩ te kmãdkə-Ø **da ~ pibumã**
 Smĩsuite 3 RLS DIR IR 3 PL 3 ver-NML PROP ~ FIN

‘Smĩsuite veio para vê-los’

8.3.2.1 Construções correspondentes a orações dependentes de finalidade negativas

Thompson *et al.* (2007) observam que algumas línguas têm um subordinador negativo especial para orações de finalidade. Nas orações adverbiais de finalidade do Xerente em contexto de subordinação negativa se utiliza o morfema {*kumnãste*}. É possível que o dispositivo de negação das orações subordinadas pode ser derivado do verbo negativo *kunã* ‘recomendar para não se fazer algo’ mais o pronome de verbos transitivos *te* ‘3P SING/DUAL/PL’, formando uma espécie de “finalidade negativa”:

(750) nōkwa mã p ai wa-r-kw kahu-r kba **kumnãste**
 quem 3 INT 2 pedir-NML-PL comer-NML PL FIN.NEG

‘quem pediu para que vocês não comessem?’

(751) toka bə t Tĩkwa war tai wasku **kumnãste**
 2 2 RLS Tĩkwa pedir 3 contar FIN.NEG

‘você pediu (para) que Tĩkwa não contasse’

(752) wa ã zdekwa tē t ã wa-ri ã t k-mã waza-r **kumnãste**
 1 1 irmão 3 RLS 1 pedir-NML 1 RLS 3-DAT misturar-NML FIN.NEG

‘meu irmão está pedindo para que eu não misture elas (as sementes)’

(753) wa wa za toka ai wa hərə ai k-mã rəmsikər -kõ
 1 1 IRR 2 2 1 amanhã 2 3-DAT distante.no.tempo PRIV

kumnãste

FIN.NEG

‘eu te peço para que você não demore a chegar amanhã’

(754) wawẽ nõrĩ mã t nĩwa-r-kw waptəm nõrĩ wa=nĩm
 velho PL 3 RLS pedir-NML-PL jovem pl 1=PERT

rəmkmãdə te r(ẽ)mẽ **kumnãste**
 costume, ponto.de.vista 3 abandonar FIN.NEG

‘os velhos solicitam para que os jovens não percam os nossos costumes akwẽ’

8.3.3 Construções correspondentes a orações subordinadas condicionais

Thompson *et al.* (2007, p. 255) categorizam as orações dependentes condicionais em (i) condicionais de realidade e em (ii) condicionais de irrealidade. Segundo os autores, enquanto as primeiras “se referem a situações presentes ‘reais’, ‘genéricas/habituais’ ou situações passadas”, as condicionais de irrealidade se referem a situações ou imaginativas ou preditivas.

8.3.3.1 Construções correspondentes a orações subordinadas condicionais com {wa}

Orações condicionais de realidade são expressas por meio do morfema {wa}, que precede o predicado complemento.

(755) ĩ₁ kãre **wa** te rɔ=pse -kõ rɛ nõzə te kre wa za
 1 cunhado COND 3 GEN=bem PRIV COMPL milho 3 plantar 1 IRR
 hã nhanẽ ptɔ -kõ -di
 ENF como brotar PRIV EST

‘se meus cunhados não plantarem bem o milho, ele não vai ter como brotar’

(756) ĩ nmĩ=zaza-r **wa** wa za to ĩ nĩpi
 1 PERT-ficar.parado-NML COND 1 IRR mesmo 1 trabalhar

‘se eu ficar, irei trabalhar’

(757) Sõpre kupa te wakrui **wa** nõkwa b za kupa ka-rẽp(ẽ)
 Sõpre mandioca 3 espremer COND quem INT IRR mandioca 3-fazer.beiju

‘se Sõpre espremer a mandioca, quem vai fazer beiju?’

(758) kãhã wapsã nĩtikru za ai sa kupi **wa** ta hã
 este cachorro valente, zangado IRR 2 morder tocar COND 3 ENF

‘estes cachorros valentes vão te morder se mexer com eles’

(759) totahã k-mã=sapka **wa** za mnĩ mõ⁴⁵ tĩ- kmədkə da
 3 3-DAT =querer COND IRR DIR ir 3 ver PROP

‘se ele quiser vir, ele o verá’

8.3.3.1.1 Condicionais com *kwaihkə* ‘se’

Orações subordinadas condicionais com *kwaihkə* ‘se’ têm como núcleo um nome e são seguidas pela partícula que expressa a modalidade alética **arknẽ** ‘probabilidade’.

⁴⁵ Andar, modificado pelo *mnĩ* ‘de lá pra cá’, substituindo por *za to mō* ‘de cá pra lá’.

(760) kũiwde *kwaihkə* **arknē** ambə nōrĩ sakre pse-kw⁴⁶
 tora.de.buriti SUBJ PROB homem PL correr bom=PL

‘os homens fariam uma corrida de tora grande na festa se tivesse tora’

(761) dasaĩ *kwaihkə* **arknē** ĩ sa
 comida SUBJ PROB 1 comer

‘eu comeria se tivesse comida’

(762) dasa sikazazə-r *kwaihkə* **arknē** ĩ sa
 comida sobrar-NML SUBJ PROB 1 comer

‘eu teria comido se tivesse sobrado’

8.3.3.2 Construções correspondentes a orações condicionais de irrealidade

As orações condicionais de irrealidade subdividem-se em (i) imaginativas e (ii) preditivas. Condicionais de irrealidade imaginativas referem-se a situações que denotam uma situação na qual se imagina uma situação hipotética ou o que poderia ter ocorrido ou existido (contrafactual), enquanto que, nas condicionais preditivas, prediz-se o que será (THOMPSON *et. al.*, 2007, p. 255).

Em Xerente, parece não haver uma distinção formal entre as duas modalidades de condicionais.

(763) toka bru h(i)-ri **wa** wa za ai=mē ĩ nĩpi-
 2 roça colocar-NML COND 1 IRR 2-ASS 1 rabalhar-NML

 azanã wa t k-mã waz(e)re da
 depressa 1 RLS 3-DAT terminar PROP

‘se você for colocar a roça, eu vou trabalhar junto com você para nós acabarmos logo com ela’

⁴⁶ ~ ambə nōrĩ arknē kũiwde kwaihkə sakre psekw.

(764) toka ai mō-r wa smīkezemre wa za ktəkmō nĩ ka-nhə
 2 2 ir-NML COND faca 1 IRR gado carne 3o-cortar

‘se você for com a faca, eu vou cortar a carne da vaca’

(765) Sōpre za to kuhəbə wĩ krikahə hawi ai wsi wa
 Sōpre IRR mesmo porcomatar cidade ABL 2 chegar COND

‘Sōpre vai matar o porco, se você chegar da cidade’

(766) toka arknē kbure wa kmādkə kwaikə arknē wa waihtu-n
 2 PROB todos 1 ver SUBJ PROB 1 dispersar-NML

‘se você tivesse nos visto, todos nós já tínhamos ido’

(767) rəmzakrā=re wa ĩ ktu kwaikə arknē wa ai waikrām-kw
 de.manha COND 1 acordar SUBJ PROB 1 2 encontrar-PL

‘se eu tivesse acordado cedo, eu já tinha encontrado vocês’

(768) wa wahtu kwaikə bru ku wa arknē kuhəre k-mē wĩ
 1 dispersar SUBJ roça DIR COND PROB caititu 3-ASS matar

‘se nós (dual) tivéssemos ido para a roça, eu tinha matado algum caititu’

(769) wa ĩ nĩpi k-mā ĩ zapka wa wa za ai srōwa ku
 1 1 trabalhar 3-DAT 1 querer COND 1 IRR 2 lar DIR

ĩ mō-r
 1 ir-NML

‘se eu quisesse trabalhar, irei pra sua casa’

(770) tahã sōkre k-mã sapka **wa** Ø za to mō
 3 canta 3-DAT querer COND 3 IRR mesmo ir

wa-ptōkwa-zawre+da-mã si-krēktō-zep ku
 1-pai-grande=HUM=DAT REFL-ajuntar-CIRC DIR

‘se ela quiser cantar, ela irá pra igreja’

(771) kuzə toka rkə-ze **wa** toka te za wde nkra kre
 fogo 2 fazer.fogo-NML COND 2 2 IRR árvore galho seco

ka-krã(i)srut(u)
 3-ajuntar

‘se você quiser fazer fogo, você terá que juntar galho seco’

(772) wasa kahu-r zeĩ **wa** wa za wa t kr sō
 comida comer-NML DES COND 1 IRR 1 RLS CONT pescar

‘se nós quisermos comer, teremos que pescar’

8.3.4 Construções correspondentes a orações subordinadas explicativas

As orações subordinadas causais explicativas expressam uma explicação ou causa do que se declara na oração principal. Em Xerente, essas orações são marcadas por *nmě*:

(773) tahã te wapa-r -kō -di spokrep tō **nmě**
 3 3 ouvir-NML PRIV EST ouvir PRIV CAUS

‘ele não pode ouvir que ele é surdo’

(774) tahã te sanãm-r -kõ -di (to) tãmdo **nmẽ**
 3 3 ler-NML PRIV EST RLS cego CAUS

‘ele que é cego por isso não pode ler’

(775) tahã te kuĩkre -kõ -di rêrkẽ **nmẽ**
 3 3 escrever, pintar PRIV EST trêmulo CAUS

‘ele não pode escrever que ele é trêmulo’

(776) mãrwa-p aikde sda-ri? da-t ka-zə-r **nmẽ**
 por.que INT criança gritar-NML HUM-RLS 3o-bater-NML CAUS

‘porque criança gritar? Do apanhar dela, por causa (“porque ela apanha”)

(777) wa ã wwa to ã pnã ~ zəkwa amke te sa-r **nmẽ**
 1 1 choro RLS 1 irmão.mais novo cobra 3.OBJ morder-NOML CAUS

‘eu, meu choro realiza, porque, meu irmão mais novo, cobra o morder (“eu estou chorando porque meu irmão foi picado por uma cobra”)

(778) toka bæ t ã sãm-r tanẽ=**nmẽ** wa t kə
 2 2 RLS 1 dar-NML portanto1 RLS pegar

‘porque você o deu para mim, eu peguei-o’

(779) sakukre mã t si sdə=hu toka k-mã = wasi pse -kõ **nmẽ**⁴⁷
 saco 3 RLS se abrir=OPOS 2 3-DAT amarrar bom PRIV CAUS

‘o saco desatou-se, porque você não amarrou ele bom’

⁴⁷ A expressão negativa causal **kõ nmẽ** pode ser substituída por *kõ di bæ*.

(780) ktəku mã t watəbr(ə) kurti zdawa wa t sdə -kõ **nmě**
 gado 3 RLS sair cercar boca 1 RLS fechar PRIV CAUS

‘o gado saiu, porque nós não fechamos a porteira dele (do curral)’

8.3.5 Construções correspondentes a orações relativas

Como é comum nas línguas Jê, em Xerente, o correspondente a orações relativas finitas encontradas em línguas como o Xavante, Krahô e Xikrín, são nominalizações. Apresentamos, em seguida, exemplos dessas construções.

8.3.5.1 O antecedente é um sujeito

(781) ai sipi- [k-mã kwamã-r] kba zem hawi bə t toka
 2 trabalhar 3-DAT fazer.algo-NML PL CIRC ABL 2 RLS 2

nõrĩ kwa mãkrãwi-re ai s(õ)tõ kba mõn
 PL PL crepúsculo-ATN 2 dormir PL ?

‘vocês que trabalharam de manhã dormiram cedo’

(782) waptem nõrĩ mnĩ [ĩ wahdu-] za to kũĩwde
 jovem PL DIR [3 partir.PL-NML] IRR mesmo tora.de.buriti

nã sakre
 INST correr.PL

‘os rapazes que vieram vão correr com a tora’

(783) ambə [ĩ wsi-] mã t krawa kãtõ pɔnkẽre k-mẽ wĩ
 homem [3 chegar.SG-NML] 3 RLS paca e veado3-ASS matar

‘o homem que chegou matou uma paca e um veado’

(784) amkɛ [fĩ sa-ri] mã t wara rɔwastɛ ku
 cobra [3 morder-NML] 3 RLS correr, fugir.SG mato DIR

‘a cobra que me mordeu correu na direção do mato’

(785) pikõĩ nõrĩ siktõ [k-mã =kwamã-r] kwa mã to sĩprɔ-Ø
 mulher PL cofo 3-DAT =fazer-NML PL 3 RLS cansar-NML

‘as mulheres que fazem cofo estão cansadas’

(786) ambə nõrĩ waptə [k-mã =kwamã-r] kwa tɛ to tpe mba
 homem PL esteira 3-DAT =fazer-NML PL 3 RLS peixe PERL
 kr nõm-r
 CONT POSIC.posição.horizontal-NML

‘os homens que tecem esteiras estão indo à pescaria’

(787) ambə waptə [k-mã =nã-r] kwa mã t dɔ-r
 homem esteira 3-DAT =fazer-NML PL.OBJ 3 RLS morrer-NML

‘o homem que faz estas esteiras morreu’

(788) pikõĩ nõrĩ rɔm=zə [wapsi-] kwa katõ dui kbuzi nã t
 mulher PL GEN=semente bater PL e capim brilhante 3 RLS
 krikahə ku
 cidade para

‘as mulheres que pisam grão e pegam capim dourado foram para a cidade’

(789) ambə nōrĩ kuhə zo kr ã nmrõ mnõ nōrĩ
 homem PL porção em.busca.de CONT 3 POSIC.horizontal DISTR PL
 mã t k-mě pã
 3 RLS 3-ASS matar

‘os homens que caçam mataram um porção’

8.3.5.2 O antecedente é um objeto direto

(790) wa nōrĩ wa za kupa [wakrui-n] pikõĩ nōrĩ te
 1 PL 1 IRR mandioca espremer-NML mulher PL 3
 [nnĩ-]
 ralar-NML

‘nós já vamos espremer a massa de mandioca que as mulheres ralaram’

(791) wa wa za rəm=zə kə ã-t [sasõm-rĩ]
 1 1 IRR GEN=semente pegar 1-RLS pendurar-NML

‘eu vou pegar a semente que eu guardei (pendurado)’

(792) nōkwa nã p apkre sdə ã-t [kwakre-]
 quem 3 INT buraco fechar 1-RLS cavar-NML

‘quem foi que fechou o buraco que eu cavei?’

(793) wa wa t m̃ mĩ pkə krãsrut toka [ka-nhə-ri]
 1 1 RLS lenha rachado amontoar 2 3-cortar-NML

‘eu juntei a lenha rachada que vocês cortaram’

(794) nmãzi bə p toka rəm təra ã-t ai-m [sôm-rĩ]
 onde 2 INT 2 com ferro 1-RLS 2-DAT [entregar-NML]

‘onde foi que você deixou o machado que eu te dei?’

(795) wa nõrĩ wa t k-mã wa nõpre-n ambə [ĩ dkə-]⁴⁸
 1 PL 1 RLS 3-DAT 1 ver-NML homem 3 olhar-NML

‘nós vimos o homem que olhou’

(796) wa wa t amkə wĩ [tĩ sa-ri]
 1 1 RLS cobra matar 3 morder-NML

‘eu matei a cobra que me mordeu’

(797) wa₁ to za ã nõm-r kbazdikre toka [sikwazi-] wa₂
 1 mesmo IRR 1 deitar-NML rede 2 amarrar INST

‘eu já deitarei na rede que você pendurou-a (“amarrar com algo”)’

(798) wa za kə zekrē tahã [ka-zai=kwã-ri] hã
 1 IRR água beber 3 3-derrubar-NML ENF

‘eu vou beber a água que você derramou no copo’

8.3.5.3 O antecedente é um objeto indireto

(799) dakmãdkəkwa mã t mrē waptəm nõrai mã ã si- kburõ
 chefe 3 RLS dizer jovem PL DAT 3 REFL ajuntar.PL

‘o chefe falou para os jovens que estavam juntados’

⁴⁸Há, no Xerente, a distinção entre *nõpre* ~ *sõpre* ‘ver’ e *kmã=d(ə)k(ə)* ‘olhar’.

(800) aikte nōrĩ tē to ti snārɔ tokai k-mã ai mrmẽ te
 criança PL 3 RLS 3 zombar 2 3-DAT 2 dizer 3
 samãr=waihku -kō nmẽ
 compreender PRIV CAUS

‘as crianças estão sorrindo de você que você não sabe a nossa fala’

(801) toka tē to ai hēr tahã kwatbremĩ mã ai srōwa wa sbrē nmẽ
 2 2 RLS 2 gritar 3 menino 3 2 casa INES entrar CAUS

‘você está gritando para aquele menino que entrou na tua casa’

(802) wa nōrĩ wa t pikōi nōrãĩ mã sikuza sōm-n siwa-r kba
 1 PL 1 RLS mulher PL DAT tecido dar-NML pedir-NML PL
 nmẽ
 CAUS

‘nós damos o tecido para as mulheres que pediram’

8.3.5.4 O antecedente é um oblíquo circunstancial

(803) ĩ hidba tē to ai sahi shə sizuire ĩ-t t-mã sōm-r nã
 1 irmã 3 RLS 2 cabelo cortar tesoura 1-RLS ?-DAT dar-NML INST

‘minha irmã está cortando teu cabelo com a tesoura que eu dei’

8.3.6 Construções comparativas em Xerente

8.3.6.1 Comparação de superioridade

Em Xerente, a comparação de superioridade, seja de qualidades, estados físicos ou psicológicos, assim como de ações e atividades se dá através do morfema {spa} ‘ultrapassar’ ao final da oração, e o elemento que serve de base à comparação é regido pela posposição {-mã} ‘3.dativo’.

(804) huku sikbakɛ ã⁴⁹-sku-di kukã mã to k-mã **spa**
onça rápido 3-aplainar-EST quelônio 3 RLS 3-DAT ultrapassar

‘a onça é mais rápida relativo ao ultrapassar da tartaruga (“a onça é mais rápida que a tartaruga”)

(805) ai saze seĩ -krtab-di mã to waĩ te k-mã **spa**
2 comida DES -INTENS-EST 3 RLS 1 POSS 3-DAT ultrapassar

‘sua comida vai mais além da minha relativo à gostosura’

(806) wa akwẽ ã-m waihku-Ø pse-di wa to
1 indígena 1-DAT conhecer-NML bom-EST 1 RLS

ai k-mã **spa**
2 3-DAT ultrapassar

‘o bom conhecimento de índio para mim ultrapassa o seu (“conheço mais índios do que você”)

⁴⁹ Na língua Xerente, nomes que se referem à qualidade inerente ou à posse substancial inerente de um referente de traço [-humano] como nomes de qualidade, forma e função, e partes de plantas e de animais recebem o morfema {ĩ}. Assim, por exemplo, termos para cores como *ĩ-pte* ‘ser amarelo’, se refere à qualidade ou à essência de algo da qual não se pode desvincular, da mesma forma que qualidades e estados do tipo *ĩ-kwaimba* ‘estar certo, correto’ ou *ĩ-pe* ‘ser melhor’. O mesmo se passa com partes de um todo como *ĩ-ku* ‘chifre’ e *ĩ-su* ‘folha’. O morfema {ĩ} pode ser um resquício de um sistema anterior da língua de prefixos relacionais de não contiguidade da Classe I {-ĩ}, utilizado quando o tema nominal referente se encontra deslocado de sua posição argumental.

(807) wa to kahə=snã ĩ mō-r krikahə sī Goiānya
 1 RLS em.abundância 1 ir-NML cidade PERT Goiânia

ku wa to krikahə sī Brasília k-mã **spa**
 DIR 1 RLS cidade PERT Brasília 3-DAT SUP

‘fui mais vezes a Goiânia que a Brasília’

(808) Wahire nōrĩ mã to sakre ĩ-pes Dohi nã
 Wahirê PL 3 RLS correr.PL 3-bom Dohi TRANS

hã da wam=krẽ mã t k-mã **spa**
 ENF HUM igual=retornar.PL 3 RLS 3-DAT SUP

‘Wahirê (partido da lua) correu mais rápido com a tora do que Dohi (partido do sol)’

(809) Sōpre mã t tpe nã ti-da k-mã **spa** toka ai dum
 Sōpre 3 RLS peixe INST 3-POSIC.vertical 3-DAT SUP 2 2 alto

‘Sōpre pescou mais peixes em relação a todos’

(810) zawrɛ-di bə nə to ai pnã **spai** wawẽ
 INTENS-EST 2 ? RLS 2 irmão.mais.novo SUP INTENS

‘você é mais alto que seu irmão mais novo’

Em outros casos, ao invés do morfema de superioridade {spa}, utiliza-se de orações justapostas, fazendo uso do intensivo {-zawrɛ} acompanhado do morfema estativo {-di}, para expressar a ideia de comparação:

(811) Kripre krewi-re ktənkõ zakrui t-mẽ Hiw Sõnu
 Kripre perto-ATN não.indígena aldeia 3-ASS Rio Sono
 rəmħə **-zawrɛ-di**
 longe INTENS-EST

‘Kripre é mais perto da cidade do que Rio Sono’ (NF: **distância não tem ‘spa’**)

Uma comparação de superioridade, quando o elemento comparado é uma qualidade, se obtém por meio de {wanã} ‘primeiro’.

(812) Sõpre dum **-zawre-di** da akruï wan(ã) hã
 Sõpre alto -INTENS-EST HUM aldeia primeiro ENF

‘Sõpre é o mais alto da aldeia’

Nos casos de comparação superlativa de superioridade, quando o que é comparado é uma atividade, apenas a entonação é usada para encerrar a idéia de ‘superlativo de superioridade’.

(813) tahã za to ptəbə t-kre sō da=zakruï wa
 3 IRR RLS ? 3-POSP pescar HUM=aldeia INES

‘ele é o que mais pesca na aldeia’

(814) wa nōĩ wa krã ĩ-waihku pse-di
 1 PL 1 cabeça 3-conhecer bom-EST

‘nós somos os mais inteligentes’

8.3.6.2 Comparação de igualdade

Em Xerente, comparações de igualdade são expressas por meio de {wasi} ‘igualdade’, no início do predicado, bem como através do morfema {siwa} ‘igual’.

{wasi} – ‘igualdade’

(815) **wasi** wa wa hembra
 IGU 1 1 imagem, existência

‘nós igual em imagem (“você é parecido comigo”)

(816) wasi wa wa nĩpĩ pse-di
IGU 1 1 trabalhar bom-EST

‘nós igual no estado de bom trabalhar (“você é tão trabalhador quanto eu”)

(817) wasi wa wa dũm -tõ
IGU 1 1 altura -PRIV

‘nós igual na privação de altura (“eu sou do mesmo tamanho (de altura) de você”)

(818) wasi wa wa si wẽ-ki
IGU 1 1 REFL gostar/amar-EST

‘a gente se ama igual’

(819) wasi su wa to kwøbə wĩ-n
IGU junto 1 RLS porco matar-NML

‘a gente juntos matamos igual o porco (“eu matei o mesmo porco que você matou”)

(820) tahã pse-di wasi wam kba
3 bonito-EST IGU igual dual

‘eles são bonitos iguais’ (‘ele é tão bonito quanto você’)

{siwa} – ‘igual’

A noção de igualdade em comparações envolvendo partes do corpo é expressa por meio de siwa:

(821) ai to waktidi to siwa
 2 olho preto RLS igual

‘seu olho é preto igual (ao dela)’

(822) wã ã zahi siwa tokai te mẽ
 1 1 cabelo igual 2 2 ASS

‘meu cabelo é igual ao seu’ (NF: ‘siwa’ ~ *wasi* é “igual”)

8.3.6.3 Comparativo de inferioridade

Nos predicados Xerente que expressam comparação de inferioridade, se utiliza, ao final da oração, o morfema {nẽ} ‘semelhante a’, acompanhado pelo morfema privativo {-kõ} e do existencial {-di}:

(823) wa aimõ wi ã hemba to
 1 continuamente em.prejuízo.de 1 existência, imagem RLS
 kai nẽ -kõ -di
 2 semelhante.a -PRIV -EST

‘minha imagem é continuamente não semelhante à sua (“eu sou diferente de você”)

(824) toka ai dũm kture-di wai nẽ -kõ -di
 2 2 altura curto-EST 1 semelhante.a -PRIV EST

‘sua altura curta não é semelhante à minha (“você é menor do que eu”)

(825) ĩ nōkzatkɪ=zɛ pse -kō -di tokai te nē
 1 colar bonito -PRIV -EST 2 2 semelhante.a

‘não existe beleza do meu colar como ao seu (“meu colar é menos bonito do que o seu”)

(826) wa ĩ-m hə kō ti tokai nē -kō ti
 1 1-DAT frio PRIV EST 2 semelhante.a PRIV EST

‘não existe frio para mim semelhante ao que não há para você (“eu tenho menos frio que você”)

(827) kukãĩ-zawɛ sibbakɾɛi tui-di huku nē -kō -di
 quelônio-INTENS rápido difícil-EST onça semelhante.a PRIV EST

‘a dificuldade da rapidez da tartaruga não é semelhante à da onça’ (“a tartaruga é menos rápida do que a onça”)

8.4 Considerações Gerais

Mostramos neste capítulo as orações em Xerente divididas em coordenadas, subordinadas e comparativas.

As orações coordenadas Xerente podem ser de dois tipos, justapostas, cujo elemento de ligação entre as sentenças é , e as orações coordenadas por conectivo expreso. Estas se subdividem em três tipos na língua Xerente: em *aditiva*, realizada através da conjunção {arɛ}; *disjuntiva*, por meio de {bə} e da expressão {tanē=kōwa}; e *contrafactual* expressa por meio de orações coordenadas por meio da partícula {arɛ}, sendo que a oração que expressa o contrário ao esperado é precedida, seja por meio da partícula {aire} ‘frustrativo’, seja pela partícula {nãɛ} ‘apesar de’ precedendo o predicado que expressa a ideia de contrafactualidade.

As orações subordinadas Xerente podem ser subcategorizadas em *completivas*, *adverbiais* e *relativas*.

Orações completivas podem ser complementos de verbos *discendi*, tendo o morfema {nã} ‘translativo’ marcando a expressão que corresponde à oração subordinada; de *manipulação*, marcada por {pibumã} ‘finalidade’; de *percepção, cognição e experiência*, marcadas por {re} ‘completivo’ e pela combinação do sufixo {-kõ} ‘privativo’ com *re*, quando o complemento do verbo é negado, além de poderem ser marcadas, ainda, por {nã} ‘translativo’, {hawi} ‘ablativo’ e {-di ~ -ki} ‘estativo-existencial’; e de *modalidade*, cujo complemento é regido com maior frequência pelas posposições {pibumã} ‘finalidade’ e {da} ‘propósito’, podendo ser também regido pelas posposições {nã} ‘translativo’, {mẽ} ‘associativo’, {mnĩ} ‘diretivo’ e por {-di} ‘estativo-existencial’.

Orações adverbiais podem se subcategorizar em: (i) temporal; (ii) finalidade/propósito; (iii) condicional; (iv) causal/explicativa. A noção de anterioridade em orações temporais de anterioridade é expressa por meio de predicado nominal seguido do sufixo privativo {-kõ} e da posposição completiva {re}, que contribui com o significado locativo-temporal de “antes de”. As orações adverbiais de tempo que semanticamente denotam sucessão ou sequência de eventos são marcadas pelo advérbio {pari(m)} ‘depois de’. Orações dependentes adverbiais que expressam simultaneidade de eventos são marcadas pelo morfema {snã} ‘enquanto’. As orações adverbiais de finalidade ou propósito em Xerente são marcadas pelas posposições {da} ‘propósito’ e {pibumã} ‘finalidade’, cujo núcleo da oração dependente pode ser um nome descritivo ou um verbo nominalizado – nome de ação – intransitivo e transitivo. Expressam propósito ou razão. Construções correspondentes a orações dependentes de finalidade negativas no Xerente têm um subordinador negativo especial para orações de finalidade, {kumnãste}. ‘finalidade negativa’.

Orações condicionais se categorizam em (i) condicionais de realidade e em (ii) condicionais de irrealidade. As primeiras se referem a situações presentes ‘reais’, ‘genéricas/habituais’ ou a ‘situações passadas’ e as condicionais de irrealidade se referem a situações ou imaginativas ou preditivas. Orações condicionais de realidade são expressas em Xerente por meio do morfema {wa}, que precede o predicado complemento e orações subordinadas condicionais com {kwaihkə} ‘se’ têm como núcleo um nome e são seguidas pela partícula que expressa a modalidade alética {arknẽ} ‘probabilidade’.

Orações dependentes condicionais de irrealidade, por sua vez, subdividem-se em (i) imaginativas e (ii) preditivas e são expressas no Xerente através dos morfemas {wa}

‘condicional’, pela uso alinhado de {wa} ‘condicional’, {arknê} ‘probabilidade’ e {kwai(h)kə} ‘se’.

As orações subordinadas causais explicativas expressam uma explicação ou causa do que se declara na oração principal. Em Xerente, essas orações são marcadas por {nmê} ‘causa’ e pela expressão {tanê=nmê} ‘portanto, por isso, porque’.

Como é comum nas línguas Jê, em Xerente, o correspondente a orações relativas finitas encontradas em línguas como o Xavante, Krahô e Xikrín, são nominalizações, realizadas através de {-ri ~ -r ~ -}, podendo ser o antecedente um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto ou um oblíquo circunstancial.

Mostramos, ainda, neste capítulo possibilidades de estratégias comparativas em Xerente. Identificamos estratégias morfossintáticas de expressão de comparação de superioridade, de igualdade e de inferioridade. Em Xerente, a comparação de superioridade, seja de qualidades, estados físicos ou psicológicos, assim como de ações e atividades se dá através do morfema {spa} ‘ultrapassar’ ao final da oração, e o elemento que serve de base à comparação é regido pela posposição {mã} ‘3.dativo’. Nos casos de comparação superlativa de superioridade, quando o que é comparado é uma atividade, apenas a entonação é usada para encerrar a idéia de ‘superlativo de superioridade’. comparações de igualdade são expressas por meio de {wasi} ‘igualdade’, no início do predicado, bem como através do morfema {siwa} ‘igual’. Nos predicados Xerente que expressam comparação de inferioridade, se utiliza, ao final da oração, o morfema {nê} ‘semelhante a’, acompanhado pelo morfema privativo {-kõ} e do existencial {-di}. Este tema, como vários outros analisados nesta tese necessitam ser aprofundados, de modo a exaurir as possibilidades comparativas da língua, o que exige um tempo significativo maior de pesquisa e um domínio de fluência na língua resultante de vivência no seio da comunidade Xerente. O que esboçamos aqui são apenas algumas possibilidades que podem motivar o interesse de pesquisadores linguistas, sobretudo de pesquisadores indígenas, conhecedores falantes da língua Xerente, para ampliar o conhecimento dos fatos linguísticos da língua.

CAPÍTULO 9: NEGAÇÃO XERENTE

Neste capítulo, descrevemos as expressões de negação em Xerente, que, como todas as línguas, possui meios de expressar negação de um tipo padrão, que muda o valor de verdade do conteúdo informacional dos predicados (cf. MIESTAMO, 2005; PAYNE, 2007)⁵⁰.

Para Miestamo (2005, p. 63), a *negação padrão* é caracterizada como sendo a forma básica, um operador que uma língua possui para negar orações verbais declarativas. O escopo de negação desse operador pode incidir sobre toda ou parte da oração, fato que distingue a *sentential negation* (negação sentencial), da *constituent negation* (negação de constituinte). Na negação sentencial, o escopo da negação é a sentença como um todo, ao passo que a negação de constituinte, apenas parte da sentença é negada.⁵¹

Para Payne (2007, p. 282), a estratégia de negação mais comum em qualquer língua é aquela usada para negar uma proposição inteira, descrita como *clausal negation*⁵². Outros tipos de negativas, associados com a negação de constituintes particulares de uma oração, são denominados por *constituent negation*.

9.1 Sobre a morfossintaxe da negação

Para Payne (2007) as negações são estruturas marcadas pragmaticamente. Dentre elas, destaca-se a *negação analítica*, que pode se apresentar através de partículas negativas, normalmente associadas ao verbo principal da oração e frequentemente invariáveis, e através de verbos negativos finitos.

Para esse autor (2007), partículas negativas podem variar a depender do tipo de negação, do tipo da oração (imperativa *versus* declarativa), bem como a partir do tempo, do aspecto ou do modo da sentença. Algumas línguas podem empregar, dessa forma, em

⁵⁰ A marca de negação é um dispositivo que muda o valor de verdade de uma proposição e pode ser um elemento não flexionado, preso ou livre (partícula, clítico ou um afixo) ou pode ainda se apresentar como um elemento flexionável, a exemplo de um verbo negativo (cf. MIESTAMO, 2005, p. 63).

⁵¹ Segundo Miestamo (2005), as negativas (estrutura marcada) que apresentam marcadores negativos, mas sem diferenças estruturais formais em comparação com a afirmativa correspondente (não marcada), são chamadas *simétricas*, ao passo que as negativas que apresentam diferenças estruturais formais em relação ao seu correspondente afirmativo são denominadas *assimétricas*.

⁵² *Sentential negation* para Miestamo (2005).

sentenças negativas, marcadores especiais de pessoa/número ou de tempo/aspecto/modo nos verbos.⁵³

Payne (2007, p. 292) acrescenta outros tipos de negação não-clausal (*non-clausal negation*), dentre elas, a *negação derivacional* e os *quantificadores negativos*. A primeira se refere a raízes que podem possuir o seu “oposto” a partir do uso de morfologia derivacional, como *in-* em ‘infeliz’, no português, e *un-* em ‘unhappy’, no inglês, ao passo que muitas línguas empregam quantificadores que são inerentemente negativos (nenhum, nada, etc.).

9.2 Expressão de negação em Xerente

No Xerente foram identificadas até agora quatro expressões de negação: *-kō ~ tō* ‘privativo, *nē* ‘conjuntivo negativo’, *wa* ‘advertência’ e *kumnāste* ‘subordinação negativa’. Há, ainda, em Xerente, a negação existencial, realizada a partir da negação (padrão) do léxico *hemba* ‘espírito’, com o sentido de “existir/existência”, além de advérbios de negação. Em Xerente, observa-se, ainda, a utilização a palavra negativa *nīwa*, cuja tradução mais próxima é ‘nunca’, a qual pode se combinar com o conjuntivo negativo *nē*.

Na língua Xerente, a negação padrão se dá por meio do morfema privativo *-kō ~ -tō*, sendo que a variante *-tō* possui ocorrência restrita.

O morfema privativo significa “destituído de” e deriva novas palavras na língua, como ocorre com o morfema “sem” do Português (ex. “sem-terra”) e com o morfema do Inglês “less-” (*homeless* “sem-teto”).

Na formação de comandos negados, utiliza-se o morfema *knā*, forma contraída de *-kō* ‘privativo’ mais *nā* ‘comando’ e em advertências negativas faz-se uso de *wa*. Este morfema, apesar de não se constituir, *a priori*, em uma negação, sua semântica implica na não ocorrência de uma atividade. Em seguida, apresentamos os tipos de negação encontrados na língua Xerente.

⁵³ Outra distinção típica das partículas negativas, de acordo com Payne (2008, p. 286), é aquela entre negativas plenas (*plain negatives*) e as negativas de existência (*negatives of existence*).

9.2.1 Privativo

Nomes em Xerente se combinam com o morfema privativo {-kõ} ~ {-tõ} “privado de”, “sem”, “destituído de algo”. Esse morfema derivacional (“derivação negativa”) é muito comum nas línguas, conforme observado em Payne (2007) e Miestamo (2005). Exemplos do Xerente são:

(828) spɔkrep-**tõ**
orelha-PRIV
‘desobediente, surdo’ (lit.: “sem audição”)

(829) mrmẽ-**tõ**
fala-PRIV
‘mudo’ (lit.: “sem fala”)

(830)	tahã	mrmẽ- kõ-di ,	to	mrmẽ	tõ
	3	falar-PRIV-EST	RLS	falar	PRIV
	‘ele não pode falar; ele é mudo’				

(831) hæzε-**kõ**
doença-PRIV
‘saudável’ (lit.: “sem doença”)

(832)	arknẽ	to	bru	ku	ĩ	mõrĩ	hæzε
	PROB	RLS	roça	DIR	1	ir	doença
	-kõ	wa],	rɔwẽkwa		hi=kø		
	PRIV	ADVT,	recobrar.saúde		osso.agarrado		

‘eu iria para a roça se tivesse saúde’ (lit.: “eu iria para a roça se estivesse sem doença, impedido por ela, recobrado a saúde do osso ruim”).

(833) spɔkrep-**tõ-di**
orelha-PRIV-EST
‘surdo’ (lit.: “sem ouvido”)

(834) kwa-**tõ-di**
dente-PRIV-EST
‘desdentado; cego’ (lit.: “sem corte”)

- (835) **sahi-kõ-di**
 cabelo-PRIV-EST
 ‘careca’ (lit.: “sem cabelo”)
- (836) **stikrui-kõ-di**
 ira-PRIV-EST
 ‘tranquilo’ (lit.: “sem raiva”)
- (837) **smĩzawi-kõ-di**
 generosidade-PRIV-EST
 ‘sem dó, piedade’ (lit.: “sem generosidade”)
- (838) **mrõĩ-kõ-di**
 esposa-PRIV-EST
 ‘solteira, viúva’ (lit.: “sem cõnjuge”)
- krai-kõ-di**
 cria-PRIV-EST
 ‘estéril’ (lit.: “sem filho”)
- (839) **tõp=sui-kõ-di**
 olho=pelo-PRIV-EST
 ‘sem cílios’ (lit.: “sem pelo de olho”)
- (840) **brui-kõ-di**
 roça -PRIV-EST
 ‘sem roça’
- (841) **wra- -kõ-di**
 correr-NML-PRIV-EST
 ‘não corredor’
- (842) **krumõ-r-kõ-di**
 andar-NML-PRIV-EST
 ‘não anda’
- (843) **tewapa-r pse -kõ-di**
 ouvir-NML bom-PRIV-EST
 ‘não ouve bem’

9.2.2 Negação de predicados

Nos predicados nominais do Xerente, a negação é realizada através da variante *kõ* do morfema privativo. Temas dessa natureza se combinam com o morfema estativizador *-di*, como mostram os seguintes exemplos:

- (844) wa ã nõk waihku -Ø **-kõ** **-di**
 1 1 cantar saber-NML PRIV EST
 ‘eu não sei cantar’
- (845) tahã nõrĩ t-mã sõ waihku-Ø **-kõ** **-di**
 3.ENF PL 3-DAT pescar saber-NML PRIV EST
 ‘eles não sabem pescar’ (lit.: “Eles, para pescar, não sabem”)
- (846) kãhã simĩkeze tahã **-te** **-kõ** **-di**
 aquele facão 3.ENF POSS PRIV EST
 ‘aquele facão não é deles’
- (847) kãhã ã ptøkwa(i) **-kõ** **-di**
 aquele 1 pai PRIV EST
 ‘aquele não é meu pai’
- (848) hewahə wa nõrĩ wa sõi-Ø **-kõ** **-di**
 ontem 1 PL 1 lavar-NML PRIV EST
 ‘ontem nós não banhamos’
- (849) tøkto-re za ã mõi-r **-kõ** **-di**
 agora-ATN IRR 1 ir-NML PRIV EST
 ‘eu não irei agora mesmo (“agorinha”)
- (850) toka ai sipi-Ø **-kõ** **-di** bru wa
 2 2 trabalhar-NML PRIV EST roça LOC
 ‘você não está trabalhando na roça’
- (851) Sirnawẽ smĩkeze te sasõ-m **-kõ** **-di** ai mã
 Sirnawẽ faca 3.CRF pendurar-NML PRIV EST 2 DAT
 ‘Sirnawẽ não vai pendurar o facão para você’

A maioria das orações da língua Xerente, quando negadas, possuem núcleo deverbal combinados com o privativo *-kõ* ou *-tõ* e com o morfema estativizador {-di}. O resultado é um predicado existencial negativo, equivalente a “não existe” ou “sem algo”. Exemplos da língua são:

(852) tahaĩ **-kõ** **-di**
 algo PRIV EST
 ‘não há nada!’ (fala feminina)

(853) mãr **-kõ** **-di**
 algo PRIV EST
 ‘não há algo’ (fala masculina)

(854) nōkwa **-kõ** **-di**
 alguém PRIV EST
 ‘não há ninguém’

(855) kə wanēku mãr **-kõ** **-di**
 água sucuri algo PRIV EST
 ‘no córrego não existe sucuri’

(856) kãnmě kbazeĩprãĩ **-kõ** **-di**
 aqui caça PRIV EST
 ‘aqui não existe caça’

(857) tahã piza wa mãr **-kõ** **-di**
 3.ENF panela LOC algo PRIV EST
 ‘na panela, não existe (algo)’

(858) wa nōrĩ nōkwa mãrĩ te w(ĩ)-rĩ **-kõ** **-di**
 1 PL alguém algo 3 matar-NML PRIV EST
 ‘nenhum de nós (não) matou algo’

(859) wa nōrĩ kbure kuĩwde nã wa sakre-Ø **-kõ -di**
 1 PL todos tora.de.buriti TRANS 1 correr-NML PRIV EST
 ‘nem todos nós (não) corremos com a tora’

(860) tahã mã t kə mba mō are ã-hidba adu te
 3.ENF 3 RLS água PERL ir CON 3-irmã ainda 3.CRF
 wapa-r **-kõ -di**
 ver-NML PRIV EST

‘ele foi para o rio e a irmã caçula dele ainda não o viu’

(861) tahã mã t sĩsi-ri-re k-mã dək are te wasku-Ø
 3.ENF 3 RLS rir-NML-ATN 3-DAT ver CON 3 anunciar-NML
-kõ-d nōkwai mã
 PRIV-EST alguém DAT

‘ele a viu sorrindo para ela e não disse isso para ninguém’

(862) wa nōrĩ wa t aikuwa kr wa nōm-r
 1 PL 1 RLS matear CONT 1 POSIC.horizontal-NML
 are mãrĩ wa t kmě w(ĩ)-rĩ **-kõ -di**
 CON que 1 RLS 3-ASS matar-NML PRIV EST

‘nós estamos caçando e não matamos nada’ (lit.: “nós estamos no mato (“matando”) e não matamos alguma (caça)”)

(863) wa toi **-kõ -di**
 lua RLS PRIV EST
 ‘lua não há’

(864) tahã nnã pre **-kõ -di**
 esse fezes vermelho PRIV EST
 ‘esse cocô dele não está vermelho’

9.2.3 Negação existencial por meio de *hemba*

Outra maneira de se negar orações existenciais é por meio do uso de *hemba* ‘espírito’, que toma o significado “existir”.

(865)	– tɛ	p	to	tazi	mãĩ	hemba?
.	3	INT	RLS	ali	algo	existência
						‘ – existe algo ali?’
	–	ãɾɛ	mãĩ	hemba	-kõ	-di
		NEG	algo	existência	PRIV	EST
						‘ – não, não existe nada!’

9.2.4 Negação no imperativo {*knã*}

O imperativo negativo no Xerente é realizado através de *knã*. Na imperativa negativa, o verbo é usado em sua forma breve.

(866)	sikra	saikur	knã	wde	nã
	descer	subir	IMP.NEG	árvore	IMP
					‘desça, não suba na árvore!’

(867)	ai	stõ	knã	tõktõ-re
	2	dormir	IMP.NEG	agora-ATN
				‘não durma agora mesmo!’

(868)	kər	knã	kãhã
	pegar	IMP.NEG	isto
			‘não pegue isso!’

(869)	tahã	k-mẽ	kə	knã
	3.ENF	3-ASS.OC	pegar	IMP.NEG
				‘não pegue este!’

9.2.5 Conjuntivo negativo

O Xerente possui uma partícula conjuntiva negativa ‘nẽ’, que tem o significado equivalente ao de ‘nem’ do Português. O exemplo seguinte mostra o uso de *nẽ* em um trecho de uma narrativa sobre a queimada de uma ponte que dá acesso e que liga as aldeias Xerente ao Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX), fato que impossibilitou que o ônibus escolar seguisse o seu destino:

(870)	tanẽ=nme	nokwa	nes(i)	tbr -Ø	-ko-d	t kt		
	portanto	alguém	MOD.AÇÃO	atravessar-NML	PRIV-EST	agora		
	ne	təkã	hawi	ne	to	ku	hawi	
	NEG	de.cá	ABL	NEG	RLS	de.lá	ABL	
	tanẽ=nme	nẽ	dur	ta	nor	te	sanã-m	mno
	portanto	NEG	novamente	3	PL	3	estudar-NML	PL
	-ko	-d(i)	dazakru(i)	mba	hã			
	PRIV	EST	aldeia	POSP	ENF			

‘portanto, ninguém está conseguindo atravessar agora... nem do lado de aqui, nem do lado de lá... portanto, nem agora os alunos das aldeias não estão estudando.’

(871)	toka	nẽ	pənkẽre	nẽ	kdə	k-mã	w(ĩ)-rĩ	-kõ	-di
	2	NEG	veado	NEG	anta	3.ESP	matar-NML	PRIV	EST

‘você não atirou nem no veado e nem na anta’

(872)	tahã	wahum	nã	nẽ	kbure	bru	wa	t
	3.ENF	verão	TRANS	NEG	todos	roça	1	RLS
	h(i)-ri		-kõ	-di				
	colocar.na.horizontal	PRIV	EST					

‘nesta época nem todos nós (não) colocamos (plantamos) roça’

(873)	da	nõkre-Ø	t-mẽ	ta	nõrĩ	wahtu-Ø	-kõ	-di
	HUM	cantar-NML	3-DAT	3	PL	dispersar-NML	PRIV	EST
	nẽ	nõkwa	mõ-r	-kõ	-di			
	NEG	alguém	ir-NML	PRIV	EST			

‘o cantor chamou eles e ninguém (nem alguém) foi’

(874)	wa	nẽ-m	knã	Warõ	ã	knã
	1	ir.DUAL-NML	IMP.NEG	Warõ	3.FOC	IMP.NEG

‘não vamos sem Warõ!’

(875)	ĩba	k-mã=kwamã-r	knã	te	nĩpi-Ø
	ADV.NEG	3-DAT OC=atrapalhar-NML	IMP.NEG	3	trabalhar-NML

‘não perturbe (que) ele está trabalhando!’

(876)	ãrɛ	saihrə-Ø	knã	Smĩsuite	sipi-	-di!
	ADV.NEG	chamar -NML	IMP.NEG	Smĩsuite	trabalhar-NML	EST

‘não chama não, Smĩsuite trabalha! (lit.: “não chama não que Smĩsuite está em um estado de trabalho”)’

9.2.6 Negação de orações subordinadas

Orações subordinadas em Xerente são em sua maioria nominalizações modificadas por morfemas adverbiais. A contraparte negada de predicados dessas orações também são resultado da combinação de temas nominalizados com o privativo {-kõ}:

Completiva objetiva direta

(877) wa wa t kmãdək amke w(ĩ)-rĩ -kõ nã
 1 1 RLS ver cobra matar-NML PRIV INST
 ‘eu vi que você não matou a cobra’

Adverbial final

(878) rəwahtukwai nōrĩ mã t t-mrmẽ-zus za hã təkãnã
 professor PL 3 RLS 3.CRF-dizer-PL IRR ENF hoje
 sipĩ- -kõ nã
 trabalhar-NML PRIV TRANS
 ‘os professores disseram que não vão trabalhar hoje’

(879) t-mã wẽ knã to tahã mō-r da
 3-DAT PERM IMP.NEG RLS 3.ENF ir-NML PROP
 kaptə te kmãdkə- -kõ rε
 cacique 3.CRF ver-NML PRIV COMPL
 ‘não deixe ele partir sem (ele) ir ver o cacique!’

(880) nōkwa mō-r knã kaptə nã sōpre-Ø
 alguém ir-NML IMP.NEG cacique MAND ver-NML
 -kõ rε
 PRIV COMPL

‘não deixe ninguém partir sem ir ver o cacique!’

(881) tahã mã t ã kazə-Ø to mãrĩ ã+t
 3.ENF 3 RLS 1 bater-NML mesmo? que 1+RLS
 k-mã =kwamã-r -kõ nã rε
 3-DAT OC=fazer-NML PRIV TRANS COMPL

‘ele me bateu, mesmo que eu não tivesse feito nada’

A negação de complementos de finalidade em Xerente é feita por meio do morfema {kumnãste} seguindo o núcleo do predicado que é um deverbais. Exemplos são:

(882) nōkwa mã p ai wa-r-kw kahu-r kba **kumnãste**
 quem 3 INT 2 pedir-NML-PL comer-NML PL FIN.NEG
 ‘quem pediu que vocês não comessem?’

(883) wa ã zdekwa te t ã wa-ri ã t k-mã
 1 1 irmão 3 RLS 1 pedir-NML 1 RLS 3-DAT
 waza-r **kumnãste**
 misturar-NML FIN.NEG
 ‘meu irmão está pedindo que eu não misture elas (as sementes)’

(884) toka bə t Tĩkwa wa-r t- ai wasku
 2 2 RLS Tĩkwa pedir-NML 3 2 contar
kumnãste
 FIN.NEG
 ‘você pediu que Tiikwa não contasse’

9.2.7 Outras expressões de Negação

9.2.7.1 Niwã ‘nunca’

(885) tahã **nĩwa** mnĩ mō-r -kō -di
 3.ENF NEG.ABS CENTRIP ir-NML PRIV EST
 ‘ele não vem aqui nunca’

(886)	ĩ	mrõ	nẽ	nĩwa	dasa	te	kah-ri
	1	esposa	nem	nunca	comida	3.CRF	cozinhar-NML
	waihku-Ø	-kõ	-di				
	saber-NML	PRIV	EST				

‘minha esposa nunca soube (foi capaz de) cozinhar’

9.2.7.2 Negação Interjeitiva

(887) a.	ĩba	‘não!’	(alerta)
b.	ãre	‘ah não!’	(lástima)
c.	ãre	‘não!’	(proibitivo): fala masculina
d.	ãze	‘não!’	(proibitivo): fala feminina

(888)	ãre,	tanẽ	k-mã	nã-r	da	-kõ	-di!
	INTERJ	MOD	3-DAT OC	fazer-NML	PROP	PRIV	EST

‘não! Não é assim que é para fazer!’

(889)	ĩba!	wapsã	z+ai	sa
	INTERJ	cachorro	IRR+2	morder

‘cuidado (Não)! O cachorro vai te morder’

9.2.7.3 Morfema *wa* ‘advertência’

O morfema *wa* “advertência” foi tratado na seção § 3.6.6. Ela contribui com um significado de negação, embora não seja uma negação propriamente dita, apenas uma advertência, mas para o ouvinte Xerente, equivale a negação do que se expressa.

(890)	sõkre-Ø	wa!	cantar
	ADVT		

‘não o permita cantar!’

(891) mō-r **wa** to=ta=hã
 ir-NML ADVT FOC-3=ENF
 ‘não deixe (que) ele parta!’

(892) Sōpre Sipridi sōkre-Ø **wa**
 Sōpre Sipridi cantar-NML ADVT
 ‘Sōpre, não deixe a Sipridi cantar!’

(893) nōkwa mō-r **wa**
 alguém ir-NML ADVT
 ‘ninguém vai!’

9.2.7.4 Interrogativas negativas

Os predicados de orações interrogativas, quando negadas, se combinam também com o privativo -kō e com o sufixo estativo -d(i):

(894) bə sekwa b za sdanã-r **-kō-(d)**
 2 cacique INT IRR indagar-NML PRIV-EST
 ‘você não consultará o pajé sobre isso?’

(895) toka ai nēm-r waihku -Ø **-kō-d**
 2 2 andar-NML saber-NML PRIV-EST
 ‘você não anda?’

(896) mārĩ p kwatbremĩ te kmẽ wakre-Ø **-kō-d**
 que INT menino 3 3-ASS flechar-NML PRIV-EST
 ‘O que o menino não flechou?’

9.3 Considerações sobre a negação em Xerente

Nesta tese, mostramos que a negação padrão em Xerente é feita por meio do morfema *-kō ~ -tō* e que todas as orações negadas têm um núcleo nominalizado pelo morfema {*rĩ ~ -r ~*}. Orações dependentes ou independentes têm um núcleo nominalizado e são todas elas existenciais, inclusive os complementos de posições que equivalem a orações subordinadas.

Como mostram os exemplos apresentados nesta tese, a contraparte negada de uma oração afirmativa no modo *irrealis* consiste em uma oração existencial no modo *realis*. Isto quer dizer que não é possível um predicado no modo *irrealis* se combinar com o morfema privativo em Xerente.

As orações imperativas são negadas por meio de *knã*, que é o resultado da construção de *-kō* ‘privativo’ mais *nã* ‘comando’. O morfema *wa* ‘advertência’ equivale a um comando negado. O Xerente possui, ainda, palavras negativas como *nĩwa* ‘nunca’ e *nẽ* ‘nem’.

A negação padrão em Xerente é de natureza derivacional.

CAPÍTULO 10: COMANDOS EM XERENTE

Neste capítulo, tratamos de tipos de comando em Xerente, com base na descrição tipológica desses tipos de construções em várias línguas de diferentes origens genéticas proposta por Payne (2007). Segundo Payne (2007, p. 303-305), comandos conhecidos como estando no modo imperativo se constituem em tipos de construções verbais utilizadas para demandar, diretamente ao locutor, a performar uma ação. Segundo Payne, as imperativas: (i) apresentam formas verbais especiais; (ii) levam negação especial; (iii) são frequentemente associadas a outros modos *irrealis*; (iv) podem apresentar uma forma verbal específica e (v) por vezes, afetam a marcação de caso.

A seguir, são demonstradas as especificidades das orações que funcionam como comandos em Xerente, as quais são expressões do modo deôntico usadas, cada uma, com finalidades próprias.

10.1 Características das construções de comando no Xerente, segundo Krieger e Krieger (1997) e segundo Sousa Filho (2007)

Krieger e Krieger (1997, p. 27) apresentam, em seu vocabulário Português-Xerente Xerente-Português, o morfema *nã* como uma partícula formativa do imperativo de verbos no Xerente, e o advérbio *knã* como sendo a expressão da negação de orações nesse modo.

Para Sousa Filho (2007, p. 160), o Xerente, além de apresentar *nã* e *knã* como morfemas formativos do imperativo afirmativo e negativo, respectivamente, possui também uma expressão do imperativo “realizado com o morfema *-wa* que exprime advertências”, e um tipo de oração imperativa que dispensa o uso de *nã* e *wa*, “usando somente o verbo marcado pela segunda pessoa (ou infinitivo verbal)”.

Nas seções seguintes apresento uma análise das construções de comando do Xerente, considerando as contribuições de Krieger e Krieger (1997) e de Sousa Filho (2007), mas tratando-as como expressões do modo deôntico, com funções diferenciadas, com bases nos dados obtidos junto a falantes da língua em foco.

10.2 Comandos afirmativos

As orações que expressam comando são de 4 tipos: (a) as marcadas pelo morfema *nã* (mandativo), (b) as marcadas pelo morfema *wi* (injuntivo), (c) as marcadas pelo morfema *nwa* (permissivo), ou d) as que não recebem nenhuma marca específica, mas apresentam um predicado que tem por núcleo uma forma verbal nominalizada, não têm sujeito expresso, mas podem ter expresso o beneficiário e, neste caso, têm uma locução dativa (marcada por *-m*).

10.2.1 Comandos sem marcas específicas (tipo d)

Esse tipo de comando, como explicamos anteriormente, contém um predicado nominal (deverbal), sem sujeito ou agente, podendo ter ou não o beneficiário expresso por meio de uma construção dativa:

Exemplos de construções sem beneficiário:

(897) siknõ $\overline{k\bar{a}-ri}$
 cofo buscar-NML
 ‘vá buscar o cofo!’

(898) amke $\overline{w(\bar{i})-r\bar{i}}$
 cobra matar-NML
 ‘mate a cobra!’

(899) ai $\overline{s\bar{o}t\bar{o}-}$
 2 dormir-NML
 ‘durma!’

Exemplos com beneficiário expresso:

(900) kumnkã ã-m kə-ri
 espingarda 1-DAT pegar-NML
 ‘pegue a espingarda para mim!’

No diálogo, a seguir, em que alguém demanda a posse do peixe pertencente a *Tpekru*, é usada uma construção dativa para expressar um imperativo cujo objetivo é a transferência de posse:

(901) – tbe ã-m sôm-rĩ Tpekru!
 peixe 1-DAT dar-NML Tpêkru
 ‘Tpekru, me dá o peixe!’

– siknõ hã sa hã tpe hã -kõ -di!
 cofo FOC POSIC FOC peixe FOC PRIV EST
 ‘só se for o cofo, o peixe não!’

10.2.2 Comandos com *nã* ‘mandativo’

Outro tipo de comando é feito por meio do morfema adverbial *nã* ‘mandativo’. A sua função discursiva é mostrar ao ouvinte que se trata de um comando que deve ser cumprido.

(902) ã wawi-Ø **nã**
 1 pintar-NML MAND
 ‘me pinta!’

(903) saiku-ri wde **nã**
 subir-NML árvore MAND
 ‘suba na árvore!’

(904) Smĩsuite, ai sipi-Ø **nã**
 Smĩsuite 2 trabalhar-NML MAND
 ‘Smĩsuite, trabalhe!’

(905) kaptɔ mrmẽ-zɛ dɛs **nã** ku tpe+krẽ+pɔ ã t
 cacique falar-NML dez MAND REPOR surubim 1 RLS
 wakbə-Ø pibumã!
 pagar-NML FIN
 ‘o cacique fala que eu devo (sou obrigado a) pagá-lo 10 surubins!’

10.2.3 Comandos marcados pelo morfema *wi* ‘injuntivo’

Este tipo de comando é feito por meio do morfema *wi* ‘injuntivo’, que sinaliza na oração uma orientação dada pelo falante ao ouvinte de como deve proceder. Alguns exemplos são:

(906) Smĩsuite, ai sipi-Ø **wi** sazə-ri
 Smĩsuite 2 trabalhar-NML INJ parar-NML
 Smĩsuite, pare de trabalhar!

(907) **wi** ai sōkre-Ø-kwa
 INJ 2 cantar-NML-PL
 cantem!

(908) **wi** za ai mō-rĩ tɔktɔ-re
 INJ IRR 2 ir-NML agora-ATN
 ‘vá agora mesmo!’ (lit.: “vá agorinha!”)

(909) **wi** ai mō-rĩ tɔktɔ-re
 INJ 2 ir-NML agora-ATN
 ‘parta imediatamente!’

(910) **wi** **wi** tɔktɔ=re ai mō-rĩ
 INJ INJ agora=ATN 2 ir-NML
 ‘parta já!’

O morfema injuntivo {wi} pode se combinar sintaticamente com o mandativo {nã} e com o exortativo {kwaba}:

(911) **wi** ai sōkre-Ø **nã**
 INJ 2 cantar-NML MAND
 ‘Cante!’

(912) **wi** ai sōkre **kwaba**
 INJ 2 cantar EXOR
 ‘cantem!’

10.2.4 Comandos com *nwa* ‘permissivo’

Um quarto tipo de comando se obtém com o morfema *nwa*, que ocupa a primeira posição sentencial e que sinaliza uma permissão, conforme ilustram os seguintes exemplos:

(913) **nwa** totahã mō-r da
 PERM 3.ENF ir-NML POSIC
 ‘deixe-o ir!’

(914) **nwa** sōkre-Ø da
 PERM cantar-NML POSIC
 ‘deixe-o cantar!’

(915) are ktɔ mã to **nwa** da
 HORT DL 3 RLS PERM POSIC
 ‘vamos partir (nós dois), está na hora!’

(916) kaptə hrə-Ø wi mã t Warõ **nwa** da
 cacique gritar-NML ? 3 RLS Warõ PERM POSIC
 ‘quando o cacique gritou, o Warõ ficou em pé’

(917) **nwa** Warõ mō-r da; ã t k-mã=dkə-Ø
 PERM Warõ ir-NML POSIC 1 RLS 3-DAT=ver-NML

 zeĩ -kō -di totahã tōktə
 DES PRIV EST 3.ENF agora
 ‘deixe Warõ partir (que) eu não quero vê-lo novamente’

(918) **nwa** tota nōrĩ nē-m da
 PERM 3 PL ir-NML POSIC
 ‘deixe eles irem (duas pessoas)’

(919) **nwa** tota nōrĩ wahtu-Ø da
 PERM 3 PL ir-NML POSIC
 ‘deixe eles (vários) irem’

10.2.5 Uma nota sobre a partícula de advertência *wa*

Sousa Filho (2007) descreve o morfema *wa* como sendo um sufixo que possui a função de advertência. Os nossos dados mostram essa função do morfema *wa*, mas o mesmo pode significar também um impedimento, dependendo do contexto pragmático. Ressalta-se que o uso de *wa* se faz sempre em posição pós-verbal. O morfema *wa* pode ser considerado a contraparte proibitiva do permissivo *nwa*:

Impedimento ou advertência

(920) sōkre-Ø **wa**
 cantar-NML IMPED
 ‘não o permita cantar!’

(921) mō-r wato ta hã
 ir-NML IMPED mesmo 3 .ENF
 ‘não deixe (que) ele parta!’

(922) Sōpre Sipridi sōkre-Ø wa
 Sōpre Sipridi cantar-NML IMPED
 ‘Sōpre, não deixe a Sipridi cantar!’

(923) nōkwa mō-r wa
 alguém ir-NML IMPED
 ‘ninguém vai’

Advertência

(924) ai mō-r wa; za titak
 2 ir-NML IMPED IRR chover

‘não vá, vai chover!’

(925) mō-r wa totahã Simĩsuite, wa to aimõ
 ir-NML IMPED 3.ENF Smĩsuite 1 RLS continuamente
 ã pkẽ wakrõ
 1 coração quente

‘não deixe Smĩsuite partir, estou ficando incomodado! (lit.: “impeça a ida do Smĩsuite, estou com o coração esquentado com a ida dele”)’

10.3 Considerações gerais sobre as imperativas Xerente

No Xerente, as expressões de comando afirmativos são assinaladas, sintaticamente, pelos morfema *nã* (mandativo), *wi* (injuntivo) e *nwa* (permissivo), mas pode consistir em construções cujos predicados têm por núcleo nominalizações, sem

sujeito ou agente expreso. Nesse tipo de construção, o beneficiário pode vir expreso (opcionalmente), marcado pela posposição *mã* ~ *-m* ‘dativo’. Todas as expressões de comando têm formas nominalizadas do verbo e suas respectivas negações são feitas por meio do morfema privativo *kõre* ou *knã* (*-kõ* + *nã*).

A expressão de advertência *wa* pode ser traduzida como o elemento que funciona como uma negação.

Quanto às formas verbais, no imperativo afirmativo Xerente todos os verbos podem ocorrer em sua forma longa ou forma nominalizada, ao contrário das interrogativas, que ocorrem na maioria dos casos com as formas breves ou finitas dos verbos. Nos comandos negados são utilizados tanto as formas breves do verbo, quanto as formas longas (mais comum). Acrescenta-se que as orações imperativas ocorrem no modo *irrealis*.

CAPÍTULO 11: ORAÇÕES INTERROGATIVAS

Neste capítulo tratamos das orações interrogativas em Xerente. Nessa língua, apenas as interrogativas polares possuem marcas de interrogação que indicam que a oração é uma pergunta sim/não. No caso das interrogativas informacionais, a língua possui expressões próprias que diferenciam uma das outras, dependendo do tipo de constituinte questionado.

11.1 Um pouco sobre “construções interrogativas”

Para Payne (2007), dentro da classe das orações interrogativas, as línguas geralmente distinguem dois tipos: (i) aquelas para as quais a informação requerida é uma afirmação ou uma negação simples (sim ou não), também conhecidas como interrogativas polares, e as quais se restringem apenas em esclarecer o valor de verdade ou falsidade de uma proposição (seção 6.2) e; (ii) aquelas para as quais a informação requisitada é uma locução mais elaborada – um sintagma, uma oração ou um discurso inteiro, também denominadas interrogativas informacionais, cujas respostas exigem sentenças informativas, com conteúdo verbal (seção 6.3).

11.1.1 Sentenças interrogativas sim/não

Segundo Payne (2007, p. 295-299), para este tipo de interrogativa se espera uma resposta ‘sim’ ou ‘não’. O autor elenca quatro formas em que as línguas se baseiam para elaborar tipos de perguntas sim/não (*a-d*), bem como apresenta as propriedades semântico-funcionais das sentenças interrogativas sim/não (*e*):

- a. *Acentuação*: perguntas sim/não tendem, universalmente, a envolver padrões de entonação distintivos. Pode ser ascendente (“*rising*”, como o inglês) e descendente (“*falling*”, como o russo);

- b. *Ordem das palavras*: interrogativas sim/não podem ocasionar a inversão na ordem das palavras da oração, como no caso da inversão da ordem sujeito e verbo (em línguas VO), como no inglês, em que a inversão sujeito-verbo simples ocorre em predicados nominais, existenciais e em orações locativas;
- c. *Partícula interrogativa*: além da acentuação, a forma mais comum de formar uma interrogativa sim/não, universalmente, é através de uma partícula interrogativa, estratégia mais comum em línguas verbo-final. A partícula interrogativa pode ser cliticizada ao primeiro constituinte da oração (antes ou depois) ou ao final da oração;
- d. *Perguntas Tag*: consistem em uma oração declarativa mais um “tag” que requer conformação ou descontinuação de uma oração declarativa. Em algumas línguas, questões *tag* ocorrem em ambientes pragmáticos particulares e parecem implicar que o falante espera uma resposta afirmativa, ao passo que questões sim/não, não carregam esta expectativa pragmática;
- e. *Funções*: 1. Solicitar informação (uso básico): ‘é hora da aula?’; 2. Requerer uma ação: ‘você pode fechar a janela?’; 3. Efeito retórico (não se espera uma resposta): ‘você é sempre bagunçado?’; 4. Confirmação de uma informação já possuída pelo falantes: ‘você está indo, não está?’.

11.2 Construções interrogativas sim/não em Xerente

Em Xerente, há construções interrogativas marcadas por entonação/accentuação. São as interrogativas polares sim/não, cuja entonação é ascendente, sendo que o elemento mais à direita da oração possui maior peso de acentuação.

(926) to p r̄ōwē-k
 RLS INT bem-EST
 ‘tudo bem?’

(927) toka p ai **m̄rō-d**
 2 INT 2 **cônjuge-EST**
 ‘você é casado?’

Em Xerente, demonstrativos e o pronome de terceira pessoa podem ocorrer em posição final da oração, para marcar uma pergunta que envolve a natureza do que é perguntado.

(928) kko pa p **kāhã**
 macaco fígado INT isto
 ‘é fígado do macaco?’

(929) sika kre p **kāhã**
 galinha ovo INT isto
 ‘é ovo de galinha?’

(930) nmã zi p **tahã**
 onde LOC INT 3.ENF
 ‘onde está ele?’

Em interrogativas com predicados verbais, o constituinte questionado ocorre topicalizado no início da oração:

(931) **pikõ** bə p toka kmãdək
 mulher 2 INT 2 ver
 ‘(foi) mulher (que) você viu?’

O uso de “partículas interrogativas”, mencionado por Payne (2007) como sendo uma estratégia muito comum em línguas SOV, ocorre em Xerente com por meio da partícula {p} e suas variantes {pr, -b, -br}:

Com a variante *p*

(932) to **p** pse-d
 RLS INT bom, bonito-EST
 ‘tudo bem?’

(933) nōkwa **p** hã
 quem INT ENF
 ‘quem é?’

(934) aikte nōrĩ **p** kumzum-d
 criança PL INT empoeirar, sujar-EST
 ‘as crianças estão sujas? (lit.: “existe sujeira para as crianças?”)’

(935) toka bə **p** to ai sipi-Ø
 2 2 INT RLS 2 trabalhar-NML
 ‘você trabalhou?’

Com a variante *pr*

(936) toka nōrĩ kwa tē **pr** za tahã kbazeĩprã w(ĩ)-rĩ-kw
 2 PL DL 2 INT IRR 3.ENF caça matar-NML PL
 ‘vocês vão matar as caças?’

(937) nmõ=mõ tē **pr** za toka ai mō-r
 para.onde 2 INT IRR 2 2 ir-NML
 ‘para onde você vai?’

Com a variante *b*

(938) tē b za ai mō-r
 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘você vai?’

(939) nōkwa **b** za mō
 quem INT IRR ir
 ‘quem vai?’

(940) ambə nōĩ **b** za to aikuwa wahu-d
 homem PL INT IRR mesmo mato, cerrado partir.PL-EST
 ‘os homens irão mesmo para o mato?’

Com a variante *br*

(941) təkānā **br** za to kwaz mnĩ mō
 hoje INT IRR mesmo DUB DIR ir
 ‘será que vem hoje mesmo?’

(942) te **br** za to hərə we ĩ mō-r
 2 INT IRR mesmo amanhã CENTRIF 1 ir-NML

 pibumã ĩ-m wē
 FIN 1-DAT permitir
 ‘posso vir amanhã? (“voce permite para eu vir amanhã?”)’

(943) te **br** za to ĩ-m wē ĩ mō-r pibumã
 2 int IRR memso 1-DAT permitir 1 ir-NML FIN

 ai-mē ĩ sihə pibumã
 2-ASS 1 brincar-NML FIN
 ‘posso vir para brincar com você?’

De acordo com Sousa Filho (2007, p. 185), “as partículas interrogativas *p* ~ *b* ocorrem em sentenças interrogativas do tipo sim/não em várias posições na sentença”. O autor argumenta que “o aspecto condiciona o uso de *p* ou *b*. Se o aspecto da sentença é perfectivo, usa-se *p* e se imperfectivo, *b*”.

Os nossos dados corroboram essa análise, entretanto, apontam para uma possibilidade de que a motivação histórica tenha sido fonológica, uma vez que a partícula interrogativa, ao se cliticizar ao morfema {z} tenha se sonorizada, o que é um fato do Xerente, a sonorização de segmentos fonológicos surdos em contiguidade a segmentos

sonoros. Dessa forma, podem ter surgido as variantes {pr, -b, br-}, em contiguidade ao morfema do modo irrealis [za].

Acrescenta-se que, diferentemente da análise de Sousa Filho (2007), na língua Xerente o clítico interrogativo {p} marca o constituinte questionado, que ocorre em primeira posição da sentença. Ou seja, a ocorrência do clítico interrogativo no Xerente se dá sempre à direita da expressão questionada.

(944) nha nẽ wa **b** za wa nõrĩ wa prãire kwam nẽ
 como MAN 1 INT IRR 1 PL 1 PAUC afiado MAN

kũiwde shə-r
 tora.de.buriti cortar-NML
 ‘como nós poucos cortaremos tora?’

(945) toka nõrĩ kwa te **pr** za tahã kbazeĩprã w(ĩ)-rĩ-kw
 2 PL DL 2 INT IRR 3.ENF caça matar-NML-PL
 ‘vocês vão matar as caças?’

(946) te **b** za ai mō-r
 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘você vai?’

(947) nōkwa **b** za mō
 quem INT IRR ir
 ‘quem vai?’

11.2.1 A ocorrência do morfema interrogativo em perguntas polares

A interrogação em Xerente é feita com a marca de interrogação posicionada diretamente seguindo o constituinte questionado que, como dissemos, é o primeiro elemento da sentença.

(948) **pikõ** p wasã-d mulher INT
 grávida-EST
 ‘A mulher está grávida?’

(949) kko **pa** p kãhã
 macaco fígado INT isto
 ‘isto é fígado do macaco?’

(950) sika **kre** p kãhã
 galinha ovo INT isto
 ‘isto é ovo de galinha?’

(951) **toka** p ai stikrui-t
 2 INT 2 zangar-EST
 ‘você está bravo?’

(952) **toka** p ai mrõ-d
 2 INT 2 cõnjuge-EST
 ‘você é casado?’

(953) **tɛ** b za ai mõ-r
 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘você vai?’

(954) toka **bə** p to ai sipi-Ø
 2 2 INT RLS 2 trabalhar-NML
 ‘você trabalhou?’

(955) kimdø **mã** p Tprekru k-mẽ wĩ
 porcão 3 INT Tpêkru 3-DAT OC matar
 ‘(foi) porcão (que) Tpekru matou?’

No exemplo seguinte o falante quer confirmar se é mesmo farinha o que alguém fez, e não outra coisa:

(956) kupazu **te** **p** Tpekru ka-zat
 farinha mesmo INT Tpekru 3-fazer
 ‘(foi) farinha que Tpekru fez?’

No próximo exemplo a pergunta feita possui um efeito retórico, que não necessariamente se espera a resposta à pergunta. É uma pergunta que *constata* um fato através de um questionamento:

(957) nha nê wa **b** za wa nōrĩ wa prãire kwam nê
 como MAN 1 INT IRR 1 PL 1 PAUC afiado ?

kũiwde shə-r
 tora.de.buriti cortar-NML
 ‘como nós poucos cortaremos tora?’

O morfema interrogativo marca o elemento questionado, como vimos, e nos casos em que o pronome não tem forma fonológica, segue naturalmente a marca de modo, *realis* ou *irrealis*:

(958) **to** **p** ai kra rowē-k
 RLS INT 2 filho bem-EST
 ‘teu filho está bem?’

(959) **to** **p** aikte nōrĩ kumzum-d
 RLS INT criança PL sujar-EST
 ‘as crianças estão sujas?’

(960) Sōpre ku **to** **p** kuzui-t
 Sōpre POSP RLS INT instar-EST
 ‘Sōpre está com pressa?’ (lit.: “existe instabilidade para Sōpre?”)

(961) wakrɔ=wde **to** **p** wamhui-t
 flecha=pauRLS INT endireitar-EST
 ‘a flecha está reta?’

Ao contrário dos exemplos anteriores, quando o sujeito é expresso, a marca interrogativa segue o pronome subjetivo, antecedendo a marcação de modo:

(962) Sõpre **mã** **p** to kud
 Sõpre 3 INT RLS acordar
 ‘Sõpre acordou?’

(963) toka **bə** **p** to ai wis
 2 2 INT RLS 2 chegar
 ‘você já chegou?’

(964) aikde **mã** **p** to nõt
 criança 3 INT RLS dormir
 ‘a criança já dormiu?’

11.3 Construções interrogativas informacionais no Xerente

Na oração interrogativa informacional, o dado requisitado pode ser expresso por uma palavra, sintagma, oração ou enunciado maior (PAYNE, 2007, p. 294). A presença de uma palavra interrogativa, no início da oração, interroga a oração como um todo e a resposta está condicionada à palavra ou expressão interrogativa de conteúdo informacional.

Em Xerente, há quatro palavras interrogativas que podem ocorrer sozinhas, bem como acompanhadas por posposições, expressando diferentes significados e funções semânticas: (i) *nõkwa* [+humano]; (ii) *marĩ* ~ *mã* [genérico -humano]; (iii) *nmã* [genérico +humano] e (iv) *nha* [+quantidade, +local, +tempo]. Quando marcados por posposições, questionam o constituinte objeto indireto e expressam companhia, maneira, instrumento, beneficiário, finalidade, associação, quantidade, temporalidade, razão, propósito, direção e local.

11.3.1 A palavra interrogativa *nōkwa* ‘quem’

A palavra interrogativa *nōkwa* é usada para questionar constituintes com traço [+humano] nas funções de sujeito e de objeto direto. Nas interrogativas, o verbo é utilizado em sua forma breve e o modo *realis* não é marcado.

(965) *nōkwa* **b** za mō
 quem INT IRR ir
 ‘quem vai?’

(966) *nōkwa* p həzε-k
 quem INT doença-EST
 ‘quem está doente?’

(967) *nōkwa* p hã
 quem INT ENF
 ‘quem é?’

(968) *nōkwa* mǎ p huku wĩ
 quem 3 INT onça matar
 ‘quem matou anta?’

(969) *nōkwa* b za mō krikahã ku mō
 quem INT IRR ir cidade DIR ir
 ‘quem vai (ir) para cidade?’

(970) *nōkwa* b za kukã=hei=pɔ zo kr rĩt(ĩ)
 quem INT IRR quelônio=casco=achatado esperar.porCONT olhar
 ‘quem irá procurar jabuti?’ (lit.: “quem vai olhar à espera de jabuti?”)

(971) *nōkwa* mǎ p ambə wĩ
 quem 3 INT homem matar
 ‘quem o homem matou?’

(972) *nōkwa* bə p toka k-mã dək
 quem 2 INT 2 3-DAT ver
 ‘quem você viu?’

(973) nōkwa mǎ p siku stōkrā
 quem 3 INT gavião assustou
 ‘quem o gavião assustou?’

(974) nōkwa mǎ p wapsã sa
 quem 3 INT cachorro morder
 ‘quem o cachorro mordeu?’

11.3.1.1 A palavra interrogativa *nōkwa(i)* + posposição *mě* ‘associativo’

(975) nōkwai mē bə p ai mō-r
 quem ASS 2 INT 2 ir-NML
 ‘com quem você foi?’

(976) nōkwai mē bə p wĩ-r?
 quem ASS 2 INT matar-NML
 ‘com quem você matou?’

(977) nōkwai mē mǎ p k^əkōre k sihu-r
 quem ASS 3 INT macaco CONT copular-NML
 ‘com quem o macaco copulou?’

(978) nōkwai mē tɛ b za toka aikuwa kr ai mō-r
 quem ASS 2 INT IRR 2 mato CONT 2 ir-NML
 ‘com quem você irá para a floresta?’

(979) nōkwai mē mǎ p Tpekru kuhə k-mē wĩ
 quem ASS 3 INT Tpêkru porcão 3-ASS OC matar
 ‘com quem Tpêkru matou porcão?’

(980) nōkwai mē bə p zəhuri k-mē wĩ-r
 quem ASS 2 INT cutia 3-ASS OC matar-NML
 ‘com quem você matou cotia?’

11.3.1.2 A palavra interrogativa *nōkwa(i)* + posposição *mã* ‘dativo’

A palavra interrogativa *nōkwa* combinada com a posposição *–mã* questiona argumentos na função dativa e beneficiária:

(981) *nōkwai* *mã* *mã* *p* *te* *b* *za* *toka* *hespōkrã* *sōm-r*
quem DAT 3 INT 2 INT IRR 2 banana dar-NML
‘para quem você dará banana?’

(982) *nōkwai* *mã* *mã* *p* *ai* *separkwa* *kupazu* *t-mã* *sō*
quem DAT 3 INT 2 mãe farinha 3-DAT enviar
‘para quem a sua mãe mandou farinha?’

(983) *nōkwai* *mã* *mã* *p* *sekwa* *mrē*
quem DAT 3 INT pajé dizer
‘para quem o pajé falou?’

11.3.2 Palavra interrogativa *mãrĩ* ~ *mār* [genérico -humano]

A palavra interrogativa *mãrĩ* ~ *mār* se constitui como elemento formador de várias interrogativas informacionais no Xerente. A depender da posposição que a acompanha, o sintagma posposicional pode expressar, semanticamente, as funções de instrumento, dativo, finalidade, razão, propósito, localidade, direção, além de expressar o ablativo e o inessivo, conforme demonstrado nas subseções que seguem.

(984) *mãrĩ* *p* *kãhã*
que INT isto
‘o que é isto?’

(985) *mãrĩ* *p* *k-mã* *ai* *sapka-d*
que INT 3-DAT 2 querer-EST
‘o que você quer?’

(986) mǎrĩ mǎ p waptã-r?
 que 3 INT cair-NML
 ‘o que caiu?’

(987) mǎrĩ mǎ p ai kunẽ-Ø?
 que 3 INT 2 ferir-NML
 ‘o que machucou você?’

(988) mǎrĩ bə p toka k-mẽ wĩ-rĩ
 que 2 INT 2 3-ASS matar-NML
 ‘o que você matou?’

11.3.2.1 A palavra interrogativa *mǎr + nǎ* ‘instrumento’

(989) mǎr nǎ mǎ p wawẽ kuhə wakrẽ-Ø
 que INST 3 INT velho porcão flechar-NML
 ‘com que o velho flechou porcão?’

(990) mǎr nǎ tɛ b za sikarĩ prẽ-Ø
 que INST 2 INT IRR cigarro vermelho-NML
 ‘com que você acenderá (“envermelhar”) o cigarro?’

(991) mǎr nǎ mǎ p pikõĩ nõrĩ kupa te kumõ-Ø
 que INST 3 INT mulher PL mandioca 3 raspar-NML
 ‘com que as mulheres descascaram mandioca?’

(992) mǎr nǎ bə p wde shə-r
 que INST 2 INT árvore cortar-NML
 ‘com que você cortou a árvore?’

11.3.2.2 A palavra interrogativa *mār* + *mã* ~ *m* ‘dativo’ + *hã* ‘enfático’

A palavra interrogativa *mār* se combina com a posposição dativa *mã* ~ *m* mais o enfático *hã* para expressar instrumento, meio e local, conforme demonstrado nos exemplos seguintes:

Instrumento [+movimento]

(993) *mār* *m* *hã* *bə* *p* *krikahə* *ku* *ai* *mõ-r*
que DAT ENF 2 INT cidade DIR 2 ir-NML
‘com que você foi para a cidade?’

Meio

(994) *mār* *mã* *hã* *bə* *p* *toka* *Braziʎja* *ku* *ai* *mõ-r*
que DAT ENF 2 INT 2 Brasília DIR 2 ir-NML
‘de que você foi a Brasília?’

Local

(995) *mār* *mã* *hã* *mã* *p* *ambə* *nõrĩ* *kupa=zu*
que DAT ENF 3 INT homem PL mandioca=pilada

srẽ=kw

colocar dentro de=PL

‘em que os homens colocaram a farinha?’

(996) *mār* *mã* *hã* *p* *pikõi* *nõrĩ* *kupa* *k*
que DAT ENF INT mulher PL mandioca CONT

wasar-kw

carregar.PL-NML-PL

‘em que as mulheres estão carregando mandioca?’

11.3.2.3 A palavra interrogativa *mãĩ* + posposição *da* ‘propósito’

A combinação da palavra interrogativa genérica *mãĩ* com a posposição *da* expressa, semanticamente, propósito e / ou objetivo de uma ação:

(997) mãĩ zda bə p we ai mã-r?
que PROP 2 INT DIR 2 ir-NML
‘para que você veio?’

(998) mãĩ zda bə p we ai mã-r?
que PROP 2 INT DIR 2 ir-NML
‘para que você veio? (lit.: “qual o objetivo / propósito de você vir?”)’

11.3.2.4 A palavra interrogativa *mã̃r* + posposição *pibumã* ‘finalidade’

(999) mã̃r pibumã b za pikõĩ nõĩ kupa ka-zanõ
que FIN INT IRR mulher PL mandioca 3-arrancar
‘para que as mulheres arrancarão mandioca?’

(1000) mã̃r pibumã tɛ b za wakrɔ=wde k-mã nã-r
que FIN 2 INT IRR flecha 3-DAT fazer-NML
‘para que você fará flecha?’

(1001) mã̃r pibumã mã p tahã rɔm=rkɔ kə
que FIN 3 INT 3 GEN=fazer fogo pegar
‘para que aquele pegou o isqueiro? (lit.: “para que aquele pegou a coisa que acende/faz fogo?”)’

(1002) mã̃r pibumã mã p waptɛ nõĩ mnĩ kasu kwasa
que FIN 3 INT jovem PL CENTRIP palha carregar
‘para que os adolescentes trouxeram palha?’

11.3.2.5 Palavra genérica *mār* + *wa* ‘razão / explicativa’

(1003) mār wa p ai pkē wadkə-d?
por.que INT 2 coração triste, inebriado-EST
‘por que você está triste? (lit.: “por que você está com o coração ébrio?”)’

(1004) mār wa bə p we ai mō-r?
por.que 2 INT DIR 2 ir-NML
‘por que você veio?’

(1005) mār wa bə p kri k-mã rɔwĩ-r?
por.que 2 INT casa 3-DAT OC derrubar-NML
‘por que você derrubou a casa?’

(1006) mār wa tɛ p(r) za kãnē k-mã=nã-r?
por que 2 INT IRR assim 3-DAT OC=fazer-NML
‘por que você vai fazer assim (desta maneira)?’

11.3.2.6 Palavra interrogativa *mār* + *kre* ‘inessivo’

(1007) mār kre bə p we ai wis
que INES 2 INT DIR 2 chegar
‘dentro de que você chegou?’

(1008) mār kre bə p sikuza hōidu se?
que INES 2 INT roupa suja colocar.dentro.de
‘dentro de que você colocou roupa suja?’

11.3.3 Palavra interrogativa *nmã* ‘genérico humano’

A palavra interrogativa *nmã*, traduzida como ‘que, o que, qual’ questiona constituintes com traço semântico [+humano] na função de sujeito, objeto direto e de

modificador. Vem sempre acompanhada de algum outro elemento que expressa humanidade, temporalidade, localidade e direcionalidade, conforme demonstrado nas subseções seguintes.

11.3.3.1 Palavra interrogativa *nmã* + enfático *hã*

(1009) nmã hã aikde mã p wi
 que ENF criança 3 INT chegar
 ‘que menino chegou?’

(1010) nmã hã sikuza p k-mã ai sapka-d
 que ENF roupa INT 3-DAT OC 2 querer-EST
 ‘qual roupa você quer?’

(1011) nmã hã kra=re p k-mã ai sapka-d ai si
 que ENF cria=ATN INT 3-DAT OC 2 querer-EST 2 REFL
 mã
 DAT

‘qual filhote você quer (para si mesmo)?’

11.3.3.2 Palavra interrogativa *nmã* + *nã* ‘transativo’

(1012) nmã nã te p(r) za ai mō-r
 quando TRANS 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘quando você vai?’

(1013) nmã nã te p(r) za ktə zo ai
 quando TRANS 2 INT IRR anta a.espera.de 2
 sak∅-∅ k-mě w-rĩ da
 encarapitar-NML 3-ASS matar-NML PROP

‘quando você vai matar / esperar anta?’

11.3.3.3 Palavra interrogativa *nmã* + *hawi* ‘ablativo’

(1014) nmã hawi bə p we toka ai mō-r
onde ABL 2 INT DIR 2 2 ir-NML
‘de onde você veio?’

11.3.3.4 Palavra interrogativa *nmã* + *zi* ‘locativo’

(1015) nmã zi p tahã
onde LOC INT 3.ENF
‘onde está ele?’

11.3.3.5 Palavra interrogativa *nmã* + *nnĩ* ‘locativo perlativo’

(1016) nmã(i) nnĩ p tahã
onde LOC INT 3.ENF
‘por onde ele anda?’

11.3.3.6 Palavra interrogativa *nmã* ~ *nmõ* + *mõ* ‘diretivo’

(1017) nmõ mō tɛ p(r) za toka ai mō-r
onde DIR 2 INT IRR 2 2 ir-NML
‘para onde você vai?’

(1018) nmõ mō tɛ p ai mō-r
onde DIR 2 INT 2 ir-NML
‘para onde você está indo?’

11.3.4 Palavra interrogativa *nha*

O quarto morfema interrogativo do Xerente é {*nha*}, o qual expressa o questionamento de *quantidade*, quando ocorre sozinho na oração, e o de *maneira*, quando acompanhado da posposição *nã*.

11.3.4.1 Palavra interrogativa *nha* ‘quantidade’

(1019) *nha* *həi=su=pɔ=krã* *bə* *p* *krẽ-n*
 quanto casca=folha=oblongo=fruto 2 INT comer-NML
 ‘quantas bananas você comeu?’

(1020) *nha* *mã* *p* *kwatbremĩ* *t-simãsis*
 quanto 3 INT menino 3-chegar.DUAL
 ‘quantos meninos chegaram?’

Ao se interrogar a passagem do tempo cronológico, as palavras interrogativas *wa* ‘lua’, *bdə* ‘sol’ e *wasi* ‘estrela’, metaforicamente contabilizam ou quantificam o tempo em meses, dias e horas, respectivamente. O exemplo, a seguir, é uma pergunta informacional cujo contexto interrogativo é direcionado a uma mulher grávida sobre *quantos meses* possui seu *processo* de gravidez. Conforme mencionado, as fases da lua são contadas para medir a passagem dos meses:

(1021) *nha* *nã* *p* *to* *wa* *ai* *k-mã* *ti-nẽ*
 quanto 3 INT RLS lua 2 3-DAT 3-andar, ir
 ‘está de quantos meses (de gravidez)?’ (Lit.: “quantas luas se passaram?”)

11.3.4.2 Palavra interrogativa *nha* + *nẽ* ‘maneira’

(1022) *nha=nẽ* *b* *za* *wakrɔ=wde* *nõkwa* *k-mã* *nã*
 como INT IRR arco alguém 3-DAT OC fazer
 ‘como se faz o arco?’

- (1023) nha=nẽ b za pikõi nõrĩ tẽ kumtõ-
 como INT IRR mulher PL 3 pintar-NML
 ‘como as mulheres os pintam?’
- (1024) nha=nẽ b za ambə nõrĩ kukrẽ tẽ sapuk-
 como INT IRR homem PL cabaça 3 costurar-NML
 ‘como os homens tecem cesto?’
- (1025) nha=nẽ tẽ b za toka wde=kre k-mã nã-r
 como2 INT IRR 2 pau=oco 3-DAT OC fazer-NML
 ‘como você faz pilão?’
- (1026) nha=nẽ tẽ b za toka sikuza k-mã nã-r
 como 3 INT IRR 2 tecido 3-DAT OC fazer-NML
 ‘como você faz vestido?’
- (1027) nha=nẽ bə p kãhã sikuza k-mã nã-r
 como 2 INT esse tecido 3-DAT OC fazer-NML
 ‘como você fez essa roupa?’
- (1028) nha=nẽ tẽ b za toka wde=krãi=kuze shə-r
 como 2 INT IRR 2 pau=fruto=cheiro cortar-NML
 ‘como você corta laranja?’
- (1029) nha=nẽ bə p kummã ai wis-
 como 2 INT CENTRIP 2 chegar-NML
 ‘como você chegou aqui (para cá)?’

11.4 Considerações gerais sobre as interrogativas em Xerente

Neste capítulo descrevemos os distintos tipos de construções interrogativas identificados até o presente em Xerente. Considerando Payne (2007), foram analisados dois tipos de perguntas em Xerente, as que polarizam respostas sim / não (polares) e as

interrogativas que exigem como resposta uma informação mais detalhada (informacionais).

Mostramos que a língua apresenta um clítico interrogativo {p} que marca constituintes questionados, e estes devem seguir o constituinte questionado, que vem em primeiro lugar na oração.

As interrogativas polares do Xerente são realizadas através de: (i) entonação / acentuação ascendente; (ii) partícula interrogativa; e (iii) ordem das palavras específicas.

As interrogativas informacionais Xerente fazem uso de quatro palavras interrogativas: *nōkwa* [+humano], *marĩ* ~ *mār* [genérico -humano], *nmã* [genérico +humano] e *nha* [+ quantidade, +local, +tempo], as quais questionam constituintes na função nuclear de sujeito e de objeto direto.

CAPÍTULO 12: TEMPO, ASPECTO, MODO E MODALIDADE

Tratamos neste capítulo das expressões de Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade em Xerente. Diferentemente de línguas como o Português, nem a noção de tempo, nem a noção de modo e aspecto foram gramaticalizadas como expressões morfológicas da constituição interna dos verbos. Todas essas noções são expressas em Xerente por partículas ou expressões adverbiais de constituição complexa, como veremos nas próximas seções.

12.1 Expressões de Tempo

As noções de tempo são expressas por expressões adverbiais – palavras ou locuções.

12.1.1 Palavra adverbial *ahəmre*

A palavra adverbial *ahəmre* possui a função de indicar um tempo muito antigo, antepassado, retrospectivo, indicando o “durante o tempo antigo”.

(1030) ahəmre mã t mnĩ mō
ANTIGO 3 RLS DIR ir
‘ele tinha vindo no tempo de antigamente...’

(1031) are Padi ahəmre mã t krãi=watobr ahəmre=zawre⁵⁴
CON Tamanduá ANTIGO 3 RLS aparecer RETR=INTENS
mã t krãi=watobr
3 RLS cabeça=aparecer, surgir

‘... e o Padi apareceu há muito tempo. No tempo muito antigo ele (“Tamanduá”) surgiu...’

(1032) ahəmre wa t tbe ã t kr k-mẽ si wawẽ
ANTIGO 1 RLS peixe 1 RLS CONT 3.ASS comer INTENS

⁵⁴ Também se utiliza a expressão temporal *ĩ-snã-ktam-zawre* “lá no início” para indicar um tempo mítico.

‘antigamente (nos tempos antigos) comia-se muitos peixes’

12.1.2 Expressão adverbial *r̥sik̥ar wawē*

A expressão *r̥sik̥ar wawē* indica uma época retrospectiva distante do tempo atual, antiga, do “tempo dos avós”, mas vivido ou atestado:

(1033)	wa	ĩ	waptkã-ze	mã	to	r̥sik̥ar	wawē
	1	1	nascer-NML	3	RLS	ANTIGO.AT	INTENS
	‘eu nasci há muito tempo atrás’						

12.1.3 Expressão adverbial *durere nãsi*

A expressão adverbial de tempo *durere nãsi* indica que o processo verbal ocorre em um tempo imediatamente anterior ao momento de fala, em um “passado imediato”. Em Português, o equivalente seria “acabar de...”. Ocorre no início da oração:

(1034)	durε-re nãsi	mã	t	wi
	há.pouco	3	RLS	chegar
	‘ele chegou neste instantinho’			

(1035)	durε-re nãsi	wa	t	kdə	h̥i=wazui	pa
	há.pouco	1	RLS	anta	pele=arrancar	COMPL
	‘eu acabei de acabar de tirar a pele da anta’					

(1036)	durε-re nãsi	mã	t	m̥o
	há.pouco	3	RLS	ir
	‘ele acabou de sair’			

12.1.4 Advérbio *awasi-re* “logo mais”, “daqui a pouco”, “em breve”, “já já”

O uso do advérbio *awasi* implica que a ação ou a atividade expressa na sentença é eminente e ocorrerá em um futuro próximo ao momento de fala. O correspondente no Português pode ser “daqui a pouco”, “logo mais”, “já já” ou “em breve”. Comparando-se dois exemplos, um com *təktə-re* “já já” expressando um futuro imediato, simultâneo ao momento de fala, e outro com *awasi* expressando um futuro bem próximo do presente, uma ação que ocorrerá em um futuro bem próximo ao momento de fala da oração, fica claro a diferença de significado dessas duas expressões temporais:

(1037) **awasi** rəwahə te to mñĩ mō
 logo.mais tarde 3 RLS DIR ir
 ‘logo mais tarde ele vem pra cá’

(1038) **awasi-re**⁵⁵ za mñĩ mō
 depois-ATN IRR DIR ir
 ‘ele virá em breve’

(1039) **awasi** si wa za kwatbremĩ kumte-
 depois só 1 IRR menino banhar-NML
 ‘só depois eu vou banhar menino (“vou banhar o menino só mais tarde”)

(1040) **awasi-re** wa za kə ka-kə
 depois-ATN 1 IRR água 3-pegar
 ‘eu buscarei água já já’

(1041) **awasi-re** wa za aikuwa kwa nōmrō-
 depois-ATN 1 IRR mato PL POSIC.horizontal-NML
 ‘nós vamos logo mais para a mata caçar’

⁵⁵ A expressão *durere nāsi* é utilizada para se referir ao passado bem próximo ao momento de fala, ao passo que *awasi-re* se refere ao futuro bem próximo do momento presente.

12.1.5 Advérbio *təktə* ‘agora’

A palavra adverbial *təktə* é utilizada em três situações: (i) para se referir a uma ação que está sendo realizada no momento de fala em que a asserção é proferida, o “agora”, “neste instante” (*right now*); (ii) para se referir ao momento de fala de um tempo anterior, o “agora do passado” (*right that moment, just/only now*), ou (iii) para indicar que o que está sendo predicado ocorrerá imediatamente na sequência do momento da fala. Exemplos dos usos de *təktə* são os seguintes:

(1042) nwa mō-r da ĩ t k-mã dkə- zeĩ -kō -di totahã
 PERM ir-NML PROP 1 RLS 3-DAT ver-NML DES PRIV EST 3.ENF

təktə
 agora

‘deixe-o partir, eu não quero vê-lo agora (neste instante)’

(1043) are **təktə** k pra wa sakre-Ø k pra
 CON agora CONT pé 1 correr.PL-NML CONT pé

wa sakre-Ø
 1 correr.PL-NML

‘...e então corremos sem parar atrás dela (da anta) agora (naquele instante)’

(1044) tahã airɛ/ar k-mã sapka-di mnĩ mō-r da
 3 FRUST 3-DAT desejar-EST DIR ir-NML PROP

are mō-r -kō -di **təktə**
 CON ir-NML PRIV EST agora

‘ele desejava o propósito de ir pra cá, mas não pode agora (neste momento)’

12.1.5.1 Palavra adverbial *tɔktɔ* combinada com o atenuativo *-re*

A junção de *tɔktɔ* e do atenuativo *-re* expressa uma ação prestes a ocorrer imediatamente e sequencialmente após o momento de fala, o “já já” (*right right away*) ou o “agora mesmo” ou “agorinha” ou “jázinho” (*right now immediately*). Pode anteceder o sujeito ou vir depois do objeto. Expressa um processo no seu início, no momento atual da fala.

(1045) tɔktɔ-re wa za kwatbremĩ kumte-
 agora-ATN 1 IRR menino banhar -NML
 ‘vou banhar o menino já já (“jázinho”)

(1046) wi wi tɔktɔ-re ai mō-rĩ
 INJ INJ agora-ATN 2 ir-NML
 ‘parta rapidamente!’ (lit.: “vá, vá agorinha mesmo!”)

(1047) wi ai mō-rĩ tɔktɔ-re
 INJ 2 ir-NML agora-ATN
 ‘vá agora mesmo!’

(1048) tɔktɔ-re wa za kwatbremĩ kumte-
 agora-ATN 1 IRR garoto banhar-NML
 ‘vou banhar o menino agorinha (agora mesmo imediato)’ (*right now immediately*)

(1049) wa to Smĩsuite tɔktɔ-re wawi-
 1 RLS Smĩsuite agora-ATN pintar-NML
 ‘eu pinto Smĩsuite agorinha (agora mesmo)

12.1.6 Expressões correspondentes a ‘hoje’, ‘ontem’ e ‘amanhã’

A língua Xerente apresenta palavras adverbiais que correspondem, respectivamente, aos significados de ‘hoje’, ‘ontem’, e ‘amanhã’, as quais situam os processos verbais em tempos definidos.

12.1.6.1 Advérbio *tākāhã* no modo ‘realis’

A palavra *tākāhã* é utilizada nos dois modos Xerente, a saber, no *realis* e no *irrealis*. No modo *realis*, dá o sentido de pretérito perfeito composto, do Português, e mais próximo à noção do *present perfect*, do Inglês.

O uso de *tākāhã* indica uma atividade ou estado que iniciou-se em um tempo anterior, num passado próximo ou distante do momento de fala, e que todavia continua no momento atual ou apresenta reflexos desse estado ou atividade no presente ou na atualidade. Exemplos do uso de *tākāhã* no modo *realis* são:

(1050) **tākāhã** wahu⁵⁶ wa t rmẽ mnõ wakrɔ-Ø
ATUAL verão 1 RLS EXIST.ANT DISTR aquecer-NML

krtab-di
verdadeiramente-EST

‘o tempo (verão) tem estado muito quente (verdadeiramente)’ (“*It’s been hot lately*”)

(1051) wa t **tākāhã** ambə k-mã dək
1 RLS ATUAL homem 3-DAT ver

‘eu vi este homem’ (“*I have seen this man*”)

⁵⁶ A palavra *wadu* pode ser traduzida no Xerente por ‘verão’ e por ‘ano calendárico’, como se pode observar no nominal *wahum-te* ‘ano novo’. Para esse povo são consideradas duas estações: *wahu* ‘verão’ (final de abril até meados de setembro) e *akenā* ‘inverno’ (época chuvosa que abrange a segunda quinzena de setembro ao final do mês de abril).

(1052) (wa) ĩ nə to pse -kõ -di **tākāhā** māra nã
 (1)1 dormir RLS bom PRIV EST ATUAL noite TRANS

‘eu dormi ruim nesta noite (sentido físico) (“*I have not slept well this night*”)

(1053) **tākāhā** wa t ĩ nə tō kunε-PRIV
 ATUAL 1 RLS 1 dormir arruinar-NML

‘eu dormi ruim nesta noite (sentido onírico)

12.1.6.2 Advérbio *tākāhā* no modo ‘irrealis’

Conforme mencionado anteriormente, a palavra *tākāhā* é utilizada nos dois modos Xerente. Para expressar, no modo *irrealis*, a noção de tempo (atual) imperfeito, utiliza-se a palavra *tākāhā* modificada pela expressão modal *aptē=kõ=rε*:

(1054) aptē kōre wa za **tākāhā** ĩ wis da=zakrui ku
 talvez/dever/might 1 IRR ATUAL 1 chegar HUM=aldeia DIR

‘eu devo chegar hoje na aldeia (“*I will have arrived today at the village; I shall / might arrive today at the village*”)

(1055) aptē kōre wa za wa nōrĩ wa t k sasar **tākāhā**
 talvez 1 IRR 1 PL 1 RLS CONT caçar ATUAL

rōwaste m^aba
 mato PERL

‘nós devemos ir caçar no mato’

12.1.6.3 Advérbio *təkānā* ‘hoje’

(1056) **təkānā** wa za ĩ siwakut
hoje 1 IRR 1 descansar
‘hoje eu vou descansar’

(1057) **təkānā** te to totahã sako zawre snã mrẽ
hoje 3 RLS 3.ENF ruidoso INTENS INST falar
‘hoje ele está falando alto’

(1058) ĩ ptokwa te mrẽ **təkānā** zahã wsi-Ø nã
1 pai 3 dizer hoje 3 IMIN chegar-NML TRANS
‘meu pai disse que (ele) chega hoje’

12.1.6.4 Advérbio *hewahə* ‘dia anterior’

(1059) tahã kra sikumza mã t **hewahə** t-waptkã-kw
3.ENF cria gêmeo 3 RLS ontem 3-nascer-DL
‘os gêmeos dela nasceram ontem’

(1060) **hewahə** wa nōrĩ wa sōĩ -kō -di
ontem 1 PL 1 lavar PRIV EST
‘ontem nós não banhamos’

(1061) Sōpre kãto Tiĩkwa mã t **(h)ewahə** Ø nōkre-kw
Sōpre CONJ Tiĩkwa 3 RLS ontem 3 cantar-DL
‘Sōpre e Tiĩkwa cantaram ontem’

(1062) wa to ĩ wis **hewahə** mãra nã Goiânia hawi
1 RLS 1 chegar ontem noite TRANS Goiânia ABL
‘cheguei de Goiânia ontem à noite’

(1063) mǎĩ bə p hewahə k-mě wĩ
 algo 2 INT ontem 3.ASS matar-NML
 ‘o que você matou ontem?’

12.1.6.5 Advérbio *həɾɛ* ‘dia posterior’

(1064) **həɾɛ** Ø za mnĩ mǔ
 amanhã 3 IRR DIR ir

‘amanhã ele irá pra cá?’

(1065) da=kmǎdkə=kwai mǎ bə təkǎnǎ bə **həɾɛ** tɛ-br za ai sipi-Ø
 HUM=olhar=AGNT DAT DISJ hoje DISJ amanhã 2-INT IRR 2 trabalhar-NML

‘para o cacique (“olhador de gente”), ou hoje ou amanhã você vai trabalhar?
 (“você trabalhará para o cacique hoje ou amanhã?”)’

(1066) **həɾɛ** si wa za t-mǎ ĩ nĩpi- təkǎnǎ
 amanhã só 1 IRR 3-DAT 1 trabalhar- hoje
 wa za ĩ siwakut
 1 IRR 1 contemplar

‘somente amanhã eu vou trabalhar para ele; hoje eu irei contemplar’⁵⁷

(1067) **həɾɛ** Ø za wi
 amanhã 3 IRR chegar
 ‘ele vai chegar amanhã?’

(1068) ĩhĩ **həɾɛ** Ø za wi
 sim amanhã 3 IRR chegar
 ‘sim, ele vai chegar amanhã’

⁵⁷ A palavra *siwakut* é usada pelos mais velhos (*wawə*) para se referir a um descanso contemplativo. Os mais jovens geralmente usam as palavras *ĩnǔt* ‘dormir’ ou *ĩnǔmr* ‘deitar’ para se referir ao descansar de alguém.

(1069)	ãɾɛ	həɾɛ	∅	wis	-kõ	-di,	to	həɾɛ
	não	amanhã	3	chegar	PRIV	EST	RLS	amanhã
	kamõi	wam=si			za	wi		
	outro	somente.quando		IRR	chegar			

‘não, amanhã ele não chega, mas somente no outro amanhã (“depois de amanhã”) ele vai chegar’

12.1.6.6 Outras expressões de tempo

12.1.6.6.1 *Wahu* ‘verão / estação seca’

A palavra *wahu* ‘verão’ é utilizada para se referir a e contar a passagem dos **anos**:

(1070)	mã	to	wahu	tka	hə	wawẽ
	3	RLS	verão	terra	pele, superfície	INTENS

‘os anos já se passaram muito’ (lit.: “os verões na superfície da terra são antigos”)

(1071)	təkãhã	wahu	wa	t	rmẽ	mnõ	wakrɔ-
	ATUAL	verão	1	RLS	EXIST.ANT	DISTR	aquecer-NML
	krtab-di						
	verdadeiramente-EST						

‘o tempo (verão) tem estado muito quente (verdadeiramente)’

12.1.6.6.2 *Wa* ‘lua’

As fases da lua são contadas para medir a passagem dos meses. No contexto, a seguir, uma mulher grávida é perguntada sobre a passagem do tempo cronológico da sua gravidez, conforme mencionado anteriormente:

12.2 Aspecto

Aspecto é uma categoria gramatical relacionada ao sistema temporal interno de uma situação (cf. COMRIE, 1976; TRASK, 1994). Geralmente se relaciona com outras categorias como as de Pessoa, Tempo, Modo e Modalidade. Nas línguas naturais, a marca aspectual pode ser expressa, sintaticamente, como um morfema livre ou, ainda, cliticizado ao verbo. Em outros casos, a palavra em si carrega uma marca aspectual inerente como, por exemplo, os verbos ‘saltitar’ e ‘morrer’ no Português que carregam noções aspectuais reiterativa e concluída.

Comrie (1976) defende que ‘aspectos’ se referem a diferentes maneiras de observar a constituição temporal interna relativa de uma situação específica, a sua durabilidade, não necessariamente relacionada a um ponto temporal. Desta forma, o aspecto é interno à situação, é a fase da situação (‘acabado’ x ‘não acabado’), ou a sua referência ‘início-meio-fim’.

As distinções estabelecidas por Comrie (1976) incluem situações de estado e dinâmicas; entre situações durativas e pontuais; entre aquelas de *estar* em um estado ou em um processo, *entrando* em um estado ou processo, e *saindo* de um estado ou processo; e também, entre situações que se movem em direção a uma conclusão lógica (*télico*) e aqueles que não o fazem.⁵⁸

A análise que aqui desenvolvemos focaliza as expressões de aspecto, consoante a teoria de Déscles e Guentchéva (1980, 1989), por conceber que “(...) as noções de aspecto e de tempo transcendem o sistema gramatical das línguas [...], frequentemente em interação, de uma parte, com o léxico verbal, a quantificação e as expressões adverbiais e, de outra parte, os modos de ação (*Aktionzarten*) e a modalidade” (GUENTCHÉVA, 2011, p. 13).

Em Xerente é clara a interação de tempo com modalidade e com aspecto, e as suas respectivas expressões temporais e aspectuais diferem do tempo e aspecto gramaticalizados em verbos de outras línguas do mundo. Em Xerente, aspecto

⁵⁸ Tradução livre de: “Distinctions discussed include that between state and dynamic situation, that between durative and punctual situations, that between being in a state or process, entering a state or process, and leaving a state of process, and that between situations which move towards a logical conclusion (telic) and those that do not” (COMRIE, 1976, p. 14).

corresponde às noções que Décles e Guentchéva (2011) concebem como “modos de ação (ou *Aktionzarten*)”; já noções de “tempo” se manifestam por meio de expressões adverbiais, como mostramos anteriormente.

A análise que aqui propomos das categorias de tempo, aspecto, modo e modalidade para o Xerente difere em vários aspectos de análises precedentes desenvolvidas por estudiosos dessa língua (SOUSA FILHO, 2007; 2010). A divergência, advém, sobretudo, da visão de tempo, aspecto e modalidade que adotamos. Não tratamos o tempo em Xerente como dividido em presente, passado e futuro, e tempo e modalidade nessa língua podem se associar, como já mostramos. O que consideramos como modo em Xerente, é tratado como tempo e como aspecto por Sousa Filho (2007).

Adotamos nesta tese a noção de “modos de ação” na análise do Xerente, ao invés da noção de aspecto, visto que as expressões aspectuais são de natureza lexical, associando o termo aspecto para expressões correspondentes já gramaticalizadas nos verbos de outras línguas (cf GUENTCHÉVA, 2011).

Em Xerente, as noções aspectuais se dão por meio de um conjunto de palavras que ocupam mais frequentemente a posição inicial ou final da sentença.

12.2.1 Modo de ação imperfectivo não-completivo / incompletivo {adu}

A noção de modo de ação imperfectivo é marcada pela palavra *adu* ‘ainda’, ‘todavia’, ‘até agora’. Este morfema ocorre geralmente na segunda posição da oração principal.

(1078)	tahã	adu	wsi	-kõ	-di
	3.ENF	ainda	chegar.SG	PRIV	EST
	‘ele não chegou ainda’				

(1079)	Smĩsuite	adu	saĩ	-kõ	-di
	Smĩsuite	ainda	comer	PRIV	EST
	‘ele não comeu até agora’				

(1080) tahã adu tbe te k-mẽ sĩ -kõ -di
 3.ENF ainda peixe 3 3-ASS comer PRIV EST
 ‘ele ainda (até agora) não comeu do peixe’

(1081) tahã adu tbe te knẽ -kõ -di tahã adu hõze-ki
 3.ENF ainda peixe 3 comer PRIV EST 3.ENF ainda doença-EST
 ‘ele ainda (todavia) não come peixe; ele ainda está doente’

(1082) dasa adu pse-di ã-knẽ zda
 comida ainda bom-EST 3-comer PROP
 ‘a comida ainda está boa para (com o propósito de) comer’

(1083) tãkãã adu tã tka⁵⁹ -kõ -di
 hoje ainda chuva^{ou} chão PRIV EST
 ‘hoje ainda chuva no chão não existe (“não é certo que chove hoje”)

12.2.2 Modo de ação completivo

A expressão de modo de ação completivo em Xerente se realiza através do morfema {pa ~ par}, cognato do {pa} do Xikrín (completivo), conforme Costa (2015) e do {par} do Krahô (cessativo), conforme Miranda (2014). O morfema {pa} no Xerente indica uma ação concluída:

(1084) wa to ã nõkre- **par**
 1 RLS 1 cantar-NML COMPL
 ‘eu cantei (já)’

(1085) wa to Smĩsuite wawi- **pa**
 1 RLS Smĩsuite pintar-NML COMPL
 ‘acabei de pintar o Smĩsuite’

⁵⁹Também *titaka* ‘chover’.

⁶⁰Também ‘inverno’.

(1086) dure=re nãsi wa t Smĩsuite wawi- **pa**
 agora=ATN TERM 1 RLS Smĩsuite pintar-NML COMPL
 ‘terminei de pintar Smĩsuite agorinha’

(1087) Warõ wa to wawi- **pa**
 Warõ 1 RLS pintar-NML COMPL
 ‘eu já pinte (acabei de pintar) Warõ’

12.2.3 Modo de ação progressivo (inacabado, *inaccomplie*, imperfectivo)

O aspecto progressivo ou continuativo se realiza por meio de {kr} preposto ao predicado⁶¹.

(1088) wa wa t siknõ **kr** wapsõ-Ø
 1 1 RLS cofo CONT lavar-NML
 ‘eu lavo cofo (continuadamente) (“eu estou lavando cofo”)

(1089) wa t **kr** ã mõ-r
 1 RLS CONT 1 ir-NML
 ‘eu estou andando (“eu ando”)

(1090) toka tẽ to **kr** ai mõ-r
 2 2 RLS CONT 2 ir-NML
 ‘você está indo’

(1091) wai wtẽsi wa t Smĩsuite ã t **kr** wawi-Ø
 1 somente 1 RLS Smĩsuite 1 RLS CONT pintar-NML
 ‘eu somente pinto Smĩsuite’

⁶¹ O morfema {kr ~ k} é apontado como “morfema de aspecto” por Sousa Filho (2007, p. 98-99), tal qual o faz Mattos (1981, não publicado). Este autor trata-o como “aspecto habitual” que, preposto ao verbo, indica “a qualidade de ação que se repete contínua, frequente ou esporadicamente num espaço de tempo indefinido (...), [sendo] sempre ação principal (...), ação costumeira, habitual.” (MATTOS, 1981, p. 1).

(1092) hesuka **kr** ãĩ kda ã siwaik te sãm-rĩ pse-di
 papel CONT 3.FOC anterior 1 amigo 3 dar-NML bom-EST
 ‘o livro que o amigo deu é bom/bonito’

(1093) ã siwaik hesuka **kr**ãĩ kda te sãm-rĩ pk pse-di
 1 amigo papel CONT 3.FOC antigo 3 dar-NML coração bom-EST
 ‘o amigo que deu o livro é bom’

(1094) wa to **kr** ã nõkre-
 1 RLS CONT 1 cantar-NML
 ‘eu canto’ (“eu estou cantando habitualmente”)⁶²

(1095) wa to **kr** ã sihə-
 1 RLS CONT 1 brincar-NML
 ‘eu jogo (continuadamente) (= “eu sou jogador”)

(1096) wa to **kr** ã sihə- k itə(i) zaptə nã
 1 RLS CONT 1 brincar-NML bola redondo TRANS
 ‘eu jogo (com) bola’ (“eu sou jogador de bola/futebol)

(1097) wa t **kr** ã nõkre-
 1 t CONT 1 cantar-NML
 ‘eu canto’ (“sou cantor”)

⁶² Os exemplos anteriores ressaltam a observação de Vendler (1967, p. 12) de que, a princípio, verbos de atividade, como ‘fumar’, ‘pescar’, ‘cantar’, ‘jogar’ podem indicar hábitos (ocupações, disposições, habilidades, vícios). Para Vendler (1967), ‘hábito’ expressa também ‘estado’ quando em sentenças como: “você está fumando?” (atividade) e “você fuma?”, ao dirigir a pergunta a um fumante (estado). Da mesma forma que Vendler (1967) afirma que um jogador profissional de xadrez pode dizer, no inglês, “I play chess” ‘eu jogo xadrez’ – sendo este um sintagma analisado como sendo de *estado*, na língua Xerente, uma ação muito “habitual” entre os Xerente é o ato de “cantar” e de “jogar futebol”. Comparemos, por exemplo, as sentenças em que o verbo ‘cantar’ aparece:

ã nõkre-di
 1 cantar-EST
 ‘eu canto’ (lit.: “estou num estado de cantoria”)

wa t kr ã nõkre
 1 t CONT 1 cantar
 ‘eu canto’ (“sou cantor”)

- b. tahã mã to **du** sipi- kun snã nĩpi-
 3 3 RLS novamente trabalho-NML ruim TRANS trabalho-NML
 ‘ele refez o que estava ruim’

Outros exemplos são:

- (1102) aikde ã-si-mẽ mã t aipə da dure
 criança 3 -REFL-ASS 3 RLS de.volta POSIC.vertical novamente
 ‘a criança com ela mesma colocou-se de pé’

- (1103) ahəmɾe nã t kwatbrəmi te=mɾe rɔmsa
 RETR 3 RLS menino 3?=costas? onça.mítica
- nã t si-sĩ=wi sasõ
 3 RLS REFL-tomar.contra.vontade.do.possuidor =em.prejuízo.de pendurar
- arɛ kwatbrəmĩ krbu sarɔt tazi
 CON menino sedento sentir.necessidades.fisiológicas então
- nã t nmĩ=zazə-r arɛ **durɛ** ti-nẽ Ø
 3 RLS PERT=parar-NML COM novamente 3-ir, andar.DL 3
- mrã nã t sarɔt arɛ nmĩ=zazə-r
 fome 3 RLS sentir.necessidades.fisiológicas CON PERT=parar-NML

‘no tempo de antigamente, o menino nas costas da onça foi pendurado e o menino sentiu sede, então eles pararam, e novamente eles dois andaram; ele (o menino) fome sentiu e pararam. (“Há muito tempo atrás, a onça levou o menino nas costas (pendurou-o em prejuízo de si); e o menino tinha sede e pararam; e andaram de novo; tinha fome (o menino) e pararam”)

12.2.6 Modo de “ação plural” (imperfectivo, inacabado)

O aspecto ação plural indica uma ação que se repete várias vezes. No Xerente é marcado pela reduplicação do predicado ou deste e de seus complementos.

(1104) wa wa to [kə] ka=kə [kə] mba
 1 1 RLS água 3-pegar água PERL
 “...eu busquei água (no rio) e busquei, e busquei e busquei...”

(1105) amnã wi tanẽ knã bə nã ĩ pibui mõnõ
 ? IMPED dessa maneira IMP.NEG 2 TRANS 1 visitar DISTR

bə nã ĩ pibui mõnõ bə nã ĩ pibui mõnõ
 2 TRANS 1 visitar DISTR 2 TRANS 1 visitar DISTR

bə nã ĩ pibui mõnõ
 2 TRANS 1 visitar DISTR

“...Não fique desse jeito, você me visitou, você me visitou, você me visitou.”⁶³

(1106) smĩsi btə nã wa t kbə kr ĩ mō-r aikuwa da mẽ are
 um sol TRANS 1 RLS PL CONT 1 ir-NML mato PROP ASS CON

(tã)⁶⁴ ktə pra wa to [wa wahtu-n wa wahtu-nĩ wa
 3.ENF anta pé 1 RLS 1 dispersar-NML 1 dispersar-NML 1

wahtu-n] are tɔktɔ [k pra wa sakre-Ø k
 dispersar-NML CON agora CONT pé 1 correr.PL-NML CONT

pra wa sakre-Ø]
 pé 1 correr.PL-NML

“...Um dia eu fui caçar na mata com outros...e então, fomos atrás, fomos atrás, fomos atrás da anta... e então corremos atrás sem parar (da anta)...”⁶⁵

⁶³Música cantada no Dasĩpe em 2012.

⁶⁴Contração de terceira pessoa *ta* mais o mofema enfático *hã*.

⁶⁵Texto gravado sobre uma ‘caçada’ em território Xerente.

12.2.7 Modo de ação frustrativo

O modo de ação frustrativo é expresso pela palavra {aire} e indica uma ação que, embora desejada e esperada ou de ter estado na iminência de ocorrer, não pôde ser realizada, parcial ou inteiramente.

(1107) wa wa to **aire** krikahə ku ĩ mō-rĩ
1 1 RLS FRUST cidade DIR 1 ir-NML
'eu quase fui à cidade (Tocantínia)'

(1108) kwatbrēmĩ mã to **aire** separkwa k-mã dəkə-Ø
menino 3 RLS FRUST mãe 3-DAT ver-NML
'o menino quase viu a sua mãe'

(1109) kwatbrēmĩ mã to **aire** huku wĩ are to ĩ-bəi
menino 3 RLS FRUST onça matar CON RLS 3-rabo
bba si nã t preke-Ø
atrás de somente 3 RLS machucar-NML
'o menino quase matou (o) onça, mas ele (a onça macho) foi ferido só no seu rabo'

12.2.8 Modo de ação iminente {zahã}

A palavra *zahã* expressa a noção de modo de ação iminente, como mostram os exemplos seguintes:

(1110) ambə nōrĩ mã to **zahã** Ø wahudu-Ø
homem PL 3 RLS IMIN 3 ir-NML
'os homens estão prestes a sair'

(1111) wa wa to **zahã** ã-dəkə-Ø
 1 1 RLS IMIN 1-morrer-NML
 ‘estou prestes a morrer’

(1112) kãhã to **zahã** ã nĩm bru
 esta RLS IMIN 1 PERT roça
 ‘esta é minha roça iminente (já plantada a espera de crescer)’

(1113) kãnmẽ **zahã** ã nĩm bru-tɛ
 aqui IMIN1 PERT roça-EXIST.FUT
 ‘aqui vai ser minha futura roça’ (roça em fase de preparação da terra)

(1114) wa wa t ã npək(r)puk(u) toka **zahã** ai w(i)si-Ø nã
 1 1 RLS 1 lembrar 2 IMIN 2 chegar-NML TRANS
 ‘eu lembrei que você está prestes a chegar’

(1115) tahã waihku -di **zahã** ai w(i)si-Ø nã
 3 saber EST IMIN 2 chegar-NML TRANS
 ‘ele sabe que você está prestes a chegar’

(1116) Smĩsuite nã t(o) mrẽ **zahã** s(õ)tõ-Ø nã
 Smĩsuite 3 RLS dizer IMIN dormir-NML TRANS
 ‘Smĩsuite disse que está prestes a dormir’

12.2.9 Notas sobre o estado de existência das entidades

Há, em Xerente, três morfemas que marcam o estado de existência dos seres, {tɛ} ‘prospectivo’, {tu ~ du} ‘retrospectivo’ [-humano] e {rmẽ} ‘retrospectivo’ [+humano]. São de natureza aspectual. Exemplos:

12.2.9.1 Prospectivo {tɛ}

(1117) ĩ zakrui tɛ
 1 aldeia PROSP
 ‘minha futura aldeia’

(1118) ĩ mrõ tɛ
 1 esposa PROSP
 ‘minha futura esposa’

(1119) ai sĩm rɔwahtukwa tɛ
 2 PERT professor PROSP
 ‘seu futuro professor’

(1120) mrõ krda mã t kri wa rẽ are
 cônjuge anterior 3 RLS casa INES abandonar-NML CON

 mrõ tɛ saprõ-Ø
 cônjuge PROSP levar, conduzir-NML
 ‘a esposa antiga (ele) abandonou-a em casa e levou a futura esposa’

(1121) kãnmẽ zahã ĩ nĩm bru-tɛ
 aqui IMIN1 PERT roça- PROSP
 ‘aqui vai ser minha futura roça’

12.2.9.2 Estado de existência retrospectiva {tu}

(1122) kri tu casa
 RETR
 ‘ex-casa (lugar onde alguém construiu casa e existe apenas ruínas)’

(1123) mã to ai tu
 3 RLS ? RETR
 ‘ficou antigo’

(1124) bru **du**
roça RETR
'ex-roça'

(1125) ï nĩm bru **du**
1 PERT roça RETR
'minha ex-roça'

(1126) ï zakrui kri **tu**
1 aldeia casa RETR
'minha ex-aldeia'

(1127) da=zakrui **tu**
HUM=aldeia RETR
'ex-aldeia'

12.2.9.3 Existência anterior { rmẽ }

O morfema {rmẽ} também contribui com o significado de uma realidade retrospectiva, mas ocorre principalmente com nomes de relações de parentesco e em contextos em que marcam uma situação ou um fato como retrospectivo.

(1128) ï mrõ **rmẽ**
1 cõnjuge RETR
'meu cõnjuge anterior (ex-esposa (o))'

(1129) ï nĩm nĩkba **rmẽ**
1 PERT cunhada RETR
'minha ex-cunhada'

(1130) ĩ mǎpre bba⁶⁶ **rmē**
 1 sogro vazio RETR
 ‘meu ex-sogro (a)’

(1131) ĩ kǎre bba **rmē**
 1 cunhado vazio RETR
 ‘meu antigo cunhado’

(1132) tǎkǎhǎ wahu wa t **rmē** mnõ wakrɔ krtab-di
 ATUAL verão 1 RLS RETR DISTR quente INTENS-EST
 ‘os últimos anos têm sido muito quentes’

(1133) wawē nōrĩ mǎ t nĩwa-r-kw waptem nōrĩ wa nĩm
 velho PL 3 RLS pedir-NML-PL jovem PL 1 PERT

 rɔmkmǎdɔ te r(ē)mē kumnǎste
 costume, ponto.de.vista 3 RETR FIN.NEG

‘os velhos solicitam para que os jovens não percam os nossos costumes (akwē)’

12.3 Modo e modalidade

O Xerente distingue quatro modos verbais, o modo *realis*, o modo *irrealis*, o modo imperativo e o modo hortativo. O modo *realis* é o modo de falar de processos e eventos já realizados ou em fase de realização. O modo *irrealis* é o modo das hipóteses, de processos e eventos planejados ou esperados. O modo imperativo é o modo dos comandos, e o modo hortativo o modo dos convites e comando-estímulo para a realização de algo.

⁶⁶ “vazio”. Discutido nos saberes indígenas como numeral “vazio”.

12.3.1 Modo

12.3.1.1 {to} ‘modo *realis*’

O modo *realis* é marcado pela partícula *to*. É usada pelo falante para informar a seu interlocutor que o evento ou processo verbal é real, tendo já se realizado ou estando em franco desenvolvimento.

(1134) wa wa **to** kuihə k-mě k-mã=dəkə-
1 1 RLS jacaré 3.ASS 3-DAT=ver-NML
‘eu vi jacaré’

(1135) pikōi nōrĩ to kri wa wa kr sikburō pikōi
mulher PL RLS casa INES INES CONT assentar, reunir.PL mulher

nōrĩ **to** kri wa te **to** aikte nã kr si
PL RLS casa INES 3 RLS criança TRANS CONT só

kmã dəkə-Ø
3-DAT ver-NML

‘...as mulheres, elas (ficam) em casa. As mulheres em casa são só para ficar com o olhar nos filhos’

12.3.1.2 {za} ‘modo *irrealis*’

O modo *irrealis*, em oposição ao modo *realis*, é acionado pelo falante quando o mesmo quer informar a seu interlocutor que o conteúdo informacional expresso pelo predicado é uma potencialidade, uma possibilidade, ou uma condição. Utiliza-se o morfema {za}.

(1136) kdə **za** rɔ waste hawi watɔbr-
 anta IRR GEN mato ABL sair-NML
 ‘a anta vai sair do mato’

(1137) ĩ ptɔkwa te mrẽ təkãñã **za** hã wsi-Ø ñã
 1 pai 3 dizer hoje 3 IRR ENF chegar-NML TRANS
 ‘meu pai disse que (ele) chega hoje’

(1138) mār pibumã te b **za** wakrɔwde k-mã ñã-r
 que FIN 2 INT IRR flecha 3-DAT fazer-NML
 ‘para que você fará flecha?’

(1139) nmãñã te p(r) **za** ai mō-r
 quando 2 INT IRR 2 ir-NML
 ‘quando você vai?’

(1140) nha ñẽ b **za** pikõĩ ñõrĩ te kumtɔ-Ø
 INT MAN INT IRR mulher PL 3 pintar-NML
 ‘como as mulheres os pintam?’

12.3.1.3 {are} ‘hortativo’

O modo hortativo é marcado pelo clítico *are*. É usado em convites, ou comandos-estímulo. Ocupa a primeira posição na sentença. Exemplos do Xerente são:

(1141) **are** kbure wa sissu wa nõkre-Ø kwaba
 HORT todos 1 juntos 1 cantar-NML 2.PL/DL
 ‘vamos todos cantar juntos!’

(1142) **are** wa nōkre kba knã tahã nēsi
 HORT 1 cantar-NML 2.PL/DL IMP.NEG 3 continua/repete

te⁶⁷ nōt(õ)
 3 dormir-NML
 ‘não vamos cantar! Ele continua dormido’

(1143) (**are**) wa nēm(ã)-Ø knã Warõ ã knã
 HORT 1 andar-NML IMP.NEG Warõ 3.FOC IMP.NEG
 ‘não vamos sem Warõ!’

(1144) **are** wa skumte nã?
 HORT 1 banhar TRANS
 ‘vamos banhar?!’ (convite ou ordem)

12.3.2 Palavras modalizadoras

12.3.2.1 ãse ‘modalidade alética’

O morfema {ãse} indica modalidade alética, isto é, confirma o conteúdo informacional asseverado pelo falante, descritas, em seguida:

(1145) Smĩsuite to ãse nã hãze-ki
 Smĩsuite RLS ALET TRANS doença-EST
 ‘Smĩsuite está realmente doente’,⁶⁸

⁶⁷ Pronome de terceira pessoa do singular, dual e plural. Segundo Krieger e Krieger, a sua ocorrência se dá com verbos transitivos (p. 48). Acrescenta-se que ocorrem apenas com verbos de culminação, não com de estados ou que expressam um evento.

⁶⁸ Em contraste com:

smĩsuite hãze ktab=di
 Smĩsuite doença INTENS=EST
 ‘Smĩsuite está muito doente’

(1146) tahã to ãse nã mã t kaptõ k-mã dæk-Ø
 3 mesmo ALET TRANS 3 RLS cacique 3-DAT ver-NML
 ‘ele viu o cacique sem dúvida’

(1147) tahã mã t to ãse nã wapsã si kutõ-
 3 3 RLS mesmo ALET TRANS cachorro REFL perder-NML
 ‘ele certamente perdeu o seu cachorro no mato (continua perdido)’

(1148) tahã to ãse nã mã to k-mã dæk-Ø
 3 mesmo ALET TRANS 3 RLS 3-DAT ver-NML
 ‘ele certamente viu isso’

12.3.2.2 {kãtẽ} ‘probabilidade’

A palavra {kãtẽ} sinaliza que o conteúdo informacional enunciado tem a probabilidade de ser ou de acontecer.

(1149) hãzẽ-ki **kãtẽ**/
 doença-EST PROB
 ‘é possível que esteja doente’ (“*he might be sick*”)

(1150) amtpẽ kõrẽ⁶⁹ **kãtẽ** hãzẽ-ki
 talvez PROB doença-EST
 ‘talvez ele esteja doente’ (“*he may be sick*”)

(1151) waptẽ mã to **kãtẽ** saktẽ zawrẽ ti-ssa
 jovem 3 RLS PROB bastante INTENS 3-comer
 ‘o rapaz deve ter comido muito (“*the guy might have eaten a lot*”)

⁶⁹ ~ aptẽ kõrẽ

(1152) amtpě kōre **kāte** smīkemre sikw mē
 talvez PROB faca esquecer ASS
 ‘talvez ele tenha perdido com a faca’

(1153) amtpě kōre **kāte** kaptō k-mã dək
 talvez PROB cacique 3-DAT ver
 ‘é provável que ele tenha visto o cacique’

(1154) amtpě kōre **kāte** Tpekru saktē zawre tbe k-mē
 talvez PROB Tpêkru bastante INTENS peixe 3-ASS
 za-nĩ⁷⁰
 puxar.de.dentro
 ‘talvez Tpêkru tenha pescado muitos peixes’

12.3.2.3 {amtpě kōre} ‘probabilidade’

A expressão {amtpě kōre} ‘talvez’ também sinaliza que o conteúdo informacional enunciado tem a probabilidade de ocorrer.

(1155) amtpě kōre wa za ï nōkre-Ø
 talvez 1 IRR 1 cantar-NML

‘talvez eu vá cantar (não sei)’ (eu devo cantar, tenho a possibilidade de cantar, *I may/might sing*’)

(1156) amtpě kōre wa za to ï nōkre-Ø
 talvez 1 IRR mesmo 1 cantar-NML

‘eu vou cantar mesmo (“eu devo cantar mesmo, *I shall sing*”)

⁷⁰ ~ k-mē=pa-Ø

(1157) **amtpě kōre** za mnĩ mō
talvez 3 IRR DIR ir

‘ele vai partir a qualquer momento agora (“ele deve ir, *he shall go*”:
está confirmado de ir, “a qualquer instante”)

(1158) Smĩsuite t-mrě təkənã za ku mnĩ (mō)
Smĩsuite 3-dizer hoje IRR DIR CENTRIP (ir)

amtpě kōre mō
talvez ir

‘Smĩsuite diz hoje (que) ele deve ir pra cá’

(1159) Smĩsuite t-mrě təkənã za ku mnĩ Sōpre **amtpě=**
Smĩsuite 3-dizer hoje IRR DIR CENTRIP Sōpre talvez

kō=rε mō
=talvez ir

‘Smĩsuite disse que hoje Sōpre deve vir’

12.3.2.4 {kwaze} ‘dubitativo’

A partícula **kwaze** ~ **kwaz** tem, em vários contextos, o significado de *dúvida* e de *incerteza*, conforme atestam os seguintes exemplos:

(1160) tahã mārĩ p Ø **kwaz** kr nōm-r
3.ENF algo INT 3 DUB CONT POSIC.horizontal-NML
‘o que será que está vagando?’

(1161) wa wa za to kwaz ĩ mō-rĩ kə mba
 1 1 IRR mesmo DUB 1 ir-NML água PERL
 ‘é incerto que eu vá mesmo para o rio’

(1162) təkānā br za to kwaz mnĩ mō
 hoje INT IRR mesmo DUB DIR ir
 ‘será que ele vem mesmo hoje pra cá?’

(1163) to ĩse nã mã p kwaz Tpekru saktē zawre
 RLS ALET TRANS 3 INT DUB Tpêkru bastante INTENS

tbe k-mě zanĩ
 peixe 3-ASS puxar, tirar de dentro

‘será mesmo que Tpêkru pescou muitos peixes?’

(1164) Sōpre nã p to kwaz amke wĩ
 Sōpre 3 INT RLS DUB cobra matar
 ‘parece que Sōpre matou cobra (“Sōpre might have killed snake”)

12.4 Algumas considerações

Tratamos neste capítulo das expressões de Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade em Xerente. Diferentemente de línguas como o Português, nem a noção de tempo, nem a noção de modo e aspecto foram gramaticalizadas como expressões morfológicas da constituição interna dos verbos. Todas essas noções são expressas em Xerente por partículas ou expressões adverbiais de constituição complexa.

As noções de tempo são expressas por expressões adverbiais – palavras ou locuções como a: palavra adverbial {ahəmre}, indicativa de um tempo muito antigo, antepassado, retrospectivo, indicadora de um “durante o tempo antigo”; a expressão {rōsikər wawě}, a qual indica uma época retrospectiva distante do tempo atual, antiga, do “tempo dos avós”, mas vivido ou atestado; a expressão adverbial de tempo {durere nãsi},

indicando que o processo verbal ocorre em um tempo imediatamente anterior ao momento de fala, em um “passado imediato”; o advérbio {awasi}, que implica que a ação ou a atividade expressa na sentença é eminente e ocorrerá em um futuro próximo ao momento de fala; a palavra adverbial {tɔktɔ}, a qual é utilizada em três situações – (i) para se referir a uma ação que está sendo realizada no momento de fala em que a asserção é proferida, o “agora”, “neste instante” (*right now*), (ii) para se referir ao momento de fala de um tempo anterior, o “agora do passado” (*right that moment, just/only now*) ou (iii) para indicar que o que está sendo predicado ocorrerá imediatamente na sequência do momento da fala; a palavra {tɔktɔ-re}, junção de *tɔktɔ* e do atenuativo *-re*, a qual expressa uma ação prestes a ocorrer imediatamente e sequencialmente após o momento de fala, o “já já” (*right right away*) ou o “agora mesmo” ou “agorinha” ou “jázinho” (*right now immediately*), podendo anteceder o sujeito ou vir depois do objeto, expressando um processo no seu início, no momento atual da fala.

A língua Xerente apresenta, ainda, palavras adverbiais que correspondem, respectivamente, aos significados de ‘hoje, tempo atual, atualidade’ – {təkāhã}; ‘dia anterior, ontem’ – {hewahə} e ‘dia posterior, amanhã’ – {həre}, as quais situam os processos verbais em tempos definidos. A palavra {wahu} ‘verão’ é utilizada para se referir a e contar a passagem dos anos; as fases da ‘lua’ {wa} são contadas para medir a passagem dos meses e; a palavra para ‘sol’ no Xerente é utilizada para contar para a passagem dos dias.

A palavra {təkāhã} é utilizada nos dois modos Xerente, a saber, no *realis* e no *irrealis*. No modo *realis*, dá o sentido de pretérito perfeito composto, do Português, e mais próximo à noção do *present perfect*, do Inglês. Para expressar, no modo *irrealis*, a noção de tempo (atual) imperfeito, utiliza-se a palavra {təkāhã} modificada pela expressão modal {aptē=kō=rɛ}. O uso de *təkāhã* indica uma atividade ou estado que iniciou-se em um tempo anterior, num passado próximo ou distante do momento de fala, e que todavia continua no momento atual ou apresenta reflexos desse estado ou atividade no presente ou na atualidade.

Em Xerente é clara a interação de tempo com modalidade e com aspecto, e as suas respectivas expressões temporais e aspectuais diferem do tempo e aspecto gramaticalizados em verbos de outras línguas do mundo. Em Xerente, aspecto corresponde às noções que Décles e Guentchéva (2012) concebem como “modos de ação (ou *Aktionzarten*)”; já noções de “tempo” se manifestam por meio de expressões adverbiais, como mostramos anteriormente.

A noção de modo de ação imperfectivo é marcada pela palavra {adu} ‘ainda’, ‘todavia’, ‘até agora’. Este morfema ocorre geralmente na segunda posição da oração principal. A expressão de modo de ação completivo em Xerente se realiza através do morfema {pa ~ par}, cognato do {pa} do Xikrín (completivo), conforme Costa (2015) e do {par} do Krahô (cessativo), conforme Miranda (2014). O morfema {pa} no Xerente indica uma ação concluída. O aspecto progressivo ou continuativo se realiza por meio de {kr} preposto ao predicado. Para indicar uma ação verbal que acabou de ser realizada ou completada, em um passado recente, usa-se o morfema {nãsi}, o qual pode ser precedido pelo morfema {durɛ} combinado com o sufixo atenuativo {-re}. Enfatiza-se, assim, que uma ação verbal foi recém-completada, em proximidade ao momento de fala. O modo de ação reiterativo é aquele marcado pelo morfema {durɛ} ‘novamente’. Marca um processo ou um evento como refeito ou reiterado.

O aspecto de ação plural indica uma ação que se repete várias vezes. No Xerente, é marcado pela reduplicação do predicado ou deste e de seus complementos. O modo de ação frustrativo é expresso pela palavra {aire} e indica uma ação que, embora desejada e esperada ou de ter estado na iminência de ocorrer, não pôde ser realizada, parcial ou inteiramente. A palavra {zahã} expressa a noção de modo de ação iminente. Há, ainda, em Xerente, três morfemas que marcam o estado de existência dos seres, {tɛ} ‘prospectivo’, {tu ~ du} ‘retrospectivo [-humano]’ e {rmẽ} ‘retrospectivo [+humano]’. São de natureza aspectual.

O Xerente distingue quatro modos verbais, o modo *realis*, o modo *irrealis*, o modo imperativo e o modo hortativo. O modo *realis* é marcado pela partícula {to}. É usada pelo falante para informar a seu interlocutor que o evento ou processo verbal é real, tendo já se realizado ou estando em franco desenvolvimento. O modo *irrealis* é o modo das hipóteses, de processos e eventos planejados ou esperados. O modo *irrealis*, em oposição ao modo *realis*, é acionado pelo falante quando o mesmo quer informar a seu interlocutor que o conteúdo informacional expresso pelo predicado é uma potencialidade, uma possibilidade, ou uma condição. Utiliza-se o morfema {za}. O modo imperativo é o modo dos comandos e se realiza através do morfema {nã}. O modo hortativo é marcado pelo clítico {are}, usado em convites ou comandos-estímulos, ocupando sempre a primeira posição na sentença

A língua Xerente apresenta, ainda, palavras que expressam modalidade. O morfema {ĩsɛ} indica modalidade alética, isto é, confirma o conteúdo informacional asseverado pelo falante; a palavra {kãtɛ} sinaliza que o conteúdo informacional

enunciado tem a probabilidade de ser ou de acontecer; a expressão {amtpẽ kõε} ‘talvez’ também sinaliza que o conteúdo informacional enunciado tem a probabilidade de ocorrer; e a partícula {kwaze ~ kwaz} tem, em vários contextos, o significado de dúvida e de incerteza.

Passo, portanto, à conclusão da presente tese.

CONCLUSÃO

Esta tese de doutorado consistiu em uma descrição de aspectos da morfologia e da sintaxe (morfossintaxe) da língua Xerente, pertencente ao ramo Central da família linguística Jê, tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986, 1996).

O objetivo geral da presente tese foi o de descrever aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Xerente, focalizando tópicos ainda não contemplados em estudos anteriores, de forma a contribuir para o aprofundamento do conhecimento da gramática dessa língua. Este é um trabalho de documentação, descrição e análise de uma língua indígena brasileira.

Este trabalho descreve, assim, da morfologia, os morfemas depreendidos e organizados por classes temáticas, por afixos – prefixos e sufixos –, tanto os de natureza flexional, como os de natureza derivacional, e por partículas. Derivação e composição são os processos derivacionais identificados na língua, assim como flexão pessoal e pluralização são os processos flexionais identificados e descritos.

A análise sintática (morfossintática) privilegia os tipos de predicados, os tipos de orações e, sobre estas, destacamos os processos de coordenação e de subordinação. Descrevemos processos de focalização encontrados nas perguntas, as expressões de aspecto, modo e modalidade, a negação, as estruturas comparativas, os comandos em Xerente e os tipos de orações interrogativas da língua. Um dos pontos recorrentes tratados nesta tese são as nominalizações das quais o Xerente faz uso de forma recorrente e pervasiva.

Ademais da descrição morfológica e morfossintática do Xerente, apresentamos também a fonologia da língua, bem como dados sociohistóricos dos Akwẽ-Xerente a partir de documentos históricos originais.

Como a relação entre língua, cultura e cognição se tornam cada vez mais central nos estudos linguísticos, nesta tese foram apresentados ainda dados que elucidam como os Xerente classificam o universo ao seu redor, através de termos de classe, bem como parte do universo metafórico Xerente.

O estudo realizado foi também pensado como um ponto de partida para a construção de um banco de dados que sirva tanto para análises linguísticas de natureza descritiva, teórica ou histórico-comparativa, assim como para ser disponibilizado aos

professores indígenas que almejam aprofundar conhecimentos linguísticos sobre a sua língua materna. Com esta tese terão à disposição um material que poderá ser analisado e discutido por eles, de forma que os estimulem a refletir e a aprofundar a descrição de sua língua.

Muitas questões analisadas nesta tese ficam ainda em aberto a aprofundamentos futuros e novos estudos se fazem urgentes, dada a velocidade com que as línguas indígenas brasileiras são afetadas negativamente pelo contato com a sociedade envolvente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Euripedes B. F. *Contatos interétnicos em Goiás colonial*. 1992. 216 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). ICHL/UFG, Goiânia, 1992.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. 1994. Classe nominal e gênero nas línguas Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Série Antropologia* 10(2):137-259. Belém.
- _____. 2006. Classifiers and noun classes: semantics. In: Brown, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier 2.1:463-470.
- ALLAN, Keith. Classifiers. 1977. *Journal of the Linguistic Society of America*, 53.2:285-311.
- ALVES, P. M. *O Léxico do Tupari*. Araraquara, 2004. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- ANDRADE, P. H. G. *Descrição e análise de alguns aspectos fonéticos e fonológicos do português falado pelos Xerente – aportes sociolinguísticos*. In: IX Colóquio de Pesquisa e Extensão da UFG. Goiânia, 05 a 07 de março de 2008; Goiânia: UFG, 2008.
- BERLIN, B. & P. Kay. 1969. *Basic color terms: Their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press.
- BORGES, M. V. *As falas feminina e masculina no Karajá*. 1996. 185f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 1996.
- BORGES, M. V. & COTRIM, R. G. P. M. *Akwëniñ Romkmãdkã Waskuze*. Goiânia: UFG, 2011.
- BRAGGIO, S. L. B. *Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto no Xerente akwén*. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2010.
- _____. *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwë: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)*. *Signótica*. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 251-274, 2005.
- CABRAL, A. S. A. C. *Prefixos Relacionais na família Tupí-Guaraní*. In: M.E. (org). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, , no 25, pp. 213-226, 2001.
- CAMPBELL, Lyle, TERRENCE Kaufman, & THOMAS C. Smith-Stark. 1986. 'Meso-America as a linguistic area.' *Language* 62, 530570. KLEIBER, Georges. 1995. *La Semántica de los prototipos: categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor.
- COMRIE, Bernard. 1976a. *The syntax of action nominals: a cross-language study*. *Lingua*, vol. 40, n. 2/3.

- _____. 1976b. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CROFT, William. *Typology and universals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 94
- _____. *Tense*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- COTRIM, Rodrigo. G. P. M. 2012. Akwê-Xerente (Jê), Português e Inglês: ensino do inglês intercultural em contexto multilíngue para professores indígenas brasileiros. Munique: Lincom academic publishers. *Lincom studies in language acquisition*. 31.
- COSTA, L. *Elementos para uma gramática da língua Xikrín* Tese (doutorado), 2013. Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de. BRASÍLIA, 2013.
- COMRIE, B. *Aspect*. Reino Unido: Cambridge University Press, 1976.
- CRAIG, Collete (ed.). 1986. *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins.
- DENNY, Peter. 1976. "What are Noun Classifiers Good for?" Papers from the 12th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, pp. 122-132.
- CROFT, William. *Typology and universals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DERBYSHIRE, Desmond C. e PAYNE, Doris L. 1990. Noun classification systems of Amazonian languages. In: PAYNE, Doris L. (ed.), *Amazonian linguistics studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas, pp. 243-271.
- DIXON, Robert. M.W. 1986. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, Collete (ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 105-142.
- _____. *Basic linguistic theory*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- _____. *Basic linguistic theory*. v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GIPPERT, J.; HIMMELMANN, N. P.; MOSEL, U. *Essentials of Language Documentation*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006.
- GIRALDIN, Odair. Povos indígenas e não-indígenas: uma introdução a história das relações interétnicas no Tocantins. In: _____ (Org.) *A (Trans)formação histórica do Tocantins*. Palmas: Unitins/Goiânia: CEGRAF, 2002a.
- _____. Pontal e Porto Real: dois arraiais do norte de Goiás e os conflitos com os Xerente nos séculos XVIII e XIX. *Revista Amazonense de História*. Manaus, v. 1, n. 1, p. 131-146. jan/dez. 2002b

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a introduction*. v. II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Press, 2001.

GOMEZ-IMBERT, Elsa. 1996. When animals become rounded and feminine: conceptual categories and linguistic classification in a multilingual setting. In: Gumperz, John J. & Levinson, Stephen C. (eds.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 438-469.

GRINEVALD, Colette e SEIFART, Frank. 2004. *Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison*. *Linguistic Typology* 8:243-285.

GRINEVALD, Collete. 2002. Making sense of nominal classification systems: noun classifiers and the grammaticalization variable. In: WISCHER, Ilse e DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 259-275.

GROSJEAN, François. 1982. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard University Press.

GUENTCHEVA Zlatka 2011. *Modelação do aspectuality e temporalidade intervalos topológicos e temporais repositórios*. (Ilustração com exemplos em francês) -Para: 18º Congresso da Scandinavian romanistas-University of Gothenburg, 9-12 Agosto 2011 .- [Orador convidado].

_____. 2012. GUENTCHEVA Zlatka-Theory indicativo e modalização aparência e tempo: Conceitos básicos Aspectual, temporal e topológica intervalos de referência representação-To: Workshop "*Sober, aparência ritmo e Modalidade em Linguas indigenas sulamericanas*" - Brasília. (Brasil), 19-27 maio 2012 .- [orador convidado]

_____. 1990. *Tempo e aspecto: o exemplo da contemporânea literária búlgara*, du Langage Ciências coleção, Paris: Presses du CNRS

HIMMELMANN, Nikolaus P. Documentary and descriptive linguistics. In. *Linguistics* 36. Berlin: de Gruyter. pp. 161-195, 1998.

INSTITUTO HISTÓRICO GOIANO. *INSTRUÇÃO*, 1829 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 83.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1829 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 82.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1829 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 78.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1863 in IHG, CAIXA 0016, ARQUIVO 147.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1846 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 161-162.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1851 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 162.

_____. *INSTRUÇÃO*, 1860 in IHG, CAIXA 0018, ARQUIVO 155.

INSTITUTO HISTÓRICO GOIANO. *LEI DE 12 DE AGOSTO DE 1834*, in IHG, CAIXA 009, ARQUIVO 119

KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução por VASCONCELOS, Moacir N.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. (Orgs.). *Dicionário Escolar: Xerente-Português; Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago : The University of Chicago Press, 1980.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LONGACRE, Robert E. 1985. Sentences as combinations of clauses. In SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 235–286.

MATTOS, R. *Fonêmica Xerente*. vol. 1. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 79-100.

MATTOS, R. *Língua e cultura Xerente: Coletânea de artigos e descrições sobre a língua e a cultura do povo Akwẽ Xerente do Tocantins*. Miracema do Tocantins: Não publicado, 1981.

MAYBURY-LEWIS, D. *On Martius' distinction between Shavante and Sherente*. Revista do Museu Paulista, São Paulo: USP, v. XVI – nova série, p. 16-43, 1966.

MELATTI, J. C. *O sistema de parentesco dos índios Krahô*. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília: Brasília, 1973.

MESQUITA, R. *Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwẽ*. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

_____. *Índios na cidade: a situação sociolingüística dos Xerente de Tocantínia – TO*. In: III CONPEEX – Congresso de Pesquisa, ensino e extensão da UFG. Goiânia, 02 a 05 de outubro de 2006. Goiânia: UFG, 2006.

MIESTAMO, Matti. *Standard negation: the negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

MIRANDA, M. G. *Morfologia e morfossintaxe da língua krahô (família jê, tronco macro-jê)*. 2014. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 2014.

_____. *Nominalizações na sintaxe da língua Krahô* (Jê). 2010. 109f. (Mestrado em linguística). Universidade de Brasília: Brasília, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. 2006. *Texto e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto.

NIMUENDAJU, C. *The Serente*. Trad. Robert H. Lowie. Los Angeles: Kessinger Publishing, 1942/2010.

NOONAN, Michael. Complementation. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. 2005. *The Language of the Apinajé people of central Brazil*. PhD, University of Oregon.

PAYNE, John. R. 1985. *Negation*. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. *O povo invisível: a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX*. Goiânia: UCG, 1994.

PRAZE-XERENTE, N. *Estudo de Plantas Medicinais Akwe*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Intercultural) - Universidade Federal de Goiás. 2014.

RAVAGNANI, O. M. *Aldeamentos oficiais goianos*. São Paulo: UNESP, 1987, p. 100.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: Robert M. W. Dixon e Alexandra Aikhenvald (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

_____. 2000. *Flexão relacional no tronco Macro-Jê*. Boletim da ABRALIN 25: 219-231.

_____. CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (Orgs.). 2007. *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ FINATEC.

COSTA, Lucivaldo. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2003.

ROSCH, Eleanor. 1973. "On the internal structure of perceptual and semantic categories", In: MOORE, T. (org.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: New York Academic Press.

_____.1973b. As a category, it's a natural! *Cognitive Psychology* 4:111-117. Disponível em: <http://metablog.borntothink.com/wp-content/uploads/2011/07/1973-Rosch-Natural-Categories.pdf>. Acesso em cinco de março de 2014.

_____.1978. Principles of Categorization. In: ROSCH, ELEANOR e LLOYD, Barbara B. (eds.). *Cognition and categorization*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, pp. 27-48. Disponível em <http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/977>. Acesso em cinco de março de 2014.

ROSCH, Eleanor, MERVIS, C. B., GRAY, W. D., JOHNSON, D. M., e BOYES-BRAEM, P. 1976. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology* 8:382-439.

SANTOS, J. C. F. *Morfologia do Substantivo Xerente*. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 20. Revista Philologus. Rio de Janeiro : CIEFIL, 2001. p. 67-75. Disponível em [www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)08.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)08.htm). Acesso em 13 de maio de 2015.

SANTOS, Luciane Arruda; DAMASCENO, Natércia Borges. Aldeamento Teresa Cristina: uma estratégia de incentivo ao comércio e ao povoamento em Goiás no século XIX. *Revista de Divulgação Científica*. Goiânia: UCG / Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v.1, n. 1, p. 19-24, 1996.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961

SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985 [2007].

SILVA, Cleube Alves da. *Confrontando mundos: Os Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá e os contatos com os conquistadores da Capitania de Goiás*. 2006. 191p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, 2006.

_____. *Confrontando mundos: Os povos indígenas Akwen e a conquista de Goiás (1749-1851)*. Palmas: Nagô Editora, 2010.

SIQUEIRA, K. M. F. 2010. 180f. *O sistema de classificação nominal akwe-xerente (jê): âmbitos de análise*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

_____. *Aspectos do substantivo na língua xerente*. 48 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

_____. 2011. A categorização nominal: considerações teóricas acerca dos classificadores Akwe-Xerente. *Revista Investigações* 24.2:207-236.

_____. 2011b. O papel hiperonímico dos termos de classe em akwẽ-xerente (jê). *Revista Saberes Letras: linguística, literatura, ensino*. Vitória 9.1:186-199.

_____.2009.Nomes de partes em função classificadora: âmbito de análise do sistema de classificação nominal akwê-xerente. *Revista eletrônica Via Litterae*. Anápolis 1.1: pp. 61-79.

SÓCRATES, E. A. Vocabulários indígenas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Tomo. 55, parte 1, p. 87-96, 1892.

SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê)*. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2007.

SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

SOUZA, S. L. *Descrição fonético-fonológica da língua akwen-xerente*. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 2008.

TAGGIA, F.R. Mappa dos Índios Cherentes e Chavantes e dos Índios Charaós na nova povoação de Thereza Christina do rio Tocantins ao norte d’esta provincia de Goyaz aldeados aos 24 de Junho de 1851. In: *RIHGB*, t. XIX, 1856, p. 119-124.

THOMPSON, Sandra A. et. ali. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. London: Routledge. 1994.

VENDLER, Z. *Linguistics in phylosophy*. Reino Unido: Cornell University Press, 1967.

VIANA, U.. Akuen ou Xerente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro. Tomo 100, Vol. 154, p. 6-48, 1927.

VOGEL, Petra M. COMRIE, Bernard (eds). 2000. Approaches to the typology of word classes. Berlin: Mouton de Gruyter

WITTENBURG, P.; SKIBA, R.; TRILSBEEK, P. *Technology and Tools for Language Documentation*. Language Archive Newsletter. 2004.

Apêndice

Vocabulário Xerente-Português dos termos encontrados na tese por ordem alfabética

a.

ã ₁	3			
ã ₂	enf			
ã ₃	foc			
adu ₁	ainda			
adu ₂	'imperfectivo'			
ahamrε ₁	antigamente			
ahəmre ₂	retro			
ahəmrezawrε	retro			
ai ₁	2			
ai ₂	3			
aikāre	'cunhado'	(vivo)	não há	(morto)
ãikda	antigo			
aikde	criança			
aikuwa	mato, mata, cerrado (lugar fora da aldeia), "matear"			
aim	dat			
aimāpre ~ mōpre	'sogro (a)'	(vivo)	wamōprewapti	(morto)
aimẽ ₁	contigo			
aimẽ ₂	assoc			
aimõ	continuadamente			

aipə	novamente		
airɛ/ar	frust		
aite	‘cônjuge’	(vivo)	não há (morto)
aitu	exis pas		
akə	antes		
akwě	peessoa, indivíduo, indígena, xerente		
ambə	homem		
amkɛ	cobra		
amnã	?		
amõ	para lá		
amtpě kōre	talvez, dever (might)		
apkre	buraco		
aptěkōre	talvez/dever/might		
arbo	morcego		
arɛ1	conj (e, mas)		
ãrɛ2	neg		
ãrɛ3	interj neg		
ãrɛ4	adv neg		
ãrɛ5	‘susto’	“nossa!”	(recebendo susto)
ãrɛ6	‘proibitivo’	“não!”	(fala masculina)
ãrɛ7	‘surpresa’	“poxa, mesmo!?”	
ãrɛ88	‘lástima’	“ah não!”	

arkně ₁	prob		
arkně ₂	hipot		
as ₁	comer		
as ₂	morder		
as ₃	posic		
asiməhi	‘cunhada’	(vivo)	não há (morto)
awasi	depois		
awasñĩ	‘consogro(a)’	(vivo)	wasĩmkwapti (morto)
awěku	amanhã		
azanã	rápido, depressa, logo		
ãze	neg		
ãze	‘proibitivo’	“não!”	(fala feminina)

b.

b	int
b(r)	int
b(r)ba	atrás de
baci	bacia

bba ₁	atrás de		
bba ₂	esvaziar		
bba ₃	vazio, nulo		
bbasi	?		
bdə ~ btə	sol, dia		
bə ₁	2		
bə ₂	todo		
bə ₃	disj		
bəkamõ	'susto'	"boo!"	(pregar susto)
bənə	3		
bəp	int		
bor	bolo		
br	int		
brba	?		
bru	roça		
brui	roça		
brutε	"futura roça"		
btə	sol		
bukã	'lembrança'	"ah!"	

d.

d(a)zdawa	boca				
d(i)	est				
dək	morrer	dər	dkəkʷ	(psd)	
dək	ver; encontrar	sã		sãkw	(psd)
dək	olhar (observar)	dkə		dkəkʷ	(psd)
dər	morrer	dək		dkəkʷ	(spd)
da	final				
da	gen				
da	prop				
da	hum				
da	estar em pé	tsimãsa	tsimëkwar	(spd)	
da	posic posição vertical				
dabba	esvaziar				
dahembawairbɛzɛ	televisão				
dahəzɛ	doença				
daikwa	deitar				
daikwa	deitar dl				
daikwarkw	deitar (estar deitado)	nõmrõ	saikwar; nmĩkwar	(dsp)	
dakmãdkəkwa	chefe				
dakmãdkəkwa	cacique				

dako (perf); sasõ (imperf)	pendurar	nümnãt	sasõmkw	(spd)
dakunmõkwa	enfermeiro			
damrmẽze	palavra			
damrmẽze	fala, idioma, língua			
danõkre	cantar: música, canto de gente			
dar(õ)tõkw	pular	sarõt	rere	(dsp)
dasa(i)	comida			
dasikwape	briga: briga de gente			
dasĩpse	festa tradicional xerente			
dat	rls			
dat(ɔ)broze	atravessador, aquilo com que se atravessa, ponte			
datkũ	mãe			
daw	?			
dawanã	antes de alguém, primeiro			
dawra	correr			
dazakru(i)	aldeia			
dazdawa	boca			
dõhi	dohi (uma das duas metades xerente, representada pelo sol)			
dæk	ver			
dær	morrer			

dɛbr	entrar	zas(i)	zas	(spd)
dɛs	dez			
di	est			
dkə	olhar (observar)	dək	dkəkʷ	(spd)
dkə ₁	morrer			
dkə ₂	ver, olhar			
dkəkʷ ₁	morrer	dər	dək	(dsp)
dkəkʷ ₂	olhar (observar)	dkə	dək	(dsp)
du ₁	levar			
du ₂	exis pas			
du(i)	capim			
du(r)	carregar	du(ri)	kadurkw	(psd)
du(ri)	carregar	du(r)	kadurkw	(spd)
dui	capim			
dum	alto			
dũm	altura			
dur	lavar			
durɛ	novamente			
durɛrɛ	agorinha, há tempo atrás	pouco		
durɛrɛ nãsi	agora há pouco			

e.

ehe afirm

h.

h(i)ri colocar na horizontal;
colocar (roça), pôr
deitado, determinar

hã₁ enf

hã₂ foc

hã₃ ‘chamamento’ “ei!”

hãp int

hawi₁ abl

hawi₂ dir

hə₁ frio

hə₂ gritar

hə₃ pele, couro, casca, teta,
superfície (terrestre)

həidu suja

həisupɔkrã banana

həiwazui	couro arrancar
hembra	existência, imagem, alma
hemõ ₁	para cima
hemõ ₂	céu
hemzui	roubar
hər	gritar
həre	amanhã
hespɔkrã	banana
hesuka	papel, livro
hesukazanãmrzεpku	escola
hewa ₁	nebulosa
hewa ₂	céu
hewahə	ontem
hewazui ₁	couro
hewazui ₂	despelar, rasgar couro
həzε	doença
həzεk	doença
həzεk(i)	existir doença, estar enfermo
həzu(mã)	flechar
hi	osso
hidba	irmã
hikə	osso ruim

hikə	osso agarrado (dor física, malestar)			
hir(i)	cozinhar	hri	hrikw	(spd)
hrə	gritar			
hri	cozinhar	hir(i)	hrikw	(psd)
hrikw	cozinhar	hir(i)	hri	(dsp)
huku	onça			

i.

ĩ	1			
ĩba ₁	‘alerta’	“não!”		
ĩba ₂	‘dor de corte, golpe’	“ai!”		
ĩba ₃	costas			
ĩba ₄	adv neg ‘não’			
ĩbəi	rabo			
ĩdəkə	morrer			
ĩgəda	‘avós’	(vivo)	wahĩktadi	(morto)
ĩhĩ	afirm			
ĩhĩ	sim			
ĩhidəba	‘irmã’	(vivo)	wahĩdəbadi	(morto)
ĩhĩk(r)əda	‘avô, avó’	(vivo)	wahĩktadi	(morto)

ĩka	branco			
ĩkãrewa	‘cunhado’	(vivo)	nãohá	(morto)
ĩkatɔra	translúcido			
ĩkbuzi	brilhoso			
ĩkně	comer			
ĩkra	‘filho’	(vivo)	sinõkraki	(morto)
ĩkrã	preto			
ĩkumtɔ	pintado			
ĩkumzu	marrom			
ĩkuzerã ₁	azul			
ĩkuzerã ₂	verde			
ĩm	dat			
ĩmãmã ₁	‘pai’	(vivo)	wamãmãdi	(morto)
ĩmãmã ₂	‘tio paterno’	(vivo)	wamãmãdi	(morto)
ĩmərõ	‘cônjuge’	(vivo)	nãohá	(morto)
ĩnatki	‘mãe’	(vivo)	wazεparkwaĩd i	(morto)
ĩnĩ	carne			
ĩnĩhdu	‘neto (a)’	(vivo)	wanĩhdudi	(morto)
ĩnmaksesikutõr	perder juízo			
ĩnõkreməzukwa	‘tio materno’	(vivo)	wanõkreməzu kwaĩdi	(morto)
ĩpes	bom			

ĩpnã	'irmão mais novo'	(vivo)	wapnãĩti	(morto)
ĩpre	vermelho			
ĩptɔkwa	'pai'	(vivo)	waptɔkwaĩdi	(morto)
ĩpte	amarelo			
ĩrã	branco			
ĩsdekwa	'irmão mais velho'	(vivo)	wazdekɓadi	(morto)
ĩsɛ1	alet			
ĩsɛ2	assev			
ĩsimẽ	'consigo'			
ĩsipize	trabalhar			
ĩsiwadi	parente			
ĩsiwawi	pintar o corpo			
ĩskudikukã	'tartaruga'			
ĩsmaksesikutõr	'esquecer'			
ĩsrõwa	lar			
ĩt	rls			
ĩtbekwa	'tia paterna'	(vivo)	watbekwaĩdi	(morto)
ĩwakrdi	preto			
ĩzakmõ1	'cunhado'	(vivo)	nãõ há	(morto)
ĩzakmõ2	'genro'	(vivo)	nãõ há	(morto)
ĩzɛparkwa	'mãe'	(vivo)	wazɛparkwaĩd i	(morto)

k.

k	cont			
k(rĕ)nĕ	comer, engolir			
kə	pegar	kmĕkə	kərkw	(spd)
ka ₁	branco			
kadu(r)	carregar	du(ri)	kadurkw	(psd)
kadurkw	carregar	du(ri)	kadu(r)	(dsp)
kah(i)ri	cozinhar			
kāhā ₁	aquele			
kāhā ₂	este, esta, esse, essa, isto, isso			
kahə ₁	espirrar	tsrĩ	tsirĩkw	(psd)
kahə ₂	muito			
kahər	bater			
kahərkw	bater			
kahəsñã	em abundância			
kahi	cozinhar			
kahi	cozinhar			
kahir	cozinhar			
kahri	cozinhar	kahir(i)	kahrikw	(psd)
kahrikw	cozinhar	kahir(i)	kahri	(dsp)
kahur	comer			

kai	2			
kaikde	criança			
kaka	pingar; gotejar			
kaka	queda d'água, cachoeira			
kakə	pegar			
kakmädək	olhar (observar)	kmädkä	kmädkäkw	(psd)
kakrã(i)srut(u)	ajuntar			
kakre	secar, enxugar			
kakũĩkrɛ	escrever, pintar			
kakuziki	apertar	kuziki	kuskikw	(psd)
kakwane)	assar (dentro da brasa)	kwane)	kwanrëkw	(psd)
kamě	jogar			
kamõ	dar			
kamõ(i)	outro, outra			
kãně	assim			
kanhə	cortar			
kanhəri	cortar			
kanĩn	ralar			
kãnmě	aqui			
kapar	moer			
kaprek	bater	prek	pkekww	(psd)
kapto	cacique			
kãre	cunhado			

karẽp(ẽ)	fazer beiju				
karerek	despendurar				
kasu	palha				
kãte	prob				
kãte	talvez				
katete	segurar	tet	ttẽkw	(psd)	
kãto	e (conj)				
katõrãdi	transparente				
kawadupa(r)	capinar				
kawakre	furar	wakre	wakrẽkw	(psd)	
kawasku	contar				
kazai	copo, vasilhame líquido	para			
kazakro; kazasu milho)	(assar assar (sobre o fogo)	sakro		sakrõkw	(psd)
kazanõ	arrancar				
kazasu	assar milho				
kazat	fazer				
kazə1	bater				
kazə2	quebrar				
kbĀə	pl				
kba1	dual				
kba2	pl				
kba(z)dikre	rede				

kbazeĩprã	caça			
kbə	pl			
kbure	todos, todas			
kburõ	juntar, ajuntar			
kburõikw	juntar	não há	kburõ	(dsp)
kbuzi	brilhante			
kbuzidi	brilhante 'brilhoso, ser/estar brilhante'			
kdə	anta			
kə	água			
kə	pegar			
kə wawě	rio tocantins			
kəi	água			
kəikahur	'beber água'			
kəkɔre	macaco			
kər	pegar			
kərkw	pegar	kə	kə	(dsp)
ki	est			
kĩmdə	porcão			
kkɔ	macaco			
kmə	obj			
kmã ₁	rel (relativo a algo/alguém)			
kmã ₂	dat			
kmã ₃	assoc			

kmã ₄	espec			
kmã ₅	loc			
kmãbakw(ə)	carregar			
kmãd(ə)kə	ver			
kmãdkək	olhar (observar)	kmãdkə	kakmãdək	(dsp)
kmãdkən	ver			
kmãkwamã _{r1}	fazer			
kmãkwamã _{r2}	atrapalhar			
kmãnä	fazer			
kmãnä _r	fazer			
kmãsapka	querer			
kmãwasis(i)	amarrar	wassimõnõ wassikw	(spd)	
kmãwaü)za	separar	p(ɔ)ko	tepɔkɔ	(dsp)
kmãwaz(e)re	terminar			
kmãwrĩ	matar			
kmẽ	rel			
kmẽ	ass			
kmẽsi	comer	krẽ	knẽkwa	(psd)
kmædkə	ver			
kmẽkə	pegar	kə	kərkw	(psd)
kmẽsin	comer			
kmẽwĩ	matar			
knã	neg (adv)			

knekwa	comer	krē	kmēsi	(dsp)
knĩ	lança			
kõ ₁	neg			
kõ ₂	priv			
kõ(d)	priv			
koko	molhar			
kõε	priv			
kr ₁	prog			
kr ₂	cont			
kra	filha, filho, cria			
krã	fruto			
krai	cria			
krãi	cabeça			
krãkda	demover, renunciar			
krãipuskw	aparecer	krãiwatɔbr	krãiwaire	(dsp)
krãiwaihku	cabeçaconhecer, conhecimento, inteligência			
krãiwatɔbr	aparecer, surgir			
krarep	cria			
krãsrut	amontoar			
krãsrut(u)	amontoar	krãstu	krãstukw	(spd)
krãstu	amontoar	krãsrut(u)	krãstukw	(psd)
krãstukw	amontoar	krãsrut(u)	krãstu	(dsp)

krãstumõõ	amontoar	krãsrut(u)	krãstukw	(psd)
krawa	paca			
krbu	sedento			
krõwi	imers			
krda	antigo, velho, anterior, ex			
kre ₁	plantar			
kre ₂	ovo			
kre ₃	iness			
krẽ ₁	retornar			
krẽ ₂	comer	kmësi	knëkwa	(spd)
krëkë	voltar	krëwa		krëwaikw (psd)
krëkrë	comer			
kreke	voltar	krëwa	krëwaikw	(psd)
krekre	comer			
krekre	enxugar			
krìkri	chorar (pl); wwa (sg)			
krëktõ	reunir			
krën	comer			
krep	ovo			
krewa	voltar	krëkë		krëwaikw (spd)
krewaikw	voltar	krëwa	krëkë	(dsp)
krëwatõbr	surgir, aparecer			
krewire	perto			

krɛ	seco			
krɛkkɛ	barulho			
kri	casa			
krĩ1	cont			
krĩ2	prog			
krikahã	cidade			
krikahə	cidade			
krikrĩ	chorar	wwa	siwakõ	(psd)
kriprɛ	aldeia salto			
kritɔ(i)	bola			
kritɔ(i)	bola			
kritɔizaptɔ	bolaredondo			
krnẽ	comer			
krtabdi1	intens			
krtabdi2	verdadeiramente			
krumõ	andar			
ksasar	contcaçar			
ksĩbuim	olhar			
ktɔ	dual			
ktə	anta			
ktəankõ	não indígena			
ktəku	gado			
ktəprezu	dinheiro			

ktəprezum	dinheiro
ktu	acordar
kturedi	curto
ku ₁	dir
ku ₂	report
ku ₃	planejar
ku ₄	para
ku ₅	de lá
ku ₆	posp
ku ₇	comprido, pontiagudo
ku ₈	loc
kũ ₉	do lado de lá (em relação ao falante)
kuba ₁	ponte
kuba ₂	canoa
kud	acordar
kũhã	aquele, aquela
kuhə	porcão
kuhəbə	porco
kuhəre	caititu
kuihə	jacaré
kuĩkre	escrever, pintar
kuiptu	crescer
kũĩwde	tora de buriti

kukã	jabuti
kukãĩzawre	tartaruga
kukrẽ	cabaça
kukri	raspar
kumdə	capivara
kummã	centrip
kumnãste	finld neg
kumnkã	espingarda
kumõ	raspar, descascar
kumto	pintar
kumte	banhar
kumzum	empoeirar, sujar
kumzumd	sujar
kumzumdi	marrom
kune	ruim
kune	ruim
kunẽ ₁	feio
kunẽ ₂	ferir
kunmã	fogo
kũnorĩ	aqueles, aquelas
kupa	mandioca
kupadi	mandioca
kupakbu	mandioca beiju

kupazu	farinha				
kupi	tocar				
kupsõ	lavar				
kurti	cercar				
kusbi	cobrir	kusbi	kusbikw	(psd)	
kusbikw	cobrir	kusbi	kusbi	(dsp)	
kusbimõnõ	cobrir	kusbi	kusbikw	(psd)	
kusbimõnõ	cobrir	kusbi	kusbikw	(psd)	
kuskikw	apertar	kuziki	kuziki	(dsp)	
kutõ	perder				
kutu	acordar	kud	tktukw	(psd)	
kuwa	matear				
kuzapɔ	abóbora				
kuzə	fogo				
kuzɛrãdi	azul				
kuziki	apertar	kuziki	kuskikw	(psd)	
kuzuit	instar				
kwa ₁	pl				
kwa ₂	dente				
kwa ₃	2				
kwaba ₁	exor				
kwaba ₂	2 pl/dl				
kwatbrẽmĩ	menino				

kwadi	dente			
kwaikə/mwa	subj/ cond			
kwakre	cavar			
kwam	afiado			
kwamãr	fazer			
kwaně	assar (dentro da brasa)	kwaně	kwanrěkw	(spd)
kwanĩ	puxar	kwanĩĩ	kwanĩkw	(spd)
kwanĩkw	puxar	kwanĩ	kwanĩĩ	(dsp)
kwanĩĩ	puxar	kwanĩ	kwanĩkw	(psd)
kwanrěkw	assar (dentro da brasa)	kwaně	kakwaně	(dsp)
kwapes	consertar			
kwãri	derrubar			
kwasa	carregar			
kwatbrēmĩ	garoto			
kwazε	dub			
kwəbə	porco			

m.

m	dat	
m(r)wa	loc	
mœnõ	cada qual	
mã ₁	3	
mã ₂	dat	
mã ₃	'expressão de surpresa negativa'	
mãkrãwire	crepúsculo	
mãp	int	
mãpre	sogro	
mãr ₁	algo	
mãr ₂	que	
mãra	noite	
mãrdi	exist	
marĩ ₁	algo	
mãrĩ ₂	que	
mãrĩ ₃	'chamado responsivo' "ah? que? oi?"	(fala masculina)
mãrĩ ₄	algo	
mãrĩ ₅	indef	
mãrĩp	que	

mārwa	por que			
mārwap	por que			
mba ₁	per			
mba ₂	posp			
mba ₃	posic			
mba ₄	perl			
mě ₁	ass			
mě ₂	junto, com			
mě	neg hipot			
məba	perl			
məmĩ	lenha			
mənĩ	centrip			
mənõ	pl			
məza(h)i	‘cunhada’	(vivo)	não há	(morto)
mkoitɔrã	caju			
mmã	pai			
mnã	calda, rabo			
mnĩ ₁	dir			
mnĩ ₂	centrip			
mnõ ₁	cada			
mnõ ₂	col			
mnõ ₃	dir			
mõ	ir	wahudu	něm	(spd)

mõnõ	cada			
mor ₁	andar; caminhar	wahudu; tmõmõĩ	tinẽ(mã)	(spd)
mõr ₂	ir			
mõr ₃	chegar			
mr(m)ẽ	dizer			
mrã	fome			
mrãñ	abraçar, amigar			
mrẽ ₁	dizer			
mrẽ ₂	falar			
mrẽm	dizer			
mrãmẽ	conversar;; falar	sdakə	sdakbək	(psd)
mrãmẽ	falar			
mrãmẽze	dizer			
mrõ	esposa			

n.

3

nã ₂	
nã ₃	inst
nã ₄	posic/impertv
nã! ₅	mand
nãmã	qual

nãmãhã	qual			
nãmr	posic sentado			
não há	juntar	kburõ	kburõikw	(spd)
não há	trabalhar	nĩpi ~ sipi	nĩpikw	(psd)
não há	cair	waptãr	waptkãkw	(psd)
nãp	int			
nãr	fazer			
nãre ₁	apesar de			
nãre ₂	ainda que			
nãsi	term			
ne	neg			
nẽ ₁	neg			
nẽ ₂	semelhante a			
nẽ ₃	andar			
nẽ ₄	nem			
nẽ ₅	man			
nẽ ₆	como			
nẽ ₇	neg			
nə	dormir			
nẽ(mã)	andar; caminhar	mõr	wahudu; tmõmõrĩ	(dsp)
nẽ	neg			
nẽm	ir	mõ	wahudu	(dsp)
nẽs(i)	mod ação			

nēm	ir		
nēm(ã) ₁	ir dl		
nēm(ã) ₂	andar		
nēm _r	andar		
nēs(i)	ação		
nēsi	continua/repete		
nha ₁	como		
nha ₂	quanto		
nha ₃	int		
nhanẽ ₁	como		
nhanẽ ₂	int		
nĩ	carne		
nĩkba	cunhada		
nĩkɔ	torto		
nĩm	pertence		
nĩpi	trabalhar		
nĩpikw	trabalhar	nĩpi ~ sipi	não há (dsp)
nipkradi	mão		
nĩsize	nome		
nĩtikru	valente, zangado		
nĩtrɔ	tora comprida		
nĩwa	nunca		
nĩwarkw	pedir		

nkra	galho			
nmã ₁	onde			
nmã ₂	que			
nmãhã ₁	onde			
nmãñã ₂	quando			
nmãzi	onde			
nmẽ ₁	caus			
nmẽ ₂	neg hipot			
nmĩkwar;saikwar	deitar (estar deitado)	nõmrõ	daikwarkw	(psd)
nmĩparkw	esperar			
nmĩzazar	ficar parado			
nmĩzazər	parar			
nmõ	onde			
nmrõ	posic horizontal			
nnã	fezes			
nnãkre	castanha			
nnĩ	ralar			
nnĩp	loc int			
nõ	posic horizontal			
nõkwa	alguém			
nõmrõ	deitar (estar deitado)	saikwar; nmĩkwar	daikwarkw	(spd)
nõrĩ	pl			
nõtõ	dormir	sõtõ	ntõkw	(spd)

nõk	cantar			
nõk(re)	cantar			
nõkɔkɔ	vomitar			
nõkkaka	cantar	nõkre	nõkrekw	(psd)
nõkre	canto			
nõkrekw	cantar			
nõkrekwa	'tio materno'	(vivo)		wanõkreməzu kwaĩdi (morto)
nõkwa	alguém, quem			
nõkwap	quem			
nõkzatkizε	colar			
nõm	deitar			
nõmr	posic horizontal			
nomro	deitar (estar deitado)	saikwar; nmĩkwar	daikwarkw	(spd)
nõpre	ver			
nõpren	ver			
nõrai	pl			
nõrĩ	pl			
norü	pl			
nõt	dormir			
nõt(õ)	dormir			
noto	dormir	sõtõ	ntõkw	(spd)
nõtõ	dormir			

nõzə	milho			
npɔk(r)puk(u)	lembrar			
npɔkpuk	lembrar			
nrã	branco			
nrõ	castanha de côco			
nrõ	coco			
nrõĩ	côco, palmácea			
nrõwa	abrigo			
ntõkw	dormir	nõtõ	sõtõ	(dsp)
		sasõ		
nümnãt	pendurar	(imperf);	sasõmkw	(psd)
		dako		(perf)
nwa	perm			

i

p

p(ɔ)ko	separar	pɔkɔ	waĩza	(spd)
p(r)	int			
pa1	compl			
pa2	fígado			
pa3	despelar			
pã	matar			
padi	tamanduá			

pahi	asa				
pap	fígado				
par ₁	compl				
par ₂	esperar				
pari	depois				
pãĩ	matar				
parim	depois				
pãrnə	matar				
pãĩ	matar	wĩ	smrõ	(dsp)	
pɔ	amassar	po	pɔkw	(psd)	
pɔkɔ	separar	p(ɔ)ko	waĩza	(psd)	
pɔkw	amassar	po	tepɔ	(dsp)	
pɔnkẽre	veado				
pɔnkwanẽ	dois				
pə	'surpresa'	"poxa, oba"			
pes	bem				
pẽĩkwa	conselheiro				
pibu	visitar				
pibumã	prop / fin				
pibumãb	fin				
pikõ	mulher				
pikõi	mulher				
pikõp	mulher				

piza	panela			
piza	panela			
pkɔ	rachado			
pkekʷ	bater	prek	kaprek	(dsp)
pkẽ	coração			
pnã ~ zekwa	irmão mais novo			
po	amassar	pɔ	pɔkw	(spd)
ponkẽre	veado			
popok	tremar			
pr	int			
pra	pé			
prãire	pouco			
prek	bater	kaprek	pkekʷ	(spd)
prɛ ₁	vermelho			
prɛ ₂	avermelhar			
prɛkadi	vermelho alvo			
prɛkɛ	machucar			
pru	quebrar	tezə	zəkw	(spd)
prupru	esfarelar			
pse ₁	bom			
pse ₂	bonito			
pse ₃	coração			
psed	bom, bonito			

psedi	bom, bonito			
psekw	bom			
ptɔ	brotar			
ptɔkwai	pai			
ptəbə	?			
ptɛdi	amarelo			
puskw	sair	watɔbr	wairɛb	(dsp)
pɔ	oblongo, chato			

r.

r(ě)mě	abandonar
r(ě)mě	deixar para trás
rã	alvo, branco
rbi	nadar
rbi	nadar
rɔ	gen
rɔmhə	longe
rɔmkmãdə	costume, ponto de vista
rɔmkmãdkə	ponto de vista

Ꞗmkmãkwamãrĩ	artesanato
Ꞗmkreptkã	discurso tradicional
Ꞗmnĩrnãdi	flor
Ꞗmrkw	fazer fogo
Ꞗmsa	onça mítica
Ꞗmsikər	distante no tempo
Ꞗmwasku	notícia
Ꞗmzakrãrɛ	de manha
Ꞗmzə	semente
Ꞗpse	bom
Ꞗpse	bem
Ꞗsikər wawě	retro aug
Ꞗtskər	distar no tempo
Ꞗwahə	tarde
Ꞗwahtukwa ₁	ensinar
Ꞗwahtukwa ₂	professor
Ꞗwahtukwa ₃	ensinador
Ꞗwakrw	calor
Ꞗwakrɔki	calor
Ꞗwastɛ	mato
Ꞗwěk	bem
Ꞗwĩr	derrubar
Ꞗzə	rosa

rdu	?			
rě	abandonar			
rēm	deixar			
rere	pular	sarōt	dar(ō)tōkw (psd)	
rereke	cair	waptār	waptkāk	(psd)
rěrkě	trêmulo			
res	mexer			
rε	compl			
rεm	compl			
rĩrīt	procurar			
rīt(ĩ)	olhar			
rkōze	fazer fogo			
rmě	exis ant			
rowahə	tarde			
rowahut(u)	ensinar			
rtudi	áspero			
rōm	gen			
rōwěkwa ₁	recobrar saúde			
rōwěkwa ₂	bem			

S

.

s(i)tikru	brabeza			
s(õ)tõ	dormir			
sa ₁	comer			
sa ₂	morder			
sa ₃	posic			
sã	ver; encontrar	dæk	sãkw	(spd)
sa(i)	comer			
sahi	cabelo			
sai	comer			
saĩ	comer			
saihə	chamar, gritar			
saihrə	chamar			
saikuri	subir			
saikwa(r)	derramar	tsissaikwar	saikwarkw	(spd)
saikwar; nmĩkwar	deitar (estar deitado)	nõmrõ	daikwarkw	(psd)
saikwarkw	derramar	saikwa(r)	tsissaikwar	(dsp)
sakɔ ₁	ruidodoso			
sakɔ ₂	encarapitar			
sakrɔkw	assar (sobre o fogo)	sakro	kazakro; kazasu	(dsp)

			(assar milho)	
sakre	correr			
sakro	assar (sobre o fogo)	zakro		sakrɔkw (spd)
saktě	muito			
sakukre	saco			
sākw	encontrar; ver	sā	kmādək	(dsp)
samārwaihku	compreender			
sanām	estudar			
sanāmr	ler			
sapka ₁	pretender			
sapka ₂	querer			
sapkadi ₁	querer			
sapkadi ₂	desejar			
saprõ	levar, conduzir			
sapuk	costurar			
sar	morder			
sarɔt	sentir necessidades fisiológicas			
sarɔtɔ	sentir fome sede sono			
sāre	levantar	sārĩ	smĩzus	(psd)
sari	morder			
sārĩ	levantar	sāre	smĩzus	(spd)
sarõ	queimar			
sarõt	pular	rere		dar(õ)tõkw (spd)

sasar	caçar				
sasõmkw	pendurar	sasõ dako	nĩmnät		(dsp)
sasõmrĩ	pendurar				
sazəri	parar				
sazε	comida				
sbrε	entrar				
sburõ	estar sentado	nãmr	simãsikw		(psd)
sdə	fechar	sdə	stɔmkw		(spd)
sdəhu	abrir	tesdəhu	sdəhuikw		(spd)
sdakə	falar; conversar	mrəmẽ	sdakbək		(spd)
sdakbək	conversar;; falar	sdakə	mrəmẽ		(dsp)
sdakbənə	falar				
sdakə	falar				
sdakrɔki	sol				
sdanãr	indagar				
sdaprε	rogar praga				
sdari	gritar				
sdə	fechar	sdə	stɔmkw		(psd)
sdəhu	abrir				
sdəhuikw	abrir	sdəhu	sdəhu		(dsp)
se	colocar dentro de				
sese	colocar				
seĩ	des				

sekwa	cacique				
semã	guardar; colocar	sẽrẽ		semkw	(psd)
semkw	colocar; guardar	sẽrẽ	semã	(dsp)	
ʃerẽtʃ	xerente				
sese	colocar				
sest	sexta				
səkwa	pajé				
sɛparkwa	mãe				
shə(r)	cortar	kanhə		shəkw	(spd)
shə	cortar				
shəkw	cortar	shə(r)		kanhə	(dsp)
shərn(ə)	cortar				
shərn(ə)	cortar				
si ₁	refl				
si ₂	somente				
si ₃	sentar				
si ₄	comer				
si ₅	só				
sĩ ₁	pertence				
sĩ ₂	comer				
si sdəhu	se abrir				
siãsi(s)	chegar dl				
sidakə	conversar				

sihəkw	brincar	sihə	sihəzu	(dsp)
sihəzu	brincar	sihə	sihəkw	(psd)
sihur	copular			
sika	galinha			
sikaĩ	cigarro			
sikazazə	sobrar			
sikbakɾ(i)	rápido			
sikburõ	assentar, reunir			
siknõ	cofo			
sikra	descer			
sikrëktõzɛp	local de encontro			
sikrui	inimigo			
siktõ	cofo			
siku	gavião			
sikumte	banhar			
sikumza	gêmeo			
sikuza ₁	tecido			
sikuza ₂	roupa			
sikuza ₃	tecido			
sikuzap	roupa			
sikw	esquecer			
sikwaĩpse	quatro			
sikwape	brigar			

sikwazi	amarrar			
sikwə	chegar			
sĩm	pertence			
simãsa	estar em pé	da	simẽkwar	(psd)
simãsikw	estar sentado	nãmr	sburõ	(dsp)
simãsis	chegar dl			
simẽkwar	estar em pé	da	simãsa	(dsp)
simĩkeze	facão			
sinə	chegar			
sinã	chegar			
sinãkwə	chegar			
sinãñ(ə)	chegar			
sinãro	sorrir	sĩsir	sĩsrikw	(psd)
sinəkwə	chegar			
sinõkraki	'filho'	(morto)	ĩkra	(vivo)
sipi	trabalhar			
sĩprɔ	cansar			
sipridi	sipridi			
siptɛ	ter força			
sire	ave			
sirĩkw	esperrar	sřĩ	kahə	(dsp)
sřs(i)ri	rir			
sisdakbə	conversar			

sisdāhu	se abrir			
sĩsir	rir			
sĩsiri	sorrir			
sĩsirire	rir			
sisĩwi	tomar contra vontade do possuidor em prejuízo de			
sĩsrikw	sorrir	sĩsir	sinãro	(dsp)
sisssu	juntos			
sitmõ	refolho			
siwa	igual			
siwadi	parente			
siwaike	amigo			
siwakõ	chorar	wwa	kri:kri	(dsp)
siwakru	errado			
siwakut	descansar			
siwakut	contemplar			
siwar	pedir			
siwasi	espalhar	wasi	tewasikw	(psd)
sĩzər	quebrar			
sizuire	tesoura			
skumte	banhar			
smakse	esperto			
smĩ	?			
smĩksesikutõr	perder juízo			

smĩkemre	faca				
smikεε	facão				
smĩkεε	faca				
smĩkur	esconder	smĩku(r)		smĩkurkw	(psd)
smĩkurkw	esconder	smĩku(r)		smĩkurmõnõ (dsp)	
smĩkurmõnõ	esconder	smĩku(r)		smĩkurkw	(psd)
smĩsi	um (num)				
smĩzawi	generosidade				
smĩzus	levantar	sãĩ	sãre		(dsp)
smro	matar	wĩ	pãĩ		(psd)
smĩku(r)	esconder		smĩkurmõnõ	smĩkurkw	(spd)
snã1	inst, enquanto				
snã2	trans				
snãɔ	zombar				
snĩkmõ	'cunhado'	(vivo)		não há	(morto)
so	à procura de				
sõ1	pescar				
sõ2	dar				
sõ3	enviar				
sõ4	entregar				
sõk(re)	cantar				
sõkre	cantar				
sõkrekwa	cantar				

sōmr	dar			
sōmrĩ ₁	entregar			
sōmrĩ ₂	dar			
sopre	ver			
sōpre	ver			
sõtõ	dormir	nõtõ)	ntõkw	(psd)
spa	sup			
spa(i)	ultrapassar, além de			
spɔkpkukw	lembrar			
spɔkrep ₂	orelha			
spokrep ₂	ouvir			
srẽkw	colocar dentro de			
srezasu	srezasu			
srĩ	espirrar	kahə	srĩkw	(spd)
srõwa	lar			
srõwa	casa			
srure	pouco			
sruru	sete estrela			
ssaikwar	derramar	saikwa(r)	saikwarkw	(psd)
ssakre ₁	correr	wara	ssamrõ	(psd)
ssakre ₂	partir	war(a)	ssamrõ	(psd)
ssamrõ ₁	correr	war(a)	ssakre	(dsp)
ssamrõ ₂	partir	wara	ssakre	(dsp)

ssaprĩ	ficar atrás de			
ssõĩ	lavar			
stɔkrã	assustou			
stɔmkw	fechar	sdə	tesdə	(dsp)
stikrui ₁	ira			
stikruit ₂	zangar			
stõ	dormir			
su	em companhia de			
sĩsir	sorrir	tisinãro	tsĩsrikw	(spd)
sui	pelo			
suksuk	lamber			
sũsir	sorrir	tisinãro	tsĩsrikw	(spd)

t.

t ₁	rls
t ₂	3
t ₃	1
t ₄	?
t ₅	corr
t(ɔ)brɔ	atravessar
t(o)	rls
təkãnã	hoje

ta	3	
tã	chuva	
tã (ta hã)	enf	
taha	'chamado responsivo' "ah? que? oi?"	(fala feminina)
tahã ₁	enf	
tahã ₂	3	
tahã ₃	2	
tahã ₄	aquela	
tahã ₅	este	
tahã ₆	enf	
tahaĩ	algo	
tahãt	rls	
tai ₁	2	
tai ₂	3	
tanẽ ₁	dessa maneira	
tanẽ ₂	mod	
tanẽkõwa	concl priv	
tanẽnãɛ	apesar disso	
tanẽnmẽ ₁	portanto, assim, dessa forma	
tanẽnmẽ ₂	por que	
tapari	depois	
tatak	bater	
tazi	ali	

tazi	então			
tbe	peixe			
tbro	atravessar			
tɔ	olho			
tɔktɔre	agora			
tɔmɔɔ	cego			
tɔp	olho			
te	3			
te	poss			
te	crf			
tê	2			
tê	obj			
təkã	do lado de cá (em relação ao falante)			
təkãhã	atual			
təkãnã	hoje			
təkãnẽ	assim			
təkənã	hoje			
tepɔ	amassar	po	pɔkw	(psd)
tepɔkɔ	separar	p(ɔ)ko	kmãwaĩza	(psd)
təra	ferro			
təramrmẽ (cerurar)	ferrofala (celular)			
tesdə	fechar	sdə	stɔmkw	(psd)
tesdəhu	abrir	sdəhu	sdəhuikw	(psd)

tete	segurar				
tewapar	ouvir				
tewasikw	espalhar	wasi		siwasi	(dsp)
tewazu	rasgar	wazu		wazuikw	(psd)
tezə	quebrar	pru	zəkw	(psd)	
tezə	quebrar	pru		zəkw	(psd)
tezə	quebrar	pru		zəkw	(psd)
tε ₁	2				
tε ₂	3				
tε ₃	'existência futura posterior'	ou			
tεb	int				
tεbr	int				
tεmre	costas				
tεp	int				
tεp(r)	int				
tεpdi	peixe				
tete	segurar	tet		ttekw	(psd)
themba ₁	imagem				
themba ₂	existência				
ti ₁	est				
ti ₂	3				
tĩ ₁	3				
tĩ ₂	?				

ti(e)da	posic vertical				
tině	ir, andar				
tině(mã)	andar; caminhar	mõr		wahudu; tmõmõrĩ	(dsp)
tině'	ir, andar				
tiprab	dançar				
tisinãro	sorrir	sĩsir		tsĩsrikw	(psd)
tissa	comer				
tissamrõ	partir; correr	wara		ssakre	(dsp)
titak	chover				
tizas	entrar	dẽbr		zas(i)	(dsp)
tka ₁	terra				
tka ₂	chão				
tkai	terra				
tkrãipuskw	aparecer	krãiwatõbr	krãiwaire		(dsp)
tkrda ~ krata	velho				
tkre ₁	?				
tkre ₂	caçar				
tkre ₃	crf cont				
tkrehazu	flechar				
tkresasar	caçar				
tktukw	acordar	kud	kutu		(dsp)
tmã	dat				
tmě ₁	?				

tmě ₂	para
tmě ₃	dir
tmě ₄	dat
tmõ	olho
tmõr	ir
tmrẽ	dizer
tmmẽzus	dizer
to ₁	rls
to ₂	mesmo
to ₃	foc
tõ	priv
toi	rls
toka	2
toka(i)	2
tokai	2
tokap	int
tokto	agora
top	rls int
tota	3
tota(hã)	3
totahã ₁	foc enf
totahã ₂	3
totahã ₃	enf

tpe	peixe				
tpebə	arraria				
tpekrēpə	surubim				
tpepārzem	peixematar veneno				
tpepārzempa	peixematarraiz				
tpes	bom				
tpuskw	sair	watɔbr	waireb	(dsp)	
tsi	refl				
tsihə ~ sihə	brincar	tsihəzu sihəzu	~ tsihəkw	(spd)	
tsihəkw	brincar	tsihə ~ sihə		tsihəzu sihəzu	~ (dsp)
tsihəzu	dançar				
tsihəzu ~ sihəzu	brincar	tsihə ~ sihə		tsihəkw	(psd)
tsihəzum	dançar				
tsimāsa	estar em pé	da		tsimēkwar	(psd)
tsimāsikw	estar sentado	nām̄r		sburō	(dsp)
tsimāsis	chegar dual				
tsimēkwar	estar em pé	da		tsimāsa	(dsp)
tsinā	chegar	wi	tsimāsis	(psd)	
tsirīkw	espirrar	tsrī	kahə	(dsp)	
tsīsr̄ikw	sorrir	sīsir	tisināro	(dsp)	
tsissaikwar	derramar	saikwa(r)		saikwarkw	(psd)
tsrī	espirrar	kahə	tsirīkw	(spd)	

ttekw	segurar	tet	katete	(dsp)
tu	exis pas			
tuidi	difícil			
twaptkãkw	nascerdI			
twara	ferro			
tciti	alegrar			
tktoṛe	agora			

W.

w(ĩ)rĩkw	matar
w(i)si	chegar
wa ₁	em
wa ₂	1
wa ₃	ines
wa ₄	imped
wa ₅	lua
wa ₆	adv _t
wa ₇	cond
wa ₈	loc
wa(i)	1
wab	int
wadəkə	embriagar, entristecer

wadkə	entristecer			
wadkəd	triste, inebriado			
wah(u)tu	partir			
wahdu	partir			
wahi	costela			
wahĩdəbadi	‘irmã’	(morto)	ĩhidəba	(vivo)
wahĩktadi	‘avô, avó’	(morto)	ĩhĩk(r)əda	(vivo)
wahĩktadi	‘avós’	(morto)	ĩgəda	(vivo)
wahire	wahirê, uma das duas metades dos partidos xerente: dohí (sol) e wahire (lua)			
wahtu ₁	dispersar			
wahtu ₂	partir			
wahtu ₃	ir			
wahtun	dispersar			
wahtunĩ	dispersar			
wahud	partir			
wahudu	ir			
wahudu; tmõmõrĩ	andar; caminhar	mõr	tinẽ(mã)	(psd)
wai	1			
wai	1			
waihku ₁	conhecer			
waihku ₂	saber			
waihtun	dispersar			
waihuk	saber			

waikrãmkw	encontrar				
wair(ε)bε	sair				
waireb	sair	watɔbr		tpuskw	(psd)
waĩte	poss				
wakate	preguiça				
wakbə	pagar				
wakə	pagar				
wakrɔ1	quente				
wakrɔ2	aquecer				
wakrɔwde1	flecha				
wakrɔwde2	arco				
wakre1	flechar				
wakre2	furar	wakre		wakrɛkw	(psd)
wakrɛkw	furar	wakre	kawakre	(dsp)	
wakrɛt	perfurar				
wakrui	espremer				
wakruin	espremer				
waktidi	preto				
wam	dat				
wam	igual				
waməmãdi	‘pai’	(morto)		ĩməmã	(vivo)
waməmãdi	‘tio paterno’	(morto)		ĩməmã	(vivo)
wamhuit	endireitar				

wamõprewapti	'sogro (a)'	(morto)	aimãpre mõpre	~ (vivo)
wamrĩ	paucal			
wamrĩre	pouco			
wamsi	somente quando			
wan(ã)	primeiro			
wanã	antes de			
wanĩhdudi	'neto (a)'	(morto)	ĩnĩhdu	(vivo)
wanĩm	pertence			
wanõkreməzukwaĩdi	'tio materno'	(morto)	ĩnõkreməzuk wa	(vivo)
wanõkreməzukwaĩdi	'tio materno'	(morto)	nõkrekwa	(vivo)
wapa	ouvir			
wapar ₁	ver			
wapar ₂	ouvir			
waparn	escutar,ouvir			
wapnãiti	'irmão mais novo'	(morto)	ĩpnã	(vivo)
wapsã	cachorro			
wapsãdi	cachorro			
wapsi	bater			
wapsõ	lavar			
wapt(ã)kã	cair			
waptãr	cair	não há	waptkãkw (spd)	
waptøkwaĩdi	'pai'	(morto)	ĩptøkwa	(vivo)

waptɔkwazawredamã	igreja			
waptə	esteira			
waptɛ1	rapaz			
waptɛ2	jovem			
waptɛm	jovem			
waptkãkw	cair	waptãr	não há	(dsp)
waptkãzɛ1	nascer			
waptkãzɛ2	nascimento			
war1	pedir			
war2	cortar			
war3	cortar planta			
war(a)	correr	ssakre	(ti)ssamrõ	(spd)
wari	pedir			
warkw	pedir			
wasá	mastigar			
wasãd	grávida			
wasar	mastigar			
wasarkw	carregar			
wasi1	igu			
wasi2	amarrar			
wasi3	igu			
wasi4	espalhar	siwasi	tewasikw	(spd)
wasi5	amarrar			

wasikw	espalhar	wasi	wasi	(dsp)
wasĩmkwapti	'consogro(a)'	(morto)	awasnĩ	(vivo)
wasis(i)	amarrar	wassi	wassikw	(spd)
wasku ₁	contar			
wasku ₂	anunciar			
wasku ₃	dizer			
waskuzε	contar			
wassi	amarrar	wasis(i)	wassikw	(psd)
wassikw	amarrar	kmãwasis(i)	wassimõnõ	(dsp)
wassimõnõ	amarrar	kmãwasis(i)	wassikw	(psd)
wat(ɔ)brɔ	sair			
watbekwaĩdi	'tia paterna'	(morto)	ĩtbekwa	(vivo)
watɔbr	sair	waireɓ	tpuskw	(spd)
watɔbr(ɔ)	sair			
watɔbrɔ	sair			
waĩza	separar	p(ɔ)ko	pɔkɔ	(dsp)
wawa	quebrar ou cavar			
wawẽ	intens			
wawẽ	velho			
wawẽ	antigo			
wawi	pintar			
wazar	misturar			
wazdekبادي	'irmão mais velho'	(morto)	ĩsdekwa	(vivo)

wazεparkwaĩdi	‘mãe’	(morto)	ĩzεparkwa	(vivo)
wazu	rasgar			
wazuikw	rasgar	wazu	tewazu	(dsp)
wazuĩn(ə))	descascar			
wde	árvore			
wdekrãikuzε	laranja			
wdekrãĩpo	pau fruto achatado			
wdekre	pau oco			
wdekrũkrã	pau rama fruto			
wε ₁	dir			
wε ₂	centrif			
wě	permitir			
wěkiki	soluçar			
wěki	gostar, amar			
wεrkbu	paparuto			
wi ₁	inj			
wi ₂	em prejuízo de			
wi ₃	chegar			
wi ₄	inj			
wi ₅	?			
wi ₆	impd			
wĩ	matar			
wi(s)	chegar			

wi(si)	chegar
wĩr	matar
wĩrĩ	matar
wis	chegar
wis(i)	chegar
wnã	antes de
wra	correr
wrãku	tatu
wra	correr
wrĩ	matar
wrĩn	matar
wsi	chegar
wsikwə	chegar dl2
wsinə	chegar
wtěsi	somente
wwa	choro

z.

zə	quebrar	pru	zəkw	(psd)
za1	proj			
za2	posic vertical			
za3	irr			

za kukãheipɔ	proj quelônio casco achatado				
zahã	imin				
zahidi	cabelo				
zai	proj				
zakrui	aldeia				
zakukãheipɔ	quelônio casco achatado				
zako	empoleirar				
zanĩ	puxar, tirar de dentro				
zapa	querer				
zapka	querer				
zapkadi ₁	querer				
zapkadiz	desejar				
zaptɔ	redondo				
zar	dar				
zarõt(õ)	pular				
zas	entrar	dɛbr		zas(i)	(dsp)
zas(i)	entrar	dɛbr	tizas	(psd)	
zasu (assar milho)	assar (sobre o fogo)	sakro		sakrɔkw	(psd)
zawre ₁	intens				
zawre ₂	aug				
zawrɛdi	intens				
zda	prop				
zdakbæk	dialogar, responder				

zɔkə	falar			
zɔwə	boca			
zɔ	perna			
zɔkwə	irmão			
zəhɔri	cutia			
zɛĩ	des			
zɛĩd	des			
zɛkně wawě	beber	zɛkrě	zɛkněkw	(psd)
zɛkněkw	beber	zɛkrě	zɛkně wawě	(dsp)
zɛkrě	beber			
zəkw	quebrar	pru	zə	(dsp)
zɛ	dor			
zɛm	?			
zɛm(ã)	também			
zɛparkwə	mãe			
zĩ	grão, sementinha			
zɪp	loc int			
zɔ1	em busca de			
zɔ2	por			
zɔ3	a procura de			
zɔ4	a espera de			
zɔs	pl			
zɔszɔs	enfiar; meter			

Vocabulário Português-Xerente dos termos encontrados na tese por ordem alfabética

a.

ajuntar	kakrã(i)srut(u)		
aldeia	zakrui, dazakru(i)		
alegrar	tɔiti		
alet	ĩɛ1		
algo	marĩ, mār, tahaĩ		
alguém	nõkwa		
ali	tazi		
alto	dum		
altura	dũm		
amanhã	hərə, awěku		
amarelo	ĩpte, ptedi		
amarrar	wasi, wassi, wasisi, wasis, kmãwasis(i), wassimõnõ, wassikw, sikwazi		
amassar	pɔ, pɔkw	po	
amassar		po	tepɔ
amassar	po	pɔ	
amassar	tepɔ	po	pɔkw
amigar	mrãnə		
amigo	siwaike		
amontoar	krãsrut		
amontoar	krãsrut(u)	krãstu	
amontoar	krãstu	krãsrut(u)	
amontoar	krãstukw	krãsrut(u)	
amontoar	krãstumõnõ	krãsrut(u)	krãstukw
andar	krumõ		
andar	ně3		
andar	něm(ã)2		
andar	němr		
andar	mor1	wahudu; tmõmõrĩ	tině(mã)

andar	ně(mã)	mo)r	
andar	tině(mã)	mo)r	
andar	wahudu; tmõmõrĩ	mo)r	tině(mã)
anta	kdə		
anta	ktə		
anterior	krda		
antes	akə		
antes de	wanã		
antes de	wnã		
antes de alguém	dawanã		
antigamente	ahamrɛ1		
antigo	ãikda		
antigo	wawě		
antigo	krda		
anunciar	wasku2		
aparecer	krãipuskw	krãiwatɔbr	krãiwair
aparecer	tkrãipuskw	krãiwatɔbr	e
aparecer	krãiwatɔbr		
apertar	kakuziki	kuziki	
apertar	kuskikw	kuziki	
apertar	kuziki	kuziki	
apesar de	nãrɛ1		
apesar disso	taněnãrɛ		
aquecer	wakrɔ2		
aquela	tahã4		
aquele	kãhã1		
aquele, aquela	kũhã		
aqueles, aquelas	kũnorĩ		
aqui	kãnmě		

aquilo com que se			
atravessa	dat(ɔ)brɔzɛ		
arco	wakrɔwde2		
arrancar	kazanõ		
arraria	tpebə		
artesanato	rɔmkmãkwamãrĩ		
árvore	wde		
asa	pahi		
áspero	rtudi		
ass	kmě		
ass	mě1		
assar (dentro da brasa)	kakwane)	kwane)	
assar (dentro da brasa)	kwane)	kwaně	
			kakwane
assar (dentro da brasa)	kwanrěkw	kwane))
	kazakro; kazasu (assar		
assar (sobre o fogo)	milho)	sakro	
assar (sobre o fogo)	sakrɔkw	sakro	kazakro; kazasu (assar mil
assar (sobre o fogo)	sakro	zakro	
assar (sobre o fogo)	zasu (assar milho)	sakro	
assar milho	kazasu		
assentar	sikburõ		
assev	ĩɛ2		
assim	kãně		
assim	təkãně		
assoc	kmã3		
assoc	aimě2		
assustou	stɔkrã		
atrapalhar	kmãkwamãr2		
atrás de	b(r)ba		
atrás de	bba1		

atravessador	dat(ɔ)brɔze
atravessar	t(ɔ)brɔ
atravessar	tbro
atual	təkãhã
aug	zawre2
ave	sire
avermelhar	prɛ2

avó ãhĩk(r)ɛda (vivo)

avó wahĩktadi (morto)

avô ãhĩk(r)ɛda (vivo)

avô wahĩktadi (morto)

avós ãgɛda (vivo)

avós wahĩktadi (morto)

azul ãkuzɛrã1

azul kuzɛrãdi

b.

banana	həisupɔkrã		
banana	hespɔkrã		
banhar	kumte		
banhar	sikumte		
banhar	skumte		
barulho	krɛkkɛ		
bater	kahər		
bater	kahərkw		
bater	kaprek	prek	pkekɥ
bater	kazə1		
bater	pkekɥ	prek	kaprek
bater	prek	kaprek	pkekɥ
bater	tatak		
bater	wapsi		
beber	zeknĕ wawĕ	zekerĕ	zeknĕkw
beber	zeknĕkw	zekerĕ	zeknĕ wawĕ
beber	zekerĕ		
'beber água'	kəikahur		
bem	pes		
bem	rɔpse		
bem	rɔwĕk		
bem	rɔwĕkwa2		
boca	d(a)zdawa		
boca	dazdawa		
boca	zdawa		
bola	kritɔ(i)		
bolaredondo	kritɔizaptɔ		
bolo	bor		
bom	ĩpes		

bom	pse1		
bom	psekw		
bom	rɔpse		
bom	tpes		
bom	psed		
bom	psedi		
bonito	psed		
bonito	psedi		
bonito	pse2		
brabeza	s(i)tikru		
branco	rã		
branco	ĩka		
branco	ĩrã		
branco	ka1		
branco	nrã		
branco	'esbranquecer,		
estar branco'	kadi		
briga: briga de gente	dasikwapɛ		
brigar	sikwapɛ		
brilhante	kbuzi		
brilhante	'brilhoso,		
ser/estar brilhante'	kbuzidi		
brilhoso	ĩkbuzi		
brincar	sihəkw	sihə	
brincar	sihəzu	sihə	
brincar	tsihə ~ sihə	tsihəzu ~ sihəzu	tsihəkw
brincar	tsihəkw	tsihə ~ sihə	
brincar	tsihəzu ~ sihəzu	tsihə ~ sihə	
brotar	ptɔ		
buraco	apkre		

C

cabaça	kukrē		
cabeça	krāi		
cabeçaconhecer	krāĩwaihku		
cabelo	sahi		
cabelo	zahidi		
caça	kbazeĩprã		
caçar	sasar		
caçar	tkre2		
caçar	tkresasar		
cachorro	wapsã		
cachorro	wapsãdi		
cacique	dakmãdkækwa		
cacique	kaptɔ		
cacique	sekwa		
cada	mnõ1		
cada	mõnõ		
cada qual	mœnõ		
cair	não há	waptãr	waptkãkw
cair	rereke	waptãr	
cair	wapt(ã)kã		
cair	waptãr	não há	waptkãkw
cair	waptkãkw	waptãr	não há
caititu	kuhære		
caju	mkɔitɔrã		
calda	mnã		
calor	rɔwakrɔ		
calor	rɔwakrɔki		

caminhar	mor1	wahudu; tmõmõrĩ	tině(mã)
caminhar	ně(mã)	mo)r	
caminhar	tině(mã)	mo)r	
caminhar	wahudu; tmõmõrĩ	mo)r	tině(mã)
canoa	kuba2		
cansar	sĩprɔ		
cantar	nõk		
cantar	nõk(re)		
cantar	nõkkaka	nõkre	nõkrekw
cantar	nõkrekw		
cantar	sõk(re)		
cantar	sõkre		
cantar	sõkrekwa		
cantar: música, canto de			
gente	danõkre		
canto	nõkre		
capim	du(i)		
capim	dui		
capinar	kawadupa(r)		
capivara	kumdə		
carne	ĩnĩ		
carne	nĩ		
carregar	du(r)	du(ri)	
carregar	du(ri)	du(r)	
carregar	kadu(r)	du(ri)	kadurkw
carregar	kadurkw	du(ri)	kadu(r)
carregar	kmãbakw(ə)		
carregar	kwasa		
carregar	wasarkw		
casa	kri		
casa	srõwa		

castanha	nnãkre		
castanha de côco	nrõ		
caus	nmẽ1		
cavar	kwakre		
cego	tɔmɔ		
centrif	we2		
centrip	kummã		
centrip	mənĩ		
centrip	mnĩ2		
cercar	kurti		
céu	hemõ2		
céu	hewa2		
chamado responsivo	mãrĩ 3	“ah? que? oi?”	
chamado responsivo	taha	“ah? que? oi?”	
chamamento	hã3	“ei!”	
chamar	saihrə		
chamar	saihə		
chão	tka2		
chefe	dakmãdkəkwa		
chegar	mõr3		
chegar	sinã		
chegar	sinãkwə		
chegar	sinãn(ə)		
chegar	sinə)kwə		
chegar	tsinã	wi	tsimãsis
chegar	w(i)si		
chegar	wi3		
chegar	wi(s)		
chegar	wi(si)		
chegar	wis		
chegar	wis(i)		

chegar	wsi		
chegar	wsinə		
chegar	sikwə		
chegar	sin«		
chegar dl	siãsi(s)		
chegar dl	simãsis		
chegar dl2	wsikwə		
chegar dual	tsimãsis		
chorar	kri:kri	wwa	
chorar	siwakõ	wwa	
chorar (); wwa (sg)	krékré		
choro	wwa		
chover	titak		
chuva	tã		
cidade	krikahã		
cidade	krikahə		
cigarro	sikaĩ		
cobra	amke		
cobrir	kusbi	kusbi	
cobrir	kusbikw	kusbi	
cobrir	kusbimõnõ	kusbi	kusbikw
cobrir	kusbimõnõ	kusbi	
coco	nrõ		
côco	nrõĩ		
cofo	siknõ		
cofo	siktõ		
col	mnõ2		
colar	nõkzatkizε		
colocar	sese		
colocar	semkw	sẽrẽ	semã
colocar dentro de	se		

colocar dentro de	srěkw		
colocar na horizontal;			
colocar (roça), pôr			
deitado, determinar	h(i)ri		
comer	as1		
comer	ĩkně		
comer	kahur		
comer	kme)si	krě	
comer	kměsin		
comer	knekwa	krě	
comer	krě2	kme)si	kne)kwa
comer	kre)kre)		
comer	krekre		
comer	krěn		
comer	krně		
comer	sa1		
comer	sa(i)		
comer	sai		
comer	saĩ		
comer	si4		
comer	sĩ2		
comer	tissa		
comer	k(rě)ně		
comida	dasa(i)		
comida	sazε		
como	ně6		
como	nha1		
como	nhaně1		
compl	pa1		
compl	par1		
compl	rε		

compl	rɛm	
compreender	samãrwaihku	
comprido, pontiagudo	ku7	
concl priv	taněkōwa	
cond	wa7	
conhecer	waihku1	
conhecimento	krãĩwaihku	
conj (e, mas)	arɛ1	
cônjuge	aite	(vivo)
cônjuge	ĩmərõ	(vivo)
conselheiro	pěĩkwa	
consertar	kwapes	
consigo	ĩsimě	
consogro(a)	awasnĩ	(vivo)
consogro(a)	wasĩmkwapti	(morto)
cont	k	
cont	kr2	
cont	krĩ1	
contar	kawasku	
contar	wasku1	
contar	waskuzɛ	
contcaçar	ksasar	
contemplar	siwakut	
contigo	aimě1	
continua/repete	něsi	
continuadamente	aimõ	
conversar	sidak«	
conversar	sisdakb«	
conversar, falar	mrəmě	sdak«
conversar, falar	sdakb«kw	sdak«

copo, vasilhame para			
líquido	kazai		
copular	sihur		
coração	pse3		
coração	pkẽ		
corr	t5		
correr	dawra		
correr	sakre		
correr	ssamrõ1	war(a)	
correr	war(a)	ssakre	(ti)ssamro)
correr	wra		
correr	ssakre1	wara	
cortar	kanhə		
cortar	kanhəri		
cortar	sh«(r)	kanhə	
cortar	shə		
cortar	shərkw	sh«(r)	
cortar	shərn(ə)		
cortar	war2		
cortar planta	war3		
costas	ĩba3		
costas	təmre		
costela	wahi		
costume, ponto de vista	rɔmkmãdə		
costurar	sapuk		
couro	hewazui1		
couro arrancar	həiwazui		
cozinhar	hir(i)	hri	
cozinhar	hri	hir(i)	
cozinhar	hrikw	hir(i)	
cozinhar	kah(i)ri		

cozinhar	kahi		
cozinhar	kahir		
cozinhar	kahri	kahir(i)	
cozinhar	kahrikw	kahir(i)	kahri
crepúsculo	mãkrãwire		
crescer	kuiptu		
crf	te		
crf cont	tkre3		
cria	krai		
cria	krarep		
criança	aikde		
criança	kaikde		
cunhada	asiməhi	(vivo)	
cunhada	məza(h)i	(vivo)	
cunhada	nĩkba		
cunhado	aikãre	(vivo)	
cunhado	ĩkãrewa	(vivo)	
cunhado	ĩzakmõ1	(vivo)	
cunhado	snĩkmõ	(vivo)	
cunhado	kãre		
curto	kturedi		
cutia	zəhuri		

d

dançar	tsihəzum		
dançar	tsihəzu		
dançar	tiprab		
dar	kamõ		
dar	sõ2		
dar	sõmr		
dar	sõmrĩ2		
dar	zar		
dat	kmã2		
dat	aim		
dat	ĩm		
dat	m		
dat	mã2		
dat	tmã		
dat	tmě4		
dat	wam		
de lá	ku5		
de manha	rɔmzakrãre		
deitar	daikwa		
deitar	nõm		
deitar (estar deitado)	daikwarkw	no)mro)	saikwar; nmĩkwar
deitar (estar deitado)	nmĩkwar;saikwar	no)mro)	
deitar (estar deitado)	no)mro)	saikwar; nmĩkwar	
deitar (estar deitado)	nomro	saikwar; nmĩkwar	daikwarkw
deitar (estar deitado)	saikwar; nmĩkwar	no)mro)	
deitar dl	daikwa		
deixar	rēm		
deixar para trás	r(ě)mě		

demover	kraĩkda		
dente	kwa2		
dente	kwadi		
depois	awasi		
depois	pari		
depois	parim		
depois	tapari		
derramar	saikwa(r)	tsissaikwar	saikwarkw
derramar	saikwarkw	saikwa(r)	tsissaikwar
derramar	ssaikwar	saikwa(r)	
derramar	tsissaikwar	saikwa(r)	
derrubar	kwãri		
derrubar	rowĩr		
des	seĩ		
des	zeĩ		
des	zeĩd		
descansar	siwakut		
descascar	wazuĩn(«)		
descer	sikra		
desejar	sapkadi2		
desejar	zapkadi2		
despelar	pa3		
despelar, rasgar couro	hewazui2		
despendurar	karerek		
dessa maneira	tanẽ1		
dez	dəs		
dialogar, responder	zdakbək		
difícil	tuidi		
dinheiro	ktəprezu		
dinheiro	ktəprezum		
dir	tmẽ3		

dir	hawi2
dir	ku1
dir	mnĩ1
dir	mnõ3
dir	we1
discurso tradicional	rɔmkreptkã
disj	bə3
dispersar	wahtu1
dispersar	wahtun
dispersar	wahtunĩ
dispersar	waihtun
distante no tempo	rɔmsikər
distar no tempo	rɔtskər
dizer	tmrmẽzus
dizer	mr(m)ẽ
dizer	mrẽ1
dizer	mrẽm
dizer	mrmẽze
dizer	tmrẽ
dizer	wasku3
do lado de cá (em relação ao falante)	təkã
do lado de lá (em relação ao falante)	kũ9
doença	dahəzɛ
doença	həzɛ
doença	həzɛk
dohi (uma das duas metades xerente, representada pelo sol)	dɔhi
dois	pɔnkwanẽ

dor	zε		
dor de corte	ĩba2	“ai!”	
dormir	nə		
dormir	no)to)	sõtõ	
dormir	nõt		
dormir	nõt(õ)		
dormir	noto	sõtõ	ntõkw
dormir	nõtõ		
dormir	ntõkw	no)to)	sõtõ
dormir	s(õ)tõ		
dormir	sõtõ	no)to)	ntõkw
dormir	stõ		
dual	kba1		
dual	ktɔ		
dub	kwazε		

e

e (conj)	kãto
em	wa1
em abundância	kahəsñã
em busca de	zo1
em companhia de	su
em prejuízo de	wi2
embriagar, entristecer	wadəkə
empoeirar, sujar	kumzum
empoleirar	zakɔ

encarapitar	sakɔ2		
encontrar	waikrãmkw		
encontrar; ver	sãkw	sã	kmãd«k
endireitar	wamhuit		
enf	totahã3		
enf	tahã6		
enf	ã2		
enf	hã1		
enf	tã (ta hã)		
enf	tahã1		
enfermeiro	dakunmõkwa		
enfiar; meter	zuszus		
engolir	k(rẽ)nẽ		
ensinador	rɔwahtukwa3		
ensinar	rɔwahtukwa1		
ensinar	rowahut(u)		
então	tazi		
entrar	dɛbr	zas(i)	
entrar	sbrɛ		
entrar	tizas	dɛbr	
entrar	zas	dɛbr	
entrar	zas(i)	dɛbr	tizas
entregar	sõ4		
entregar	sõmrĩ1		
entristecer	wadkə		
enviar	sõ3		
enxugar	krekre		
errado	siwakru		
escola	hesukazanãmrzɛpku		
esconder	smĩkur	smü)ku(r)	

esconder	smĩkurkw	smü)ku(r)	smĩkurmõnõ
esconder	smĩkurmõnõ	smü)ku(r)	smĩkurk w
esconder	smu)ku(r)	smĩkurmõnõ	
escrever, pintar	kakũĩkre		
escrever, pintar	kuĩkre		
escutar,ouvir	waparn		
esfarelar	prupru		
espalhar	siwasi	wasi	
espalhar	tewasikw	wasi	
espalhar	wasi4	siwasi	
espalhar	wasikw	wasi	
espec	kmã4		
esperar	nmĩparkw		
esperar	par2		
esperto	smakse		
espingarda	kumnkã		
espírrar	kahə1	tsrĩ	tsirĩkw
espírrar	sirĩkw	srĩ	
espírrar	srĩ	kahə	
espírrar	tsirĩkw	tsrĩ	kahə
espírrar	tsrĩ	kahə	tsirĩkw
esposa	mrõ		
espremer	wakrui		
espremer	wakruin		
esquecer	sikw		
'esquecer'	ĩsmaksesikutõr		
est	d(i)		

est	di		
est	ki		
est	ti1		
estar em pé	da	tsimãsa	tsime)kwar
estar em pé	simãsa	da	
estar em pé	simëkwar	da	
estar em pé	tsimãsa	da	
estar em pé	tsime)kwar	da	
estar sentado	sburõ	nãmr	
estar sentado	simãsikw	nãmr	
estar sentado	tsimãsikw	nãmr	
este	tahã5		
este, esta, esse, essa, isto, isso	kãhã2		
esteira	waptə		
estudar	sanãm		
esvaziar	bba2		
esvaziar	dabba		
ex	krda		
exis ant	rmě		
exis pas	aitu		
exis pas	du2		
exis pas	tu		
exist	mãrdi		
existência	themba2		
existência futura	ou		
posterior	tε3		
existência, imagem, alma	hembra		
existir doença,	estar		
enfermo	həzək(i)		

exor	kwaba1
expressão de surpresa	
negativa	mã3

f

faca	smĩkemre
faca	smĩkeze
facão	simĩkeze
facão	smikenze
fala, idioma, língua	darmmẽze
falar	mrẽ2
falar	mrmẽ
falar	sdakbən«
falar	sdakə
falar	zdukə

			sdakb«k
falar; conversar	sdak«	mrəmẽ	w
farinha	kupazu		
fazer	kazat		
fazer	kmãkwamãr1		
fazer	kmãnã		
fazer	kmãnãr		
fazer	kwamãr		
fazer	nãr		
fazer beiju	karẽp(ẽ)		
fazer fogo	rɔmrkɔ		
fazer fogo	rkɔze		

fechar	sd«	sdə	
fechar	sdə	sd«	
fechar	stɔmkw	sd«	tesdə
fechar	tesdə	sd«	
feio	kuně1		
ferir	kuně2		
ferro	təra		
ferro	twara		
ferrofala (celular)	təramrmě (cerurar)		
festa tradicional xerente	dasĩpse		
fezes	nnã		
ficar atrás de	ssaprĩ		
ficar parado	nmĩzazar		
fígado	pa2		
fígado	pap		
filha, filho, cria	kra		
filho	ĩkra	(vivo)	
filho	sinõkraki	(morto)	
fin	pibumãb		
final	da		
finld neg	kumnãste		
flecha	wakrowde1		
flechar	həzu(mã)		
flechar	tkrehəzu		
flechar	wakre1		
flor	rɔmnĩrnãdi		
foc	ã3		
foc	hã2		
foc	to3		
foc enf	totahã1		
fogo	kunmã		

fogo	kuzə		
fome	mrã		
frio	hə1		
frust	aire/ar		
fruto	krã		
furar	kawakre	wakre	wakrekw
furar	wakre2	wakre	
furar	wakrekw	wakre	kawakre
futura roça	brute		

g

gado	ktəku		
galho	nkra		
galinha	sika		
garoto	kwatbrēmĩ		
gavião	siku		
gêmeo	sikumza		
gen	da		
gen	ɾ		
gen	ɾɔm		
generosidade	smĩzawi		
genro	ĩzakmõ2	(vivo)	
golpe	ĩba2	“ai!”	
gostar, amar	wěki		

grão, sementinha	zi		
grávida	wasãd		
gritar	saihə		
gritar	hə2		
gritar	hər		
gritar	hrə		
gritar	sdari		
guardar	semkw	sěrě	semã
guardar; colocar	semã	sěrě	

h

há pouco tempo atrás	durere
hipot	arkně2
hoje	t«kãñã
hoje	təkãñã
hoje	təkənã
homem	ambə
hum	da

i

igreja	waptokwazawredamã
igu	wasi1
igu	wasi3
igual	siwa
igual	wam
igualretornar : retorno, chegada (da corrida de tora)	dawamkrẽ
imagem	themba1
imers	krɔwi
imin	zahã
impd	wi6
imped	wa4
imperfectivo	adu2
indagar	sdanãr
indef	mãrĩ5
ines	wa3
iness	kre3
inimigo	sikrui
inj	wi1
inj	wi4
inst	nã3
inst, enquanto	snã1
instar	kuzuit
int	b
int	b(r)
int	bəp
int	br
int	hãp

int	mãp	
int	nãp	
int	nha3	
int	nhaně2	
int	p	
int	p(r)	
int	pr	
int	tɛb	
int	tɛbr	
int	tɛp	
int	tɛp(r)	
int	tokap	
int	wab	
inteligência	krãĩwaihku	
intens	krtabdi1	
intens	wawě	
intens	zawre1	
intens	zawrɛdi	
interj neg	ãrɛ3	
ir	mo)	wahudu
ir	mõr2	
ir	ne)m	mo)
ir	něm	
ir	tmõr	
ir	wahtu3	
ir	wahudu	
ir dl	něm(ã)1	
ir, andar	tině	
ir, andar	tině'	
ira	stikrui1	
irmã	ĩhidəba	(vivo)

irmã	wahĩdɛbadi	(morto)
irmã	hidba	
irmão	zdekwa	
irmão mais novo	ĩpnã	(vivo)
irmão mais novo	wapnãĩti	(morto)
irmão mais novo	pnã ~ zekwa	
irmão mais velho	ĩsdekwa	(vivo)
irmão mais velho	wazdekɛbadi	(morto)
irr	za3	

j

jabuti	kukã		
jacaré	kuihə		
jogar	kamě		
jovem	wapte2		
jovem	waptem		
juntar	kburõikw	não há	kburõik
juntar	não há	kburõ	w
juntar, ajuntar	kburõ		
junto, com	mě2		
juntos	sissu		

I

lamber	suksuk			
lança	knĩ			
lar	ĩsrõwa			
lar	srõwa			
laranja	wdekrãikuzε			
lástima	ãrε88	“ah não!”		
lavar	dur			
lavar	kupsõ			
lavar	ssõĩ			
lavar	wapsõ			
lembrança	bukã	“ah!”		
lembrar	npɔk(r)puk(u)			
lembrar	npɔkpuk			
lembrar	spɔkpukw			
lenha	məmĩ			
ler	sanãmr			
levantar	sãre	sãĩ		smĩzus
levantar	sãĩ	sãre		smĩzus
levantar	smĩzus	sãĩ		sãre
levar	du1			
levar, conduzir	saprõ			
loc	kmã5			
loc	ku8			
loc	m(r)wa			
loc	wa8			
loc int	nnĩp			
loc int	zip			
local de encontro	sikrẽktõzεp			

longe	rɔmhə
lua	wa5

m

macaco	kəkɔre	
macaco	kkɔ	
machucar	prɛkɛ	
mãe	ĩnatkɨ	(vivo)
mãe	ĩzɛparkwa	(vivo)
mãe	wazɛparkwaĩdi	(morto)
mãe	datkũ	
mãe	sɛparkwa	
mãe	zɛparkwa	
man	nɛ5	
mand	nã!5	
mandioca	kupa	
mandioca	kupadi	
mandioca beiju	kupakbu	
mão	nipkradi	
marrom	ĩkumzu	
marrom	kumzumdi	
mastigar	wasa	

mastigar	wasar		
matar	kmãwrĩ		
matar	kmẽwĩ		
matar	pã		
matar	pãrĩ		
matar	pãrnə		
matar	pãrũ	wü)	
matar	smro	wü)	pãrũ)
matar	w(ĩ)rĩkw		
matar	wĩ		
matar	wĩr		
matar	wĩrĩ		
matar	wrĩ		
matar	wrĩn		
matear	kuwa		
mato	rɔwastɛ		
mato, mata, cerrado (lugar fora da aldeia), "matear"	aikuwa		
menino	kwatbrẽmĩ		
mesmo	to2		
mexer	res		
milho	nõzə		
misturar	wazar		
mod	tanẽ2		
mod ação	ne)s(i)		
moer	kapar		
molhar	koko		
morcego	arbo		
morder	as2		
morder	sa2		

morder	sar		
morder	sari		
morrer	d«k	d«r	dkəkʷ
morrer	d«r	d«k	
morrer	dər		
morrer	dkə1		
morrer	dkəkʷ1	d«r	d«k
morrer	ĩdəkə		
muito	kahə2		
muito	saktě		
mulher	pikõ		
mulher	pikõi		
mulher	pikõp		

n

nadar	rbi
não indígena	ktəankõ
nascer	waptkãze1
nascerdI	twaptkãkw
nascimento	waptkãze2
nebulosa	hewa1
neg	ãre2
neg	ãze
neg	kõ1
neg	ne
neg	ně1

neg	ně7	
neg	ne)	
neg (adv)	knã	
neg hipot	mě	
neg hipot	nmě2	
nem	ně4	
neto (a)	ĩĩhdu	(vivo)
neto (a)	wanĩhdudi	(morto)
noite	mãra	
nome	nĩsize	
notícia	ɾɔmwasku	
novamente	aipə	
novamente	dure	
nunca	nĩwa	

O

oblongo, chato	pɔ		
olhar	ksĩbuim		
olhar	rĩt(ĩ)		
olhar (observar)	d«k	dk«	
olhar (observar)	dk«	d«k	
olhar (observar)	dkəkɔ2	dk«	
olhar (observar)	kakmãd«k	kmãdk«	kmãdkəkɔ
olhar (observar)	kmãdkəkɔ	kmãdk«	
olho	tɔ		
olho	tɔp		
olho	tmõ		

onça	huku
onça mítica	rɔmsa
onde	nmã1
onde	nmãhã1
onde	nmãzi
onde	nmõ
ontem	hewahə
orelha	spɔkrep2
osso	hi
osso agarrado (dor física, malestar)	hikə
osso ruim	hikə
outro, outra	kamõ(i)
ouvir	spokrep2
ouvir	tewapar
ouvir	wapa
ouvir	wapar2
ovo	kre2
ovo	krep

p

paca	krawa	
pagar	wakbə	
pagar	wakə	
pai	ĩməmã1	(vivo)
pai	ĩptɔkwa	(vivo)

pai	waməmādi	(morto)
pai	waptɔkwaĩdi	(morto)
pai	mmã	
pai	ptɔkwai	
pajé	sɛkwa	
palavra	damrmẽze	
palha	kasu	
palmácea	nrõĩ	
panela	piza	
paparuto	wərkbu	
papel, livro	hesuka	
para	ku4	
para	tmẽ2	
para cima	hemõ1	
para lá	amõ	
parar	nmĩzazər	
parar	sazəri	
parente	ĩsiwadi	
parente	siwadi	
partir	ssakre2	war(a)
partir	ssamrõ2	wara
partir	wah(u)tu	
partir	wahdu	
partir	wahtu2	
partir	wahud	
partir; correr	tissamrõ	wara
pau fruto achatado	wdekrãipɔ	
pau oco	wdekre	
pau rama fruto	wdekrukrã	
paucal	wamrĩ	
pé	pra	

pedir	nĩwarkw		
pedir	siwar		
pedir	war1		
pedir	wari		
pedir	warkw		
pegar	k«	kmẽkə	kərkw
pegar	kakə		
pegar	kə		
pegar	kər		
pegar	kərkw	k«	
pegar	kmẽkə	k«	
peixe	tbe		
peixe	tɛpdi		
peixe	tpe		
peixematar veneno	tpepãrzem		
peixematarraiz	tpepãrzempa		
pele, couro, casca, superfície (terrestre)	teta, hə3		
pelo	sui		
	dako (perf);	sasõ	
pendurar	(imperf)	nü)mnãt	
		sasõ (imperf);	dako sasõmk
pendurar	nümnãt	(perf)	w
pendurar	sasõmkw	sasõ (imperf);	dako (perf)
pendurar	sasõmrĩ		
per	mba1		
perder	kutõ		
perder juízo	ĩnmaksesikutõr		
perder juízo	smĩaksesikutõr		
perfurar	wakrɛt		
perl	mba4		

perl	məba
perm	nwa
permitir	wě
perna	zdə
pertence	nĩm
pertence	sĩ1
pertence	sĩm
pertence	wanĩm
perto	krewire
pescar	sõ1
pe ^{soa} , indivíduo,	
indígena, xerente	akwě
pingar; gotejar	kaka
pintado	ĩkumtɔ
pintar	kumtɔ
pintar	wawi
pintar o corpo	ĩsiwawi
pl	kb ə
pl	kba2
pl	kbə
pl	kwa1
pl	mənõ
pl	no)rü)
pl	nõrai
pl	nõrĩ
pl	norü
pl	zus
planejar	ku3
plantar	kre1
ponte	dat(ɔ)brɔzɛ
ponte	kuba1

ponto de vista	ɾɔmkmãdkə
por	zo2
por que	mãrwa
por que	mãrwap
por que	taněnmě2
porção	kimdə
porção	kuhə
porco	kuhəbə
porco	kwəbə
portanto, assim, dessa	
forma	taněnmě1
posic	as3
posic	mba3
posic	sa3
posic horizontal	nmrõ
posic horizontal	nõ
posic horizontal	nõmr
posic posição vertical	da
posic sentado	nãmr
posic vertical	ti(ê)da
posic vertical	za2
posic/impertv	nã4
posp	ku6
posp	mba2
poss	te
poss	waĩte
pouco	prãĩre
pouco	srure
pouco	wamrĩre
prefixo que marca no	
verbo transitivo ...	ka2

preguiça	wakate		
pretender	sapka1		
preto	ĩkrã		
preto	ĩwakrdi		
preto	waktidi		
primeiro	dawanã		
primeiro	wan(ã)		
priv	kõ(d)		
priv	kõε		
priv	tõ		
priv	kõ2		
prob	arknẽ1		
prob	kãte		
procurar	rĩrĩt		
professor	rɔwahtukwa2		
prog	kr1		
prog	krĩ2		
proibitivo	ãre6	“não!”	
proibitivo	ãze	“não!”	
proj	za1		
proj	zai		
proj	quelônio	casco	
achatado	za	kukãheipɔ	
prop	da		
prop	zda		
prop / fin	pibumã		
pular	dar(õ)tõkw	saro)t	
pular	rere	saro)t	dar(õ)tõkw
pular	saro)t	rere	
pular	zarõt(õ)		
puxar	kwanĩ	kwanĩnĩ	

puxar	kwanĩkw	kwanĩ	
puxar	kwanĩĩ	kwanĩ	kwanĩkw
puxar, tirar de dentro	zanĩ		

q

qual	nãmã		
qual	nãmãhã		
quando	nmãnã2		
quanto	nha2		
quatro	sikwaĩpse		
que	mãr2		
que	mãrĩ2		
que	mãrĩp		
que	nmã2		
quebrar	kazə2		
quebrar	pru	tez«	
quebrar	sĩzər		
quebrar	tez«	pru	zəkw
quebrar	tez«	pru	
quebrar	z«	pru	zəkw
quebrar	zəkw	pru	z«
quebrar ou cavar	wawa		
queda d'água, cachoeira	kaka		
queimar	sarõ		
quelônio casco achatado	zakukãheipo		
quem	nõkwa		

quem	nõkwap
quente	wakrɔ1
querer	kmãsapka
querer	sapka2
querer	sapkadi1
querer	zapa
querer	zapka
querer	zapkadi1

r

rabo	mnã		
rabo	ĩbæi		
rachado	pkɔ		
ralar	kanĩn		
ralar	nnĩ		
rapaz	wapte1		
rápido	sikbakrɛ(i)		
rápido, depressa, logo	azanã		
rasgar	tewazu	wazu	
rasgar	wazu		
rasgar	wazuikw	wazu	tewazu
raspar	kukri		
raspar, descascar	kumõ		
recobrar saúde	rɔwẽkwa1		
rede	kba(z)dikre		
redondo	zaptɔ		

refl	si1
refl	tsi
refloho	sitmõ
rel	kmě
rel (relativo a algo/alguém)	kmã1
renunciar	kraĩkda
report	ku2
retornar	krě1
retro	ahəmre2
retro	ahəmrezawre
retro aug	rɔsikər wawě
reunir	sikburõ
reunir	krěktõ
rio tocantins	kə wawě
rir	sĩs(i)ri
rir	sĩsir
rir	sĩsirire
roça	bru
roça	brui
rogar praga	sdapre
rosa	rɔzə
roubar	hemzui
roupa	sikuza2
roupa	sikuzap
ruidodoso	sakɔ1
ruim	kune

S

saber	waihku2		
saber	waihuk		
saco	sakukre		
sair	puskw	watɔbr	
sair	tpuskw	watɔbr	waireb
sair	wair(ɛ)bɛ		
sair	waireb	watɔbr	
sair	wat(ɔ)brɔ		
sair	watɔbr	waireb	tpuskw
sair	watɔbr(ɔ)		
sair	watɔbrɔ		
se abrir	si sdəhu		
se abrir	sisdəhu		
secar, enxugar	kakrɛ		
seco	krɛ		
sedento	krbu		
segurar	katete	tet	tɛkw
segurar	tete		
segurar	tɛte	tet	
segurar	tɛkw	tet	katete
semelhante a	ně 2		
semente	rɔmzə		
sentar	si3		
sentir fome sede sono	sarɔɔ		
sentir necessidades			
fisiológicas	sarɔt		
separar	kmãwaü)za	p(ɔ)ko	
separar	p(ɔ)ko	pɔko	

separar	pɔkɔ	p(ɔ)ko	
separar	tepɔkɔ	p(ɔ)ko	kmāwaü)za
separar	waü)za	p(ɔ)ko	
sete estrela	sruru		
sexta	sest		
sim	ĩhĩ		
sipridi	sipridi		
só	si5		
sobrar	sikazazər		
sogro	mãpre		
sogro (a)	aimãpre ~ mõpre	(vivo)	wam
sogro (a)	wamõprewapti	(morto)	
sol	btə		
sol	sdakrɔki		
sol, dia	bdə ~ btə		
soluçar	we)kiki		
somente	si2		
somente	wtěsi		
somente quando	wamsi		
sorrir	sinãro	sĩsir	
sorrir	sĩsiri		
sorrir	sĩsrikw	sĩsir	
sorrir	sü)sir	tisinãro	
sorrir	süsir	tisinãro	tsĩsrikw
sorrir	tisinãro	sü)sir	
sorrir	tsĩsrikw	sü)sir	tisinãro
srezasu	srezasu		
subir	saikuri		
subj/ cond	kwaikə/mwa		
suja	həidu		
sujar	kumzumd		

sup	spa	
surgir	krãiwatɔbr	
surgir, aparecer	krẽwatɔbr	
surpresa	ãrɛ7	“poxa, mesmo!?”
surpresa	pə	“poxa, oba”
surubim	tpekrẽpɔ	
susto	bəkamõ	“boo!”
susto	ãrɛ5	“nossa!”

t

talvez	kãtɛ
talvez, dever (might)	amtpě kōrɛ
talvez/dever/might	aptěkōrɛ
tamanduá	padi
também	zɛm(ã)
tarde	rɔwahə
tarde	rowahə
tartaruga	kukãĩzawrɛ
'tartaruga'	ĩskudikukã
tatu	wrãku
tecido	sikuza1
tecido	sikuza3
televisão	dahembawairbeɛɛ
ter força	siptɛ
term	nãsi
terminar	kmãwaz(e)re
terra	tka1

terra	tkai		
tesoura	sizuire		
tia paterna	ĩtbekwa	(vivo)	
tia paterna	watbekwaĩdi	(morto)	
tio materno	ĩnõkremæzukwa	(vivo)	
tio materno	nõkrekwa	(vivo)	
tio materno	wanõkremæzukwaĩdi	(morto)	
tio materno	wanõkremæzukwaĩdi	(morto)	
tio paterno	ĩmãmã2	(vivo)	
tio paterno	wamãmãdi	(morto)	
tocar	kupi		
todo	bə2		
todos, todas	kbure		
tomar contra vontade do possuidor em prejuízo de	sisĩwi		
tora comprida	nĩtrɔ		
tora de buriti	kũĩwde		
torto	nĩkɔɔ		
trabalhar	ĩsipize		
trabalhar	não há	nĩpi ~ sipi	nĩpikw
trabalhar	nĩpi		
trabalhar	nĩpikw	nĩpi ~ sipi	não há
trabalhar	sipi		
trans	nã1		
trans	snã2		
translúcido	ĩkatɔra		
transparente	katɔrãdi		
tremor	popok		
trêmulo	rẽrkẽ		
triste, inebriado	wadkəd		

U

ultrapassar, além de	spa(i)
um (num)	smĩsi

V

valente, zangado	nĩtikru	
vazio, nulo	bba3	
veado	pɔnkẽre	
veado	ponkẽre	
velho	krda	
velho	tkrda ~ krata	
velho	wawẽ	
ver	dɔk	
ver	kmãd(ə)kə	
ver	kmãdkən	
ver	kmædkə	
ver	nõprɛ	
ver	nõprɛn	
ver		
ver	sõprɛ	
ver	wapar1	
ver, olhar	dkə2	
ver; encontrar	d«k	sã
ver; encontrar	sã	d«k
verdadeiramente	krtabdi2	
verde	ĩkuzɛrã2	
vermelho	prɛ1	

vermelho	ĩpre		
vermelho alvo	prekadi		
visitar	pibu		
voltar	kre)ke)	kre)wa	
voltar	kreke	kre)wa	kre)waikw
voltar	krewa	kre)ke)	
voltar	krewaikw	kre)wa	kre)ke)
vomitar	nõkõkõ		

X

xerente	Akwě
---------	------

Z

zangar	stikruit2
zombar	snãrõ